

Organizadores

César Nardelli Cambraia

José Américo Miranda

Critica Textual: Reflexões e Práticas

Belo Horizonte

*Núcleo de Estudos de Critica Textual da
Faculdade de Letras da UFMG*

2004

FALE
Faculdade de Letras da UFMG
AJALE

Aléxia Teles Duchowny
Ângela Maria Salgueiro Marques
Anselmo Luiz Pereira Campos
Célia Marques Telles
César Nardelli Cambraia
Ilma Alkimim
José Américo Miranda
Laura Nogueira Oliveira
Leonardo Mordente
Maiza Franco
Maria Cecília Boechat
Maria Célia Romes de Lima
Soélis Teixeira do Prado Mendes
Valéria Maria Pena Ferreira

CRÍTICA TEXTUAL:

Reflexões & Práticas

*César Nardelli Cambraia
José Américo Miranda
Organizadores*

CRÍTICA TEXTUAL: Reflexões & Práticas

Belo Horizonte
Núcleo de Estudos de Crítica Textual
Faculdade de Letras da UFMG
2004

Copyright © 2004 by César Nardelli Cambraia & José Américo Miranda

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Diretora: Profa. Eliana Amarante de Mendonça Mendes

Vice-Diretora: Profa. Veronika Benn-Ibler

Projeto Gráfico e Diagramação: Marco Antônio e Alda Durães

Capa: César Nardelli Cambraia

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da FALE/UFMG

C934 Crítica Textual : reflexões & práticas / César Nardelli Cambraia,
2004 José Américo Miranda, organizadores. – Belo Horizonte : Núcleo
de Estudos de Crítica Textual / Faculdade de Letras da UFMG,
2004.
205 p.

ISBN: 85-87470-57-4

**1. Crítica textual. 2. Filologia. 3. Filologia romântica. 4. Literatura
portuguesa. 5. Literatura brasileira. I. Cambraia, César Nardelli.
II. Miranda, José Américo.**

CDD: 801.959

Faculdade de Letras da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 – Campus Pampulha

31270-901 – Belo Horizonte – MG

Tel/Fax: 3499-5120

<http://www.letras.ufmg.br>

Sumário

Apresentação

<i>Três breves tratados religiosos medievais alcobanceses (cód. alc. 200): edição e estudo</i> <i>César Nardelli Cambraia & Ilma Alkimim</i>	9
<i>Meditações de Pseudo-Agostinho (cód. alc. 212): edição e estudo</i> <i>Leonardo Mordente</i>	47
<i>Pontuação e tradição manuscrita: análise comparativa em testemunhos medievais espanhóis</i> <i>Maria Célia Romes de Lima</i>	65
<i>Três fatos discursivos em textos da literatura de viagens</i> <i>Célia Marques Telles</i>	73
<i>Pontuação: um problema na edição de sermões do Padre Eusébio de Matos</i> <i>Valéria Maria Pena Ferreira</i>	107
<i>Edição de uma carta de sesmaria setecentista da Fazenda da Barra do Gualacho do Norte (atual Barra Longa), Capitania das Minas Geraes</i> <i>Soélis Teixeira do Prado Mendes</i>	111
<i>José Bonifácio: O poeta desterrado – um problema editorial</i> <i>Maiza Franco</i>	121
<i>Diatribe contra a timonice do Jornal de Timon maranhense: o texto e seu autor</i> <i>Laura Nogueira Oliveira</i>	133
<i>Uma notícia sobre a crítica de Bernardo Guimarães</i> <i>Maria Cecília Boechat</i>	143
<i>Machado de Assis: entre o ter e o haver</i> <i>Anselmo Luiz Pereira Campos</i>	149

<i>Um problema editorial: a poesia do padre Correia de Almeida</i> <i>José Américo Miranda</i>	159
<i>Transcrição de textos aljamiados em judeu-espanhol</i> <i>Aléxia Teles Duchowny</i>	169
<i>Archivos: um novo modo de contar – inventar/inventariar</i> <i>Ângela Maria Salgueiro Marques</i>	199

Apresentação

O presente volume reúne estudos de crítica textual discutidos no âmbito das atividades do Núcleo de Estudos de Crítica Textual da Faculdade de Letras da UFMG. Estes trabalhos, que são de autoria, na sua grande parte, de membros do referido Núcleo, mas também de pesquisadores de fora (em especial, da UFBA), apresentam como fio-condutor o tema em torno do qual o Núcleo se organiza: a reflexão sobre a transmissão, fixação e publicação de textos.

Há certamente um aspecto evidente neste conjunto: a diversidade, tanto quanto ao objeto de estudo como quanto à abordagem do tema. O objeto de estudo dos trabalhos que ora se publicam constitui-se de textos que vão desde a época medieval até fins do século XIX (a ordenação dos trabalhos neste volume segue essa cronologia), principalmente em língua portuguesa, mas também em outras línguas românicas (espanhol europeu e judeu-espanhol). Na abordagem desses textos, podem-se perceber duas tendências: uma, voltada para o estudo lingüístico; e outra, voltada para o estudo literário. A já referida diversidade reflete fielmente a política do Núcleo de Estudos de Crítica Textual, que visa a incentivar o estudo da crítica textual nas suas mais diversas formas, a fim de estimular a reflexão e o debate e, assim, enriquecer esse campo de conhecimento milenar.

Os organizadores

Três breves tratados religiosos alcobacenses (cód. ALC 200): edição e estudo

César Nardelli Cambraia^{*}
Ilma Magalhães Alkimim^{**}

Os manuscritos alcobacenses constituem uma importante fonte de estudo para pesquisadores de diversas áreas de conhecimento, que os examinam sob perspectivas próprias ao seu campo de interesse. É justamente por isso que consiste em uma tarefa de grande importância editá-los rigorosamente a fim de que se tornem acessíveis a todos os interessados. No presente trabalho, pretende-se apresentar uma pequena contribuição para tornar parte do referido patrimônio disponível aos interessados, através de uma edição semidiplomática completa e de um ligeiro estudo de três breves tratados religiosos – até então inéditos – presentes no códice *ALC 200* da Biblioteca Nacional de Lisboa, a saber: *Tratado do Sagramento de Jesus*, *Tratado dos Pecados Mortais e Veniais*, e *Tratado das Festas e dos Jejuns*. Serão abordados aqui os seguintes aspectos: (1) breve descrição do códice *ALC 200*; (2) características da linguagem dos tratados; (3) síntese do conteúdo dos tratados; (4) considerações sobre a intertextualidade nos tratados; e (5) edição dos tratados.

1. Breve descrição do códice ALC 200¹

O cód. *ALC 200*, que era identificado pelo número CCXCI na Livraria manuscrita do Mosteiro cisterciense de Santa Maria de Alcobaça, encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa. Compõe-se atualmente de

* Professor de Filologia Românica na Faculdade de Letras da UFMG.

** Mestranda em Estudos Lingüísticos na Faculdade de Letras da UFMG.

¹ A presente descrição baseia-se em consulta não apenas a descrições prévias (cf. Index (1775:128), São Boaventura (1827:572-573), Anselmo (1926:57-59), Ataíde e Melo (1932:163-165), Silva Neto (1956: 85), Amos (1989:93-95) e Askins, Faulhaber & Sharrer (2003:manid 1030)) mas também a uma cópia microfilmada – o que, aliás, permitiu efetuar retificações em relação aos trabalhos anteriores.

222 fólios de pergaminho², com dimensão de 277 x 204 mm, distribuídos em 24 cadernos (predominam os quínios: I-II¹⁰, III⁶, IV-VII¹⁰, VIII⁸, IX-XV¹⁰, XVI⁸, XVII-XXIV¹⁰), ao final dos quais há reclamo na margem de pé de forma praticamente regular³. O códice foi lavrado em letra gótica e tem sido situado no século XV (Anselmo, 1926:58) ou mais especificamente no primeiro quarto desse século (Carter, 1938:2). Na habitual folha de rosto – de papel, colocada nos códs. alcobacenses no séc. XVIII – consta o nome *Fr. Francisco de Melgaço*⁴, embora não fique claro se este teria traduzido ou copiado os textos lá presentes, nem ainda se o teria feito em relação ao códice inteiro ou a parte dele. Amos (1989:93) sugere que o cód. tenha sido copiado por três mãos, assim distribuídas: fóls 1-74; 75-144v; 145-232v. Levando-se em conta o fato do nome estar depois do título *Espelho de Monges*, poder-se-ia pensar que o referido frei seria a segunda mão. Os nove textos de que se compõe o códice são [títulos modernizados]: *Vida de São Bernardo* (fóls. 1r-74r [ed. em Sharpe (1971)]); *Espelho dos Monges* (fóls. 75r-125r [ed. em Baldin (1974)]); *Pensamentos de São Bernardo* (fóls. 125r-148r [inédito]); *Disciplina dos Monges* (fóls. 148r-180r [ed. em Carter (1940)]); *Tratado sobre os Pecados e as Obras de Misericórdia* (fóls. 180r-189v [inédito]); *Tratado do Sagramento de Jesus* (fóls. 190r-194v [inédito]); *Diálogo de Robim e do Teólogo* (fóls. 205r-229v [ed. em Carter (1938)]); *Tratado dos Pecados Mortais e Veniais* (fóls. 230r-231r [inédito]); *Tratado das Festas e dos Jejuns* (fóls. 231r-232v [inédito]). No presente trabalho editam-se o sexto, o oitavo e o nono tratado.

Os três tratados ora estudados não apresentam em seu interior qualquer informação explícita quanto à datação, autoria da cópia ou origem do texto. Até mesmo o *Tratado dos Pecados Mortais e Veniais* (fóls. 230r-231r), atribuído à Santo Agostinho no próprio título (cf. linhas 264 e 265 da edição na seção 5.2 adiante), não traz esclarecimento sobre qual das 113 obras do autor, sem contar as numerosas cartas e sermões,

² Originalmente o códice teria 232 fólios, mas os fóls. 195-204 foram cortados, permanecendo, porém, parte de sua margem interior.

³ A rigor, de suas cinco ausências é irregular apenas a no cad. XIV, pois no cad. VIII tem-se o final de uma obra no *recto* do fól. 74 (há um desenho decorativo no verso), no cad. XX a margem de pé do fólio final foi cortada, no cad. XXI o fólio inteiro foi cortado e no cad. XXIV tem-se o final do códice.

⁴ Transcrição da folha de rosto: "Vida | de S. Bernardo | escripta por Guilherme Abbade | Espelho | de Monges | por | Fr. Francisco de Melgaço | Monge Cisterciense | do Mosteiro de S. Maria de Bouro"

constitui sua base – é considerado apócrifo por Amos (1989:93), bem como o *Tratado das Festas e dos Jejuns* (fóls. 231r-232v). Já Askins, Faulhaber & Sharrer (2003: manid 1030) conferem a autoria dos fóls. 230r-231r ao verdadeiro Agostinho, e a dos fóls. 231r-232v a autor desconhecido.

A hipótese de o Fr. Francisco de Melgaço, do Mosteiro de Santa Maria do Bouro⁵, ser o copista ou tradutor desses textos é reforçada pela presença de algumas marcas lingüísticas típicas do norte de Portugal. A forma <pom> (cf. linhas 31 e 45 na seção 5.2), que ocorre ao lado de <pam> (cf. ls. 42, 70 e 127), está em acordo com o tipo de resultado que se verifica para o final latino -ANE nos dialetos interamnense e beirão, e não apenas isso: verifica-se esse resultado na própria cidade de Melgaço (cf. Martins, 1995:623), de onde provavelmente deveria se originar o referido religioso como sugere seu sobrenome. Além disso, verifica-se uma ocorrência da forma <che> (cf. l. 317) para o pronome oblíquo átono de 2^a pessoa do singular, forma comum do galego – embora eventualmente presente em textos portugueses (Williams, 1991:159). Deve-se considerar, ainda, que o fato de o códice *ALC 200* ter pertencido à biblioteca de Alcobaça não garante que tenha sido feito lá. Na Idade Média, verificam-se verdadeiras migrações de códices de um lugar para outro: uns levados por estudantes, outros trazidos por monges peregrinos, outros, ainda, comprados ou trocados pelos abades, para fins de cópia (cf. Mattoso, 1997:509-510).

2. Características da linguagem dos tratados

A fim de dar uma amostra de características da linguagem dos tratados e, ao mesmo tempo, tentar situá-los cronologicamente, analisar-se-ão a seguir aspectos lingüísticos tradicionalmente investigados na datação da linguagem de códices medievais portugueses⁶, aliados a

⁵ O Mosteiro de Santa Maria do Bouro (atualmente, uma pousada) fica em Amares, na província do Minho, ao norte de Portugal.

⁶ Far-se-á uso, em especial, do estudo da linguagem das seguintes obras: *Livro das Aves* [LA] → Séc. XIV (Rossi et al., 1965:10-13); *Diálogos de São Gregório* (Versão A) [DSGA] → Anterior a 1375 (Mattos e Silva, 1971:Vol. I-103); *Barlaão e Josafat* [BJ] → 1370-1400 (Abraham, 1938:7); *Horto do Esposo* [HE] → 1385-1390 (Maler, 1964:17); *Diálogo de Robim e de um Teólogo* [DRT] → 1400-1425 (Carter, 1938:2); *Diálogos de São Gregório* (Versão C) [DSGC] → 1416 (Mattos e Silva, 1971:Vol. I-80); *Crônica de Dom Pedro* [CDP] → 1430-40 (Amado, 1993:182); *Leal Conselheiro* [LC] → 1435 (Russo, 1942:2-3); *Imitação de Cristo* [IC] → 1468 (Cepeda, 1962:5); *Carta de Pero Vaz de Caminha* [CPVC] → 1500 (Caminha, 2001:81); *Os Lusíadas* [LU] → 1572 (Cunha et al., 1966:xv)

outros que vêm sendo examinados em estudos mais recentes (Bechara, 1985; Mattos e Silva, 1994; e Maia, 1995:23-25). Houve também, no entanto, a preocupação de examinar os diversos níveis da linguagem. Por isso, escolheram-se traços fonético-fonológicos, morfossintáticos⁷ e léxico-semânticos.

Quadro 1 – Grafias com um grafema de referência vocálica⁸

Textos	Grafias com dois grafemas	Grafias com um grafema
DSGA: anterior a 1375	92,5%	7,5%
BJ: 1370-1400	85,1% (400)	14,9% (70)
DRT: 1400-1425	81,8% (284)	18,2% (63)
CPVC: 1500	86,37% (302)	13,7% (48)
TSJ	86,4% (57) ⁹	13,6% (9) ¹⁰
TPMV	89,7% (26) ¹¹	10,3% (3) ¹²
TFJ	100% (21) ¹³	-

⁷ Não se pôde analisar o aspecto concordância entre particípio passado e complemento direto, pois não há casos de estrutura pertinente em nenhum dos três tratados.

⁸ Para os três tratados em estudo utilizam-se as seguinte siglas: TSJ = *Tratado do Sagramento de Jesus*; TPMV = *Tratado dos Pecados Mortais e Veniais*; TFJ = *Tratado das Festas e dos Jejuns*.

⁹ Ocorrências: <algūū> (ls. 146, 157, 224, 227); <bees> (ls. 2, 18, 19, 88, 105); <boo> (ls. 21, 28, 32, 33, 108); <coobijçase> (l. 157); <creem> (l. 125); <hūū> (ls. 66, 131, 139, 143, 229); <leemos> (l. 48); <mâteença> (l. 23); <mââteença> (l. 78); <meesmo> (ls. 133, 137, 206); <meessmas> (l. 215); <meester> (l. 243); <meezinha> (ls. 59, 77, 119); <moor> (l. 262); <nē hūū> (l. 260); <poboo> (l. 30); <proueer> (l. 143); <saa> (l. 178); <sshaar> (l. 77); <seer> (ls. 45, 138, 188, 210, 211, 249); <teemos> (l. 100); <tijnha> (l. 214); <ueede> (l. 39); <ueem> (l. 105); <ueemos> (ls. 99, 100); <ueer> (l. 43, 167, 208); <Uees> (l. 105); <uijr> (ls. 175, 176); <uôôtade> (l. 187).

¹⁰ Ocorrências: <algūs> (l. 256); <côuem> (l. 106); <enpencer> (l. 114); <fe> (l. 84); <mester> (l. 187); <vem> (l. 7); <ueo> (l. 45); <ujr> (ls. 17, 261).

¹¹ Ocorrências: <algūū> (l. 331); <alguus> (l. 306); <chrîstaa> (ls. 320, 338); <guaanho> (l. 322); <homeës> (l. 266); <homéës> (ls. 302, 325); <hūū> (ls. 271, 285, 289, 330, 331, 332, 336); <nehūū> (l. 326); <saa> (l. 298); <seendo> (l. 298); <seer> (ls. 273, 274, 275, 325); <vaa> (ls. 270, 283); <üêê> (l. 273); <ueer> (l. 301).

¹² Ocorrências: <fe> (ls. 320, 337); <mester> (l. 296).

¹³ Ocorrências: <boo> (l. 361); <boos> (l. 375); <homéës> (ls. 373, 375, 414); <homees> (l. 403); <hūū> (ls. 342, 386, 388, 390); <JeJûû> (l. 339); <Jejuu> (l. 352); <JeJuus> (l. 358); <nehūû> (l. 359); <nenhûû> (l. 345); <nen hûû> (l. 416); <poboo> (l. 386); <prigoos> (l. 411); <têê> (ls. 353, 364); <ueer> (l. 345).

Os dados extraídos dos tratados em questão quanto a formas com apenas um grafema de referência vocálica apontam para sua localização em uma época anterior ou igual à *BJ*, isto é, 1370-1400. *TFJ* ficaria antes de *DSGA*, pois não apresenta nenhum caso de grafia com um grafema. Surpreendem, porém, os dados de *CPVC*, pois suas ocorrências de representação de crase são inferiores a de textos de quase meio século antes (*BJ* e *DRT*) – o que é mais intrigante é que *CPVC* possui datação explícita e confirmada historicamente, enquanto a data dos outros é por inferência.

Quadro 2 – Morfema de 2ª pessoa do plural

Textos	/d/ presente	/d/ ausente
LA: séc. XIV	100% (14)	-
DSGA: anterior a 1375	100% (71)	-
BJ: 1370-1400	100% (16)	-
HE: 1385-1390	100% (?)	-
DRT: 1400-1425	100% (2)	-
LC: 1435	?% (28)	Regularmente
IC: 1468	-	100% (1)
CPVC: 1500	-	100% (1)
TSJ	100% (5) ¹⁴	-
TPMV	-	-
TFJ	-	-

Analizando os dados presentes no quadro 2, percebe-se que o fato lingüístico em questão apenas indica que *TSJ* se situaria antes de *LC*, pois, enquanto neste a síncope do /d/ é predominante, já naquele não se registrou nenhum caso. Os outros dois tratados ficam fora desta análise por não apresentarem formas verbais pertinentes aqui.

¹⁴ Ocorrências: <*Deuedes*> (l. 6); <*aueredes*> (l. 81); <*Deuedes*> (l. 133); <*gostade*> (l. 38); <*ueede*> (l. 39). Em posição não-intervocálica há ainda duas ocorrências: <*mangardes*> (l. 80); <*beuerdes*> (l. 80).

Quadro 3 – Vogal temática do particípio passado de verbos de 2ª conjugação

Textos	Vogal temática / u /	Vogal temática / i /
LA: séc. XIV	100% (8)	-
DSGA: anterior a 1375	100% (100)	-
BJ: 1370-1400	50% (14)	50% (14)
HE: 1385-1390	51,9% (14)	48,1% (13)
DRT: 1400-1425	47,4% (9)	52,6% (10)
DSGC: 1416	17,7% (14)	82,3% (65)
LC: 1435	7,8% (19)	92,2% (225)
IC: 1468	4,3% (1)	95,7% (22)
CPVC: 1500	-	100% (8)
TSJ	66,7% (2) ¹⁵	33,3% (1) ¹⁶
TPMV	-	-
TFJ	100% (2) ¹⁷	-

Os dados coletados sobre a ocorrência de vogal temática /u/ nos tratados analisados sugerem que tanto *TSJ* quanto *TFJ* seriam anteriores a *BJ*, situando-se antes de 1370-1400. *TPMV* fica novamente fora da análise por não apresentar forma pertinente aqui.

¹⁵ Ocorrências: <es(t)orçudo> (l. 57); <atreuuda> (l. 145).

¹⁶ Ocorrência: <es(t)orçido> (l. 63).

¹⁷ Ocorrências: <theudo> (l. 368); <theudos> (l. 373).

Quadro 4 – Pronomes possessivos *ma*, *ta* e *sa*

Textos	Pronomes					
	1 ^a pessoa		2 ^a pessoa		3 ^a pessoa	
	<i>m(h)a(s)</i>	<i>minha(s)</i>	<i>ta(s)</i>	<i>tua(s)</i>	<i>sa(s)</i>	<i>sua(s)</i>
DSGA: anterior a 1375	100% (15)	-	100% (8)	-	100% (261)	-
DSGC: 1416	-	100%	-	100%	30,1% (63)	69,9% (146)
LC: 1435	-	100%	?% (2)	Regular	± 50%	± 50%
IC: 1468	-	100%	-	100%	-	100%
CPVC: 1500		100%	-	-	-	100%
TSJ	-	100% (2) ¹⁸	100% (1) ¹⁹	-	16,6% (4) ²⁰	83,4% (20) ²¹
TPMV	-	-	-	-	-	100% (3) ²²
TFJ	-	-	-	100% (2) ²³	-	100% (3) ²⁴

As informações acerca do fato analisado acima obtidas nos tratados em foco indicam que *TSJ* tem uma linguagem mais arcaizante, por possuir formas proclíticas de pronomes possessivos (*ta* e *sa*), situando-se, portanto, entre *DSGA* (*i. e.*, 1375) e *IC* (*i. e.*, 1468). Já *TPMV* e *TFJ* não apresentam nenhuma forma proclítica, situando-se, pois, após *LC* (*i. e.*, 1435).

¹⁸ Ocorrências: <*minha*> (ls. 54, 81).

¹⁹ Ocorrência: <*ta*> (l. 178).

²⁰ Ocorrências: <*sa*> (ls. 158, 190, 191); <*sas*> (l. 219).

²¹ Ocorrências: <*sua*> (ls. 35, 61, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 175, 184, 187, 213, 213, 221, 222, 227, 262); <*ssua*> (l. 203); <*sugas*> (l. 167), <***sugas***> (l. 151).

²² Ocorrências: <*sua*> (ls. 285, 299, 308).

²³ Ocorrências: <*tua*> (l. 397), *tuas* (l. 398).

Quadro 5 - Valores semânticos de *pero* / *porém* e variantes

Textos	Conjunção			
	<i>Pero</i> e variantes		<i>Porém</i> e variantes	
	Conclusivo-explicativo	Adversativo	Conclusivo-explicativo	Adversativo
LA: séc. XIV	66,7% (4)	33,3% (2)	100% (13)	-
DSGA: anterior a 1375	6,7% (6)	93,3% (84)	100% (95)	-
HE: 1385-1390	-	100% (24)	63,6% (7)	36,4% (4)
CDP: 1430-40	-	100% (11)	65,9% (27)	34,1% (14)
IC: 1468	-	100% (14)	72,4% (21)	27,6% (8)
CPVC: 1500	-	100% (8)	-	100% (2)
LU: 1572	-	-	-	100% (27)
TSJ	50% (1) ²⁵	50% (1) ²⁶	100% (9) ²⁷	-
TPMV		100% (2) ²⁸	100% (1) ²⁹	-
TFJ	100% (1) ³⁰	-	100% (2) ³¹	-

Os dados obtidos através da análise dos tratados em discussão quanto à conjunção *pero* e variantes sugerem que *TSJ* e *TPMV* se situariam após *LA*, mas o primeiro antes de *DSGA* e o segundo depois de *DSGA*; já *TFJ* se localizaria antes mesmo de *LA*. As informações acerca da conjunção *porém* e variantes indicam que os três tratados se localizariam antes de *HE*, ou seja, 1385-1390 (a arcaicidade destes textos neste aspecto é confirmada, ainda, pela ocorrência majoritária da forma extensa *por ende* sobre a apocopada *porém* em *TSJ* e pelo seu equilíbrio em *TFJ*).

²⁴ Ocorrências: <sua> (ls. 381, 390, 395).

²⁵ Ocorrência: <*Pero*> (l. 227).

²⁶ Ocorrência: <*pero*> (l. 89).

²⁷ Ocorrências: <*Porẽ*> (ls. 11, 14); <*Por em*> (l. 41); <*Por ē*> (l. 188); <*Por ende*> (ls. 37, 71, 113, 122, 126).

²⁸ Ocorrências: <*Pero*> (l. 273); <*pero*> (l. 331).

²⁹ Ocorrência: <*Porē*> (l. 279).

³⁰ Ocorrência: <*pero*> (l. 364).

³¹ Ocorrências: <*Porē*> (l. 388); <*porende*> (l. 360).

Quadro 6 - Síntese dos resultados

	TSJ	TPMV	TFJ
1. Grafias com um grafema de referência vocálica	antes de 1370-1400	antes de 1370-1400	antes de 1375
2. Morfema de 2º pessoa do plural	antes de 1435	-	-
3. Vogal temática do particípio passado de verbos de 2º conjugação	depois de 1375/ antes de 1370-1400	-	antes de 1370-1400
4. Pronomes possessivos <i>ma</i> , <i>ta</i> e <i>sa</i>	depois de 1375/ antes de 1468	depois de 1435	depois de 1435
5. Pero e variantes	antes de 1375	depois de 1375	antes de 1375
6. Porém e variantes	antes de 1385-1390	antes de 1385-1390	antes de 1385-1390

Como de hábito neste tipo de datação, os dados não são totalmente consistentes: há que se lembrar que, como cópias, os textos mesclam diferentes estados de língua. Há, porém, um certo consenso: a presença generalizada de fatos que pertenceriam, no mínimo, a fins do século XIV (cf. a questão das grafias com uma grafema de referência vocálica e a conjunção *porém* e variantes), embora se constatem traços inovadores, posteriores ao segundo quarto do século XV (a quase ausência de pronomes possessivos proclíticos). A proposta de Carter (1938:2)³² de situar os textos no primeiro quarto desse século não parece dar conta de aspectos inovadores, como a ausência de pronomes possessivos átonos antepostos a nomes em *TPMV* e *TFJ*. Uma proposta de articulação desses dados seria dizer que os textos foram redigidos/traduzidos em, no mínimo, fins do século XIV, mas estão preservados em cópia posterior ao segundo quarto do século XV, resultado perfeitamente compatível com sua localização no século XV por Anselmo (1926:58), pois são cópias realizadas nesse século.

³² Carter (1938:2) baseou-se nos seguintes fatos de DRT: presença de analogia nas formas de 3ª p. pl. (ausente na *Regra de São Bento*, de 1385); ausência de síncope do /d/ de 2ª p. pl. (constatada após o primeiro quarto do séc. XV); equilíbrio na proporção de participios com *-udo* (10 ocs.) e *-ido* (9 ocs.); ausência de metafonia em formas neutras de pronome; ausência de formas aglutinadas de preposição *em* com pronomes pessoais.

3. Síntese do conteúdo dos tratados

3.1. Tratado do Sagramento de Jesus (fóls. 190r-94v)

O tema central desse tratado é a eucaristia, seu papel expiatório, os benefícios que traz à alma e de como se deve participar dela. A eucaristia é um dos sete sacramentos da Igreja Católica³³, no qual, segundo a crença, Jesus se acha presente, sob as aparências do pão e do vinho, com seu corpo, sangue, alma e divindade. O termo advém do grego e chegou ao português através do latim eclesiástico: significaria originalmente “ação de graças” (Houaiss *et al.*, 2001:verbete *eucaristia*). Cunha (2002) indica o século XV como a data de seu primeiro registro conhecido em português (mais especificamente, na tradução portuguesa medieval do *Vita Christi*, impressa em 1495). Como, no texto em estudo, não se menciona nenhuma vez essa palavra, é possível que tal fato indique que o texto seria anterior a 1495.

O texto está dividido em capítulos, de tamanho irregular, marcados por títulos que lhes adiantam o conteúdo.

O primeiro capítulo discorre sobre dois tópicos principais, a saber:

- a) Livramento do pecado: O recebimento do corpo de Cristo livra a alma dos pecados. A condição para o livramento é recebê-lo dignamente, se preparando para tal.
- b) Fortalecimento espiritual: O manjar do corpo de Cristo – pão e vinho consagrados – é análogo ao alimento terreno, pois assim como este apraz, fortalece e mantém a vida, aquele é aprazível e deleitoso à alma, e a faz crescer em virtudes e conhecimento de si; torna a alma forte contra as tentações e perseguições, e a conduz à vida eterna. Há, entretanto, um ponto em que esses manjares não são comparáveis: o alimento terreno é assimilado por quem o ingere, convertendo-se em parte dele; o ‘santo manjar’ não se torna parte de quem o recebe, mas seu recebedor é que se faz participante de sua natureza divina.

O segundo capítulo adverte a que ninguém participe desse sacramento indignamente, ou seja, em pecado mortal, para que o bem que receberia não se lhe torne em dano.

³³ Os sacramentos são: Eucaristia; Batismo; Crisma; Penitência; Ordem (sacerdócio – comum e específico); Matrimônio, Unção dos Enfermos.

O terceiro capítulo diz as quatro coisas que devem fazer aqueles que desejam receber esse sacramento: limpar o coração pela confissão dos pecados; fazer obras de piedade; dedicar-se à oração; recebê-lo com amor e devoção. O trecho que precede a essa enumeração faz uma analogia entre o proceder de alguém que deseja hospedar ao rei em sua casa e o daquele que deseja receber a Cristo.

O texto se encerra no capítulo três. Porém, sabe-se que os dez fólios seguintes foram cortados. E, pelos fragmentos das iniciais na margem interior desses fólios, há a possibilidade de terem sido extirpados, pelo menos, treze capítulos que poderiam ser, em parte ou na sua totalidade, a continuação desse tratado.

Há vários pontos semelhantes entre esse tratado e o *Sermão sobre o Corpo do Senhor*, presente na *Summa Theologiae IIIa., Pars Qs. 79-80* (cf. Aquino, 2003), de São Tomás de Aquino (1225-1274): a analogia entre o sacramento da eucaristia e o manjar corporal; o poder da eucaristia para livramento dos pecados veniais e das penas; a eucaristia apresentada como medicina para a alma; a interdição de participar desse sacramento aos que estão em pecados chamados mortais.

3.2. Tratado dos Pecados Mortais e Veniais (fóls. 230r-231r)

O referido texto versa sobre o pecado, e sua classificação em veniais e mortais não é rígida, pois os pecados podem mudar de categoria. Para melhor compreensão, convém assumir algumas definições: entende-se aqui *pecado* como erro ou transgressão de preceito religioso; *pecado venial*, como falta leve, perdoável; *pecado mortal*, como falta grave, que pode levar à condenação da alma.

A primeira enumeração dos pecados mortais os apresenta em oito: *soberba, vanglória, ira, tristeza, inveja, avareza, gula e luxúria* (formas modernizadas aqui)³⁴. Porém, o texto diz que estes, quando bem examinados, não devem ser sempre chamados *mortais* (ls. 273-274). A cada nova enumeração, alguns são retirados e outros aparecem.

A seguinte terá treze pecados (ls. 281-283): repetem-se *soberba, vanglória, inveja, avareza*; aparecem pelo sinônimo *sanha*

³⁴ Esta categoria corresponde aos pecados capitais, também catalogados pela Igreja na Idade Média, em número de sete, por ajuntar *soberba* e *vanglória* como manifestações do *orgulho*. Nesta classificação, a *tristeza*, citada no tratado em estudo, equivaleria à *preguiça*.

(equivalente à *ira*) e *fornicação* (equivalente à *luxúria*); acrescentam-se *sacrilégio*, *homicídio*, *adultério*, *falso testemunho*, *roubo*, *furto*, *bebedice*; desaparecem nesta enumeração *gula* e *tristeza*, citados na primeira. O que cometer tais coisas deve confessá-las e lançá-las de si, antes que elas se assenhorem dele (ls. 284-287).

A terceira enumeração dos pecados mortais (ls. 295-305) lista *comer e beber demais*, *falar demais*, *negar esmola*, *comer em dias de jejum*, *dormir demais*, *fazer sexo sem intenção de procriar*, *não visitar os presos*, *não visitar os enfermos*, *não buscar a paz*, *ser áspero com as pessoas*, *bajular*, *falar coisas vãs* e “outros mujtos que seriam longos descrepuer” (l. 305).

Em seguida, menciona pecados veniais que podem se fazer mortais, que equivalem a alguns já citados como mortais, relativos a bajulação, adultério, sexo; e “os outros mujtos pecados que som escriptos nas pistollas de paullo” (ls. 311-312).

A partir desse ponto até o final, o texto apresentará as definições dos pecados citados, acrescentando, aos já listados, ainda outros, como o *ser sacrílego*, *ser explorador* (“Onzaneiro”), *ser apóstata*, *ser cismático*.

A má elaboração e organização dos argumentos e o estilo pouco polido presente nesse texto são incompatíveis com o que se conhece das obras de Santo Agostinho, sendo impossível crer que um notável filósofo e teólogo como ele seja seu autor, o que corroboraria a hipótese de Amos (1989:93), de que esse texto é um apócrifo.

3.3. Tratado das Festas e dos Jejuns (fols. 231r-232v)

Esse texto está dividido em duas partes e enumera as “festas de vigília” e os dias de jejum outorgados pela igreja, que os cristãos deveriam guardar, sob pena de excomunhão. Não é justificável citá-las todas, bastando dizer que são em torno de trinta e “todolas l outras festas • que cada hūū bispo cō opoboo ordenar de gar l dar ē seu bispado Eestes poucas festas ordenou aegreja” (ls. 385-387). A segunda parte do texto dedica atenção especial à guarda do domingo. Entretanto, a citação bíblica apresentada como base para se guardar o domingo se refere, na verdade, ao sábado. Mas o texto a apresenta como literal: “he de gardar odomingo • que he defeso polla boca do senhor l emandado na sua ley Edecomo as de gardar odomjgo l Asy he que ē ese dia do dicto ssenhor deus nom faras obra nē l húa tu nē teu filho nē tua filha nē teu seruo nē serua l nē teu boy nē besta nē homē nē molher quemore

tras tuas | portas Emandou deus gardar odomjngo” (ls. 394-399). Esta passagem está em conformidade com Êxodo 20:10, que se refere ao sábado judaico. Apesar da distorção ao afirmar que o versículo se referia ao domingo, esta prática tem fundamento na tradição cristã. De acordo com o capítulo 28 do Evangelho de Mateus, Jesus ressuscitou no primeiro dia da semana. Os cristãos começaram a reunir-se naquele dia para adorar ao Cristo ressurreto, e o dia passou a ser chamado ‘Dia do Senhor’ (*dominicu > domingo*).

4. Considerações sobre a intertextualidade nos tratados

O termo *intertextualidade* refere-se aqui ao texto que se constrói como mosaico de citações, como absorção e transformação de um outro texto (Kristeva, 1974:146). Nesta perspectiva, sendo o texto “um tecido de citações”, a discussão sobre origem e, portanto, autoria, perde importância. O autor cede, pois, o lugar principal ao texto.

Para a finalidade a que se propunham esses textos, a questão da autoria era secundária, uma vez que seu objetivo era a veiculação e reafirmação de doutrinas. O dogmatismo característico desses discursos não dava espaço à subjetividade. Importava apenas que essa cadeia de transmissão de crenças tivesse seu elo inicial nas sagradas escrituras ou na tradição cristã.

Dado o caráter doutrinário desses tratados, a intertextualidade é usada como recurso de persuasão: as crenças ali apregoadas se formam fundamentadas nas abonações bíblicas e patrísticas, que lhes servem de “endosso”.

Entretanto, a não-preocupação em atestar a autenticidade do discurso citado impõe inúmeras dificuldades ao trabalho de localização de tais referências. Dentre as citações bíblicas que puderam ser situadas, estão as seguintes: “Eu som pam deuida quedeçēdi do ceeo” (l. 42) em conformidade com a parte final de João 6:41 “eu sou o pão que desceu do céu” (Bíblia, 199-1281); ou ainda “assy qual quer que aquele santo pam comer e aquel que | do seu samge beuer edino nom esteuer deo rrečeber • | aldemenos sem pecado mortal Culpado he demorte | Ca quē ocome e obeue nom dinamente • morte come | e beue perasy • prouese cada hūū primeiramente ante que | ocoma ou beua” (ls. 127-132) em concordância com I Coríntios 11:27-29: “Assim, pois, quem come o pão ou bebe o cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e então

coma do pão e beba do cálice; pois aquele que, sem discernir o corpo [do Senhor], come e bebe, come e bebe sua própria condenação” (Bíblia, 199:-1364). Dentre as citações patrísticas localizadas, pode-se mencionar: “Mangar soo dos grandes creçe e mā | garmas” (Is. 49-50) e “Creçe e manga e me as enō mudaras | tu amj ē tj Mais tu seras mudado ē mī” (Is. 95-96) que se referem provavelmente à passagem presente em Confissões, VII, 9, de S. Agostinho: “Sou manjar de robustos. Cresce e me receberás e não mudarás a mim em ti, qual farias com uma comida corporal, mas tu serás mudado em mim” (Sanchez, 1952:224; tradução nossa).

Das citações bíblicas usadas acima como exemplo, uma está interpolada por acréscimo (cf. a seqüência “aldemenos sem pecado mortal” na citação de I Coríntios 11:27-19 acima), que pode ser atribuído às impressões de quem a citou ou ao pensamento corrente na época. Nessa e em outras passagens fica evidente a ausência de hábito de se fazer uma citação literal ou de indicar de forma precisa as fontes da citação livre realizada. Encontram-se, com freqüência, as expressões: “segundo dizem os doutores” (Is. 140-141); “diz hūū doutor” (I. 66); “segundo que diz na santa escriptura” (I. 217).

Na linha 229 do *Tratado do Sagramento de Jesus*, encontramos ainda: “diz sam Bernardo ē hūū lugar Onde diz | assy”. Como esta, evocações às falas de São Gregório, São Jerônimo e Santo Agostinho são constantes, e localizá-las exigiria uma investigação bastante árdua. Trabalhos assim foram realizados por Sanchez (1952), em seu *Tratado de la Santíssima Eucaristia*, e por Solano (1954), em *Textos Eucarísticos Primitivos*.

As imprecisões acima mencionadas permitem supor que os textos com os quais esses tratados dialogavam eram conhecidos do público por tradição oral e, por isso, as menções eram feitas de memória.

Dos três tratados aqui editados, o *Tratado do Sagramento de Jesus* é o que apresenta maior número de citações. Já o *Tratado dos Pecados Mortais e Veniais* (fóls. 230r-232r) é todo atribuído a Santo Agostinho e não possui citações bíblicas. O *Tratado das Festas e dos Jejuns* (fóls. 231r-232v) só possui uma referência bíblica, a saber, a que trata de guardar um dia na semana para descanso, confissão dos pecados e louvor a Deus (cf. Exodo 20:10).

5. Edição dos tratados

5.1. Normas de edição³⁵

A fim de que a presente edição dos três referidos tratados religiosos os torne acessíveis não apenas aos interessados em literatura portuguesa medieval, história e religião, mas também adequados para estudos lingüísticos³⁶ (dos mais diversos aspectos: grafemático, fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, etc.), adotam-se normas semidiplomáticas conservadoras:

- a) Transcrição: A transcrição dos símbolos gráficos é feita sem se assinalarem suas variações morfológicas, uniformizando-se, desta maneira, as variantes (minúsculas) dos grafemas <r>, <s>, <m>, <n>; mas não no caso dos grafemas <u> e <v>/<i> e <j>.
- b) Capitalização: Mantém-se o emprego de maiúsculas e minúsculas tal como no original. Desconsideram-se, porém, as variações gráficas decorrentes de ornamentação, como a existente entre as maiúsculas de início de capítulo (que são assinaladas em nota) e as de interior de capítulo. A distinção entre maiúsculas e minúsculas é feita pela forma, sendo as maiúsculas de módulo menor e as minúsculas de módulo maior transcritas, respectivamente, como maiúsculas e minúsculas³⁷.
- c) Diacríticos: Mantêm-se na transcrição os três tipos presentes no manuscrito: a plica (traço oblíquo virado para a direita, transrito como <ˊ>); o traço reto horizontal (transrito como <ˋ>, já que geralmente marca nasalidade); o traço ondulado horizontal (somente sobre algarismos romanos, transrito como <ˇ>). Os grafemas <i>

³⁵ As normas aqui apresentadas são as mesmas utilizadas em Cambraia (2000), Cambraia *et al* (2001) e Cambraia (2002).

³⁶ Convém lembrar aqui que o progresso dos estudos diacrônicos da língua portuguesa depende tanto do desenvolvimento de teorias para se interpretarem os dados como também da exploração de novos *corpora*, daí a grande importância de se editarem rigorosamente textos inéditos.

³⁷ Constitui caso especialmente difícil no manuscrito em estudo a diferenciação entre <J> x <j>: parece haver uma profusão de <J> em posição inicial e medial em *TfJ*, sobretudo quando estaria representando o fonema /(d)ʒ/ (cf. <JeJuus> (l. 358)), enquanto <j> representaria preferencialmente a vogal /i/ (cf. <ujuos> (l. 413)) ou a semi vogal /j/ (cf. <derejto> (l. 373)). Dada a grande dificuldade, utilizaram-se como critérios para identificação da forma maiúscula a dimensão relativa, a espessura e a presença de serifa na parte superior e/ou de corte na parte medial da cauda.

e <j> são sempre transcritos com píngos (na ausência de algum dos três diacríticos acima assinalados), embora ocorram sem ele no original. Na medida em que, em razão do processo de escrita manual, o posicionamento de dois diacríticos – o traço reto horizontal e o traço ondulado – sobre as vogais no manuscrito não é totalmente claro, seguem-se os seguintes critérios neste caso: (i) mantém-se o seu uso tal como no manuscrito, respeitando, assim, as suas variações de posição na palavra; (ii) quando o diacrítico for extenso a ponto de cobrir mais de uma vogal, todas as vogais envolvidas recebem o diacrítico na transcrição; (iii) nos poucos casos em que o diacrítico está sob uma consoante por deslocamento resultante do processo manual de escrita, é transcrito sob a vogal pertinente (com base em critério etimológico).

- c) Abreviaturas: Desenvolvem-se as abreviaturas, indicando em itálico as letras acrescentadas. No desenvolvimento das abreviaturas por sinal geral, tomam-se como referência as formas desenvolvidas existentes no manuscrito, mas, quando houver mais de uma forma desenvolvida, adota-se aquela mais freqüente; e, no de abreviaturas por sinal de significação especial e por letra sobreescrita, segue-se o que estabelece a tradição. Nos casos de abreviatura por letra sobreposta, aparecem em itálico a letra acrescida e a seqüência sobreposta. A nota tironiana que representa a conjunção aditiva é substituída por <e>. As abreviaturas de desenvolvimento duvidoso aparecem em itálico entre parênteses redondos simples (assim como as letras maltraçadas).
- e) Pontuação: Mantêm-se na transcrição os dois tipos de sinais de pontuação presentes no manuscrito – a saber, ponto e marca de final de texto.
- f) Paragrafação, separação vocabular e translineação: São mantidas como no original.
- g) Correções do copista: Assinalam-se todas as correções no manuscrito feitas pelo copista. No caso de inserções, as seqüências que aparecem nas entrelinhas são colocadas entre parênteses angulados duplos no ponto assinalado pelo próprio copista no original; no caso de supressões, as seqüências suprimidas aparecem entre chaves duplas. Os títulos dos capítulos, de vermelho no original, vêm em negrito.

- h) Intervenções do editor: As inserções por conjectura, isto é, exigidas pelo contexto, aparecem entre parênteses angulados simples. As supressões por conjectura são colocadas entre chaves. As passagens de leitura duvidosa aparecem entre parênteses redondos.
- i) Citações e referências bíblicas ou patrísticas: Sempre que sua fonte tiver sido localizada, é indicada em nota (utilizou-se, como texto bíblico de referência, a Bíblia (199-).
- j) Numeração dos fólios e das linhas: A numeração dos fólios é feita com base na numeração original em algarismos romanos, que são convertidos para arábicos, e aparece na margem de cabeça ao centro de cada fólio entre colchetes simples, com a indicação da face (r = *recto* e v = *verso*). A fim de facilitar a localização de palavras e passagens, faz-se a numeração contínua de linhas (de 5 em 5).

5.2. Texto da edição

[fól. 190r]

Aque se começam os trautados • que fallā do sagramento do corpo do noso
Senhor Jhesu Christo e todos bees e virtudes • que rrecebe qual quer que coma e comūga
do corpo e do sange seu • Mays ase aperceber qual quer que o quiser tomar • que seja apa<<re>>lha
do Pera oreceber como compe segundo Ea que faz mençō ē estes tratados
5 Ca ē outra gisa todo selhe tornara ē dano Capitollo Primeiro •
Deuedes³⁸ assaber que por orrecebimento do corpo do no
sso Senhor Jhesu christo • vem aalma quitamento de mujo
mal Ca lhe destruiu os pecados veniaaes e dalhe
ajuda pera esquiuar os mortaaes Eha operdō das penas •
10 do purgatorio • sedinamente se aparelhar perao rreceber
EPorē Diz sam gregorio Omangar do corpo de
jhesu christo • sedinamente for tomado • liura de mal e cōfir
ma ē bē Destruy os pecados ueniaaes e esquiuas os mo
rtaaes EPorē na oraçō do parter noster³⁹ quando pedimos
15 perdom dos pecados Dezemos que seiamos liures de mal =⁴⁰
EPor este santo mangar • somos liurados de todollos •
males quesom pasados e presentes e que am de ujr Ca muj
tos som os bees que este santo mangar faz em as almas •
que o rrecebē como deuē Eestes bees demostra assamta
20 escrittura • por semelhāça das obras • que faz omangar
corporal ao corpo Onde bē assim como omangar b
oo corporal Da ao corpo sabor praziujl e fartura e
acreçētamento e ē grosamento e forteleza e māteença
de uida Bem asy este santo mangar • he praziujl e
25 deleitoso aalma Ca segundo Diz asanta escpritura •

³⁸ <D> capitular

³⁹ Ref. bibl.: Mateus. 6: 9-13; Lucas 11: 2-4.

⁴⁰ Há aqui um sinal em forma de três traços horizontais, que parece ter sido feito a partir de uma nota tironiana.

[fol. 190v]

da santa gloria Eos santos outrossy que prouarõ oseu sab
or Ca ogostarõ clinamente como deuiã Ca ali he todo
de craramēto e todo prazer de boo sabor Ca el he gosta
mento dadeujnclade Onde diz no liuro da sabença •
30 de deus assy Mandaste tu senhor ao teu poboo criar cõ
omangar dos angos e destelhe pom do çeo sem traba
lho Ca em sy ha todo boo deleitamēto e todo prazer de
bem e de boo sabor Onde diz sam Jeronimo assabença
de deus querendinos mostrar • que el he mangar das almas •
35 pos nos deante asua priçiosa carne que el tomou por
mangar por nos mostrar osabor do mangar dadeujm
dade por omangar da humanidade Por ende nos
conujda oprofeta daju aeste mangar Ediz gostade
e ueede tam suave e saboroso he onosso ssenhor⁴¹ Da
40 outrossy fartura quetira todaa fame Etodollos deseios
carnaaes e temporaes EPor em disse Jhesu *christo* no
auangelho Eu som pam deuida queleçêdi do ceeo⁴²
Oque amý ueer no<n> auera fame⁴³ Onde oprofeta
daju • marauilhandose dalargeza • de nosso senhor •
45 Dise outrosy opõ dos angos ueo aseer pom do homẽ
e mangar de fartura⁴⁴ • é ujou noso senhor Daoutrosy
acrecêntamēto Ca faz aalma crecer é ujrtudes e em
conheçimento desi Onde leemos que dise Jhesu *christo* ass
anto agostinho • Mangar soo dos grandes creçe e mà
50 garmas⁴⁵ Da outrosy êgrossamento decaridade Ca
assy como ocorpo êgrossa • cõ omangar Assy êgrossa
aalma Com este santo mangar • Em acaridade

⁴¹ Cit. bibl.: Salmo 34: 9.

⁴² Cit. bibl.: João 6:41, 58.

⁴³ Cit bibl.: João 6:35.

⁴⁴ Ref. bibl.: Salmo, 78:23-25; João, 6:31-32.

⁴⁵ Cit. patr.: Santo Agostinho, Confissões, VII, 9.

[fol. 191r]

Onde por esso ochama oproffeta daju quæbeueda Onde
diz emgrossasti cõ oliao amjnha cabeça • quer dizer aminha • alma
55 e o meu calez que ē beueda⁴⁶ muj craro e muj nobre he Olio chama
ao corpo de Jhesu *christo* Ca naçeo da sempre uerde oliua • que he as
empre uirgē santa maria e foy trilhado e es(t)orçudo no apartamēto
da cruz Eassy se faz mangar groso peraa alma encender en
na caridade e meeziinha desaude Chamalhe outrossy uaso
60 que enbeueda Ca elle he uasso de uinho puro Ediz opro
feta daju que deus paadre otem nasua maaoo⁴⁷ e naçeo daujde
baixa cõ omildade⁴⁸ quehe aujrgē santa maria Eoutrossy
ffoy pisado e es(t)orçido em apresura da cruz⁴⁹ Ediz outrossy a
grosa dos santos Offartura desaude obeuediça tam bem auē
65 turada que quantas mais uezes se toma tanto mais mesurada faz
aalma Outrossy diz hūu doutor • que acarne de Jhesu *christo* qey
ma e consume todollos pecados da alma • que o rreçeve com
o deue e ençēde acaridade Daoutrossy fforteleza Caasy
como o pô da fartura e rrigidō ao corpo para trabalhar assim
70 este pam Celestial da forteleza aalma efazea rriga contra
as tentaçōes EPor ende diz oproffeta daju • que conffirm
a ocoraçō do homē Onde dizē os santos doutores • que
este santo sagramento he dado anos efforteza contra
afforça das pesigçooes que nos nom deribē por fraqueza
75 de temor • He nos ajnda dado contra as tentaçōes que
nos nom êganē cõ affaagos de maaoo amor He nos
dado pera meeziinha pera ssaar dos pecados ueniaees •
Eda outrossy māâteença de uida aquj por graça e de
pois no outro mundo • por gloria Onde dise jhesu *christo*

⁴⁶ Cit. bibl.: Salmo 22:5.

⁴⁷ Ref. bibl.: Salmo, 75:9.

⁴⁸ Ref. bibl.: Ezequiel, 17:24 (obs: a árvore humilde que Deus teria plantado, segundo essa passagem bíblica, seria um cedro, e não uma "vide" (i. e., uma videira); mas Jesus se chama de "verdadeira videira" em João 15:1, 5).

⁴⁹ Ref. bibl.: Mateus, 27:35; Marcos, 15:24; Lucas, 23:33; João, 19:18.

[fol. 191v]

- 80 se nom mangardes amjinha carne e nom beuerdes omeu sam
gy non aueredes ē uos ujda Equē mangar a minha carne
e beuer omeu sangy • auera ujda perdurauij⁵⁰ e este he omangar
grossso da alma que lhe da sabor esspritoal e lhe tira a ffame mū
danal • queafaz ē fe e ē uirtude dedeus e ē conhecimēto das uirtudes
85 crecer Eque affaz ē amor e ē caridade ēçender Equelhe da fo
rteleza peraas teentacooēs e persecucoes uençer e queamantē e a
tem em graça e lhe da pera sempre depois desta ujda • vida per
dura(uill ē gloria Ecomo quer que estes bees • obre esse santo m
angar ē na alma Asemelhāça do mangar corporal Epero
90 ē hūa cousa nom he semelhauj Ca omangar corporal • tor
nase ē natura do que orreçeve • por que o comedor he melhor que o
mangar Mais ē este santo mangar • nom he assy Caom
angar torna ē ssy ocomedor Por que omangar he ēsy ma
is nobre e melhor que o comedor⁵¹ Como disse {l....l}⁵² jhesu christo
95 asanto agostinho • Creçe e manga e me as e nō mudaras
tu amj ē tj Mais tu seras mudado ē m⁵³ Onde dise sam Jero
njmo • todo senos deu Jhesu christo ē mangar • por nos asy ajun
tar EPor nos ē sy melhor mudar Epera nos fazer de
carnaaes sp̄irituuaes pera nos alçar do que ueemos ao que nom
100 ueemos Edo que teemos aoque esperamos Edas coucas {lperdura
uijs}{⁵⁴} tēporaaes aas coucas perduraus Edas coucas tere
aaes aas coucas celistrīaaes Edas coucas humanaaes
aas coucas deujnaaes ~ Capitulo ij quaaes som aqueles • que este santo
māgar do corpo de jhesu christo querem receber pera que lhes aproueite ~

⁵⁰ Cit. bibl.: João 6:53-54.

⁵¹ Ref. patr.: S. Tomás, 4 Sent., dist. 12, q. 2a. 1 (cf. Sanchez, 1952:224)

⁵² Apagado.

⁵³ Cit patr.: Santo Agostinho, Confissões, VII, 9 (cf. Sanchez, 1952:224)

⁵⁴ Riscado e subpontilhado.

[fól. 192r]

- 105 Uees⁵⁵ quantos bees ueem deste santo mangar aalma • cō
uem assaber • quaeas som aquelles que pode aprobeitar Esse
aproueita aos que estõ ē pecado Outrossy se aprobeita •
atadollos que estõ ē boo estado Do primeiro he de saber •
que este santo mangar • non pode aprobeitar aos que estã em
110 pecado mortal Ca este mangar he spirtoal e nom pode
aproueitar saluo onde acha amor e caridade • EPor que
aquelles que estam ē pecado mortal • estã fora clamor e decari
dade Por ende lhe non pode aprobeitar Mais fortemen
te lhes encercera seo rreçebê Eesto he pollo desconhe
115 çimento en que caaeem Ca he ali presente apesoa do salu
ador Ehe ali comprida rrenenbrança danosa rredençô Ea
ly se mostra auerdadeira e deujnal caridade Ca se nos da
todo ē mangar Ehe ali grā rremedio e marauilhossa
meezinha da nossa enfirnidade e onde tam grandes e
120 tam altas e tam marauilhosas coucas som ajuntadas • nō
poderia • o que esta ē pecado mortal Aly chegar • sem grande de
<<sconhicijmento>> e despreço Por ende he muj grā pecado e grande •
cagom demorte aos clerigos achegarse aaquellea ssanta m
isa pera ocorpo de Jhesu christo cõssagrar Eatodos clerigos
125 e leigos pera orreceber por mangar • se estã ou creem
que estam em pecado mortal EPor ende diz sam pau
lo • assy qual quer que aquele santo pam comer e aquel que
do seu samge beuer e dino nom esteuer deo rreçeber •
aldemenos sem pecado mortal Culpado he demorte⁵⁶
130 Ca quē ocome e obeue nom dinamente • morte come
e beue perasy⁵⁷ • prouese cada hūu primeiramente ante que⁵⁸

⁵⁵ <U> capitular.

⁵⁶ Cit. bibl.: I Coríntios 11:27.

⁵⁷ Cit. bibl.: I Coríntios 11:29.

⁵⁸ A margem de pé deste fólio foi cortada.

[fól. 192v]

- ocoma ou beua⁵⁹ Deuedes deparamente • por que dixi prouase •
 Ca segundo diz adeante quer djzer quese julge ē si meesmo se he dino o
 u nom e seesta ē pecado ou nō • segundo nos oapostollo da
 135 aemtender Por aquela palaura • que djz prouase Outrosy dizē
 os doutores dasanta escriptura • deuese de julgar ohomē •
 em sy meesmo bem e puramente e cō uerdade Asy como a
 causa que he bem prouada Deue de seer julgada dereitamente
 Easy saiba Julgar • que cada hūū aia assy ojusto como opec
 140 ador que se nō condane • em gisa que nom se salue Ca segundo
 dizem os doutores • ojusto se pode mujto acusar e non he
 bem Eomaao se pode escusar e he mal EPor tantose
 due cada hūū por seu direito jujzo proueer • Asy que ojusto •
 nom se achege cō conciença mederosa do que nom deue
 145 (B)ē omaao concōciença atreuuda e dura ē soberua Ma
 is ojusto purge primeiro aconciença • se achara ensi algūū
 pecado cotidial(doll)no⁶⁰ e desffaça aconciença • seo Jujzo for
 leue Eassy sse achege aeste mangar santo Comamor
 e cō caridade e cō grande humildade e reuerença ~
 150 **Capitulo iij das couas que deue fazere como se deuē aparelhar os que o corpo de jhesu
 christo querē reçeber ē as suas almas**
 Quatro⁶¹ couas achamos na constituiçō da festa
 do corpo de Jhesu *christo* • que deuē de fazer aque
 las pessoas que este senhor querē rrećeber por man
 155 eira espiritual e am de ētender por semelhança de
 rrećeimento do ssenor terreal Eoexenplo he tal •

⁵⁹ Cit. bibl.: I Coríntios 11:28.

⁶⁰ Subpontilhado.

⁶¹ <Q> capitular.

[fol. 193r]

Se algūū homē coobijçase arrečeber seu senhor elrey no
uamente ē sa pousada Aprimeira cousa que cōuenria fazer
sy he • que lhe aparelhasse acasa • por que aachase bem linpa e a
160 posta Depois conujnha queo saise arrečeber cō toda sua cō
panha Depois deueo arrogar • quese queira abaixar por sua
mesura arrečeber sua pobre pousada Depois deueo arreče
ber e seruir cō quanta onrra e prazer poder e souber ē sua casa
Bē asy deue fazer o christao que Jhesu christo quer rreceber ē suaal
165 ma dentro Deue primeiramente alinpar e esforcarsse ē
sua conciencia • cō pura e uerdadeira confisom Caestes •
som os dinos deueer nosso senhor Jhesu christo ē as suas alm
as EDevem sair arrecebelo cō cōpanhas Ca sedeue
antes aaparelhar e rrečeber cō mujtas esmolas seten cō
170 que Ou cō obras depiedade e de misericordja Esta he alux e esta
he acaridade e estes som os çinos e estas som as candeas
e estas som as caualarias e estas som as cōpanhas • que
deuē hir deante Com as quaaes se querer deus seruir EDe
uelo depois rrogar e afaagar cō pura deuaçō e oraçō
175 que queira uijr cō paz e cō saude • sua pousada EDeuelhe
uijr ē mente aquela palaura que lhe dise ocenturio • ssenor
nom soo eu dino quetu entres ē mjnhia casa Mais dj
ata palavra e sera amjnhia alma saa⁶² Esse nom lhe cō
prir os seus rrogos • Rogeo aos seus seruos Eaos apos
180 tolos e aos santos e uenhalhe ē mente como rroga
rō por amolher cananea⁶³ e uaa amadanelā⁶⁴ • que fez por
seus rrogos rreconciliar asam lazaro⁶⁵ e uaaesse aujr
gē maria sua madre que o rrečebeo ē seu uentre⁶⁶ e ocriou

⁶² Cit. bibl.: Mateus 8:8; Lucas 7:6-7 (obs: o centurião não pede em seu próprio favor, mas por seu servo).

⁶³ Ref. bibl.: Mateus 15:21-28 (obs: os apóstolos não intercederam pela mulher cananéia: queriam mandá-la embora).

⁶⁴ Esta parece ser forma hipertática de *Madalena*.

⁶⁵ Ref. bibl.: João 11:21-22 (Obs: Marta e Maria - e não Maria Madalena - teriam pedido em favor de Lázaro, seu irmão).

⁶⁶ Ref. bibl.: Mateus 1:18; Lucas 1:26-38.

[fól. 193v]

no seu rreagaço e esa lhe ē sinara • que camara lhe deue aparelh
 185 ar de caridade e estrado domildade e emsinarilha comoo deue
 rrećeber e como odeue seruir Ca ella orrecebeo e opario e
 ella ocriou e ella sabe toda sua uōtade e que amester em
 apousada de cada hūña alma EPor ē ella deue seer m
 ujto rrogada queo amanse e que uenha e sia ali com el quando •
 190 o ouuer de rrećeber ē sa casa Deueo outrosy seruir cō quan
 ta onrra equa quanto prazer souber e poder ē sa casa e esto
 he oamor e adeuaçõ das lagrimas e dalegría cō queodeue
 rrećeber Ca como achamos na dícta santa escriptura • aco
 rdar⁶⁷ se deue aalma • quā nobre he este mangar que tal he
 195 aaquelle messa Ca ali he rrenenbrança como por anosa m
 orte moreo • Ali nos acordemos da aruor da ujda⁶⁸ que he
 jhesu christo e de como na aruor da santa c<<r>>uz sepregou⁶⁹ • e
 como nos enfermos⁷⁰ e mortos⁷¹ affrujo de saude e deuj
 da tornou Ali nos deuemos denenbrar de quanto nos
 200 amou⁷² E quanto onos deuemos aamar Ca nos deu
 todallas couosas domundo⁷³ Essobre todallas criaturas⁷⁴
 nos deu senhorio Edeu nos os angos⁷⁵ pera nos menj
 strarē E aquelles <<que>> uāo ante assua deujnal magestade •
 quis que estes fosem cō nosco • ē esta carreira desta ujda a
 205 taa que chegasemos aaperdoraujl erdale Equesenos assy •
 meesmo dar Abaixouse de tam alto e tomou anossa
 carne humanal⁷⁶ Eaquel que nunca foy ujsto leixouse
 nos ueer Eaquel que nunca foy ujsto nem tomado •
 quesenos nas maaos meter Ea quel que era sobre to
 210 dos • queso seer e fazer nosso cōpanheiro Ejnda qujs

⁶⁷ Ref. bibl.: Lucas 22:19; I Coríntios 11:24.

⁶⁸ Ref. bibl.: Gênesis 2:9; Apocalipse 2:7, 22:2 e 14.

⁶⁹ Ref. bibl.: João, 19:18; Atos, 2:23.

⁷⁰ Ref. bibl.: Mateus, 8:16-17, 12:15, 14:14, 14:36; Marcos 1:34, 6:5, 6:13, 6:56.

⁷¹ Ref. bibl.: João 11:43-44.

⁷² Ref. bibl.: João 3:16.

⁷³ Ref. bibl.: Gênesis 1:29; Salmo 8:7.

⁷⁴ Ref. bibl.: Gênesis. 1:30; Salmo 8:7-9.

⁷⁵ Ref. bibl.: Salmo 91:11-12; Hebreus 1:14.

⁷⁶ Ref. bibl.: João 1:14.

[fól. 194r]

- cô nosco seer homẽ • ataa que a(br)io por nos as entranhas deu
nos oseu corpo • deunos oseu sange • Ronpeuse por nos to
do ë asua paixõ Emostrou nos asua caridade Eajnda p
ouco lhe semelhou • Dar nos oseu sange e quanto dentro tijn
215 ha Effezese mangar e queso se nas nosas almas meessmas
meter Doque grande amor e auondança depiedade nos
mostrou Essegundo que diz na santa escriptura e na ordinha
açõ da santa egreia • quando a alma se acordar deste amor e de
sta caridade • abri<r>a as sas antranhas perao cô amor rreceber
220 Easy se deue chegar aeste santo mangar qual quer pe
soa • quer clérigo quer leigo • que o ouuer de rreceber em sua al
ma e perçebase • que asua cõciencia • tenha bem linpa e sem
pecado ë tal maneira queo justo nom se cõdane • sse enssy
ouuer algñu pecado continoado Mais asy surdo e mudo
225 e cego como esta nos pecados e maldades • nom seache
ge ael Ca lho non cõselho • ataa que se conhosca bem e
laue sua maldade Pero se algñu quiser auer húa pouca
de sabedoria se praz adeus que se chege aeste mangar • tome
os sinaaes que diz sam bernardo • ëhñu lugar Onde diz
230 assy • sse somos ë amor ou em jra Com oamor de deus
certidom nom auemos Mais por que ësta coita non
fiquemos cõselhanos aescritura • que sempre tenhamos • em
elle esperança e feuza Ca nos da sinaaes manjfesto<<s>>
Por que nos conhoscamos se estamos ë estado de santos
235 Ou se somos cõtados cô aquëles que som de deus escolhetos
EPom quatro sijnaaes ë queo homẽ pode étender
ensy • se esta ë estado desaude OPrimeiro sinal

[fól. 194v]

- se se paga cō deuacō de ouuir as palaura de deus com
 ētençō deas poer ēobra • Osegundo he se toma prazer
 240 no coraçō de bē fazer • Oterçeiro sese rretē de pecar
 Oquarto se ha deuaçō e talante deos pecados chorar
 Esse outrosy ha as outras quatro ujrtudes *que* fazem
 meester ao tempo do comungar Aprimeira he aljm
 par seu coraçō cō pura e uerdadeira cōfissom Asegun
 245 da acōpanhamento dobras depeedade Aterçeira afi
 camēto doraçō Aquarta rrecebimento cō amor e cō
 deuaçō e este aparelhamento he peraos *que* am e querem
 comungar assy clérigos Como leigos qual quer *que* seja •
 ou deua seer Ora deuemos e podemos ē tēder •
 250 quaaes som aqueles justos • aque aproueita esta
 santa comonhom e mangar • [e mangar] Ca aquelles *que*
 semelhor aparelhā cō estas couosas dictas • pera se achegar
 aeste santo mangar • Aaqueles aproueita mais • Ca
 aquelles som os *que* obrā as couosas suso dictas Eaque
 255 lles *que* se nō aparelhā aello • Muj pouco bem dello •
 lhe aproueitara Edizē os doutores *que* como quer *que* algūs
 clérigos e leigos • seiā fora do pecado mortal • se non tomē
 cojdado e deuaçō dese aparelhar como dicto he • *que* po
 sto *que* tomē ocorpo e sange de • *christo* • e comūge *que* nō creçem
 260 nē melhorō ēbem nē hū ENom tam solamente
 nom lhes aproueita Mais podelles ajnda ujr
 moor dano Emujto mal Por orreçêber por sua
 grande negligencia ~ • ~ • ~ • ~ • ~ • ~ • ~ • ~ • ~ •⁷⁷

⁷⁷ Encerra-se aqui o *Tratado do Sagramento de Jesus*, pois os dez fólios seguintes foram cortados. Percebe-se, pelo fragmento de iniciais nos restos da margem interior desses dez fólios, que o(s) texto(s) aí presente(s) estariam divididos, pelo menos, em 13 seções/capítulos: há 2 marcas de inicial no fól. 195r, 3 no fól. 196r, 1 no fól. 197r, 2 no fól. 199r, 1 no fól. 200r, 2 no fól. 201r, 1 no fól. 203r e 1 no fól. 204r.

[fol. 230r]

- Aque falla santo agostinho e de crara os pecados mortaaes e uenjaes**
- 265 Diz⁷⁸ santo agostinho de crarando e de partindo os pecados mortaaes • dos uenjaes pera os homeēs sab erē quantos som os mortaes per queseas almas de facto podē perder Diz asy uerdade he que estes pecados seyaā ditos mortaaes e asy os chamō os santos Primeiramēte soberua Vaa gloria Jra Tristeza Enueya Auareza Gula Luxuria Ca por estes pecados e cada hūū de lles • se pode homē perder quāto se asenhora daalma Pero quandouēē aseer oolhados e bē exJamínados po llo meudo • Non deuē sempre seer dictos mortaaes •
- 270 275 Ca muitas uezes podē seer ueniaaes EPor tanto os quis osanto nomear per nomes certos Asy os pecados mortaaes mais fortes e dinos demaior pena como os uenjaes pera os saberē os que temerē adeus e se delles quēserem gardar EPorē deues de saber que os pecados mortaaas grandes e graues som estes Primeiramente sacrilegio homicídio Adulterio • ffornizio • ffalso testi munho • Roubo • ffurtu • soberua • Vaa gloria • Enueia Auareza • ssanha • Beuediçī • Ora diz osanto que se ue ya bem ohomē e parementes quando tal pecado de cada hūū destes sintir sobre sua conçēncia que logo se acora aaconfisom e olance logo desy Ante que se asenhore delle Ca seja certo que se aque ē este mūdo nom fezer deles pura ē menda e satifaçom adeus
- 280 285

⁷⁸ <D> capitular.

[fol. 230v]

e ē elles ou ē cada hūū delles morrer sem cōfisom • seia certo
 290 que pollo fogo do purgatorio • non seram purgados Mais
 ē ofogo do iferno sera atormentado Eali se fara aenmē
 da delles Ca som tantos e de tantas maneiras que se nom
 podiam todos dizer • nen nomear EPera te delles gar
 dares Paramentes ē estes poucos que te aque som escriptos
 295 Primeiramente quando ohomē comeou • beue mais que
 lhe *compre Jtem* quando ohomē fala mais ca non he mester *Jtem*
 quando rresponde ao proue que pede esmolla *Jtem* cada que *Janta* •
 seendo saa aos dias que se deuē JaJuar *Jtem* cada que por odor
 mjr tarde uay aegreia *Jtem* cada que se ajunta ohomē cō sua
 300 molher • saluo cō ētençō de fazer filhos *Jtem* cada que nom uay
 uisitar os presos *Jtem* cada que non uay ueer oenfermo *Jtem*
 cada que non faz paz antre os homēes *Jtem* <>*ca*>da que es mais as
 pero aas Jentes • que oque due *Jtem* cada que se ohomē quer louua
 mnhar *Jtem* cada que falar quaaes quer pallauras ouçossas e sem
 305 proueito Eoutros mujtos que seriam longos descrepuer Outro
 sy se queseres saber alguus pecados uenjaes que usando de
 lles • se pode fazer mortaaes • Som estes • *Jtem* cada que se
 ocasado Junta cō sua molher desonastamēte *Jtem* qual quer
 homē solteiro que se Junte cō outra solteira Outrossy por
 310 louuamjnhar se podē grandes danos fazer *Jtem* Por mal
 dizer de nē hūa criatura Eos outros mujtos pecados
 que som escriptos nas pistolas de paullo EPor que conho
 scas estes pecados mortaaes Mostroche quaaes som
 por que os non conhoçeras pollos nomes • Sacrilegeo he
 315 e faz quē queima egreia Ou lugar rreligioso Ou

[fol. 231r]

a quebranta furando aparede ou otelhado ou quebranta ofecho ou
ferrolho ou faz algúna cousa desagisada dentro en ella • homj
çidio he oclerigo ferir ou matar ou tirar sange Adulterio he
amolher casada deitarse cõ outro afora seu marido Ereie he

- 320 todo aquel que he contra afe *christaa Cismatico* he todo aquel
que he contra aegreia e non obedeece ao *papa Onzaneiro* he todo
aquel que da qual quer cousa por guaanho Apostata he todo *chri*
staaq que se torna aoutra ley • Luxuria he qual quer home que se
lança cõ as mulheres por fazer prazer aacarne Soberua
325 he querer seer melhor que todos homées e queria que todos lhe obede
eçesen e el anehüü • Gargontoice he non se contentar ohomé
de todo *Muito* e senpre quer ujandas preçadas e escolheitas e bê
adubadas e que seiã saborosas e golosas • falso testemunho
he dizer do homé ou da mulher o que nô he uerdade Ora •
330 se ueja cada hüü • como esta Ca acaz lhe he escripto pera
se cada hüü gardar • sequeser • pero se acôtecer • que algûn por seus
pecados caya é cada hüü destes pecados • espicjalmente dos
mortaaes • Acorase logo aacôfisom e lançeos logo desi
ante que lhe escaeçã • non se asenhore sobreti Ca te sera de
335 pois muj maaao dalançar Easy estaras senpre seguro
ante deus Ca te digo por certo • quese é cada hüü delles • mo
reres • Ou é todos fforçado he que te percas segundo afe
christaa Entende ssem confisom e sem satisfaçõ e emeda
Titollo das festas e dias do JeJüü

[fól. 231v]

- 340 Estas⁷⁹ som as festas de ujgilias que som ordenadas e man
dado por asanta egreia e outorgadas e direito que de prima se
deue de gardar e de Jejuar ē cada hūū ano • so pena de
escomunhō Primeiramente Aquareesina de cōselho sese toda
pode Jejuar ou fij fiij foj As quatro iēporas do ano • scilicet • As prim
eiras fiij e foj esabado nō leixando nenhūū dia que ueer de po
is de dia de cijnza As segundas fiij de pos pinticoste As •
quartas de pos dia de santa luzia ē dezembro • Pinticoste • sā
mhatias • Sam barnabas Sam Johā bautista Sam pedro
e paulo Samtiago Sam lourenço Santa Maria da gosto
- 350 Sam bertolameu Sam mateus Sam simō e Judas todolos
santos Santādre Sam thome • Natal Ca as outras fest
as de santa Maria • non an ujgilia deJejuu • se nō peraa quedes que
aas iēē ē penjtençia ou por uoto que fezerō APrimeira lau
daynha e aMayor que fez opapa gregorio que se começa ē dia de
- 355 sam marcos As laudaynhas ante da açençō Eem estas
podē comer leite e queyo e ouos e mantega ||....||⁸⁰ segun
do for ocustumbe do bispado Mais segundo direito todolos
tres dias som quareesmaaes Essobre todos estes Jejuus • a
sesta feira Ca mais onrado he deus • ca nehūū santo E
- 360 porende todo homē que he de hidade pera ello adeue deJe
juar • se boo cr*<i>*staaoo he Sam Johā auāgelista nō ha ue
gilia pollo tempo alegre da naçençā de christo ē que caae S
antiago Sam philipe nō nā am Por que caaem ē na rre
sorreïçō de christo pero todos aquelles • que iēē ē penjtençia ou
ē uoto pormetido de Jejuar as besperas dos apostollos
todos • deuēnas deJejuar Eoutrosy os que pormeterom

⁷⁹ <E> capítular.

⁸⁰ Apagado.

[fol. 232r]

Jaiuar os dias de santa maria em qual quer dia que caerem Posto que
uenhā e domingo theudo he de JeJuar e comprir ouoto que aasenhora
fez • soluo seo logo tirou quandoo asy pormeteo que nō JeJuase odo
370 mñgo Outrossy os que pormeterô de JeJuar aesta feira ou oten
de rreglla ou ē penjtença • posto que odia de natal uenha em
sesta feira • non podẽ comer carne na quel dia Ca todollos ho
mẽes e mulheres som theudos e obrigados de lei e de dreyto de gar
dar e de comprir qual qr causa que prometerē adeus e aos santos e aos
375 homẽes • espacialmente os uotos e prometimentos santos e boos
Eaprouoitossos pera as almas ~ **Titollo das festas que manda gardar**
aegreia per todo ano e ssom estas ~
Primeiramente⁸¹ afesta do natal Esanto St(euam) Esam Johā
auangelista Eados Jnoçentes Esam siluestre Acticonsi
380 som Eada pariço Esanta Maria defeu(er)o Eade pascoa • cō
toda sua domaa Eos tres dias das laudaynhas Eaasençō
Eopinticoste Essam Joham baubtista Eas festas dos vij apo
stollos Essam l(udov)co Esanta Maria dagosto Esanta maria de setembro
Esam mijee Ea cōsagraçō da egreia Etod<o>los santos Esam
martinho Esanta Maria⁸² demayo Eo corpo de deus Etodolas
385 outras festas • que cada hūū bispó cō opoboo ordenar de gar
dar ē seu bispado Eestes poucas festas ordenou aegreja
EPorē cada hūū • paramêtes aos costume do seu bispado
e ao que manda aegreia e asy ofaça Ca por eso he manda
390 do aos clerigos que cada hūū ēsua egreia cada domigo most
rē aos freegeses os santos que som de gardar ē cada hūa do

⁸¹ <P> capitular.

⁸² Aqui há um possível sinal abreviativo em forma de um <I> cortado por um traço horizontal.

[fol. 232v]

- maa Onde quẽ aquell mandado pasar nenbrese que peça e faça
penjença dello Esobre todas estas festas • espiçialmente
he de gardar odomingo • que he defeso polla boca do senhor
395 e mandado na sua ley⁸³ Edecomo as de gardar odomjgo
Asy he que ē ese dia do dicto ssenhor deus nom faras obra nē
hūa tu nē teu filho nē tua filha nē teu seruo nē serua
nē teu boy nē besta nē homē nē molher que more tras tuas
portas Emandou deus gardar odomjngo e as festas
400 des abespera dantes ataa ooutro dia da festa todo aca
bado e tu asy ofaze Ca por eso ordenou deus e a egreia
que gardasem odomjngo e as festas • Por que aquellas oraçō
es e oras que os homees e as molheres perdē pollos tempos
dos seruiços que os cobrasem nos domjngos e festas Eque
405 ē estes santos dias uaaos aas egreias atodallas oras
alouuar deus e os santos e rrogar por seus pecados Ca no
manda que uaaos balhar nem cantar aas festas nem
aas uodas nē Jugar nē tanger nem balhar nem cātar
nen dançar nem folgar pollas ortas e pomares nem
410 beuer nem merendar • nem fazer outras nē hūas cou
sas semelhantes destas que som graues pecados e prigoos
pera as almas Mais toda uja orar e rrogar adeus po
llos seus pecados e pollos mortos e pollos ujuos e es
picialmente por todollos homēes e molheres que estō
415 ē pecado mortal • que se podē perder ou danar Ca esta
he omelhor oraçom que nen hūu homē nem mo
lher pode fazer • nem que mais praza adeus ~

⁸³ Ref. bibl: Êxodo 20:10 (obs: a citação se refere ao sábado judaico).

Referências bibliográficas

- ABRAHAM, Richard D. *A portuguese version of the life of Barlaam and Josaphat*; paleographical edition and linguistic study. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1938.
- AMADO, Teresa. Crónica de D. Pedro. In: LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (Orgs.) *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.
- AMOS, Thomas L. *The Fundo Alcobaça of the Biblioteca Nacional, Lisbon*. Collegeville (Minnesota): Hill Monastic Manuscript Library, 1988-1989-1990. 3 Vols.
- ANSELMO, António Joaquim. *Os códices alcobacenses da Biblioteca Nacional*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.
- AQUINO, Tomás de. Sermão sobre o corpo do Senhor. In: _____. *Summa Theologiae IIIa*. Pars Qs. 79-80. <Disponível em <http://www.accio.com.br/Nazare/1946/tom-euc1.htm>, acesso em 14.12.2003>
- ASKINS, Arthur L-F., FAULHABER, Charles B. & SHARRER, Harvey L. (Eds.) *PhiloBiblon*; electronic bibliographies of medieval catalan, galician, portuguese, and spanish texts. Berkeley, 2003. (Versão eletrônica na internet: vol. 5 (december)).
- ATAÍDE E MELO, F. A. de *Inventário dos códices alcobacenses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1930-1932. 5 Tomos.
- BALDIN, Agostinho. *Espelho dos monges*. [Florianópolis]: Universidade Federal de Santa Catarina, 1974. (Tese, Livre-Docência em Língua Portuguesa)
- BECHARA, Evanildo. *As fases históricas da língua portuguesa*; tentativa de proposta de nova periodização. Niterói: UFF, 1985. (Tese, Concurso para Professor Titular de Língua Portuguesa).
- BÍBLIA sagrada. 39. ed. Petrópolis: Vozes/Santuário, [199-].
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Livro de Isaac: edição e glossário (cód. alc. 461)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2000. (Tese de doutorado em Filologia e Língua Portuguesa).
- _____. Vida do Cativo Monge Confesso: edição semidiplomática das versões alcobacenses portuguesa (cód. ALC 181) e latina (cód. ALC 367). *Estudos Portugueses e Africanos*, Campinas, v. 40, p. 63-83, 2002.
- _____. *et al.* Cinco breves tratados religiosos alcobacenses: edição semidiplomática (cód. alc. 461). *Caligrama - Revista de Estudos Românicos*, Belo Horizonte, v. 6, p. 7-28, jul. 2001.

CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. 2. ed. Reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia e Heitor Megale. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2001.

CARTER, Henry Hare. *Paleographical edition and study of the language of a portion of codex alcobacensis 200*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1938. 98 p.

_____. Palaeographical edition of an old portuguese version of the rule of Saint Bernard (codex alcobacensis 200). *PMLA*, n. 2, v. LV, p. 360-395, June 1940.

CEPEDA, Isabel Vilares (Ed.) *A linguagem da “Imitação de Cristo” [versão portuguesa de Fr. João Álvares]*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1962. (Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 14)

CUNHA, Antônio Geraldo da et al. *Índice analítico do vocabulário de Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966. (Dicionário da língua portuguêsa: textos e vocabulários, 8).

CUNHA, Antônio Geraldo da (Coord). *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002. (CD-ROM, versão 1.0, novembro de 2002)

HOUAISS, Antônio et al. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (Versão 1.0)

INDEX codicum bibliothecae alcobatiae. Lisboa: Typographia Regia, 1775.

KRISTEVA, Julia. *Semiótica: introdução à semanálise*. Tradução Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MAIA, Clarinda de Azevedo. Sociolinguística histórica e periodização linguística: algumas reflexões sobre a distinção entre *português arcaico* e *português moderno*. *Diacrítica*, Coimbra, n. 10, p. 3-30, 1995.

MALER, Bertil. *Orto do esposo*; correções dos vols. I e II, estudo das fontes e do estado da língua, glossário, lista dos livros citados e índice geral. Stockholm: Almqvist Wihksell, 1964. Vol III.

MARTINS, Ana Maria. A evolução das vogais nasais [ã], [ô] [ê], no português. In: PEREIRA, Cilene da Cunha & PEREIRA, Paulo Roberto Dias. (Orgs.) *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para uma caracterização do período arcaico do português. *Delta*, São Paulo, v. 10, n. Especial, p. 247-276, 1994. *A mais antiga versão portuguêsa dos “Quatro livros dos diálogos de São Gregório”*. Edição crítica com introdução e índice geral das palavras lexicais. São Paulo: FFLCH-USP, 1971. 4 vols. (Tese, Doutorado em Letras).

_____. Para uma caracterização do período arcaico do português. *Delta*, São Paulo, v. 10, n. Especial, p. 247-276, 1994.

MATTOSO, José. *Religião e cultura na Idade Média portuguesa*. 2. ed. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997. (Temas Portugueses).

ROSSI, Nelson; MOTA, Jacira Andrade; MATOS, Rosa Virgínia & SAMPAIO, Vera Lúcia. (Eds.) *Livro das Aves*. Reprodução fac-similar do manuscrito do século XIV, introd., leitura crítica, notas e glossário. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965. (Dicionário da língua portuguêsa: textos e vocabulários, 4).

RUSSO, Harald Joseph. *Morphology and syntax of the 'Leal Conselheiro'*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1942.

SANCHEZ, Gregório Alatruey. *Tratado de la santísima eucaristía*. Madrid: La Editorial Católica, 1952.

SÃO BOAVENTURA, Fortunato de. *Commentariorum de Alcobacensi mstorum bibliotheca. Libri tres*. Coimbra: Typographia Academico-Regia, 1827.

SHARPE, Lawrence A. *The old portuguese "Vida de Sam Bernardo" edited from Alcobaça manuscript CCXCI/200 with introduction, linguistic study, notes, table of proper names, and glossary*. Chapel Hill: University of North Carolina, 1971. 183 p. (Studies in the Romance Languages and Literature, 103).

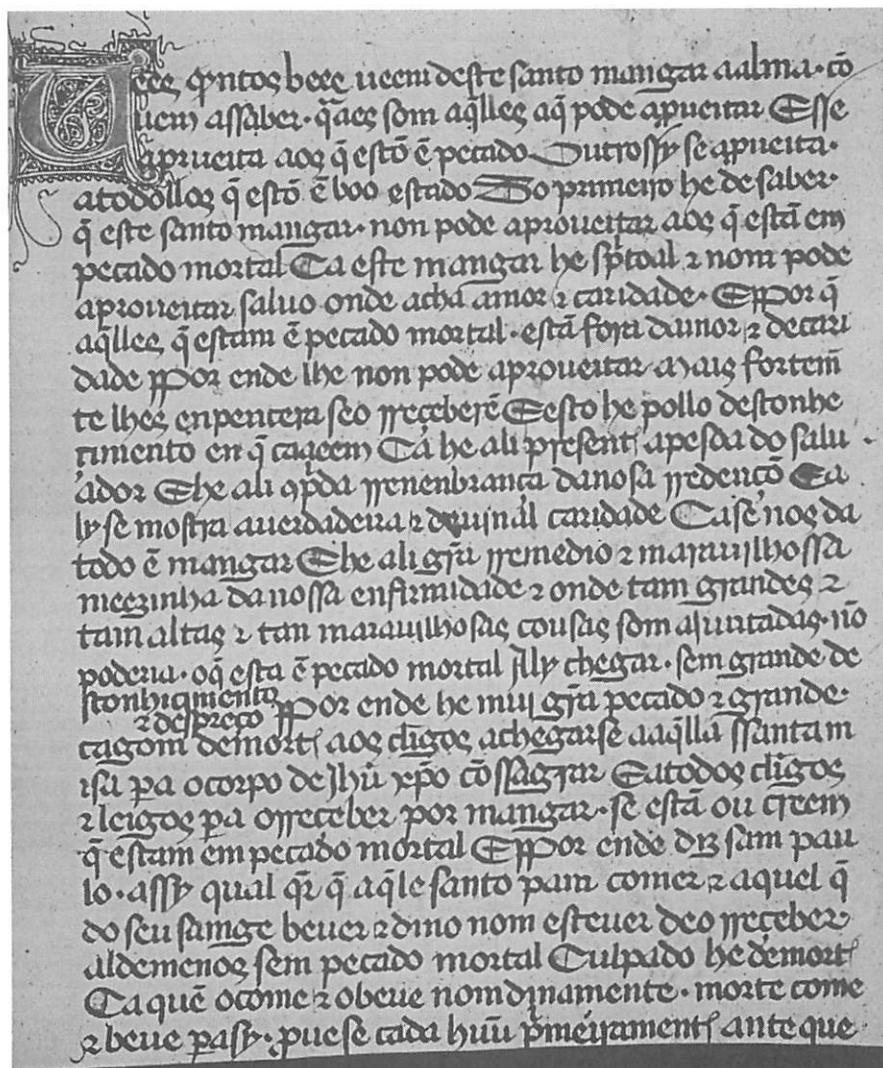
SILVA NETO, Serafim da. *Textos medievais portuguêses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.

SOLANO, S.I. Jesus. *Textos eucarísticos primitivos*. Madrid: La Editorial Católica, 1954. Vol. I e II.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

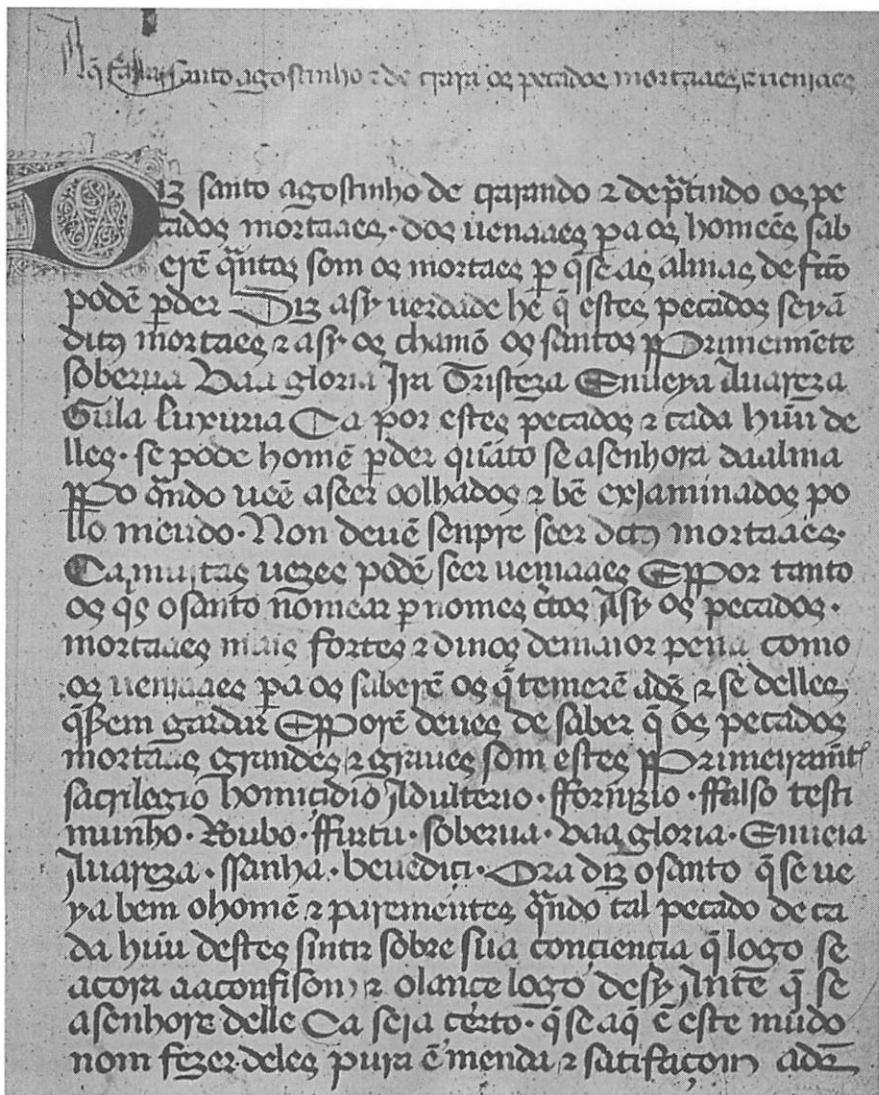
Anexos*

a) Fac-símile da mancha do fólio 192r do cód. alc. 200:



* Estes facsímiles foram gentilmente copiados de microfilme pelos fotógrafos Athos Guedes e Luciana da Gama (Alternativa Studio).

b) Fac-símile da mancha do fólio 230r do cód. alc. 200:



Meditações de pseudo-Agostinho (cód. ALC. 212): edição e estudo

Leonardo Mordente^{*}

Introdução

Em torno do nome dos grandes autores, era comum, especialmente no passado, orbitarem autores que desejavam perpetuar sua própria obra, ainda que anonimamente. Santo Agostinho foi um desses grandes autores e, da glória de seu nome, viveram obras como *De amicitia*, *Contemplatio Passionis Jesu Christi*, *Manuale*, *Scala Paradisi*, *Speculum peccatoris* etc.

Dos numerosos apócrifos atribuídos a Santo Agostinho, poucos foram traduzidos para o português medieval, a partir do latim. Consta, na breve lista dos que o foram, um livro chamado *Meditações*. Tal tradução fora preservada num apógrafo do séc. XV, hoje sob os cuidados da Biblioteca Nacional de Lisboa, e é dela que se trata neste trabalho.

Meditações é uma espécie de solilóquio e uma de suas principais características é seu tom apaixonado. Seu texto, composto a partir da seleção de várias obras – não apenas anteriores a Agostinho (como a Bíblia Sagrada), mas, também, coevas (como as *Confessiones*) e posteriores (como as *Orações*, de S. Anselmo de Cantuária) – reflete, sem dúvida alguma, o estilo e a doutrina do autêntico santo hiponense. Disso decorre que, ainda que não seja obra autêntica, *Meditações* é uma obra de grande importância, na medida em que veicula os ensinamentos do mestre.

As justificativas para a edição da referida obra são várias:

1) o fato de nunca se ter feito uma edição completa das *Meditações*: “toda edição de códices medievais constitui necessariamente não só uma avaliação das técnicas até então utilizadas para trazer a lume os manuscritos como também um avanço dessas técnicas”¹; 2) a contribuição para o conhecimento da literatura religiosa medieval; 3) a contribuição para os estudos de tradução e, especificamente, para a compreensão

^{*} Graduado em Letras pela Faculdade de Letras da UFMG.

¹ Cambraia (2000:15).

dos hábitos dos tradutores medievais, através de estudos comparativos com a edição latina do mesmo texto; 4) a ampliação dos *corpora* de textos medievais, com fins de exploração como material lingüístico.

Os motivos não se esgotam nesses quatro itens, no entanto, apenas eles já são suficientes para justificar o trabalho que é apresentado na próximas páginas.

1. Agostinho de Hipona: biobibliografia

Festejado anualmente como doutor da Igreja, Santo Agostinho nasceu Aurelius Augustinus (Aurélio Agostinho), em Tagasta, cidade da Numídia (atual Suk Ahras, Argélia), em 354. Estudou em sua cidade natal, em Madaura e em Cartago, e exerceu magistério em Tagasta, onde lecionou gramática, e em Cartago, Roma e Milão, onde ensinou retórica.

Embora sua mãe, Santa Mônica, tivesse tentado convertê-lo desde cedo, Agostinho viria a se tornar cristão apenas na maturidade. O marco inicial da evolução intelectual de Agostinho foi a leitura do *Hortensius*, de Cícero, que o despertou para a filosofia e abriu caminho para que viesse a buscar outras fontes de sabedoria, posteriormente. Uma dessas fontes foi o maniqueísmo, ao qual aderiu na busca de uma explicação racional para a origem do mal, mas, após alguns anos, afastou-se da doutrina, por não estar satisfeito com as respostas que havia obtido. Seu processo de conversão ao cristianismo foi amplamente influenciado pelo contato que teve com Santo Ambrósio, na época em que ensinava retórica em Milão. Foi o próprio santo quem batizou Agostinho, em 387.

Já no ano de 391, foi ordenado presbítero em Hipona e, quatro anos depois, tornou-se bispo-coadjutor daquela cidade, tendo passado a titular com o falecimento de Valério, bispo diocesano. Veio a falecer, após sua mãe e seu filho Adeodato, em Hipona, outra cidade númida (também na atual Argélia), em 430, aos 75 anos.

A obra de Santo Agostinho é imensa. A lista chega à casa das centenas. São consideradas as mais importantes *De Trinitate* (*Da Trindade*), *De Civitate Dei* (*Da Cidade de Deus*) e *Confessiones* (*Confissões*). Em português, hoje, porém, é inexpressiva a quantidade de textos da autoria de Santo Agostinho que se pode encontrar.

A biblioteca dos monges de Alcobaça foi a que reuniu o maior número de obras manuscritas firmadas com o nome de Santo Agostinho (Martins, 1955a:170).

Resistiu ao tempo, desde a Idade Média, apenas um livro do Bispo de Hipona em português medieval. É a *Regra de Santo Agostinho*, “e

mesmo assim trata-se mais dum arranjo do que duma obra original" (Martins, 1955a:172).

Pode-se depreender a importância de Santo Agostinho como escritor, principalmente, da influência de seus escritos sobre a fé cristã, mas, talvez, não seja menos relevante observar a quantidade e a qualidade das obras que circularam com seu nome sem terem sido verdadeiramente escritas por ele: o plágio é uma das mais significativas formas de elogio. Segundo o padre Mário Martins, foram produzidos cerca de vinte e quatro livros e um sem-número de cartas e sermões com o nome do santo hiponense (Martins, 1955b:520).

Dos apócrifos que foram traduzidos para o português arcaico, a partir do latim, chegaram ao presente apenas dois: (1) a tradução de *Soliloquia Animaæ ad Deum* (*Solilóquios da Alma com Deus*), contida no códice alcobacense 198; e (2) a tradução de *Meditationes* (*Meditações*), contida no códice ALC 212.

2. Breve descrição do códice ALC 212²

O códice ALC 212 da Biblioteca Nacional de Lisboa, outrora o códice CCLXXIV da Livraria de Alcobaça, compõe-se de 281 fólios de papel com dimensão média de 304 x 215 mm. A mancha faz uso de pouco mais de 50% da área disponível, tendo a dimensão de 215 x 150 mm e comportando um número de linhas que varia de 30 a 39. Encontra-se em mal estado e faltam fólios no princípio e no fim.

A letra é classificada como cursiva dos fins do século XV por Martins (1955b:520), Silva Neto (1956:79) e Askins *et al.* (2002); Amos (1988-1990:112) a classifica como *littera gothica hybrida currens* do XV e observa que possui características de cursiva.

O códice contém três textos: 1) entre os fólios 1r-79v, está a tradução do *De Institutis Coenobiorum*, conhecido como *Estabelecimentos dos Mosteiros* e, alternativamente, chamado de *Doze Livros das Instituições Monásticas* ou, ainda, *Instituições Cenobíticas*, cujo autor é João Cassiano; 2) entre os fólios 80r-251v, está o *Orto do Esposo*, anônimo; e 3) entre os fólios 251r-281v, está a tradução do texto latino *Meditationes*, de que se trata aqui.

² A descrição apresentada aqui foi feita a partir de dados extraídos de Silva Neto (1956), Cepeda (1995), Amos (1988-1990) e Askins *et al.* (2002).

Especificamente com relação ao texto que é objeto da presente edição, pode-se perceber duas foliações, ambas em algarismos arábicos, tendo uma delas sido feita fólio a fólio e a outra aparecendo apenas nos fólios 251r, no 261r e no 281r. A foliação fólio a fólio tem sua contagem adiantada em uma unidade em relação à outra: os fólios citados há pouco equivalem aos 252r, 262r e 282r, respectivamente. Vale a pena acrescentar, ainda, que a primeira das foliações aqui citada apresenta repetição da numeração 282 e que a foliação utilizada como referência pelos estudiosos – procedimento adotado também aqui – é sempre a outra, aparentemente, a mais antiga.

O texto em português não leva título e os catálogos mais抗igos, de Antônio Anselmo – *Inventário dos Códices de Alcobaça* – e de Ataíde e Melo – *Códices Alcobacenses da Biblioteca Nacional* – listam o texto do pseudo-Agostinho sob o nome *Orações e Meditações Religiosas* (cf. Martins, 1952:171), atitude seguida por Silva Neto (1956:79). No entanto, observando-se a *Patrologia Latina* (cf. Martins, 1952), tem-se a certeza de que o texto é uma tradução, feita a partir de um original latino. Basta observar o *incipit* de cada um dos textos: <*O Senhor • deus meu • da • ao meu coração que te deseje e deseíandote • busque • e buscando/que te ache*>, “*Domine Deus meus, da cordi meo te desiderare, desiderando quarere, quaerendo invenire...*” (Migne apud Martins, 1952:172). A data provável do texto latino, segundo Martins (1952:172), é o século XV. No entanto, a obra foi composta por elementos de fontes mais抗igos, como, por exemplo, as *Confessiones*, do autêntico Agostinho, a *Confessio Fidei*, atribuída a Alcuíno, as orações e meditações de Santo Anselmo, o *Rhytmus de Gloria Paradisi*, páginas de João Fiscamensis etc. (Martins, 1955b).

3. Estudo da linguagem de Meditações

Não sendo o principal objetivo deste trabalho estudar a linguagem do texto editado, mas, sim, torná-lo disponível, não se tentou, aqui, fazer uma descrição exaustiva dos fatos lingüísticos encontrados. De qualquer forma, foram eleitos os que são comumente utilizados em estudos sobre o português em sua fase arcaica – como, por exemplo os feitos por Mattos e Silva (1994) e por Maia (1995) –, com o estrito objetivo de estabelecer um *terminus a quo* para o texto aqui editado.

Os fatos eleitos dizem respeito ao comportamento de pronomes e conjunções, e foram os seguintes: (1) demonstrativos *isto*, *isso* e

aquilo; (2) possessivos *ma*, *ta* e *sa*; (3) conjunções *ca* e *pois*; e (4) conjunções *pero*, *porém* e variantes.

3.1. Demonstrativos *isto*, *isso* e *aquilo*

No sistema pronominal do português arcaico, havia as formas *esto*, *esso* e *aquele*, que, depois, por metafonia, resultaram nas formas *isto*, *isso* e *aquilo*, ainda utilizadas no português contemporâneo. A presença dessas formas metafonizadas indicariam um período mais recente do português, no entanto, elas não ocorrem sequer uma vez no texto. Há, sim, 13 ocorrências de *esto*, 2 de *esso* e 35 de *aquele*.

Com base nessa observação, é possível admitir que a linguagem de *Meditações* pertence ao século XIV, pois as formas metafonizadas ainda não ocorrem no *Livro das Aves* (séc. XIV).

3.2. Possessivos *ma*, *ta* e *sa*

Segundo Coutinho (1976:258), “na língua arcaica, tiveram os possessivos formas diferentes no feminino, segundo eram tônicos ou não. Cedo, porém, as formas átonas desapareceram da língua culta”. As formas dos possessivos femininos que possuíam correlatos tônicos e átonos eram, respectivamente: *minha/ma*, *tua/ta*, *sua/sa*.

Nas *Meditações*, os pronomes possessivos femininos comparecem na quantidade de 581³: 239 casos de 1^a pessoa, 79 de 2^a pessoa e 263 de 3^a pessoa, perfazendo 73 formas plurais e 508 formas singulares. Todos os dados incluídos nessa contagem são de pronomes proclíticos tônicos, não se tendo, pois, registrado a ocorrência de nenhum dos referidos proclíticos átonos *ma*, *ta* ou *sa*.

Com base nos dados apresentados *supra*, pode-se dizer que a linguagem do texto pertenceria a meados do século XV, pois os pronomes átonos aqui referidos já não ocorrem na *Imitação de Cristo* (1468) e já se encontram em decadênciam no *Leal Conselheiro* (1435) (Mattos e Silva, 1971).

3.3. Conjunções *ca* e *pois*

O *ca* foi uma das poucas conjunções arcaicas do português que provieram do latim: *quia*, tornado *qua*, possuía valor explicativo e

³ Obviamente, essa soma diz respeito apenas aos pronomes *minha(s)*, *tua(s)* e *sua(s)*, dos quais se procurou, aqui, os correspondentes arcaicos átonos.

significava “porque”, “uma vez que”. Num determinado momento da história da língua, *ca* passou a coexistir com *pois*, que, originalmente tendo valor temporal – sua etimologia é controversa (cf. Houaiss, 2001) e o mais provável é que tenha advindo do latim *post* – e significando “após”, “em seguida”, passou a ter valor explicativo, significando, também, “porque”, “uma vez que”. O valor temporal de *pois* foi mantido na locução conjuntiva *depois que* e o *ca* foi, progressivamente, caindo em desuso.

A conjunção *ca* ocorre somente 3 vezes em toda a obra⁴. A conjunção *pois* ocorre 9 vezes⁵, das quais 7 aparecem juntamente com *que* na locução *pois que*. Em todas as ocorrências, tanto de *ca* quanto de *pois*, pode-se perceber apenas o valor explicativo. Além disso, constatou-se que a locução *depois que*, de valor temporal, ocorre 8 vezes.

A ausência de *pois* temporal e a correlativa presença de *depois que* com esse valor e o maior número de *pois* explicativo em relação ao de *ca* com esse mesmo valor permitem concluir que *Meditações* seria um texto do XV, pois nesse século, além de ter havido o desaparecimento do *pois* temporal, o *depois que* avançou sobre o mesmo e passou a expressar esse valor (Olinda, 1991). Além disso, não parece haver equilíbrio entre o uso de *ca* e *pois*, que teria acontecido no século XV, segundo Olinda (1991): o *pois* ocorre três vezes mais que o *ca*. Isso talvez aponte para o final XV, quando o *ca* estaria mais próximo do desuso, que se deu no séc. XVI (Olinda, 1991). Na *Crônica de Dom Pedro*, 5,7% das ocorrências de *pois* tem valor temporal. Já se viu que nas *Meditações* a esse valor corresponde 0% dos casos e, portanto, pode-se dizer que sua linguagem é posterior a 1430-40 (Amado, 1993).

3.4. Conjunções *pero* e *porém*

Segundo Coutinho (1976:270), “os compostos *pero* e *porende*, que eram sinônimos, significavam primitivamente *por isso*”. *Pero* (e suas variantes, das quais *empero*) advém do latim *per hoc* e teve seu valor conclusivo-explicativo original substituído pelo adversativo, até deixar de ser usado. *Porém* (e suas variantes, das quais *porende*), derivado do latim *pro inde* (“assim”, “portanto”, “pois”, “por conseguinte”), também teve seu valor conclusivo-explicativo substituído pelo adversativo, sendo apenas este o que subsiste no português atual.

⁴ São elas: <*ca*> (ls. 1148, 1916) e <*Ca*> (l. 1759).

⁵ São elas: <*pois*> (ls. 97, 671, 948, 1260), <*Pois*> (ls. 579, 671), <*poís*> (l. 808), <*poys*> (l. 1082), <*poýs*> (l. 1957).

A conjunção *pero* comparece apenas 3 vezes nas *Meditações*⁶; a seu lado, no entanto, ocorre 44 vezes a variante *empero*⁷. Em todas as suas 3 ocorrências, *pero* possui valor adversativo, o mesmo ocorrendo com sua variante *empero*. A conjunção *porém* ocorre 7 vezes ao longo da obra⁸. Delas, apresentam valor adversativo 2 (28,57%) e conclusivo-explicativo 5 (71,43%) casos.

Segundo Mattos e Silva (1984), na *Imitação de Cristo* todas as ocorrências de *pero* (e variantes) têm valor adversativo. Situação similar ocorre nas *Meditações*, o que sugere a segunda metade do XV como data para sua linguagem. O fato de haver menor freqüência de *porém* adversativo nas proporções supracitadas sugere, também, uma data próxima à da *Imitação de Cristo* (de 1468).

3.5. Conclusão

O exame dos últimos três dos quatro fatos acima descritos permite estabelecer como *terminus a quo* para o texto *Meditações* uma fase posterior a meados do século XV, pois: (a) não há pronomes possessivos femininos proclíticos átonos; (b) há maior freqüência no uso de *pois* (em relação a *ca*); (c) não é usado o *pois* com valor temporal; (d) há presença significativa de *depois que* como substituto de *pois que* na mesma função; (e) há a presença de *porém* com valor adversativo (em número menor que com valor conclusivo-explicativo); e (f) há a ausência de *pero* com seu valor semântico etimológico.

⁶ São elas: <*pero*> (ls. 210, 1068) e <*Pero*> (l. 777).

⁷ São elas: <*empero*> (ls. 219, 248, 1139, 1276), <*em pero*> (ls. 723, 759, 1112, 1397), <*enpero*> (ls. 367, 564, 623, 782, 785, 789, 827, 867, 1174, 1175, 1179, 1223, 1232, 1379, 1536, 1563, 1670, 1671, 1893, 1921), <*Enpero*> (ls. 582, 765, 792, 868, 871, 1111, 1142, 1910), <*en pero*> (l. 1259, 1391-2) e <*ẽ pero*> (l. 42, 46, 250, 345, 778, 810).

⁸São elas: <*porem*> (ls. 1273, 1780), <*POrem*> (l. 599), <*porẽ*> (l. 444, 493, 1862), <*Porẽ*> (l. 184).

4. Edição das Meditações

4.1. Tipo de edição

A escolha do texto a ser editado foi feita com base em sua disponibilidade⁹ e em seu ineditismo; já a escolha do tipo de edição se fundamentou em considerações mais abrangentes.

Na atividade de edição de textos medievais, há duas atitudes possíveis e extremas, entre as quais pode haver uma série de nuances. São a *conservação* e a *modernização*. A opção por cada uma delas será tanto mais inteligente quanto maior for a compreensão que se tiver a respeito do campo bibliográfico¹⁰ do texto em questão. Castro & Ramos (1986: 113), em considerações feitas sobre o assunto, listam quatro condições que, quando reunidas, resultam na composição de um campo bibliográfico satisfatório. São elas: a) a condição do *texto*; b) a condição do *público*; c) a condição das *edições*; e d) a condição das *lacunas*.

Uma vez que, até então, não havia sido feita nenhuma edição do texto *Meditações*¹¹, pode-se dizer que seu campo bibliográfico encontra-se vazio (ou quase, poder-se-ia dizer), não havendo, portanto, como levar em conta as condições das *edições* e das *lacunas*. Dessa forma, as considerações voltaram-se para o reconhecimento da condição do *público*, ou seja, para a identificação dos leitores potenciais, e da condição do *texto*, isto é, do tratamento editorial adequado para tais ou quais características do mesmo.

O inventário de leitores potenciais para o texto *Meditações* é vário (interessa ao historiador, ao religioso, ao filólogo, ao lingüista etc.) e, sabemos que o tratamento editorial deve ser realizado em função da relação texto-leitor. Considerando que não há campo bibliográfico do referido texto, optou-se por iniciar sua formação a partir da disponibilização de um texto mais conservador, que pudesse ser explorado como material de análise lingüística. E o principal fundamento para essa decisão

⁹ Trabalhou-se, na edição de que se fala aqui, simultaneamente com o texto microfilmado, tornado disponível pelo Prof. César Nardelli Cambraia, e com a impressão fotográfica feita pelo sr. João Mordente, a partir do mesmo microfilme.

¹⁰ A definição do termo por seus próprios autores: “*Campo bibliográfico* é a designação que propomos para um conjunto estruturado de unidades bibliográficas (livros impressos), organizados em torno de determinado texto: o campo de um texto é o grupo formado pelas edições existentes desse texto” (Castro & Ramos, 1986: 112).

¹¹ Foram editados alguns excertos do texto em Martins (1952, 1955a, 1955b); no entanto, não há notícia de edição completa.

é o fato de que, a partir de uma edição dessas, que procura manter o máximo possível das características do original, pode ser feita, por exemplo, uma edição interpretativa, operação que não poderia ser feita na ordem inversa.

A edição semidiplomática mostrou-se a opção mais adequada, por colocar em proporção conservação e abrangência: embora não seja o tipo de edição mais conservador, uma vez que manifesta intervenções editoriais – ainda que *explícitas* –, pode ser utilizada por um número maior de leitores – justamente em função das intervenções feitas.

4.2. Normas de edição

Com relação aos critérios utilizados na presente edição semidiplomática, pode-se dizer, em linhas gerais, que se pautaram por duas diretrizes principais: rigor e explicitude. Tentou-se manter o máximo das características do original e, ao mesmo tempo, indicar toda e qualquer intervenção editorial. Tal atitude tem por fundamento a crença de que cada um dos elementos presentes no manuscrito possui valor e, ainda que num dado momento este não possa ser depreendido, deve ser preservado e transmitido, a fim de que, com a evolução dos estudos lingüísticos e a ampliação dos *corpora*, possa ser.

Para a elaboração dos critérios adotados na presente edição de *Meditações*, buscou-se subsídios em Cambraia (1999, 2000), em que foi possível encontrar, além de justificativas detalhadas para a adoção de tais ou quais critérios, argumentos a favor da adoção da edição semidiplomática como a mais adequada para o uso de lingüistas.

A seguir, são relacionadas as normas adotadas nesta edição:

TRANSCRIÇÃO: Uniformiza-se, na transcrição, todos os alógrafos, exceto no caso de *u* e *v* e no caso de *i* e *j*.

CAPITALIZAÇÃO: As maiúsculas e minúsculas são mantidas tal como aparecem no manuscrito. Qualquer tipo de ornamentação, como o feito em letrinas, é desconsiderado na transcrição. As maiúsculas capitulares são transcritas em negrito e indicadas em nota. Maiúsculas escritas em módulo menor são transcritas como maiúsculas e minúsculas escritas em módulo maior como minúsculas.

DIACRÍTICOS: Os diacríticos do manuscrito são representados na transcrição. Os grafemas *i* e *j* são transcritos com pingo, ainda que apareçam sem o mesmo no original. A posição dos diacríticos em relação às letras levou em conta sua extensão: quando cobre mais de uma vogal no original, é colocado sobre cada uma das letras transcritas.

ABREVIATURAS: Todas as abreviaturas são desenvolvidas, sendo as letras acrescentadas indicadas por itálico. Para desenvolver as *abreviaturas por sinal geral*, tomam-se por base as formas desenvolvidas existentes no texto, adotando-se a mais freqüente delas no caso de haver mais de uma opção. Para desenvolver as *abreviaturas por sinal especial*, colocam-se em itálico as letras acrescentadas (ou que sejam substitutas de sinais com significado absoluto ou relativo). Para desenvolver as *abreviaturas por letras sobrepostas*, faz-se o acréscimo, em itálico, das letras omitidas e transcrevem-se as letras sobrepostas em posição normal.

PONTUAÇÃO: Todos os sinais de pontuação (ponto <•>; ponto cortado por barra inclinada </>; dois pontos <:>; barra inclinada </>; e traço horizontal <->) presentes no texto são mantidos na transcrição. É feita separação entre as letras e os sinais de pontuação com um espaço simples, mas não entre um sinal de pontuação e outro seqüente, ou seja, nos casos em que ocorre combinação de sinais.

SEPARAÇÃO VOCABULAR, PARAGRAFAÇÃO E TRANSLINEAÇÃO: São mantidas a separação vocabular original, a paragrafação original e a translíneação original.

NUMERAÇÃO DE FÓLIOS E LINHAS: A numeração dos fólios é feita em algarismos arábicos e disposta entre colchetes simples no centro horizontal de cada página com a indicação da face (*r*, *recto*, ou *v*, *verso*). Como no manuscrito há mais de uma foliação, foi adotada a que aparece sinalizada em apenas três fólios do manuscrito, quais sejam o 251, o 261 e o 281. As linhas são numeradas de maneira contínua, de 5 em 5.

IDENTIFICAÇÃO DE LIÇÕES DIVERGENTES: Destaca-se, em nota de rodapé, diferenças entre a lição do padre Mário Martins e a apresentada aqui: após a abreviatura MM (seguida da data da edição entre parênteses), é indicada a lição do referido autor. Divergências decorrentes da adoção de normas de transcrição diferentes são desconsideradas.

INTERVENÇÕES EDITORIAIS: Assinala-se todas as inserções ou supressões do editor. As inserções por emenda ficam entre colchetes simples []; as por conjectura, dedutíveis do contexto, são delimitadas por parênteses angulados simples: <>. As supressões por conjectura vêm entre chaves: { }; as homeotelêuticas, entre colchetes duplos: [[]]. Passagens de leitura duvidosa são colocadas entre parênteses redondos: (); as de leitura impossível, entre colchetes simples antecedidos por uma

cruz: dentro dos colchetes, o número de pontos representa o número estimado de grafemas ilegíveis: † [...].

CORREÇÕES DO COPISTA: Assinala-se todas as correções feitas pelo copista. Indica-se diferentemente as inserções interlineares e as marginais. As primeiras são colocadas entre parênteses angulados duplos: <<>>, no ponto assinalado no manuscrito; as outras, entre chaves dentro de parênteses angulados: <{| }>, também no ponto assinalado no original. Ainda com relação à inscrições na margem, quando são feitas sem referência explícita a uma passagem específica do texto, são transcritas em nota, caso em que se utiliza a barra vertical para indicar mudança de linha: |.

4.3. Texto da edição semidiplomática e fac-símile

A seguir, apresenta-se uma pequena parte da transcrição¹² feita segundo os critérios anteriormente listados. São apresentados também os fac-símiles dos mesmos fólios do códice ALC. 212 transcritos aqui, feitos a partir de impressão fotográfica microfilme, para ilustração e conferência.

¹² O texto das *Meditações* foi integralmente editado em Mordente (2003).

[fol. 251r]

O Osenhor¹³ • deus meu • da • ao meu coraçom que te deseje e
deseíandote • busque • e buscando / que te ache e achando •
te ame e amandote os meus • malles • seíam perdoa •
dos • e aos perdoados • nô torne // Da • senhor • ao meu
coraçom • contriçom despiritu • e fonte dellagrimas • de esmolla • <Inos meus olhos e lagrymas>¹⁴
aas minhas • māaos • // O<<o>>meu • rrey • apaga em mȳ • os • deseños dacarne
e açende¹⁵ ē mȳ • offogo • doteu amor • Oo rrímijor • meu llança • de
mȳ • ho sp̄iritu dassoberua • Oo misericordioso outorgame othesouro da •
tua humildade • Oo • ssalluador • meu quita • demȳ • assanha • da ýra •
Oo benígo outorgame • mansídōē • de paçiençia • // Criador • meu
arrínca • de mȳ • orrancor • do coraçom • e dame dollcidōē da vōdtade • Eamȳ
piádoso • padre dame firme ffe / e asperança • conuínhaell • e caridade • con
tinua • Críador • meu arreda • de mȳ auaydade • da uōdtade • afraqueza do
caraçom • odescruso • sem proll • do entíndimento • ho mujto • sfallar • daboca •
ho leuantamento • dos olhos • ho enchimento douentre / ho doesto dos próximos
os pecados • das murmuracões • ho proýdo e [[el]lo grande deseío / das cou
sas sem proll • acobijça das • Riquezas • ho esbulho • per poderios • ho ape
tito da uāa gloria • opecado da ýpocresia / ho ueermem das • louuamínhas •
ho despreçamento • dos mȳguados • ho subfugamento • dos • fracos / ho ardor •
da • auareza • afferrugem • da em ueía • Ea morte da bllasfemía //
Oo meu • feitor • tira demȳ • amallíciosa • ssandice • adesrezada • per •
ffia • ho trabalho no mall • auçiosidade // ho muýto dormir / apreguiça •
ho b(o)tamento¹⁶ do entíndimento / acegueýra • do coraçom • ho em duramento • dosse
ntímento • ho conrronp*<i>mento* • dos • bôos • custumes • adesobediençia dobē • /
acontradicom do bôó com selho • o ssaltamento • dallíngua • orroubamento • dos pobres
afforça • contra aquelles • que mais pouco • podem / ho do esto • dos semcull
pa • ho esqueçimento dos ssodítos abraueza • contra os dacasa • e acruel
ldade contra • os • seruído<<re>>s¹⁷ • // Oo meu deus eminha • ssaude • rrogote polo
teu amado filho • que medes • as • obras • demisericordia • e os estu
dos dapiedade e auer • compayxom com os • afflytos • e acorrer • aos •

¹³ MM (1952): semhor.

¹⁴ MM (1952): de llagrimas aos meus olhos e [liberalidadel] de esmolla

¹⁵ MM (1952): em nota: "Deve ser açende, talvez"

¹⁶ O <o> parece ter sido feito a partir de um <a> já escrito.

¹⁷ Acréscimo por punho distinto?

252

251



Venho. Et meu. Da. ao meu roçam. que te desfa e
 desfundo. busque e bustando que te desfe e desfundo.
 te ame e amandore de meus. malleos. riam. perda
 des. e dei perdade. no torne. Da. señor. do meu
 roçam. etom. despi. e fome. d'laginas. de emolla. magollas
Laginas.
 acr. minhas. mias. Oineu. my. apaga em my. co. desios. bacana
 e ascend e my. offego. Atou. dinoz. Oo. nimydr. meu. lince. de
 my. Co. spu. da. polariu. Oo. misicordios. outerfane. offesou. da
 ma. humildade. Oo. saluad. meu. quia. Am. affanga. diaja.
 Oo. benigio. outerfane. mansidoe. dpatencia. Criador. meu
 apaga. A my. orjante. Do. roçam. e dñe. Almud. da. testad. Eam
 pado. pade. dme. firme. ffl. e affanga. guinhauell. e caridade. g
 lumia. Quadre. meu. apaga. demy. auayad. ducidade. affaqueza
 roçam. desfuso. sem. proll. Do. entindim. go. myro. fflas. dloca.
 Do. levanham. das. olhos. go. enxim. to. ducente. Go. desfo. das. prama
 es. peades. das. mui. mui. roços. Go. proydi. e co. grande. deseo. das. rou
 fas. sem. proll. acolha. das. tiquezas. Go. esbulho. per. poderios. Go. apu
 hto. dantur. ffla. opeado. de. puctia. Go. idem. das. lounamigas.
 Go. desprecam. das. miquida. Go. scusugim. Da. frato. Go. ador.
 da. alayez. affequim. da. em. uia. Ea. morte. da. classmid.
 Do. meu. fent. tira. demy. amalhicio. Mandie. desprezada. per.
 ffla. Go. tralhse. no. matt. augiosada. Go. myro. drunz. appiqua.
 Go. letam. de. entindim. acqueyra. Da. roçam. Go. em. dujam. desfe
 ntimente. Go. consunym. das. das. custumes. des. oldienca. des
 agnitudon. das. con. fgo. offultam. d'lingua. offulam. das. roçes
 affora. g. aquelles. que. mias. puco. ptem. Go. de. esto. das. senrat
 pa. Go. chuecim. das. mddito. abrauzga. g. co. delesa. e. laquel
 laud. gta. co. fundo. Do. meu. ds. e. minha. Mandie. hogote. polo
 ten. amado. filho. que. medes. ac. obras. demis. cordas. e. os. estu
 das. d'apiedad. e. duc. graxom. tom. os. afflita. e. acopar. aco.

[fol. 251v]

mezquínhos • e aos mínguados • *conssollar* • os tristes • *comfortar* os chorosos •
relleuar • os • dírribados • rreqriár • os • pobres • quitar • aos • deudeores •
perdoar • aos que me erraron • amar • os • que me mall querem • fazer •
boas • obras • aquem me ffez maas • nô desprezar • nem hûû homê
mais honrrallo • seguir • os bôós • arredar me dos maaos • abraçar¹⁸ • <[as]>
uitudes • e llançar os pecados • auer paçuencia nas cousas • *contrayras* •
e guardar aboca poer • porta • decarramento • aos meus beiços • Edespreçar •
as cousas • terreaaes • e • desejar as Çelest<<i>>ááes :-//
Esguarda¹⁹ meu fazedor muýtas cousas terrogo e conheço
que mereço muý poucas •// Emízquinho demý que
nô tam ssôómente nô me deues dar • os bêës que te pe
ço mais deues me dedar • muýtos e singulares torméto • ë pero me
esforçam e *conssollam* os pubrícios pecadores E[[e]] as maas molhe
res • e os • lladrôões • os quaaes • subpitamente som líures • das queixa
adas do ýmýgo • / e som rrceebidos • no seo dopastor • Tu Senhor •
que es *deus* ffazedor detodas as couas • ë pero que em todas as tuas
obras es marauílhosos • mais deues • séér críudo no • facto • dapiedade
// Lide ty méésmo per hûû teu seruo que diseste as • ssuas miséri
cordias som ssobre todas • ssuas obras e assy como se fallases •
de cada hûû doteu pobôô • *confíffiamos* que diseste certamente • aminha
mísericordia nûca arredareí dell • Eporque nô despreças nem lanças
fora • nem auoreçes nem hûû senom per uentuira • osandeu que a
atý despreza • pareçe que aínda • que sejas ýrado nô feres mais • a
aqueles que te assanham • seademâdarẽ logo lhes • perdoas •//
Oo meu *deus* • allteza daminha • ssaude e meu rrcebedor eu des •
auínturado • te assanhei eu som aquell • que mall fiz ante ty • eu
atua • ssanha • ffiz vîjr • eu mereçí atua ýra • ou arrequirí • e tu
asso freste • fallo e aínda • me soportas •// Esemepesa logo me perdo
as • seme torno logo me rrcebes • demais ë quanto eu nô uenho •
tu me as peras • e écaminhias oque erra • mudas ë bem oque a
aos teus mädados • *contra* diz • aguardas otardínheiro • acabas aquell
que setorna • ë sínas oque nom ssabe affgas oque chora • aleuã

¹⁸ Antes desta palavra há rasura de duas letras.

¹⁹ <E> capitular, em tinta muito apagada.

mezquinhos. e aos minguados. offolar os tros. confortar os chorosos.
pellucir os díspidos. pregar os pobres. quitar aos duendes.
verdar aos que me engajam. marcar os que me mal me querem. fazer
casas. obre aquem me fiz mais. no despezar. nenhun homen
mais honraria. figurar os brios. apadrinar de mados. abacar
lindas. e lances. os peccados. auer pacencia nas causas. rir,
e guardar abra o porto. acaprar. dos meus bicos. Edificiar.
as causas terpidas. e desfaz as Coleffâncias!—

S guarda meu fôlder muitas causas terpidas e congeadas
que meço muy putas. Emiquinho Lemys que
no tam somente no me deues dar os ledes que te peço
e mais deus me deder. muitos e singulaires. tormentos e po me
desperdiçar e offolar os publicos recaudos. E os meus moçes
jub. e os clãs. os quales. suspiram som luyres das que
aduo de jingos e por n'oblidou. no se desistor. Tu Denhor.
que os de fazeis de todos as causas. e po que em todos as tuas
obrigas e magulhos. mais deus. fecto frundo no aio. supedita
lhe tu mesmo per hui ten suo que diste as suas misericordias som sobre todos. suas obregas assy como se falla. e.
de cada qui dotei polo. offramos que diste certas. amiga
misericordia nra apedrei dell. Enq' no despego nem lancas
foga. nem auorce nem hui senor per ventura. ostendu que a
ary de fopeza. parece que amea. que se ho vido no fiz mais a
aqueles que te assangam. sedimais. logo hea perdida.
Do meu de altra dâmina. flande e meu herde de eu de
aventurado. to assangri eu som ayl. que mal fiz amar tu. eu
atua. flanga. fiz vyz. eu mehei atua vyn. ou appequihi e tu
assy feste. fillo e andu. me separas. Esmeralda logo me perdo
de fome torto logo me hechis. de mal e quanto eu no uichgo.
tu me as pegas e dâminhas oque era. mudas e demostre a
aos teus maledicis. gr' d'z. aqueldas otardinhas. ambedas agas
que setorna. e mas oque nom li'be offagio oque cosa. etc.

Referências bibliográficas

- AMADO, TEResa. Crônica de D. João I. In: Lanciani, Giulia & TavaNI, Giuseppe (Orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993 *apud* Cambraia (2003).
- AMOS, Thomas L. *The Fundo Alcobaça of the Biblioteca Nacional, Lisbon*. Collegeville (Minnesota): Hill Monastic Manuscript Library, 1988-1990. 3 vols.
- ASKINS, Arthur L-F *et al.* *PhiloBiblon*. Volume 2002, Número 3 (Outubro) (<http://sunsite.berkeley.edu/PhiloBiblon/phhm.html>)
- CAMBRAIA, César Nardelli. Subsídios para uma proposta de normas de edição de textos antigos para estudos lingüísticos. In: Rodrigues, Ângela Cecília de Souza, Alves, Ieda Maria & Goldstein, Norma Seltzer (Orgs.). *I Seminário de filologia e língua portuguesa*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999. p. 13-23.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Livro de Isaac*: edição e glossário (cód. ALC 461). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, 2000. (Tese, Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa).
- CAMBRAIA, César Nardelli. Reconstruindo a tradição medieval portuguesa do Livro de Isaac: estudo lingüístico comparativo das versões existentes. In: MIRET, Fernando Sánchez. (Ed.) *Actas del XXIII Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románica, Salamanca, 24-30 septiembre 2001*. Tübingen: Max Niemeyer, 2003. Vol. IV, p. 53-67.
- CASTRO, Ivo & RAMOS, Maria Ana. Estratégia e tática da transcrição. Separata de *Critique textuelle portugaise. Actes du colloque*, 1981. Paris: Fundação Calouste Gulbenkien-Centre Culturel Portugais, 1986.
- CEPEDA, Isabel Villares (Ed.). *A linguagem da "Imitação de Cristo"* [versão portuguesa de Fr. João Álvares]. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1962. (Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 14) *apud* Cambraia (2003).
- CEPEDA, Isabel Villares. *Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- HOUAISS, Antônio & Villar, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. Sociolingüística histórica e periodização lingüística: algumas reflexões sobre a distinção entre *português arcaico* e *português moderno*. *Diacrítica*, Coimbra, n. 10, p. 3-30, 1995.
- MARTINS, Mário. Os Solilóquios e Meditações do pseudo-Agostinho, em medievo-português. *Brotéria*, p. 168-77, 1952.

MARTINS, Mário. Santo Agostinho nas bibliotecas portuguesas da Idade Média. *Revista Portuguesa de Filosofia*. p. 172-176, 1955a.

MARTINS, Mário. As “Meditações” do cód. alc. CCLXXIV/212 e as suas fontes augustinianas e bíblicas. *Brotéria*, p. 520-27, 1955b.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *A mais antiga versão portuguesa dos “Quatro livros dos Diálogos de São Gregório”*. Edição crítica com introdução e índice geral das palavras lexicais. São Paulo: FFLCH-USP, 1971. 4 vols. (Tese, Doutorado em Letras) *apud* Cambraia (2003).

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Pero e porém: mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa*. *Boletim de Filologia*, Lisboa, Tomo XXIX, v. II, p. 129-151, 1984 *apud* Cambraia (2003).

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para uma caracterização do período arcaico do português. *Delta*, São Paulo, v. 10, n. Especial, p. 247-276, 1994.

MORDENTE, Leonardo Santana. *Meditações de Pseudo-Agostinho (cód. alc. 212): edição semidiplomática*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2003. (Monografia - Bacharelado em Língua Portuguesa e suas Literaturas).

OLINDA, Sívia Rita. *“Pois” e “ca”: mudanças semânticas e sintáticas no português arcaico*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1991. (Dissertação, Mestrado) *apud* Mattos e Silva (1994).

ROSEIRA, Abílio. Vida do cativo monge confesso. *Boletim de Filologia*, Lisboa, t. I, 1932.

ROSSI, Nelson; MOTA, Jacira Andrade; MATOS, Rosa Virgínia & SAMPAIO, Vera Lúcia (Eds.) *Livro das aves*. Reprodução fac-similar do manuscrito do século XIV, introd., leitura crítica, notas e glossário. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965. (Dicionário da língua portuguesa: textos e vocabulários, 4) *apud* Cambraia (2003).

RUSSO, Harald Joseph. *Morphology and syntax of the ‘Leal Conselheiro’*. Philadelphia: University of Philadelphia *apud* Cambraia (2003).

SILVA NETO, Serafim da Silva. *Textos medievais portuguêses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.

Pontuação e tradição manuscrita: análise comparativa de testemunhos medievais espanhóis

Maria Célia Romes de Lima^{*}

Introdução

O processo de cópia de manuscritos pode alterar a configuração do texto e, consequentemente, o seu sentido. São vários os fatores que podem gerar modificações durante a cópia, tais como omissões, rasuras, interpações, correções intencionais ou distrações involuntárias (Spina, 1994:87). Dentre os elementos sujeitos a modificação, há a pontuação.

A pontuação foi se transformando através dos tempos (Rocha, 1997:85): partindo da não-segmentação entre as palavras e ausência de marcas gráficas de pontuação na Antigüidade Clássica; passando pela utilização de sinais com duas funções – gramatical e pausal – na Idade Média e no Renascimento; e chegando à normatização das gramáticas, que permanece na atualidade.

A pontuação do século XV difere da moderna, tanto na forma dos sinais quanto no seu uso. Assim sendo, qual seria a lógica de seu emprego? E, se a cópia de um dado testemunho dessa época fosse feita alguns séculos depois, como seria tratada a pontuação?

A pontuação nos manuscritos

Para expor os problemas relacionados à pontuação, faz-se aqui um confronto de três cópias de um mesmo texto. O *Memorial de Jesucristo* é um texto medieval espanhol do século XV (1416), escrito pelo frei toledano Juan, el Viejo, que viveu durante o reinado de Henrique III de Castela. Serão objeto desse estudo os testemunhos da Biblioteca da Universidade de Salamanca (ms.1736, datado de 1443), da Biblioteca Nacional de Madri (ms. 4306, copiado entre 1425 e 1450) e

* Mestranda em Estudos Lingüísticos na Faculdade de Letras da UFMG.

da New York Hispanic Society (ms. HC380/502, copiado em 1818). Como é um texto inédito, realizou-se a edição semidiplomática dos excertos, observando-se os mesmos critérios para todos (cf. seção *anexos*).

Existe uma grande diferença na pontuação desses manuscritos, tanto na quantidade quanto na variedade de sinais. Para se constatar tal diversidade, fez-se o levantamento dos sinais registrados em um excerto do manuscrito de Salamanca (**S**) e dos excertos equivalentes dos outros dois testemunhos analisados aqui, o de Madri (**M**) e o de Nova York (**N**), obtendo-se o resultado abaixo:

Quadro 1: Sinais de pontuação por manuscrito

S (1443)			M (1425-1450)			N (1818)		
/	18	39,1%	/	2	50%	,	29	76,3%
.	9	19,6%		2	50%	.	6	15,8%
. /	9	19,6%	-	-	-	;	3	7,9%
//	9	19,6%	-	-	-	-	-	-
/. .	1	2,1%	-	-	-	-	-	-
Total	46	100%	Total	4	100%	Total	38	100%

Como se pôde observar pela ocorrência dos sinais de pontuação, a barra inclinada e sua correspondente moderna, a vírgula simples, são empregadas nos três testemunhos, representando a maioria das ocorrências em **S** (39,1%) e **N** (76,3%), e metade no de **M** (50%).

Em **S** registram-se basicamente dois sinais de pontuação: o ponto e a barra inclinada que, combinados entre si, totalizam cinco tipos. Em alguns contextos, dois sinais diferentes têm uma mesma função, como, por exemplo, o ponto e barra inclinada < ./> e a barra inclinada dupla < // >, que são empregados ora com a função do ponto moderno (cf. linhas 4, 5, 6, 8, 10, 13, 18 e 20 no anexo 1), ora com a função do ponto-e-vírgula moderno (cf. ls. 16 e 22 no anexo 1). **M** apresenta uma pontuação escassa, com longos períodos mediados por notas tironianas¹. E o mais recente, **N**, apesar de também conter períodos longos mediados por vírgulas e notas tironianas – muitas vezes empregadas simultaneamente – já demonstra uma modernização na forma dos sinais.

Do total de 46 ocorrências de sinais em **S**, a barra inclinada apresenta maior número de registros: 18 casos (39,1%); a barra inclinada

¹ As notas tironianas desempenhavam o papel da conjunção e.

dupla, o ponto e a combinação de ponto e barra inclinada registram 9 ocorrências cada (19,6%); e, com apenas 1 registro, a combinação de barra inclinada e ponto (2,1%) .

Em **M**, registram-se 2 casos com barra inclinada e 2 com barra inclinada e ponto, representando 50% cada.

Os sinais empregados em **N** perfazem 38 ocorrências, das quais 29 registros são de vírgula (76,32%), 6 de ponto (15,8%) e 3 de ponto-e-vírgula (7,9%).

Os fragmentos a seguir exemplificam a ocorrência desses sinais em **S**, **M** e **N**, respectivamente, a começar pelo ponto simples e, a seguir, pelos sinais combinados entre si. Pelo fato de os sinais não serem comuns aos três testemunhos e de se posicionarem em contextos distintos, algumas vezes serão apresentados fragmentos diferentes na exemplificação:

– barra inclinada < / > e vírgula < , >:

(1a) “enpero / es vna alma · / e vna # substancia” (**S**, ls. 17-18)²

(1b) “enpero es vna alma e vna sustancia / otrosy&” (**M**, l. 11)

(1c) “empero es una alma, è una sustancia.# E otrosi” (**N**, ls. 17-18)

– ponto < . >:

(2a) “enpero es vna . substancia / evn fuego // el #ascua” (**S**, ls. 20-21)

(2b) “empero es una # sustancia è un fuego. El ascua” (**N**, ls. 19-20)

– ponto e barra inclinada < ./ > e ponto-e-vírgula < ; >:

(3a) “el mal · / enpero / es vna alma · / evna substancia” (**S**, ls. 17-18)

(3b) “non quiero; empero es una alma, è una sustancia” (**N**, ls. 17)

– barra inclinada e ponto < /. >:

(4a) “ascua ençendida es asy com_o padre / . el res#plandor es ansy como fijo” (**S**, l. 21)

(4b) “en#tendimjento por que se entienda el bien e el mal /. voluntad por que quiero” (**M**, l. 10)

– barra inclinada dupla < // >:

(5) “enpero / es vna alma· / e vna # substancia // otrosy en el fuego veemos que quan#do” (**S**, l. 18)

² Para indicar a translineação, está sendo usado o sinal < # >.

A sintaxe

Passando à análise sintática, constata-se que os sinais de pontuação aparecem em diferentes contextos, como mostra o quadro que segue:

Quadro 2: Contextos em que se registram sinais de pontuação no interior de oração³

	S					N		
	/	. /	//	.	/.	,	;	.
Enumeração de elementos apositivos	4	1	-	2	-	6	-	2
Sujeito composto	2	-	-	-	-	1	-	-
Predicado nominal	-	-	-	-	-	1	-	-
Objeto direto	4	3	1	1	-	5	-	-
Predicado verbal	-	-	1	-	-	-	-	1
Entre adjunto adnominal e núcleo	-	-	-	3	-	-	-	-
Dentro de complemento nominal	-	-	-	1	-	-	-	-
Verbo de ligação (antes)	-	-	-	1	-	-	-	-
Predicativo do objeto	-	-	-	1	-	-	-	-
Total	10	4	2	9	-	13	-	3

Quadro 3: Contextos em que se registram sinais de pontuação na fronteira de oração⁴

		S					M		N		
		/	. /	//	.	/.	/	/.	,	;	.
Período composto por coordenação	As + sin. aditiva	4	2	3	-	-	-	-	4	3	-
	As + sin. adversativa	2	-	1	-	-	1	-	2	-	2
	As + sin. explicativa	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-
Período composto por subordinação	P + s. adj. apositiva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	P + s. completiva direta	-	-	2	-	-	-	-	2	-	-
	P + s. adverbial final	1	3	-	-	-	1	1	2	-	-
	P + s. adv. temporal	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-
	P + s. adv. locativa	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-
	P + s. adv. comparativa	-	-	1	-	1	-	-	2	-	1
Total		8	5	7	-	1	2	2	16	3	2

³ Não há ocorrência em M.

⁴ Abreviaturas: As = assindética; sin = sindética; P = principal; s. subordinada; adj. = adjetiva; adv. = adverbial.

A barra inclinada e a vírgula são os sinais que aparecem na maioria dos contextos, principalmente no final de períodos compostos; já o ponto simples está registrado apenas em **S** e **N**, sendo que no primeiro está sempre posicionado entre elementos dentro da oração e, no segundo, em final de períodos, seguido de palavra começada por letra maiúscula, como demonstram respectivamente os exemplos abaixo:

- (6) “*e spiritu santo vna substancia . una . esençia*” (**S**, l. 3)
- (7) “El ascua encendida es na # si como el Padre , e el resplendor ansi como el # Fijo , è el calor ansi como el Espiritu Santo . Em#pero” (**N**, ls. 20-22)

Verifica-se que por vezes o sinal utilizado nos testemunhos (no mesmo contexto) não é o mesmo ou não tem a mesma função, como pode ser visto abaixo – em **S**, emprega-se a barra inclinada dupla seguida de minúscula; e, em **N**, há um ponto seguido de maiúscula:

- (8a) “*enpero es vna · substancia / evn fuego // el # ascua ençendida es asy como padre*” (**S**, l. 20)
- (8b) “*empero es una # sustancia è un fuego. El ascua encendida es an # si como el Padre*” (**N**, l. 20)

Há também o registro de pontuação em um dos testemunhos e em outros não, o que pode ser comprovado comparando algumas passagens de **S** com qualquer um dos outros:

- (9a) “*creer la santa trínjdat / padre e fijo # / e spiritu santo vna substancia . una . esençia # diuinal · / non apartamiento en substancia*” (**S**, ls. 2-3)
- (9b) “*cre # er vn solo dios en trinjdat padre e fijo e spiritu santo vna sustança vna # esençia diujnal non apantamiento en sustança njn en ser saluo en vn seer creer e*” (**M**, ls. 2-3)
- (9c) “*sanc #ta Trenidat, lo qual es creer un solo Dios en Treni # dat, Padre è Fijo, è Espiritu Santo, una Sustan – # cia*” (**N**, ls. 2-3)

No processo de cópia, a redução de pontuação nos testemunhos analisados poderia estar relacionada a uma necessidade de completar o sentido do texto com a inserção de palavras ou até mesmo de expressões. Ou, fazendo uma análise inversa, haveria a redução de elementos textuais em favor do emprego da pontuação.

Confrontando os exemplos abaixo:

- (10a) “*a nuestra fe catholica es fundada # sobre creer la santa trinjdat / padre e fijo# / espiritu santo vna substancia . una . esençia*” (**S**, ls. 1-3)
- (10b) “*La nuestra fe catolica es fundada sobre creer la Santa trinjdat la qual es cre # er vn solo dios en trinjdat padre e fijo e espiritu santo vna sustança vna# esençia*” (**M**, ls. 1-3)
- (10c) “*La nuestra fe catolica es fundada sobre creer la sanc # ta Trenidat, lo qual es creer un solo Dios en Treni # dat, Padre è Fijo, è Espiritu Santo, una Sustan –# cia, una esencia...*” (**N**, ls. 1-3)

nota-se que em **S** há maior quantidade de sinais de pontuação, que desaparecem em **M** e há a inserção de uma oração. A oração inserida está presente em **N** – com a mudança de “*la qual*” para “*lo qual*”, além do registro de sinais de pontuação.

Os dados apresentados mostram que há algumas coincidências entre os excertos apresentados, como por exemplo, a supremacia de registro da barra inclinada e da vírgula; mostram também que há muitas divergências e que essas se manifestam de diferentes maneiras: pela distinção entre os sinais, tanto em forma quanto em número de ocorrências, pelos contextos em que se registram e pela maneira como se distribuem nos diferentes testemunhos. Observa-se que a diferença de pontuação entre o excerto de Salamanca (1443) e o de Madri (1425-1450) é gritante, pois o primeiro apresenta uma pontuação abundante e o segundo, escassa. E ambos são do mesmo século. Quanto ao de Nova York (1818), ao ser comparado com o de Salamanca, nota-se que há registro de pontuação em vários contextos comuns, ainda que seja de sinais diferentes.

O aprofundamento dessa análise requer que seja tomado como objeto de estudo maior número de fólios dos testemunhos, para que se verifique se haverá mudança no inventário de sinais e se as ocorrências se manterão nos mesmos contextos sintáticos ou não. Um número significativo de dados possibilitará que se façam afirmações mais precisas e aprofundadas a respeito do emprego dos sinais de pontuação em diferentes épocas.

Referências bibliográficas

- ROCHA, Iuta Lerche Vieira. O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. *Delta*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 83-118, fev. 1997.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poética/Edusp, 1994.

Anexos: Edições semidiplomáticas dos três testemunhos do Memorial de JesuCristo

Anexo 1 – Edição semidiplomática do testemunho de Salamanca

[fól. 72r]

a⁷ · *nuestra fe catholica es fundada sobre⁸*
 creer la *santa trínjdat* / *padre / e fijo*
/ espíritu santo vna substancia · una · esençia
diúnal · / *non apartamjento en substancia nñn* · en seer
 5 / *saluo vn seer // creer vn dios en tres per*
sonas · / *e tres personas en vn dios* · / *e deuemos*
creer // que cada vna destas perssonas non es
la otra / e que non de parte vna substancia // / e que assy
Sea verdat podemos lo veer por alguna seme
 10 *jança // veemos que en el sol ay · / rayo // / e claridat*
/ e calor e estas tres cosas como qujer que vna
non sean non departen vna · substancia del
sol // otrosy el alma razonable vna es / e ay
en ella / memoria / entendimjento / / e uolun
 15 *tad / memoria · / por que se mjenbre delas co*
sas passadas · / entendimjento / por que entienda .
el bien e el mal · / enpero / es vna alma · / e vna
substancia // otrosy en el fuego veemos que quan
do el ascua · es ençendida / es el · resplandor
 20 */ e el calor / enpero es vna · substancia / e vn fuego // el*
ascua ençendida es asy como padre / · el res
plandor es ansy como fijo // el calor es ansy
como spíritu santo // empero nñn el ascua ençendida

⁷ Há o espaço para uma letra capitular, com a letra de espera *l* à sua esquerda.

⁸ Há três linhas iniciais que não estão aqui transcritas.

Anexo 2 – Edição semidiplomática do testemunho de Madri

[fól. 3r]

La nuestra fe católica es fundada sobre creer la Santa Trinidad la qual es creer en solo dios en trinidad padre e hijo e espíritu santo una sustancia una esencia divinal non apartamiento en sustancia *njn* en ser salvo en un querer creer e en un dios en tres personas e tres personas en un dios e creemos que una de estas personas *njn* es la otra e que no parte una sustancia e que así sea verdad podemos lo ver por alguna semejanza veemos que en el sol ay rayo e claridad e calor estas tres cosas como quieren que una no sea non de parten una sustancia del sol otros del alma razonable una es e ay en ella memoria e entendimiento e voluntad / memoria por que se miembre de las cosas pasadas / entendimiento por que se entienda el bien e el mal / voluntad por que querido esto no querido empero es una alma e una sustancia / otros el fuego vemos cuando el ascua es encendida es el resplandor e el calor empero es una sustancia e un fuego el ascua encendida es así como el padre resplandor así como el hijo el calor así como el espíritu santo empero *njn* el ascua encendida

Anexo 3 – Edição semidiplomática do testemunho de Nova York

[fól. 5r]

La nuestra fe católica es fundada sobre creer la santa Trinidad, lo qual es creer un solo Dios en Trinidad, Padre è Hijo, è Espíritu Santo, una sustancia, una esencia divinal, no apartamiento en sustancia ni en ser, salvo en un Ser. E creer un Dios en tres personas, è tres personas en un Dios; E

[fól. 5v]

debemos creer que la una de estas personas no es la otra, è que no se aparte de una sustancia, è que así sea verdad, podemos lo ver por alguna semejanza. Vemos que en el Sol hay rayo, è claridad, è calor, è estas tres cosas, como quieren que una no sean, no parten una sustancia del Sol. E otros, el alma razonable una es, è hay en ella memoria, è entendimiento, è Voluntad; memoria por que se remiembre de las cosas pasadas, entendimiento porque entienda el bien, è el mal, è voluntad para discernir esto quiero, è esto non quiero; empero es una alma, è una sustancia. E otros, vemos el fuego cuando el ascua es encendida en el resplandor è el calor, empero es una sustancia è un fuego. El ascua encendida es así como el Padre, e el resplandor así como el Hijo, è el calor así como el Espíritu Santo. Empero nin el ascua encendida

Três fatos discursivos em textos da literatura de viagens

Célia Marques Telles^{*}

Entre os gêneros da literatura de viagens destacam-se os *roteiros de navegação*. Esses roteiros trazem informações que servem aos pilotos e aos mareantes para indicação das derrotas a serem seguidas. Seu discurso é caracterizado pelo aconselhamento e pela advertência ao usuário. Assim, serão analisados no discurso dos *roteiros de navegação* três dos fatos discursivos que os marcam: a dêixis pessoal, a dêixis temporal e os marcadores do discurso. A análise focalizará momentos diferentes relativos à estrutura dos *roteiros de navegação* no século XVI, indo desde as estruturas mais simples (tema /rema) dos roteiros da costa até à complexidade dos roteiros oceânicos. Busca-se, desse modo, demonstrar como a crítica textual vem sendo auxiliada pelas novas vertentes dos estudos lingüísticos.

Filologia textual e lingüística histórica

Uma leitura do artigo de Kurt Baldinger, *L'objet de la linguistique: essai d'un modèle linguistique générale* (Baldinger, 1977), mostra a reflexão que este faz sobre a necessidade de se estabelecer um quadro geral que sirva de referência a um modelo amplo da lingüística que reúna, do melhor modo possível, todos os seus aspectos e os relacione entre si. Esse modelo deve abranger todas as orientações de pesquisa e todos os objetos de pesquisa nas diferentes correntes existentes, o mais geral que puder ser (Baldinger, 1977:379). Desse modo, o modelo proposto deve conduzir a um balanço das orientações da lingüística, levando ao aparecimento de multiplicidades de orientações na pesquisa. No último quartel do século XX preconiza que tal modelo deixa adivinhar as orientações possíveis do futuro e o centro de gravidade da pesquisa do amanhã (Baldinger, 1977:382). Essa perspectiva concretiza-se nesse

* Professora Titular de Filologia Românica na Universidade Federal da Bahia.

início do século XXI. É nessa direção que vão as preocupações com a qualidade do texto editado. Para a descrição de sincronias passadas toda documentação de que se dispõe é escrita.

Como os níveis de análise de língua alcançados em edições conservadoras não se restringem ao fonético, nos textos escritos podem ser detectados fatos morfológicos, sintáticos ou mesmo discursivos, provenientes da variante de fala do responsável pela *scripta*. As transcrições de dados da oralidade devem preservar as mesmas características.

A maioria das normas de transcrição de textos medievais tende a uma “adaptação do texto à ortografia vigente em nossos dias”, separando as palavras unidas, usando diacríticos, simplificando as grafias, desenvolvendo o til (sinal abreviativo) nas vogais nasais, pontuando o texto segundo o uso moderno! (Castro *et al.*, 1973; Silva Neto, 1956: 21-5).

Observações como as de Edith Pimentel Pinto de que as especificidades de cada texto condicionam necessariamente atitudes e requisitos também específicos por parte do editor prendem-se antes às especificações relativas ao enfoque filológico do que às normas de transcrição do texto. E é ela mesma quem esclarece: “Dispondo de uma formação intelectual adequada e da preparação técnica específica, o apurador do texto está habilitado a abordá-lo, para desvendar o mundo que ele encerra, e explicar, em notas, a sua leitura.” (Pinto, 1982:179). Anotações de caráter filológico, mas texto criteriosamente submetido a uma modernização.

O campo da filologia textual remonta ao conceito de letra corrente nos gramáticos quinhentistas, como se lê na *Gramática da lingoaagem portuguesa* de Fernão de Oliveira, o primeiro gramático da língua portuguesa. Adverte Fernão de Oliveira que o próprio de cada letra entende-se a particular pronúnciação de cada uma e que comumente chamamos aquela parte da pronúnciação e força em que se uma parece com a outra. Segundo Quintiliano, acrescenta ele, nisto consiste o saber ler, e mais que saber ler. Continua, então, Fernão de Oliveira dizendo ser verdade que, “se não tivermos certa lei no pronunciar das letras, não pode haver certeza de preceitos nem arte na língua”, e que “cada dia acharemos nela mudança, não somente no som da melodia, mas também nos significados das vozes, porque só mudar uma letra, um acento ou som, faz ou desfaz muito no significado da língua” (Oliveira, 1536, ed. 1975: [51-52]).

Desse modo, a letra, nos gramáticos quinhentistas, é a combinação da sua forma com o seu valor fonético, isto é, uma união grafema/fonema. Em filologia textual, a relação grafemático-fonética leva a duas

considerações relativas ao comportamento metodológico: a necessidade de se fazerem lições conservadoras nas edições dos textos manuscritos, a possibilidade de que tais lições permitem fazer-se uma descrição fonológica a partir da *scripta* dos textos.

Por outro lado, ainda que não seja imprescindível ao lingüista, a filologia textual é cada vez mais, comprovadamente, um instrumento de grande importância para o estudo lingüístico. Nesse momento é o texto que nos leva aos dados da língua. Desde os primórdios dos estudos da linguagem até finais do século XIX, tem sido o texto o documento dos fatos de língua. Desse modo, o método filológico apóia a análise lingüística, ao fornecer com critérios um texto fidedigno. Por outro lado, elementos lingüísticos do texto estabelecido permitem – e têm sempre permitido – estudar a língua aí documentada.

O estudo das relações grafemático-fonéticas que permite, a partir dos dados textuais, inferir a realização de alguns fonemas só é possível se a edição mantém fielmente a grafia do manuscrito. Assim, Ramón Menéndez Pidal pode afirmar sobre a língua da gesta *Roncesvalles*, datada do século XIII: “El lenguaje del fragmento en parte corresponde geográficamente al carácter de la letra del escriba; es decir, ofrece algunos rasgos propios de la región navarro-aragonesa.”¹ (Menéndez Pidal, 1976:21).

O texto é urdido através de um sistema de signos denominado língua e o estudo da língua é objeto da Lingüística. Esse é o ponto de intersecção entre as duas vertentes da Filologia Textual. Nessa direção, Roger Lass (1997:45) relembra as mais importantes informações fornecidas pela *scripta* de um texto: a natureza do sistema de escrita e as suas possibilidades de representação, o aspecto fonético e outras espécies de evidência do sentido dos grafos nos textos antigos, a implicação histórica do conservatismo dos sistemas de escrita face às mudanças, o uso das evidências métrica e rítmica, o testemunho dos foneticistas e gramáticos pré-modernos, os problemas suscitados pela divisão de palavras e outras convenções, o uso de algumas fontes como glossários e transcrições interlineares.

Esses elementos da *scripta* são os indícios que não podem ser esquecidos pelo filólogo, porque são eles que permitem o uso do texto

¹ Traduzindo: “A linguagem do fragmento em parte corresponde geograficamente ao caráter da letra do escriba; isto é, oferece alguns traços próprios da região navarro-aragonesa”.

para compreensão do momento cultural representado pelo texto (e pelo seu autor). Vale destacar que o mais importante é que se usem textos fidedignos, não nos esquecendo de que enquanto não dispomos de um texto fidedigno, todas as operações hermenêuticas e críticas podem tornar-se arbitrárias, intempestivas e inseguras como assinala G. Tavani (1988:53).

Os critérios de transcrição e de reprodução adotados devem levar em conta a especificidade dos manuscritos estudados, bem como a necessidade de se tornar esta transcrição o mais rigorosa e inequívoca possível, respeitando o movimento da escrita, suas hesitações, seus equívocos e as marcas dos incidentes caligráficos (Reis & Milheiro, 1989:201).

Essas considerações nos levam ao nível do estudo da escrita, a que N. S. Troubetzkoy, em 1935, em *Anleitung zu phonologischen Beschreibungen*, chamou “uma ciência pura da escritura” (1969:85-7)². A partir desse momento, aos poucos, desenvolve-se na lingüística uma vertente de estudos da escritura, isto é, que tem se encarregado do estudo do sistema gráfico das línguas escritas (Contreras, 1994). Tal nível de estudos tem sido denominado de várias maneiras: *grafognosia* por Claudio Rosales, *gramatologia* por Gelb (com sentido diferente daquele de Derrida), *grafologia*, *filografia*, *grafêmica* por Hall, *grafonomia* por Hockett, *grafemología* por Nikolaeva e Avram, *gráfica* ou *grafética* por Robins, *grafemática* por Alarcos Llorach (Contreras, 1994:123-4)³.

Em um artigo publicado na *Acta Linguistica*, em 1945, Josef Vachek (1966) diz que o estudo concreto das escritas, assim como o estudo concreto das línguas escritas, tanto quanto a pesquisa sobre a teoria da escritura e da língua escrita ainda se achava “na infância” e que poucas conclusões definitivas podem ser apresentadas no estágio em que se encontrava a pesquisa. Lembra, então que “writing is a system in its own right, adapted to fulfil its own specific functions, which are quite different from the functions proper to a phonetic transcription”⁴ (Vachek, 1966:157).

² Cf. N. S. TROUBETZKOY. *Anleitung zu phonologischen Beschreibungen*. Berne. Cercle Linguistique de Prague, 1935. O excerto do que nos interessa foi traduzido para o francês (Troubetzkoy, 1969) e, depois, para o espanhol (Troubetzkoy, 1972).

³ Preferimos os termos *grafêmica* para designar tal nível de estudos, reservando *grafemática* como a forma adjetiva correspondente.

A *Segunda Partida* de Alfonso X resume certeiramente, diz Hans-J. Niederehe (1987), “Escriptura es cosa que aduce todos los fechos á remembranza”⁵ (Niederehe, 1987:65). Nada mais completo e mais atual para o conceito de escritura.

Como assinala Geoffrey Sampson, os sistemas de escrita são claros instrumentos idealizados para a execução de uma tarefa, que podem desempenhar mais ou menos bem (Sampson, 1996: 15). São, a bem dizer, “um conjunto de símbolos escritos com um determinado conjunto de convenções para seu emprego” (Sampson, 1996:16). Ivan Illich, no artigo *Um Apelo à pesquisa em cultura escrita leiga*, lembra que o alfabeto é a técnica empregada para que se registrem os sons da fala sob forma visível, sendo, por isso mesmo, o mais vantajoso tipo de notação (Illich, 1995:43). Nessa mesma direção, afirma que somente a técnica do alfabeto permite que se registre o discurso e que se conceba o mesmo como a “língua” usada na fala (Illich, 1995:52). Jeffrey Kittay, em *Pensando em termos da cultura escrita*, adverte que um dos maiores problemas da compreensão da cultura escrita é a incapacidade de especificar quais de suas propriedades são independentes da escrita (Kittay, 1995:179). Adverte, entretanto, que qualquer tipo de cultura escrita é inicialmente dependente de um determinado código ou conjunto de códigos gráficos. Pergunta, então, o que a cultura escrita codifica sob a forma de escrita, respondendo simplesmente que “é a oralidade”, compreendida como tudo aquilo que é revisto pela cultura escrita, tudo que é comunicado, de viva voz ou não, desde que não seja escrito (Kittay, 1995:180). Clara fica, então, nessa perspectiva, a relação entre o escrito e o falado (*scripta x verba*), passamos, então, ao conjunto denominado *texto*.

Ao considerar-se que a escrita tem uma função preponderantemente comunicativa, ainda que de utilização mais restrita do que a fala, ressalta-se o seu valor como documento da comunicação humana. Desse modo, o texto, resultado do uso do código de sinais que transpõe para o suporte material o ato comunicativo, é sobretudo um documento de fatos lingüísticos. É nessa perspectiva que a filologia textual tem tratado os textos.

⁴ Traduzindo: “a escritura é um sistema com suas próprias características, adaptado às suas próprias funções específicas que são bastante diferentes daquelas próprias à transcrição fonética”.

⁵ Traduzindo: “Escritura é coisa que traz todos os fatos à lembrança”.

Em lingüística histórica, desde os trabalhos de D. Ramón Menéndez Pidal, que se tem como certo que um fato de língua documentado *por escrito* deve estar existindo no uso há pelo menos três gerações. Nessa perspectiva, em filologia textual – quer debruçando-se sobre textos antigos, quer sobre textos modernos ou contemporâneos, literários ou não literários – busca-se preservar as características da *scripta*, na expectativa da comprovação desses fatos lingüísticos. Assim, os estudos das mudanças lingüísticas encontram apoio incontestável nos textos de edição cuidada, em especial seguindo os critérios de uma lição conservadora.

O texto literário, escrito por excelência, é tão importante quanto o discurso oral. A propósito da passagem ao escrito ou para o escrito na sociedade medieval entre os séculos VII e XI, lembra Bernard Cerquiglini em *Éloge de la variante* (1989), é um movimento decisivo que leva essa sociedade de um estatuto oral e pré-letrado a uma mistura de oral e escrito, a partir de uma tipologia refinada de iletrismo, de quase-letrismo, de letramento. O oral no período medieval convinha a uma sociedade regional e particular, mais voltada para os estatutos herdados do que para a dinâmica dos papéis sociais. O escrito, em troca, apropriação de um saber descontextualizado, pode ser um fator de progresso e de liberdade; não convém, portanto, desprezar uma oralidade medieval. Livre, calorosa, e popular, vítima da repressão clerical e escripturária (Cerquiglini, 1989:36-7). São os traços dessa oralidade que se escondem no manto das variantes textuais, tão importantes para Cerquiglini.

Claire Blanche-Benveniste chama a atenção para a escritura de textos por pessoas inexperientes, para os quais se deve dar tanta atenção quanto para os textos estudados pelos filólogos (Blanche-Benveniste, 1998:138). E, algumas vezes, esses dois tipos de texto estão muito próximos, quer se trate de uma escritura, ainda de adaptação, de um texto antigo, com base na escrita do latim, quer se trate de textos relativos à transcrição de depoimentos ou daqueles saídos de quem apenas sabe *ler e escrever*.

A partir da *scripta* do documento tanto se podem mostrar os erros óbvios (ou *lapsus calami*) – repetições, transposições, erros devidos ao contexto lingüístico ou extralingüístico, os erros de concordância, as auto-correções, as adições, as omissões, as confusões de palavras (Martínez Ortega, 1999) – como, o que é mais importante, as variantes textuais decorrentes do desempenho do que escreve, do responsável pela *scripta*.

A literatura de viagens

A literatura de viagens da época dos descobrimentos⁶, comprehende o período que vai desde a segunda metade do século XV aos inícios do século XVII. Os textos da chamada literatura de viagens são um instrumento de apreensão, compreensão e representação da realidade, complexa e em mudança do homem português de fins do quatrocentos e do quinhentos.

Em 1979, na linha do que vinha desenvolvendo desde 1960, Joaquim Barradas de Carvalho (1960) distingue – para o período que vai de meados do século XV aos primeiros anos do século XVI – quatro gêneros de textos “bem definidos”: crônicas, descrições de terras, diários de bordo e roteiros (Carvalho, 1979:289, col. a). Assinala João Pinto Rocha que Joaquim Barradas de Carvalho, em 1975⁷, com exclusão das “obras de feição mais técnica ou pré-científica”, aponta cinco tipos de textos: crônicas, descrições de terras, diários de bordo, roteiros e guias náuticos (Pinto, 1994:609, col. a). Note-se que mantém os quatro primeiros tipos (crônicas, descrições de terras, diários de bordo e roteiros) a que acrescenta os guias náuticos.

Essa perspectiva acha-se bastante ampliada se consultarmos o artigo de João Rocha Pinto, “Literatura de viagens”, no *Dicionário de história dos descobrimentos portugueses* (Pinto, 1994:606-13). Ao propor uma classificação mais vasta e minuciosa para a literatura de viagens, João Rocha Pinto faz uma sinopse tipológica distribuída em dois grandes itens: fontes narrativas e obras técnicas (Pinto, 1994:609, col. b-610, col. a). No primeiro grupo se acham as grandes obras literárias que têm por base as viagens, as crônicas, as descrições de naufrágios, as relações de viagens, as cartas, memórias e testemunhos⁸, os diários de viagem e diários de navegação, as relações de viagens, os livros de armadas, e, finalmente, as descrições geográficas, socioeconômicas,

⁶ Tomada num sentido bastante amplo, como assinala Joaquim Barradas de Carvalho (1979:283, col. a).

⁷ Trata-se da sua tese defendida na Université de Paris IV, Sorbonne, *Esmeraldo de situ orbis de Duarte Pacheco Pereira; édition critique et commentée*, posteriormente publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian (Carvalho, 1991).

⁸ A saber: “os relatórios de missões, os testemunhos os mais diversos e o género epistolar” (Pinto, 1994: 609, col. b).

etnográficas. No segundo, estão incluídos os livros de armação, os roteiros, os livros de marinaria, os guias náuticos⁹.

Verifica-se que dos cinco tipos enumerados por Joaquim Barradas de Carvalho, as crônicas, as descrições de terras e os diários de bordo encontram-se no primeiro grupo, enquanto os roteiros e os guias náuticos, no segundo.

Vários são, portanto, os tipos de narrativas englobadas dentro da rubrica literatura de viagens, entretanto, na ótica da análise lingüística, elas se caracterizam pela estrutura do seu discurso. De modo geral são narrativas do mundo narrado ou do mundo comentado. Esses dois discursos, no entanto, nem se encaixam nem servem para caracterizar os dois grupos identificados por João Rocha Pinto.

Os textos da literatura de viagens descrevem a experiência, organizam o conhecimento, informam os acontecimentos, ensinam ou advertem sobre novas experiências. Excluídas as grandes obras literárias, acham-se escritos pela mão que escreve para um destinatário, a quem o texto é dirigido; podem aparecer narrando a experiência do eu (singular ou plural); finalmente, apenas o referente aparece de modo claro na narrativa.

Todos esses textos são marcados pela cosmovisão do ser existencial. O ser existe no tempo e no espaço e a sua existência caracteriza-se pela atuação *hic et nunc* do ser que existe. Desse modo, o ser que existe e que expressa a sua vivência existe em um mundo e em um tempo, mundo e tempo existenciais do ser que são o resultado da sua experiência como ser, a qual é transmitida com o auxílio de sistemas de comunicação, dos quais a linguagem é o mais aperfeiçoad. Essa linguagem humana estrutura-se em níveis maiores e menores e um dos níveis maiores é o discurso.

⁹ João Pinto Rocha adverte, entretanto: "Porém, para além das crônicas, dos roteiros, dos guias náuticos, dos livros de marinaria, dos livros de armação, dos diários de bordo ou diários de navegação, das coleções de viagens e dos relatos de naufrágios, tudo o mais é bastante fluido, pelo que ainda muito trabalho está por fazer relacionado e em função desta classificação elementar, na medida em que ainda se encontra por decidir definitivamente se algumas destas espécies e outras não referidas se integram, de facto, neste esquema e estarão correctamente arrumadas no local que ora se lhes atribuiu. Todo o restante material, refractário a arrumações cómodas e a rotulagens atribuíveis à primeira vista, tem encontrado poucos cultores. As dificuldades que oferece advêm, sobretudo, do carácter compósito de quase todo esse material. A sua insofismável feição plural, a sua estrutura multímoda, torna-o difícil de cingir e dificulta em extremo a sua arrumação e etiquetagem." (Pinto, 1994:610, col. a – b).

Esse discurso – que serve ao ser existencial para definir a sua actância *bic et nunc* – centraliza-se em torno de dois eixos: a *déixis temporal* e a *déixis pessoal*. Quanto à *déixis temporal*, a narrativa é marcada em duas direções, o discurso do mundo narrado e o discurso do mundo comentado. No primeiro caso o texto estrutura-se em tempo passado, com marca aspectual improspectiva: é a narração do fato, da experiência pelo elocutor; no segundo, o texto é urdido no eixo temporal presente/futuro, com marca aspectual prospectiva. A *déixis pessoal* é assinalada na indicação do que deve ser feito, do caminho a ser percorrido, do que é ensinado, dito pelo elocutor para um alocutor (destinatário), sempre com base em uma experiência anterior. Nesse último caso, a experiência vem marcada pela presença do *eu* e o fato é narrado no passado com marca aspectual improspectiva.

Os diários de navegação, as crônicas, os relatos de naufrágio e as relações de viagens são caracterizadas por serem textos com discurso identificado como do mundo narrado. São escritos na primeira pessoa, em tempo passado, com aspecto improspectivo. Os *roteiros de navegação*, os *guias náuticos*, os *livros de marinaria* e os *livros de armação*, por sua vez, são textos com discurso do mundo comentado. São escritos na segunda pessoa (mais tarde na terceira pessoa), para o destinatário, em tempo presente ou futuro, com aspecto prospectivo.

Para este momento, entre os gêneros da literatura de viagens destacam-se os *roteiros de navegação*. Esses roteiros trazem informações que servem aos pilotos e aos mareantes para indicação das derrotas a serem seguidas. Seu discurso é caracterizado pelo aconselhamento e pela advertência ao usuário.

A construção do discurso dos roteiros de navegação

A análise focalizará momentos diferentes relativos à estrutura dos *roteiros de navegação* no século XVI, indo desde as estruturas mais simples (*tema / rema*) dos roteiros da costa até à complexidade dos roteiros oceânicos (Telles, 1997).

Em a *Evolução da estrutura do discurso dos roteiros de navegação* (Telles, 1996) chamou-se a atenção para os estudos de Avelino Teixeira da Mota sobre a evolução técnica dos roteiros de navegação, sobretudo para a evolução do discurso desses roteiros. Vários indícios revelam que parte dos rumos e distâncias dos roteiros foram extraídos da cartografia

(Mota, 1961:11; Jourdain, 1984)¹⁰. O discurso narrativo dos roteiros é decorrente dos esforços de se elaborarem instruções simplificadas que pudessem ser compreendidas pelos marinheiros (Mota, 1961:10)¹¹.

A análise, então, apresentada – após exemplificar a leitura de alguns portulanos – mostrava apenas uma comparação entre o texto dos *roteiros da costa*, do *Livro de rotear* do Manuscrito Valentim Fernandes (Baião, 1940:209-40) e do *Livro de marinaria* de João de Lisboa (Lisboa, 1903) e o dos *roteiros oceânicos*, os roteiros de Diogo Afonso¹² e os de Vicente Rodrigues¹³.

Nessa perspectiva, as informações contidas nos roteiros de navegação parecem ser a primeira tentativa de leitura linear (escrita) do que se acha lançado nos portulanos:

Les jles beneue(n)turad(e)s son en lo mar / gran cont(ra) la masquera
p(er) lo terme / del occident..., (AC, c. 1375, L.1-3)¹⁴

¹⁰ Afirma Michel Mollat de Jourdain: "Sur ce point, navigateurs et cartographes disposaient des descriptions de côtes, avec l'indication des ports successifs et de leurs distances réciproques, contenues dans les livres-portulans (*portolani*), ancêtres de nos *Instructions nautiques*." Traduzindo: "A esse respeito, navegadores e cartógrafos dispunham das descrições de costas, com a indicação dos portos sucessivos e de suas distâncias recíprocas, contidas nos livros-portulano (*portolani*), ancestrais de nossas *Instruções náuticas*" (Jourdain, 1984: 13).

¹¹ "Desconhece-se assim o verdadeiro problema, pois o mérito dos portugueses não foi o de fazer novas descobertas astronómicas, mas sim o de pôr ao alcance do marinheiro os conhecimentos já existentes e que até então eram exclusivos de um pequeno grupo." (Mota, 1961:10).

¹² A saber: *Roteiro da navegação d'aqui pera a India e Viagẽ da India pera Portugal, s(cilicet), de Monte de Li ou de Couchim trata da vinda ao Reino*. São os dois primeiros roteiros do Ms. FP56 da BNP, que se acham copiados no Ms. NTV/7 do National Maritime Museum de Greenwich, de provável autoria de André Thevet, e traduzidos por J. H. van Linschoten no *Le Grand routier de mer* (Linschot, 1619: 3-8; 16-9). Editados por Célia Marques Telles (1988: v.192-132).

¹³ O primeiro deles é conhecido através da tradução de J. H. van Linschoten (Linschot, 1619: p.8-16): *Navigation aux Indes appointee par Vincente Rodrigues de Lagos Portugais Pilote du Roy* (p.8-12), *Navigation de Goa a Cochim* (p.12-3) e *Cours de la Navigation de Cochim au Portugal descripte par le mesme Pilote Vincente Rodrigos de Lagos* (p.13-6). O segundo é conhecido em duas versões manuscritas, depositadas na Biblioteca Nacional, códices 1507 e 6651. O códice 1507 seria o de cota CXVI/1-6 da Biblioteca Pública de Évora. O códice 6651 foi editado por Gabriel Pereira em 1898 (Costa, 1960: .322-6, 449,466-7; Pereira, 1898: 7-8, 10-1, 15-34).

¹⁴ Pergaminho. 12 fólios iluminados. 640 x 250mm. Colado em madeira. Fo. 5vo. e 6ro. (Paris, BN, Ms. espagnol, 30); ver Raynaud-Nguyen (1984: 201b-202c).

ixola otinticha / xe longa a Ponente 1500 Mia (Cl, 1448)¹⁵

A leitura dos primeiros *roteiros da costa* mostra que a sua estrutura frasal obedece a um esquema informativo rígido: *situação, rumo, distância*, como se fosse a redação de uma primeira leitura de um portulano (Telles, 1988: v. 1, 214-5)¹⁶, como se pode observar no Livro de rotear do manuscrito Valentim Fernandes (Baião, 1940):

Sabe ẽ de Lastre a Ylhanas ha iiij legoas e tem huà rya. (LR, fº. 293vº., p.210, L.7)

Sabe ẽ do Cabo de Sancta Maria cõ Sam Lucar jaz leste e hoeste. E ha na rota 30 legoas. (LR, fº. 294 vº., p.211, L. 3-4)

e no *Tytolo das Rotas que sã do Cabo de Boa Esperança: ate Magadaxo do Livro de marinharía* de João de Lisboa (1903)¹⁷, reproduzido no manuscrito FP56 da Biblioteca Nacional de Paris¹⁸:

E jaz a Ponta do Rio dos Reies cõ a Pôta d'Angra de Boa Paz leste oeste, e toma da qoarta de nordeste sudueste. E <h>a na rota dez leguas. (TSR, fº. 39 vº., f. 152, L. 666-8)

Os *roteiros oceânicos*, mais extensos do que os anteriores, trazem as informações sobre a distância e os rumos com mais desenvolvimento, aí aparecendo novos elementos descritivos: o registro da *variação da agulha* (ou seja, dados sobre a declinação magnética), a compreensão dessa declinação magnética sobre o *abatimento da rota* e o registro das aves e plantas como *sinais*. Informam ainda as *conhecenças* (descrições das costas). Os roteiros oceânicos, por sua vez, fazem referências mais numerosas e precisas às indicações dos rumos e distâncias entre pontos da costa.

Um exemplo da Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI:

¹⁶ Na verdade, em nota relativa à L. 621.

¹⁷ “Tytolo das Rotas que sã do Cabo de Boa Esperança: ate Magadaxo” (Lisboa: 1903: 190-3). Códice do século XVI, que pertenceu à Livraria do falecido Marquez de Castello Melhor em cujo catálogo de manuscritos tinha o número 254, adquirido no respectivo leilão pelo Excelmo. Sr. Duque de Palmella.

¹⁸ O roteiro *Titulo das sondas e rotas do Cabo de Esperança ate Calicu*, fo. 37 ro.-41 ro., v.1, f. 148-57, L. 620-733. ro (Telles, 1988).

E jaz Melinde cõ as Prim(ei)ras I(lh)as cõ Magadoxo nordeste sudueste, e <h>a na rota 30 leguas. *E isto tudo por aqui e parçel.* (TSR, 41 rº., f. 155-6, L. 712-4)

traz uma indicação de *conhecença* (*E isto tudo por aqui e parçel*) acrescentada à indicação da rota e da distância entre os pontos. É este tipo de informação que será desenvolvido no texto dos roteiros, a exemplo do que se encontra nos roteiros de Diogo Afonso¹⁹, de Aleixo da Mota²⁰ ou de Vicente Rodrigues²¹.

D'aquy por diante, <h>ey de fazer o caminho ao sudueste e ao sul e a qoarta do sudueste atee 6 graos, e d'ay por diante ao sueste e a qoarta do sul, de maneira q(ue) va setenta legoas dos Baixos do Rio Grande, e 80 dos de Santa Ana. E trabalha de te çhegares à linha equinoçial sempre sobre o sul e da maneira q(ue) atras digo. E se for caso que antes q(ue) çhegues à linha, ou nela, antes vae na volta de leste q(ue) d'aloeste. Isto se ente<n>dera, cõ o vento sul, estando debaixo da linha 100 legoas. (DAI, fº. 1rº., f. 93-4, L. 9-17)

De altura de 8º por diante indo da costa do Brasil como 80 para 100 leguas a leste vão bem navegados e por essa paragem acharão o vento ventante lessnordeste e indo da dita costa como 130 leguas são mais largos os ventos mas mais bonançosos e isto achei eu indo tanto a barlavento da dita costa que fui ver as ilhas de Martin Vaz. (AM, p.100-1)

Um exemplo de uma estrutura frasal intermediária entre a leitura dos portulanos e a escrita dos roteiros de navegação pode ser encontrada no oitavo roteiro do *Libro Vniversal De Derrotas, alturas, longetuDes, e conhescenças, De todas as nauEGAçOIS, Destes, Reinos, De portugal, e castela. Indias Orientais e ocxidentais, O mais copioso e claro que pode ser, En seruïço dos Nauegantes* de Manoel Gaspar (1594). O texto do roteiro parece ser um elo que se torna fundamental no estudo da construção do discurso dos roteiros de navegação.

¹⁹ A saber, *Roteiro da navegação d'aqui pera a India* (fo. 11 ro. -22 ro., v.1, f. 93-115, L. 1-262) e *Viagē da India pera portugal, s(cilicet), de Monte de Li ou de Couçhim trata da vinda ao Reino* (fo. 22 ro. -30vo., v.1, f. 115-32, L. 263-456); ver Telles, 1988.

²⁰ O *Roteiro da India* de Aleixo da Mota (Pereira, 1898: 89-209).

²¹ Os nono e décimo roteiros do *Libro Vniversal De Derrotas...* de Manoel Gaspar (1594). Ms. 1507 da Biblioteca Nacional de Lisboa, fo. 85ro.-99vo (cópia cedida pelo Comandante Max Justo Guedes, diretor do Serviço de Documentação Geral da Marinha, Rio de Janeiro).

São apenas trinta e uma informações dispostas em dois fólios incompletos²². A construção do discurso mostra tratar-se de um primeiro momento de expressão linear da leitura de um portulano, como se pode ver no texto de *Longitudes q(ue) ha de huns lugares Portos e ylhas. a outros na Costa Vniversal. cõ o Compaso em dereitura:*

De Lix(bo)a a Jlha da mad(ei)ra — 150. l(egu)as
 De Lix(bo)a a J(lha) de Cabo verde — 500
 De Lix(bo)a a pernâbuqo — 900 (LCU, fº. 83vº., col. a, L. 3-5)

Essas anotações constituem a mais elementar estruturação do texto construído: *tema / rema*, isto é, pontos / distância ou pontos / localização, sem qualquer outro elemento de tecitura frasal. Nota-se, desse modo, a justaposição dos dois elementos da informação.

A terceira e última série de exemplos – extraídos de *roteiros oceânicos* – mostra textos construídos a partir de uma estrutura sintática mais complexa, fornecendo inclusive informações mais precisas e completas sobre a distância a ser percorrida e a localização dos pontos. Quase sempre são acompanhadas das indicações dos *sinais* ou das *conheçências*.

Desse modo, o discurso dos roteiros foi sendo construído, aos poucos, passando-se da mera sinalização dos pontos e distâncias para um conjunto de informações que enriquecem o documento quer do ponto de vista textual, quer do ponto de vista da evolução do conhecimento da marinharia.

Os marcadores do discurso

As indicações encontradas no Livro *de rotear*, no *Tytolo das Rotas que sã do Cabo de Boa Esperança: ate Magadaxo* e no *Titulo das sondas e rotas do Cabo de Esperança ate Calicu* apresentam uma construção sintática que une tema e rema, geralmente introduzida por um marcador (*sabe que, item, e*). Aqui e ali podem aparecer algumas descrições da costa (as *conheçências*), como é o caso em dois dos exemplos citados:

²² Duas colunas no fo. 83vo (col. a com 25 linhas, col. b com 15 linhas) e uma coluna (a) com 6 linhas no fo. 84ro.

Sabe q̄ de Lastre a Ylhanas ha iij legoas e tem buā rya. (LR, 293vº., p.210, L.7)

It. jaz o cabo de sã bras com a pomta da pescaria lleste e oeste e ha na rota oyto llegoas. (JL, p.191, L. 8-9)

E jaz Melinde cõ as Prim(ei)ras I(lh)as cõ Magadodoxo nordeste sudueste, e <h>a na rota 30 leguas. E isto tudo por aqui e parçel. (TSR, 41 1º., f. 155-6, L. 712-4)

Ao tratar do uso do coordenante *e* nos roteiros da *Coleção de roteiros portugueses do século XVI* (Telles, 1988: v.2, 89-90), assinalou-se o seu emprego abusivo, ressaltando-se ser característico das narrativas informativas (Telles, 1988:v.2, 89), como se pode ver nos exemplos do roteiro de Portugal para a Índia de Diogo Afonso:

E aqui neste Cabo de Boa Esperança são as agulhas fixas. E qoando for meio dia pelo estrolabio, assi <h>a de ser pelo relogio... (DAI, L. 102-104)

Ed'ay irey ao sul a demandar as Canarias, e tanto q(ue) passar as Canarias, farey o caminho do sudueste e ao sul,... (DAI, L. 4-6)

Corrobora-se esse “emprego abusivo” do *e* coordenante com o artigo de W.-D. Stempel, *Para o estudo da conjunção e na prosa narrativa do português medieval* (Stempel, 1959). Ressalta W.-D. Stempel a origem popular desse tipo de construção, desde a língua latina, mas sempre na óptica da estilística:

A origem desta parataxe da prosa é praticamente desconhecida e também não cabe no presente curto estudo aproximarmo-nos mais dela. Na maior parte das vezes, a ordenação por *e* é explicada, com recurso ao latim, como sendo popular. Contra esta suposição opõe-se o facto de que no estilo paractático de autores latinos, especialmente dos autores mais antigos bem como na linguagem familiar latina, o assíndeto é apontado como característico. Isto é também válido, o que para nós é importante para a linguagem dos primeiros cronistas que só raramente usam o *et* e o *-que*. Naturalmente também a linguagem popular usa o *et*, mas os exemplos indicados por Hoffmann como substitutos da hipotaxe, referem-se quase todos ao *(sic) latim tardio (Vitae patrum)*. Isto conduz-nos na direção do estilo bíblico. Só aí achamos uma tal freqüência de parataxe com *e* como a que é característica dos

primeiros textos medievais em prosa. Todos os exemplos (...) deixam-se inúmeras vezes comprovar pela *Vulgata*. A estrutura vertical do estilo bíblico sobre o qual Erich Auerbach, em *Mimesis*, chamou atenção na interpretação da passagem agustiniana, está em última ligação com o estudo narrativo da prosa medieval. (...) A prosa românica historiográfica da idade média é orientada pelo estilo bíblico (Stempel, 1959: 236-7).

Mais adiante continua W.-D.-Stempel:

Nas anteriores investigações sintácticas foi apontado como popular o fenômeno da parataxe com *e* (...). Pondo de parte o facto de que nos nossos textos aparecem períodos perfeitamente construídos (cf. os prólogos das diferentes crônicas, esp. da CG), poderia perguntar-se se o alargamento do assíndeto não é o resultado da evolução da fala popular para a linguagem culta. Mas creio que o problema é assim falsamente apresentado. Ele não é de ordem sintáctica (no sentido da gramática positivista): a perda da perspectiva vertical na horizontal através da formação de episódios é um problema de estilística e de história literária (Stempel, 1959: 242).

Por outro lado, é muito interessante o que observa Maria Leonor Carvalhão Buescu na sua *Introdução à edição crítica da Gramática de João de Barros*, ao falar em exemplos do uso do coordenante *e* que são “reveladores duma intenção formativa nos domínios da moral e da religião” (Buescu, 1971: xxii). A propósito desse emprego assinalava-se também (na edição crítica da *Coleção de roteiros*) que o coordenante *e* vinha quase sempre reforçado pelos advérbios *mais* e *depois*. No entanto, lembrava-se que esse reforço não se achava ligado ao ‘decurso do tempo’, significando ‘a seguir’ (Telles, 1988: v.2, 89), como se observa em trechos de um dos roteiros de Diogo Afonso:

E mais, qoando fores 20 legoas ou 30 desta terra do Cabo, açharas as corvas pretas q(ue) tem os bicos brancos *e mais* hus gaivotões q(ue) tem os cotos das asas pretos:... (DAI, 70-72)

E depois governa ao nordeste atee 18 graos, e depois ao norte e a qoarta do nordeste ate que seijas na altura de 16 gr(ao)s e tres qoartos. (DAI, 182-184)

A análise resultante da edição crítica da *Coleção de roteiros portugueses da ‘Carreira da Índia’ no século XVI* (Telles, 1988) levou

à observação de que existem 793 registros de *e* coordenante. Alguns desses casos são de um *e* introdutório do discurso, característico das narrativas informativas. São exemplos dessa construção:

Pera saberes se estas perto das Ilhas, qoando açhares os entenais de cinco em cinco, es cõ elas. E d'aqui te seguirão os feijões, q(ue) são hūas aves pequenas da feição de pegas pintadas. E qoando estiveres norte e sul cõ elas, açhara sargaço. (DAI, 46-50)

...açhara esta derrota pera o Cabo de Boa Esperança sargaço mesturado cõ algúas trombas: estas ramudas e não são compridas como as do Cabo de Boa Esperança. E de hū e d'outro acharas às vezes m(ui)to, em outros tempos acharas menos. (DAI, 52-56)

O coordenante *e* do texto de *Títulos das sondas e rotas do Cabo de Boa Esperança ate Calicu* corresponde à forma *item* encontrada no mesmo contexto no *Tytolo das rotas que sã do Cabo de Boa Esperâça: ate Magadaxo*, do Livro de marinaria de João de Lisboa (Lisboa: 1903):

E jaz o Cabo das Agulhas cõ Cabo do Infante nordeste sudueste, *e* toma da qoarta de leste oeste. *E* <*h*>a na travessa 18 ou 20 leguas. (TSR, 626-628)

It. Jaz o cabo das agulhas com o cabo do Ifamte nordeste e sudoeste *e* toma a quarta de leste e oeste e ha na rota - xbijj - ou - xx - legoas/. (JL, 190,39-191,2)

E jaz o Cabo do Infante cõ o Cabo das Vacas lesnordeiste oessudueste, *e* <*h*>a na travessa quinze leguas. (TSR, 629-630)

It. jaz o cabo do Iffâte cõ o cabo das vaquas lesnordeste e oessudueste *e* ha na rota - xb - legoas /. (JL, 191, 3-4)

A análise da construção do discurso dos roteiros de navegação levou à averiguação de que se repetia a expressão *sabe que* como introdução do discurso, como se documenta no mais antigo roteiro que se conhece: o *Livro de rotear do Manuscrito Valentim Fernandes* (Baião, 1940), de uso alternado com o *e* introdutor .

Sabe q a carreyra dAlcaçaua cõ a ylha de Madeyra jaz nordeste e sueste há na rota 160 legoas (LR, 210, 25-26)

Sabe q a carreyra dAlcaçaua cõ Gram Canaria jaz nordeste e susueste e há na rota 250 legoas (LR, 210, 27-28)

Documenta-se, também, o introdutor *sabe que*, em textos um pouco mais longos:

...porq(ue) tēis deixado as outras Ilhas de Tristão da Cunha e aças estas. *Sabe q(ue)* não andam mais q(ue) 30 legoas, ou 40. (DAI, 66-68)

E quoando estiveres nesta altura e vires muitos alcatrazes, *sabe q(ue)* estas cõ a I(lh)a de João da Nova. (DAI, 154-155)

Outras formas, *devo saber que, porque*, parecem também exercer a função de introdutor do discurso:

Deuo saber que dos .11. dias de março ate os .13. de Setembro amda o Soll da parte do norte da equinoçiall. E dos .14. de Setembro ate os .10. de março amda o Soll da parte do Sull da equinoçiall (RS, 3ro., 1-5)

E, segundo for a envernada, assi açaras ao mar ou à terra: porq(ue) sabe q(ue) as correntes do Cabo de Boa Esperança, atee esta fim q(ue) aqui digo, corrē as aguas do Cabo Delgado pera o de Boa Esperança do sussudueste... (DAI, 251-254)

Esse tipo de construção, contudo, não é restrita aos roteiros de navegação, vai aparecer ainda em textos de intenção informativa como os livros de marinaria e de astronomia náutica, em receituários e em textos dogmáticos.

Deuo saber que dos .11. dias de março ate os .13. de Setēbro amda o Soll da parte do norte da equinoçiall E dos .14. de Setembro ate os .10. de março anda o sol da parte do sul da equinoçiall (BL, 3, 1-5)

Tomarão vinagre rrosado e agoa rrosada partes jgoaes segumdo parecer que se avera mister pera a camidade que ffor a queimadura e tomaram húa crara douo ou duas e bateram tudo muñto batido e hirlheam lançādo pos de bolarmenico e todavia batendo ho dito vinagre e agoa rrosadas e crara douo atee q se ffação hūas papas mais rralas q bastas. (LC, 148, 3-11)

... *E* nesta parte muita vantagem têm a italiana e espanhol à francesa e destas duas à que se escreve como se fala e que menos consoantes leva perdidas. *E* nesta orthographia a espanhol vençe a italiana: e *mais* tem antre sy os genoeses que nam é terra de tramontana nem transalpina (como elles dizem), mas hua parte da frol de Itália, os quaes de bárbara nam podem escrever sua linguggem e o que escrevem é em toscano, ou em latim corruto. (DLNL, 76, 200-210)

Em todos esses exemplos, parece que se trata, em todos os casos, de *marcadores do discurso*, pois eles estabelecem relações entre as unidades frasais do texto, a sua significação interage na comunicação discursiva, têm uma função informativa no componente discursivo.

G. Yule, em *Pragmatics* (Yule, 1996), adverte sobre a estrutura do discurso visando a determinada finalidade, com as conexões estabelecendo a coesão do texto:

Naturally, there is a great deal of interest in the structure of discourse, with particular attention being paid to what makes a wellformed text. Within this structural perspective, the focus is on topics such as the explicit connections between sentences in a text that create cohesion, or on elements of textual organization that are characteristics of storytelling, for example, as distinct from opinion expressing and other text types (Yule, 1996: 84).²³

O texto dos roteiros de navegação, assim como o dos receituários ou dos livros de instrução, são discursos do mundo comentado, muito próximos ao que se designou *storytelling*. Além disso esse discurso reiterado já havia sido observado por especialistas que se dedicaram ao estudo do estilo. Na perspectiva de Wolf-Dieter Stempel tem-se aí a “evolução da fala popular para a linguagem culta” (Stempel, 1959: 242).

Em *Discourse markers*, Deborah Schriffin (1996) estuda a construção do discurso com o auxílio dos introdutores *and*, *because*, *y'know*, *I mean*, entre outros. Os fatos assinalados aplicam-se tanto à língua falada quanto à língua escrita, quando se trata, como é o caso dos textos em questão, de um discurso interacional, do *eu* que escreve para o receptor/leitor a quem o discurso é dirigido. Este aspecto interacional é descrito por Deborah Schriffin:

Consider, now, that these discourse tasks – opening a story, reporting events, making a point, performing an action – are accomplished not only through speakers' manipulation of different aspects of talk, but through a finely tuned process of hearer participation: by

²³ Traduzindo: “Naturalmente, há uma grande quantidade de interesse na estrutura do discurso, com atenção particular ao que torna um texto bem-formado. Dentro desta perspectiva estrutural, o foco situa-se em tópicos como as conexões explícitas entre sentenças num texto, criando coesão, ou em elementos da organização textual que são características na narração, por exemplo, distinguindo-as das opiniões expressas ou de outros tipos de textos.”.

withholding their own turn-incomings, displaying their appreciation and evaluation of the story at critical junctures, responding appropriately to the action, and in general making evident a receptive stance toward the story (...), it is hearers of the story who ultimately provide the turn, realize the point, and endorse the action. In short, speakers have only partial responsibility for the construction of narratives: speakers can propose the form, meaning and action of what they are saying, but to be established as part of the discourse, such proposals need hearer endorsement (Schrifin, 1996: 17).²⁴

Os marcadores deixam de ser usados, no mesmo discurso, em cópia posterior, como se pode observar nos exemplos:

It. Sabe que as Ilhas primeiras tē estes synaes - § - na terra firme pera o sudueste delas estaa hūa lombada pequena e hūa terra delgada e baixa e pera a banda do nordeste se faz hūa ēceada maneira de rio... (JL, 173, 26-29)

As Ilhas Primeiras tem estes sinaes: tem na terra firme pera o sudoeste delas hūa lombada piquena e hūa terra comprida baixa, e pera a banda do nordeste faz hūa enseada à maneira de rio. (CIP, 736-739)

It. Sabe que a terra de moçambique tē estes synaes - § - se vieres de mar em fora faz esta amostra de sy - § - hūa terra comprida maneira de lombada e hū monte redondo no meio desta lombada que parece mōchique ... (JL, 174, 14-17)

A terra de Moçambique tem estes sinaes, se vieres de mar em fora s(cilicet), veras hūa terra comprida à maneira de lombada, mui chā, e no meio hūa mesa de terra alta mais q(ue) a outra terra toda. (CTM, 789-790)

²⁴ Traduzindo: "Considere, agora, que essas funções do discurso – iniciando uma estória, relatando acontecimentos, assinalando um fato, descrevendo uma ação – são acabadas não apenas com a manipulação de diferentes aspectos da conversa pelos falante, mas também através de um processo refinado adaptado pela participação do ouvinte: contendo o seu próprio retorno, exibindo sua apreciação e avaliação da estória com juízos críticos, respondendo apropriadamente à ação, e, em geral, tornando evidente um local receptivo para a estória (...), são os ouvintes da estória que, posteriormente, têm a sua vez, dominam a questão e endossam a ação. Em resumo, os falantes têm apenas responsabilidade parcial na construção das narrativas: os falantes podem propor a forma, o sentido e a ação do que estão dizendo, mas o estabelecimento como parte do discurso é tarefa do ouvinte.".

Ou o marcador se mantém, ainda que parcialmente:

It. sabe que o Rio de Fernā Velo[so] tē na boca hū ylheo de pedra preto (sic) e hūa restimgua de baixos de longo da terra a cerca da boqa do Rio e daly pera a banda do nordeste faz hūa pomta e amtre esta pomta e a boca do Rio se fazē hūas arvores espesas como as outras espiritas deste Rio pera a pōta se faz playa darea. (JL, 176, 10-15)

Sabe q(ue) este Rio de Fernão Veloso tem estes sinaes, s(cilicet), no meio da boca hū ilheo de pedra preto e hūa restinga de baixos de longo da terra q(ue) cerca a boca do Rio. E d'ai pera a banda do nordeste se faz hūa ponta e antre esta ponta e a boca do Rio fazem hūas arvores espessas assi como as q(ue) atras digo. E este Rio se faz playa d' area. (RFV, 918-923)

A dêixis pessoal

Documentos elaborados ou reunidos pelos pilotos a partir das experiências pessoais os roteiros *de navegação* tratam das

... pormenorizadas descrições das costas descobertas, com os rumos que deviam ser percorridos de um lugar para o outro, os acidentes geográficos, as chamadas *conhecenças* dos lugares de escala ou de passagem por assim dizer obrigatória, a indicação dos ventos dominantes ou de correntes marítimas, e por vezes também a latitude dos portos, baías ou cabos assinalados (Albuquerque, 1972:257).

Os textos informativos dos roteiros de navegação, obra de *pilotos-redatores*, retratam a língua portuguesa corrente nos quinhentos, rude e simples, não mostrando qualquer influência humanística. A *relação autor-destinatário* aparece fortemente marcada tanto nos *roteiros da costa* como nos *roteiros oceânicos*: a estrutura do discurso e a sua finalidade refletem a evolução do conhecimento náutico e a experiência do piloto-autor.

O discurso dos roteiros de navegação é caracterizado pela narrativa da primeira pessoa (o piloto que escreve) – *elocutivo* (Creyssels, 1995: 442) – para a segunda pessoa (o mareante a que se destina o escrito) – *alocutivo*. Esta última é representada, geralmente, por *tu* e, muito raramente (esporadicamente mesmo), por *vós*.

A relação entre *eu* e *tu* é de unicidade específica e as duas formas são inversíveis (Benveniste, 1966: 230; Faria et al., 1996: 442). Por outro

lado, faz-se necessário lembrar que *eu* e *tu* desempenham papéis *ilocutórios* (Creyssels, 1995:442; Maingueneau, 1996:11).

O destinatário só não aparece no mais antigo tipo de estrutura do discurso dos roteiros de navegação, a que já se fez referência, onde se justapõem *tema* e *rema* (Telles, 1997):

De Lix(bo)a a Jlha da mad(ei)ra — 160 l(ego)as (LCU, fº 83vº., col. 1, L. 1)

Na linha junto ao cabo de lopo g(onça)l(ve)s, por ela ao mar da jndia atrauesando o cabo — 580 (LCU, fº 83vº, col. 2, L. 7-9)

Y a Barra de lix(bo)a cõ a a ponta da seRa lioa estão norte sul (LCU, fº 84rº, col. 1, L. 1-2)

Y a J(lh)a de santiago de Cabo verde cõ o Cabo das agulhas Noroeste sueste (LCU, fº 84rº, col. 1, L. 5-6)

O tratamento na segunda pessoa do singular, em língua portuguesa, pode indicar dois tipos de destinatário:

1. seria um tratamento de intimidade, entre indivíduos do mesmo nível social e da mesma classe profissional²⁵;
2. poderia ser um tratamento de superior para inferior (Cintra, 1972: 65-6).

No caso do discurso dos *roteiros de navegação* parece antes ser um tratamento de intimidade: o piloto escreve para outros pilotos ou para mareantes que estejam em condição de utilizar o roteiro (Telles, 1988).

A segunda pessoa – singular e, raramente, plural – é desde os primeiros roteiros aquela do destinatário que, algumas vezes, pode vir claramente expresso: *tu* ou *vos*.

Sabe q as ylhas dos Açores cõ as Canarias jazẽ noroeste e sueste e *toma* a quarta do norte e sull, .s. a Palma e o Ferro e Tanariffe e Grã Canaria. Ha na rota ijc legoas e a Lançarote ijcl legoas. (LR, fº. 296rº., p. 213, L. 5-7)

²⁵ Ora, “A escolha de uma ou de outra forma é motivada não apenas por quantas pessoas são os destinatários, mas também por um sentido de *familiaridade* pessoal *versus distância* social, sendo a forma singular usada para relações de maior intimidade e o plural para registrar um sentido de formalidade e distância. Assim, o conteúdo da relação social é reflectido na escolha dos pronomes pessoais.” (Faria *et al.*, 1996: 456).

Pera saberes se estas perto das Ilhas, qoando achares os entenais de çinco em çinco es cõ elas. (DAI, L. 46-7)

Se fores 50 leguas do Cabo ou em paragem dele ao Cabo das Agulhas, pola altura, tanto q(ue) for meo dia, q(ue) o sol não sobe mais então, estando cõ o relogio justo no meio dia e as agulhas fixas, então te demorara ao noroeste. (RCBE, L. 1082-1088)

Registra-se o uso da segunda pessoa do plural no décimo terceiro roteiro da *Coleção de roteiros portugueses da Carreira da Índia* (Telles, 1988): *Este e o caminho q(ue) <h>aveis de fazer partindo de Monte de Li, per forra da Ilha de São Lourenço.*

E se saltarem travoadas convosco, *treis* antes na volta do sul q(ue) do noroeste, por *vos entregardes* bem na altura. (FISL, L. 935-937)

Ainda nesse roteiro encontra-se o uso alternado do singular e do plural:

E se *vos* acontecer ir demandar a terra nas 15 leguas ou nas 14 e mea, *veras* a costa alta em boa man(ei)ra, e toda pareçe terra aproveitada. (FISL, L. 987-990)

E *podes* poustar em 12 e em 6 e nas 4 braças, onde quer q(ue) quiseres *vois podes* [pl.] abrigar à ilha da banda d'aloeste, por q(ue) a baya se entra ao norte e ao sul. (FISL, L. 958-962)

A primeira pessoa denota sempre a interferência do piloto-autor *daquele texto*, não estando presente nos roteiros mais antigos: nem o *Liuro de rotear*, nem os roteiros do *Livro de marinaria de João de Lisboa* trazem a indicação da experiência do piloto-autor. Somente quando a experiência do piloto é tomada por este como advertência, o uso da primeira pessoa é evidenciado no discurso, como se vai documentar nos roteiros da *Coleção de roteiros da Carreira da Índia no século XV* (Telles, 1988). Por outro lado, a estruturação do discurso mais antiga também não documenta a presença do *elocutor*.

E, portanto, *digo* q(ue), se vieres pola altura q(ue) atras *digo* e achares estes sinaes, q(ue) te ponhas avante 150 leguas ou maes das Ilhas de Tristão da Cunha, porq(ue) estes sinaes andam como *tenho dito*. (DAI, L. 60-63)

Jndo polo camjnhо que açima *digo* quando a nao vai vencēdo na linha nordesteara agulha .7. g(ra)os e m(ei)o ((VRRCI, fº. 87rº., L. 19-20)

A terceira pessoa – *delocutiva* –, de início, relaciona-se apenas ao referido, mas no final do século XVI passa a substituir a segunda pessoa, como se pode observar no segundo roteiro de Vicente Rodrigues, que ainda apresenta o discurso na segunda pessoa (singular ou plural):

Tanto que *fores* das ylhas de tristão da cunha p(er)a o Cabo De Boa esperança .50. ou .100. leguas *te* parecerão loguo huâs eruas que chamão sargaços (...) (VRRCI, fº. 88rº., L. 9-11)

Nesta altura de 16 g(ra)os dez ou .20. leguas da banda daloeste dos baixos dos grajaos Noroesteara agulha 18 g(ra)os e sendo Casso que noroestee menos tanto *estareis* chegado a jlha de sam L(ouren)co e se for mais *estareis* afastado p(ar)a o leste. (VRRCI, fº. 92vº., L. 5-9)

ou, impessoalmente, na terceira pessoa, com uma freqüência muito maior:

En todo este Camynho *se deue* trabalhar hŷr q(ua)nto *poderen* de ló. porq(ue) está nisto fazer ben a viajen porq(ue) jndo Ver a terra do Brasil por descuido ou mao Vento p(o)la mayor p(ar)te *se arriba* a p(or)tugal. (VRRCI, fº. 87vº., L. 1-4)

Ten agulha aqui de nordestear .19. gr(ao)s mas no cartear *se não dara* mais que huâ quarta q(ue) são .11. gr(ao)s e hũ quarto pera a derrota jr certa polo modo em que esta situada na carta esta parajen (...) (VRRCI, fº. 88rº., L. 1-4)

Em alguns momentos alternam a segunda e a terceira pessoas:

Tanto que *fores* perto destas jlhas como .20. ou 40. leg(u)as antes de chegar a ellas. *Verão* muitos bestejros e Borboletas e asi não *cujden* que estão perto de terra da costa porque são sinais destas jlhas. (VR, fº. 93rº., L. 17-20)

De início não registrado no discurso, em virtude da justaposição *tema/rema*, o destinatário é expresso pelo *tu*, alocutório, que pode estar implícito na forma verbal. Registra-se, ocasionalmente, o uso de *vós*, explícito ou implícito na forma verbal. O *eu*, elocutivo, aparece nos roteiros do século XVI que já indicam a experiência do piloto-autor. Por seu lado, somente ao final dos anos quinhentos a relação autor-destinatário deixa de ser ilocutória, para tornar-se delocutória (uso da chamada terceira pessoa).

A dêixis temporal

Quanto à dêixis temporal, a narrativa na literatura de viagens é marcada em duas direções, tomando-se a teoria de H. Weinrich (1968), o discurso do *mundo narrado* (crônicas, descrições de naufrágios, cartas, memórias, testemunhos, diários de viagem e diários de navegação) e o discurso do *mundo comentado* (descrições geográficas, etnográficas, livros de armação, roteiros, livros de marinaria, guias náuticos). Segundo H. Weinrich (1968: 69-70), essas duas perspectivas do discurso vêm marcadas pela presença de *tempos verbais*, a saber, *tempos do narrare* e *tempos do comentar*. Por outro lado, a distinção entre *mundo narrado* e *mundo comentado* aparece freqüentemente com um caráter oposicional dentro do discurso (Weinrich, 1968: 71). No primeiro caso o texto estrutura-se em tempo passado, com marca aspectual imprecisiva: é a narração do fato, da experiência pelo elocutor; no segundo, o texto é urdido no eixo temporal presente/futuro, com marca aspectual prospectiva: é a indicação do que deve ser feito, do caminho a ser percorrido, do que é ensinado, dito pelo elocutor para um alocutor (destinatário), sempre com base em uma experiência anterior.

O texto dos roteiros de navegação são classificados como narrativa do *mundo comentado* (Telles, 1982. f. 5-10, 59 et seq.), narrativa em tempo presente (e futuro), no modo indicativo (ou subjuntivo) e imperativo sobretudo, caracterizando-se pela presença de marcas aspectuais (não-)imprecisivo e prospectivo. A presença do que H. Weinrich denomina *tempos comentadores*, em especial o *presente* (na forma do presente do indicativo ou do presente do imperativo) marca o discurso dos primeiros *roteiros da costa*.

O presente do indicativo fornece a situação e indica a distância a percorrer, enquanto o presente do imperativo serve para o aconselhamento, a advertência:

Sabe q a ylha Terceyra e ho Fayal cō a ylha da Madeyra e Porto Sancto *jaz* nordeste e sueste. E hyras por amtre ambas E *ba* na rota ijc. Legoas. (LR, p. 212, L. 3-3)

It. *Jaz* a pomta dagoada de boa paz cō o cabo das corremtes lesnordeste e oessudueste e *ba* na rota – Rbiij – legoas que asy faz a carta (JL, p. 191, L. 42-4)

O futuro do presente serve para marcar a ação do destinatário:

Sabe q a lomgo do mar desta terra he todo arecyfe e desta terra huã legoa pera ho ryo dOuro *veras* huã pôta e por cyma della outro môtô no sertão pequeno q parece paao de não e emtô podes mâdar sobir acima e emtô verâ ho ryo dOuro e logo veras huã pomta derradeyra ally he ho ryo dOuro. E em cima desta pôa tê huûs castelletes e podes emtrar seguramente neste ryo dOuro e *guardarte bas* do q vires. (LR, p. 213, L. 23-8)

As formas verbais do *presente do indicativo*, do *presente do imperativo*, do *futuro do presente* são encontradas nos *roteiros oceânicos*, mas a obrigatoriedade da ação será marcada por um *futuro perifrástico*, que denominamos *futuro obrigatório*.

E no Cabo das Agulhas *atenta* pelo relogio e agoa do fundo, q(ue) ela te *dira* quando *es* com ele, como atras *digo* em hû capitulo, q(ue) pelo nordestear e norestar *saberas* de q(ue) banda *es* do Cabo. E neste caminho <h>*as-de-dar* resguardo à agulha huã qoarta, ate seres na altura de 20 graos pera quinze gr(aos). (DAP, L. 403-8)

Assim, a descrição do mundo real (as conhecenças) se faz no modo indicativo, enquanto a indicação da derrota é feita com o auxílio de dois modos, o indicativo e o imperativo:

... passando estes baixos Vindo da Banda do norte p(er)a a banda do sul *podes* hir de longo da tterra e deles *podes* surgir defronte da Vila. (RVB, fº. 102 vº, L. 13-15)

Y entonces *puedes* correr la vuelta del oeste quarta del noroeste hasta estar tanto avante como Isla de Pinos (DSD, p. 19, L. 62-64)

E Himdo para porto seguro *Não tomes* conheçença de serra nenhüa somente hindo de longo da costa E pr(imeir)o chegaras aos Ylheos q(ue) tem por conheçença os sinais e marcas seguintes. (RVB, fº. 102 vº, L. 1-4)

Y *no dexes* de ir por tu camino, y iras a ver la d(ich)a isla (DSD, p. 18, L. 56-57)

E se fores pola banda do nordeste *veras* hûas barreyras Brancas que estão desa banda. E hûm focinho escaluado sem aruore nenhü. (RVB, fº. 101 vº, L. 14-16)

E hindo pera a dita Bahia en t(em)po de inuerno q(ue) he de março por diante *hiras tomar*terra de 14 g(ra)os. por este Caminho Veras terra muy alta cerrada que corre para Camamu. (RVB, fº. 102 rº, L. 12-15)

Iras a reconoçer por esta derrota a la Ucata, y llevarlaas por la proa.
(DSD, p. 16, L. 5-6)

Avisote que as de ir siempre por diez y doze brazas de agua y el fondo sera vaza y iras por canal (DSD, p. 17, L. 36-38)

O *eu*, pode vir ainda como relato da própria experiência – ou da de outrem – e, nesse caso, o discurso traz *tempo narradores*, em especial, o pretérito perfeito composto do indicativo / pretérito perfecto / passé composé. Essa construção mantém todo o valor aspectual de inconcluso, documentando a referida experiência do piloto-autor.

E se fores cõ o punho n'amura, p(er) quanto as aguas se deitam ao nornordeste, tem aviso neste caminho, quando tomares muita altura: entêde q(ue) te lançam as aguas pera onde te *tenho dito*. (DAI, L. 232–236)

Da altura de até dez ou onze gráos como atraz *disse* é bom governar para leste até as ilhas do Cabo Verde tem a agulha de diferença de nordestear sete gráos de stear [sic]. (VRRIDA, 16, L. 9 – 12)

Considerações finais

Ao considerar-se que a escrita tem uma função preponderantemente comunicativa e o texto é sobretudo um documento de fatos lingüísticos, a partir da *scripta* do documento tanto se mostram os erros óbvios (ou *lapsus calami*) como, o que é mais importante, as variantes textuais decorrentes do desempenho do que escreve, do responsável pela *scripta*.

Por outro lado, o discurso dos roteiros de navegação foi construído aos poucos, passando-se da mera sinalização dos pontos e distâncias para um conjunto de informações que enriquecem o documento quer do ponto de vista textual, quer do ponto de vista da evolução do conhecimento da marinharia.

Esse discurso é caracterizado, de início pela presença de *marcadores do discurso*, que estabelecem as relações entre as unidades frasais do texto, interagindo a sua significação na comunicação discursiva e desempenhando uma função informativa no componente discursivo.

O texto dos roteiros de navegação são discursos do mundo comentado, no qual, de início, não se regista o destinatário. Mais tarde, encontram-se tanto o *tu*, alocutório, como, ocasionalmente, o uso de

vós, explícito ou implícito na forma verbal. Por sua vez, o *eu*, elocutivo, aparece nos roteiros do século XVI que já indicam a experiência do piloto-autor. Verifica-se que somente ao final dos anos quinhentos a relação autor-destinatário deixa de ser ilocutória, para tornar-se delocutória (uso da chamada terceira pessoa).

Nesse discurso do mundo comentado, o presente do indicativo fornece a situação e indica a distância a percorrer, enquanto o presente do imperativo serve para o aconselhamento, a advertência. A obrigatoriedade da ação será marcada por um *futuro perifrástico*, o *futuro obrigatório*. Se o *eu* relata a própria experiência ou a de outrem, o discurso traz *tempo narradores*, em especial, o pretérito perfeito composto do indicativo, mantendo-se todo o valor aspectual de inconcluso, documentando a referida experiência do piloto-autor.

Com essas considerações, busca-se demonstrar como a crítica textual vem sendo auxiliada pelas novas vertentes dos estudos lingüísticos.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Luís de. *Curso de história da náutica*. Coimbra: Almedina, 1972.
- BAIÃO, Antonio (Ed.). *O manuscrito Valentim Fernandes: oferecido à Academia por Joaquim Bensaúde*. Lisboa; Academia Portuguesa da História, 1940.
- BALDINGER, Kurt. L' objet de la linguistique: essai d'un modèle linguistique générale. *Travaux de Linguistique et de Littérature*, Strasbourg, v. 15, n. 1, p. 379-383, 1977.
- BENVENISTE, Émile. Structure des relations de personne dans le verbe. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Establecimiento del texto. In: _____. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: GEDISA, 1998. p. 129-150.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. Introdução. In: BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*. Reprod. fac-simil., leit., introd. e anot. por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Fac. Letras da Univ. de Lisboa, 1971.
- CARVALHO, Joaquim Barradas de (Ed.). *Esmeraldo de situ orbis de Duarte Pacheco Pereira: édition critique et commentée*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1991.

CARVALHO, Joaquim Barradas de. Literatura de viagens. In: SERRÃO, Joel (Dir.). *Dicionário de história de Portugal*. Porto: Iniciativas, 1979. v.6, p. 283a-289b.

CARVALHO, Joaquim Barradas de. L'historiographie portugaise contemporaine et la littérature de voyages à l'époque des grandes découvertes. *Iberida*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 101-140, dez. 1960.

CASTRO, Maria Helena Lopes *et al.* Normas de transcrição para textos medievais portugueses. *Boletim de Filologia*, Lisboa, v. 22, n. 3-4, p. 417-25, 1973.

CERQUIGLINI, Bernard. *Éloge de la varianie: histoire critique de la philologie*. Paris: Seuil, 1989.

CINTRA, Luís F. L. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa (ensaios)*. Lisboa: Horizonte, 1972.

CÓDICE Bastião Lopes. De autor anônimo. Introd. de Luís de Albuquerque. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

CONTRERAS, Lídia. *Ortografía y grafémica*. Madrid: Visor, 1994.

COSTA, A. Fontoura da. *A marinaria dos descobrimentos*. 3. ed. Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1960.

CREYSSELS, Denis. *Eléments de syntaxe générale*. Paris: PUF, 1995.

FARIA, Isabel Hub *et al.* (Org.). *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

GASPAR, Manoel. *Libro Vniversal De Derrotas, alturas, longetuDes, e conhecenças, De todas as nauegaçōis, Destes, Reinos, De portugal, e castela. Indias Orientais e occidentais, O mais copioso e claro que pode ser, En seruicio dos Nauegantes; Ordenado. por pilotos consumados, Nesta sçiençia e Vertudes, De aproueitar En seruicio De Deos*. Lix(bo)a. O pr(imeir)o De março 1594. Lisboa: Biblioteca Nacional, Ms. 1507 (cópia cedida pelo Comandante Max Justo Guedes, diretor do Serviço de Documentação Geral da Marinha, Rio de Janeiro).

ILLICH, Ivan. Um Apelo à pesquisa em cultura escrita leiga. In: Olson (1995: 35-54).

JOURDAIN, Michel Mollat de. Introduction. In: _____ & RONCIÈRE, Monique de la. *Les portulans: cartes maritimes du XIII au XVII siècle*. Fribourg: Office du Livre, 1984.

KITTAY, Jeffrey. Pensando em termos da cultura escrita. In: Olson (1995: 179-186).

LASS, Roger. *Historical linguistics and language change*. Cambridge: CUP, 1997.

- LINSCHOT, Iean Hvgves de. *Le grand routier de mer.... Nouv. trad. de flameng en françois*. In: _____. *Histoire de la navigatioin aux Indes Orientales: contenant diverses descriptions des lieux iusques à présent descouvertes par les portugais...* 2. éd. augm. Amsterdam: Chez Everts Cloppenburch, 1619. p.3-8 e 16-9.
- LISBOA, João de. *Livro de marinaria. Tratado da agulha de marear: roteiros, sondas e outros conhecimentos relativos à navegação*. Copiado e coordenado por Jacinto Ignacio de Brito Rebelo. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva, 1903.
- LIVRO de Cozinha da Infanta D. Maria: Códice Português I. E. 33. da Biblioteca Nacional de Nápoles. Prol., leit., notas aos textos, gloss. e índ. de Giacinto Manupella. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- MAINIGUENEAU, Dominique. *Elementos de lingüística para o texto literário*. Trad. de Maria Augusta de Matos, rev. de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MARQUES, Alfredo Pinheiro. *Origem e desenvolvimento da cartografia portuguesa na época dos descobrimentos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
- MARTÍNEZ ORTEGA, María de los Ángeles. El error gráfico o *lapsus calami* en los textos jurídicos. In: _____. *La lengua de los siglos XVI y XVII a través de los textos jurídicos: los pleitos civiles de la escribanía de Alonso Rodríguez*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones/ Intercambio Editorial/Universidad de Valladolid, 1999. p. 23-42.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. *Textos medievales españoles: ediciones críticas y estudios*. Madrid: Espasa-Calpe, 1976.
- MOTA, A. Teixeira da. *A evolução da ciência náutica durante os séculos XV-XVI na cartografia portuguesa da época*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.
- NIEDEREHE, Hans-J. *Alfonso X el Sabio y la lingüística de su tiempo*. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1987.
- OLIVEIRA, Fernão de. 1536. *A gramática da linguagem portuguesa*. Introd., leit. actual. e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975.
- OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Ed.). *Cultura escrita e oralidade*. Trad. de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1995.
- PEREIRA, G. (Ed.). *Roteiros portuguezes da viagem de Lisboa a India nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1898.
- PICCHIO, Luciana Stegagno (Ed.). *Diálogo em louvor da nossa linguagem, de João de Barros*. Modena: Soc. Tip. Modenese, 1959. p. 76. Lett. crit. dell'ed. del 1540 com una introd. su "La Questione della lingua in Portogallo" a cura di Luciana Stegagno Picchio.

- PINTO, Edith Pimentel. Edição crítica no Brasil. *Comunicação e Artes*, São Paulo, n. 11, p. 175-87, 1982.
- PINTO, João Rocha. Literatura de viagens. In: Luís de ALBUQUERQUE (Dir.). *Dicionário de história dos descobrimentos portugueses*. Lisboa: Caminho, 1994. v.2, p. 606b-613b.
- RAYNAUD-NGUYEN, Isabelle. [Commentaire]. In: JOURDAIN, Michel Mollat de & RONCIÈRE, Monique de la. *Les portulans: cartes maritimes du XIII au XVII siècle*. Fribourg: Office du Livre, 1984. p.201b-202c.
- REIS, Carlos & MILHEIRO, Maria do Rosário. *A construção da narrativa queiroiana: o espólio de Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- REIS, Pedro Batalha. O Brasil num portulano do século XV. *Brasília*, Coimbra, v.2, p. 199-225, 1943.
- SAMPSON, Geoffrey. *Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia*. Trad. de Valter Lellis Siqueira, rev. téc. de Nadja Ribeiro Moreira. São Paulo: Ática, 1996.
- SCHRİFFIN, Deborah. *Discourse markers*. Reimp. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996.
- SILVA NETO, Serafim da. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: MEC/CRB, 1956.
- STEMPEL, Wolf-Dieter. Para o estudo da conjunção e na prosa narrativa do português medieval. CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA ROMÂNICA, 9, *Actas... Boletim de Filologia*, Lisboa, v.18, p. 229-42, 1959. (pub. 1961).
- TAVANI, Giuseppe. Los textos del siglo XX. In: SEGALA, Amos (Ed.). *Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XX^e siècle: théorie et pratique de l'édition critique*. Roma: Bulzoni, 1988. p. 53-84.
- TELLES, Célia Marques. Dos portulanos aos roteiros de navegação: variação e construção do discurso. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, Maceió, n. 21, p. 838-49, 1997. (Atas do I Congresso Nacional da ABRALIN).
- TELLES, Célia Marques. A evolução da estrutura do discurso dos roteiros de navegação. *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis*, Olomouc, Philologica 69, Romanica 6, p. 49-56, 1996.
- TELLES, Célia Marques (Ed.). *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI: edição do manuscrito FP 56 da BNP*. São Paulo: Univ. de São Paulo, 1988. 3v. (Tese de Doutoramento, Filologia e Língua Portuguesa, orientada pela Profa. Dra. Edith Pimentel Pinto).

TELLES, Célia Marques. *As categorias de 'modo', 'tempo' e 'aspecto' em textos românicos do século XVI*. Salvador: UFBA/PGL, 1982. (Dissert. orient. por Nilton Vasco da Gama)

TELLES, Célia Marques. *O livro de marinbaria de Manuel Álvares (ms. português do séc. XVI)*. Bahia: UFBA/FF/FR, 1965.

TROUBETZKOY, N. S. Note pour une science pure de l'écriture. In: LE CERCLE DE PRAGUE. Paris: Seuil, 1969. p. 85-7.

VACHEK, Josef. Writing and phonetic transcription. In: HAMP, Eric P. et al. *Readings in Linguistics II*. Chicago/London: The Univ. of Chicago Press, 1966. p. 152-7.

WEINRICH, H. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Vers. esp. de Federico Latorre. Madrid: Gredos, 1968.

YULE, George. *Pragmatics*. New York: Oxford Univ. Press, 1996.

Corpus de Amostragem

- AC ATLAS CATALAN. Paris: BN, ms. esp. 30, c. 1375. fº. 5 vº. e 6 rº. In: JOURDAIN, Michel Mollat de & RONCIÈRE, Monique de la. *Les Portulans: cartes maritimes du XIII au XVII siècle*. Fribourg: Office du Livre, 1984. p. 8.
- AM VIAGEM DE LISBOA PARA O CABO DA BOA ESPERANÇA EM MARÇO OU SETEMBRO. In: ROTEIRO DA INDIA DE ALEIXO DA MOTA. In: PEREIRA, G. (Ed.). *Roteiros portuguezes da viagem de Lisboa á India nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1898. p. 95-107.
- BL CÓDICE BASTIÃO LOPES. Lisboa: IN/CM, 1987. De autor anônimo. Introd. de Luís de Albuquerque.
- CI CARTA ISOLADA. Milano: Biblioteca Ambrosiana, séc. XV. In: REIS, Pedro Batalha. "O Brasil num portulano do século XV". *Brasília*, Coimbra, v. 2, 1943. A ilustração acha-se entre as p. 210 e 211.
- CIP CONHEÇENÇA DAS ILHAS PRIMEIRAS. In: TELLES, Célia Marques (Ed.). *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI*. São Paulo: USP, 1988. v. 1, f. 158-162. Tese orient. por Edith Pimentel Pinto.
- CTM CONHEÇENÇA DA TERRA DE MOÇAMBIQUE. In: TELLES, Célia Marques (Ed.). *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI*. São Paulo: USP, 1988. v. 1, f. 162-163. Tese orient. por Edith Pimentel Pinto.
- DAI ROTEIRO DE NAVEGAÇÃO D'AQUI PERA A INDIA. In: TELLES, Célia Marques (Ed.). *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI*. São Paulo: USP, 1988. v. 1, f. 9-115. Tese orient. por Edith Pimentel Pinto.
- DAP VIAGÉ DA INDIA PERA PURTUGAL, SCILICET), DE MONTE DE LI OU DE COUÇHIM TRATA DA VINDA AO REINO. In: TELLES, Célia Marques (Ed.). *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI*. São Paulo: USP, 1988. v. 1, f. 115-132. Tese orient. por Edith Pimentel Pinto.
- DLNL PICCHIO, Luciana Stegagno (Ed.). *Diálogo em louvor da nossa linguagem, de João de Barros*. Modena: Soc. Tip. Modenese, 1959. Lett. crit. dell' ed. 1540 con una introd. su "La Questione della lingua in Portogallo" a cura di L. S. Picchio.
- DSD TELLES, Célia Marques (Ed.). Derrota de Santo Domingo para la Nueva España. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, v. 13, p. 13-24, jul. 1992.

- FISL ESTE E O CAMINHO Q(UE) <H>AVEIS DE FAZER PARTNDO DE MONTE DE LI, PER FORA DA ILHA DE SÃO LOURENÇO. In: TELLES, Célia Marques (Ed.). *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI*. São Paulo: USP, 1988. v. 1, f. 174-180. Tese orient. por Edith Pimentel Pinto.
- JL LISBOA, João de. *Livro de marinaria. Tratado da agulha de marear. Roteiros, sondas e outros conhecimentos relativos á navegação; codice do seculo XVI, que pertenceu á livraria do falecido Marquez de Castello Melhor em cujo catalogo de manuscritos tinha o numero 254, adquirido no respectivo leilão pelo Excel."mo Sr. Duque de Palmella*. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva, 1903. Copiado e coordenado por Jacinto Ignacio de Brito Rebello.
- LC LIVRO DE COZINHA DA INFANTA D. MARIA: CÓDICE PORTUGUÊS I. E. 33. DA BIBLIOTECA NACIONAL DE NÁPOLES. Lisboa: IN/CM, 1986. Prol., leit., notas aos textos, gloss. e índ. de Giacinto Manupella.
- LCU LONGITUDES Q(UE) HA DE HUNS LUGARES PORTOS E YLHAS. A OUTROS NA COSTA VNIVERSAL. CÔ O COMPASO EM DEREITURA. In: TELLES, Célia Marques. Dos portulanos aos roteiros de navegação: variação e construção do discurso. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, Maceió, n. 21, p. 838-49, 1997. (Atas do I Congresso Nacional da ABRALIN).
- LR ESTE LIURO HE DE ROTEAR S. DE TODO PORTUGAL E DE GALIZA ATEE SORLINGA E OEXAMTE. E DAS YLHAS DE MADEYRA E DOS AÇORES E DE GUINEE E COMEÇA DE FALLAR DE COMO JAZ A BERLENGA CÔ HO CABO DE FIJSTERRA. In: BAIÃO, António (Ed.). O Manuscrito "Valentim Fernandes"; oferecido à Academia por Joaquim Bensaúde. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1940. p. 209-240. Leitura e rev. das provas por António Baião.
- RCBE REGIMENTO DO CABO DE BOA ESPERÂÇA PERA A INDIA. In: TELLES, Célia Marques (Ed.). *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI*. São Paulo: USP, 1988. v. 1, f. 187-196. Tese orient. por Edith Pimentel Pinto.
- RFV [CONHEÇENÇA] DO RIO DE FERNÃO VELOSO E SINAES. In: TELLES, Célia Marques (Ed.). *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI*. São Paulo: USP, 1988. v. 1, f. 172-174. Tese orient. por Edith Pimentel Pinto.
- RS [REGIMENTO DO SOL]. In: TELLES, Célia Marques. *O Livro de marinaria de Manuel Álvares: (ms. Português do séc. XVI)*. Bahia: UFBA/FF/FR, 1965.

- RVB ROTEIRO DA VIAJEN E COSTA DETTODO O BRASIL NAUEGANDO P(OR) ELE. DES DAS ILHAS DOCABO VERDEATE ORIO DA PRATTA. In: GASPAR, Manoel. *Libro VniverSal De Derrotas, Detodas as nauegaçōis, Destes, Reinos, Deportugal, e castela. Indias Orientais e ocçidentais, O mais copioso e claro que podeser, en seruço dos Navegantes. Ordenado, por pilotos consumados, Nesta sciença e Vertudes, Deaprouitar En seruço de Deos*. Lisboa, BN, 1594. fº 101rº.-107rº.
- TSR TITULO DAS SONDAS E ROTAS DO CABO DE BOA ESPERÃÇA: ATE CALICU. In: TELLES, Célia Marques (Ed.). Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI. São Paulo: USP, 1988. v. 1, f. 148-157. Tese orient. por Edith Pimentel Pinto.
- VRRCI ROTEIRO DA CARREYRA DA INDIA E DOS RUM(OS) AQUESE ADE GOUERNAR, E DOS SINAIS QUE NESTA VIAJEN SE ACHÃO, CON AS DEFERENÇAS DA AGULHA COMPOSTO POR VICENTE ROİZ PILOTO MOR DELA. In: GASPAR, Manoel. *Libro Vniversal De Derrotas, alturas, longetuDes, e conhecenças, De todas as nauegaçōis, Destes, Reinos, De portugal, e castela. Indias Orientais e ocçidentais, O mais copioso e claro que pode ser, En seruço dos Nauegantes; Ordenado. por pilotos consumados, Nesta sciença e Vertudes, De aproueitar En seruço De Deos*. Lisboa, BN, 1594. fº 85rº.-93vº.
- VRRIDA ROTEIRO DA INDIA COM AS DIFERENÇAS DA AGULHA. In: ROTEIRO DA CARREIRA DA YNDIA, DOS RUMOS A QUE SE ADE GUOVERNAR EM TODA ELLA E DOS SINAIS QUE EM TODA ESTA VIAGEM SE ACHAM E EM QUE PARAGEM SÃO PARTICULARES COM AS DIFERENÇAS DAGULHA FEITO POR VICENTE ROIZ, PILOTO DELLA. In: ROTEIROS DA INDIA DE VICENTE RODRIGUES E GASPAR MANUEL. In: PEREIRA, G. (Ed.) . *Roteiros portuguezes da viagem de Lisboa á India nos seculos XVI e XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1898. p. 15-27.

Pontuação: um problema na edição de sermões do Padre Eusébio de Matos

Valéria Maria Pena Ferreira^{*}

O primeiro contato que tive com a obra de Eusébio de Matos foi por intermédio do Prof. José Américo, como uma sugestão de pesquisa para o trabalho final do Mestrado em Literatura Brasileira da FALE-UFMG. Naquela ocasião, fotocopiei a edição fac-similar do *Ecce Homo*, publicada na *Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa* em 1923. Trata-se de um conjunto de seis práticas pregadas no Colégio da Bahia e publicadas originalmente no século XVII em Lisboa.

Muito bem impressionada por essas práticas, procurei obter outras obras do autor. Esbarrei, então, em algumas dificuldades. Depois de muito procurar, somente consegui microfilmado um conjunto de quinze sermões publicados uma única vez, em 1694. Desses sermões, apenas um teve recentemente uma nova edição, preparada pelo Prof. José Américo e pela Profª Maria Cecília Boechat. Também de Eusébio de Matos, pude ler, há poucos meses, na *Revista de Língua Portuguesa*, de setembro de 1923, a *Oração Fúnebre nas exéquias do ilustríssimo e reverendíssimo senhor D. Estêvão dos Santos, Bispo do Brasil*. Desconhecidos meus são ainda o *Sermão da soledade e lágrimas de Maria Santíssima Senhora Nossa*, publicado em 1681, e os *Sermões do Rosário*, que teriam desaparecido, segundo Diogo Barbosa Machado.

Frente às dificuldades de acesso a algumas das obras do sermonista e das proporções limitadas de uma dissertação de mestrado, optei por trabalhar, naquela ocasião, exclusivamente com o conjunto de práticas *Ecce Homo*. O objetivo da dissertação foi localizar a obra do Padre Eusébio de Matos no painel da literatura brasileira, tomando como referência os sermões escolhidos. A partir de pesquisa histórica sobre as navegações portuguesas, a Companhia de Jesus e a colonização brasileira, procurei definir o lugar ocupado pelos sermonistas e pelos sermões na Bahia do século XVII. Em seguida, fiz um levantamento da fortuna crítica de Eusébio de Matos, na tentativa de demarcar o interesse

* Doutoranda em Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG.

suscitado por sua obra nos historiadores e críticos literários brasileiros e portugueses. Além disso, fiz uma análise dos referidos sermões, com base em informações históricas relativas à colonização, à arte e à literatura brasileiras, bem como em padrões retóricos e estilísticos característicos daquele século.¹

Durante o trabalho, diante da necessidade de possibilitar o acesso dos participantes da banca examinadora aos textos, cujas edições existentes eram de difícil localização, decidi, junto com meu orientador, Prof. José Américo, preparar uma edição dos sermões estudados e anexá-la à dissertação. Naquela ocasião, tínhamos como objetivo aproximar um clássico de nossa língua e de nossa literatura dos leitores atuais. Para isso, procedemos à atualização ortográfica do texto e fizemos algumas modificações, cujos critérios, previamente estabelecidos, apareciam imediatamente antes dos sermões.

Dentre esses critérios, quero destacar o que se refere à pontuação:

A pontuação da edição de 1677 não obedece, rigorosamente, a possíveis critérios de marcação de pausas, melodia e entoação nem se ajusta às inflexões lógicas do pensamento. Ela se encontra, por isso, bastante afastada do uso atual, o que nos levou a alterá-la. Com isso, acreditamos, reduzem-se em grande parte as possíveis dificuldades que a leitura do texto possa apresentar para um leitor menos acostumado à literatura do período clássico. Conservamos, entretanto, tudo que nos pareceu ter valor expressivo. (Ferreira, 1999:126)

Lembro-me bem de ter sido a pontuação o problema mais difícil na edição dos textos. Sobre ele muitas vezes discordávamos: em vários casos, eu queria modificá-la para adaptá-la aos nossos padrões atuais e o Prof. José Américo queria mantê-la como no original por reconhecer seu valor expressivo. Com essa mesma intenção, José Américo procurou manter, na edição que fez do *Sermão do Dia de Cinza*², de Antônio de Sá, a pontuação original, embora afirmasse tê-la alterado, em algumas passagens, “em favor da clareza das idéias.” (Sá, 2001:3) Essa mesma diretiva foi mantida na edição do *Sermão do Mandato*, também de Eusébio de Matos.

Essa questão da pontuação é sobre a que mais tenho refletido no que se refere à edição de textos de épocas passadas. Minhas dúvidas

¹ FERREIRA, Valéria Maria Pena. *Ecce Homo: Eusébio de Matos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 1999. (Dissertação).

² SÁ, Antônio de. *Sermão do Dia de Cinza*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.

surgiram ao ouvir o Prof. João Adolfo Hansen defender a idéia de que a pontuação dos sermões de textos do século XVII seria afetiva, ligada à *actio retórica* e que, portanto, não deveria ser atualizada.

Essa orientação coincide com a adotada em duas edições recentes de obras do século XVII, ambas sob organização de Alcir Pécora. Uma das edições é de um manuscrito, até então inédito, escrito em espanhol: *O panegírico fúnebre a D. Afonso Furtado, de Juan Lopes Sierra*.³ Nessa publicação, que conta com uma edição diplomática do manuscrito e uma tradução para o português, manteve-se a pontuação original na edição diplomática. Mas também na tradução, segundo o organizador, buscou-se, de modo geral, “manter a ênfase retórica com que foi empregada no original.” (Pécora, 2002:69) Da mesma maneira, na antologia intitulada *Poesia seiscentista*, Alcir Pécora manteve rigorosamente a pontuação original e reconheceu que fazer essa opção relativamente à prosa “seria difícil ou daria ares arqueológicos ou arcaizantes aos textos” (Pécora, 2002:17).

Nesse contexto o problema parece ser, por um lado, optar entre manter o texto o mais próximo do seu original e não alterar a pontuação; por outro, pensar na legibilidade do texto hoje e alterar a sua pontuação. Parece que pensar em diferentes tipos de edição, como a diplomática, a fidedigna ou a edição crítica, poderia nos ajudar a discernir melhor a questão. Procurando mais suporte para pensar sobre esse problema, leio Segismundo Spina em sua *Introdução à edótica*⁴.

Nessa obra o autor afirma: “A edição crítica tem por finalidade restituir ao texto a sua genuinidade, facilitar a sua leitura, torná-lo inteligível, valorizá-lo e permitir à crítica literária o exercício tranqüilo de sua tarefa.” (Spina, 1994:86) Parece que o autor mostra aqui a necessidade de atender simultaneamente aos dois objetivos antes referidos: manter o texto o mais próximo possível do original e, ao mesmo tempo, pensar na sua compreensão. Isso pode ser confirmado quando, no parágrafo seguinte, Spina explica o que entende por “torná-lo inteligível”: “torná-lo inteligível é interpretá-lo, pontuando-o racionalmente” (Spina, 1994: 86). O problema pode ser o de que a nossa racionalidade não fosse o parâmetro do autor

³ PÉCORA, Alcir & SCHARTZ, Stuart B. (Org.) *As excelências do governador: o panegírico fúnebre a D. Afonso Furtado, de Juan Lopes Sierra* (Bahia, 1676.). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁴ SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2ed. São Paulo: Ars Poética-Edusp, 1994.

do texto editado. No caso em estudo, poderia ser, como afirma Hansen, que ele tivesse um parâmetro de afetividade ligado à retórica. Talvez, para a pontuação, valesse algo equivalente ao que Pécora afirma sobre o uso de maiúsculas e minúsculas: “O interesse da manutenção desse emprego é a percepção, por parte do leitor, do emprego significativo de maiúsculas e minúsculas, que obedeciam mais à ênfase e à argumentação do que à simples normalização gráfica.” (Pécora, 2002:69)

Essa possibilidade fica ainda mais evidente quando lemos Santo Agostinho, autor que servia de referência aos sermonistas brasileiros e portugueses do século XVII.⁵ Ao tratar dos princípios fundamentais da arte oratória, comentando um texto bíblico do Antigo Testamento, com o objetivo de ressaltar a eloquência do profeta Amós, Santo Agostinho evidencia a importância da elocução do discurso, à medida em que vai enumerando formas de proferir essa passagem bíblica:

Quanto ao fim de toda esta passagem [...], pode-se pronunciar, seja em um jato contínuo, como um só membro, seja mais elegantemente, suspendendo a voz depois de ‘sem vos compadecerdes’ e acrescentando após a cesura: ‘da aflição de José’, de modo a formar um período de dois membros. (Santo Agostinho, 2002:226-227)

Muito possivelmente, um escritor brasileiro do século XVII poderia fazer suas escolhas de pontuação, menos por uma questão normativa e mais pelo efeito retórico da escolha.

Dante dessa reflexão, penso que, num trabalho de edição de textos de nossa literatura produzidos no período colonial, deveríamos tomar mais cuidado não apenas com a manutenção da pontuação, mas com outros detalhes como as liminares discursivas ou o uso de maiúsculas e minúsculas. Nesse sentido, muitas falhas já foram cometidas. Só para citar um exemplo, a *Revista de língua portuguesa*, no volume que traz a *Oração Fúnebre*, do Padre Eusébio de Matos, publica-a com a página de rosto e a dedicatória que foi originalmente do conjunto de práticas *Ecce Homo* e ainda acrescenta esse mesmo título a todas as páginas onde está impressa a oração. Como esse, há inúmeros textos à espera de novas e mais cuidadas edições. Espero poder continuar ajudando, ainda que timidamente, a realizar esse trabalho. Especialmente, se for acompanhada pelo Prof. José Américo, de quem talvez discorde menos das próximas vezes. Ou, pelo menos, em outra direção.

⁵ SANTO AGOSTINHO. *A doutrina cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.

Edição de uma carta de sesmaria setecentista da Fazenda da Barra do Gualacho do Norte (atual Barra Longa), Capitania das Minas Geraes

Soélis Teixeira do Prado Mendes*

Introdução

O trabalho aqui apresentado é o resultado das primeiras pesquisas do subprojeto *Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais – documentação em língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX* que, por sua vez, faz parte de um projeto maior denominado *Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*, desenvolvido na FALE/UFMG, com o apoio da FAPEMIG (SHA 55019/02), e coordenado pela Profa. Dra. Maria Antonieta A. M. Cohen. Esse subprojeto tem como objetivo localizar e transcrever documentos autógrafos e datados, escritos em língua portuguesa antiga (séc. XVIII e XIX) nas regiões de Barra Longa, Belo Vale, Lavras, Serro e Sumidouro – localidades que, preferencialmente, mas não exclusivamente, foram criadas como consequência das incursões das ‘bandeiras’ dos séculos passados no estado de Minas Gerais –, segundo critérios confiáveis estabelecidos (Cambreia *et al.*, 2001:553), visando a posterior pesquisa nas áreas correlatas da Lingüística Histórica, da Sociolingüística e da Geolinguística.

Apenas para localização histórica, a região do Carmo, conforme Prado Mendes (2000:70), onde se localiza a cidade de Barra Longa, figura dentre ‘as zonas primeiro penetradas e habitadas’ no século XVII em Minas Gerais. Provavelmente, o fato de esta região ter feito parte das rotas do bandeirante Antônio Rodrigues Arzão, no ano de 1693, o qual, segundo consta, foi o primeiro a revelar o ouro das Gerais, seja a justificativa para que esta área tenha sofrido as primeiras investidas de exploração.

* Doutoranda em Estudos Lingüísticos na Faculdade de Letras da UFMG.

Neste artigo, pretende-se fazer uma análise da edição proposta pela *Revista do Archivo Publico Mineiro* (RAPM) de uma *Carta de Sesmaria* [fólio 45r; 45v; 46r], a fim de demonstrar que tal edição não é útil à pesquisa lingüística, já que, conforme será visto, não foram estabelecidos critérios rigorosos de transcrição. Serão apresentados os problemas de leitura por parte da *Revista* e, em seguida, será proposta uma outra edição do mesmo fólio.

Análise da edição existente

A edição proposta pela RAPM, embora em todo o texto se mantenha fiel no propósito de não desfazer as abreviaturas, serve apenas, ao que tudo leva a crer, como fonte para a pesquisa histórica. Lida por um leigo em Filologia e/ou Lingüística Histórica, há de se acreditar que existe uma manutenção do registro da época, principalmente em termos ortográficos, pois em alguns casos a ortografia original foi mantida, como em 'Villa'; 'mattos'; 'ellas'; 'sette centos', entre outros; entretanto, numa análise mais criteriosa é possível perceber o grande número de alterações promovidas, conforme será visto nos quadros a seguir. Salientamos, no entanto, que os dados apresentados não são exaustivos, mas servem para classificar os tipos de divergências encontrados durante o cotejo entre a edição da Revista e aquela que aqui propusemos.

a) Cliticização

	Edição RAPM	linhas	Edição Proposta	linhas
Separação dos clíticos	se lhe concedesse o fasendo se devolverão	09 33/34 34	Selhe concedessese naõ ofazendo sedivolverão	10 39 39

b) Diacrítico

	Edição RAPM	linhas	Edição proposta	linhas
Apagamento	forma margens obrigado demarcar nenhum	08 17 25 25 30	fórm̄a margeñ̄s obrigádo demarcár nenhú	09 20 30 31 36
Deslocamento de posição	Provizão Puserão concepção	02 14 14	Provizaõ puzeraõ concepçaõ	03 16 16

c) Ortografia

	Edição RAPM	linhas	Edição Proposta	linhas
Substituição Z/S	representar Barbosa	03 05	reprezentár Barbóza	04 05
Substituição [e] / [i]	utilizar judicialmente	06 26	utelizar judecial mente	07 31
Substituição de [o][a]	cantendas	31	contendas	37
Apagamento de metátese do [r]	permitem	18	premitem	22
Apagamento de consoantes duplas	Seculares devolutas	36 36	Secullares devollutas	43 44
Substituição maiúscula/minúscula	povoado	20	Povoado	24
Troca de vocábulo	entendendo	12	atendendo	13
Junção de vocábulos (substantivo, conjunção, advérbio)	com tanto competentes judicialmente	16 23 26	com tanto com petentes judecial mente	19 27/28 31
Separação de vocábulos	minha carta da dita o direito	03 10 19	minhacarta dadita odireito	04 11 23

d) Pontuação

	Edição RAPM	linhas	Edição Proposta	linhas
Inclusão/exclusão de vírgula	relegoeñs, por as pessuaõ será	34 34	relegoeñs por as pessuaõ, será	41 42
Inclusão de ponto e vírgula	cultivar; e outro	33	cultivár e outro	40
Inclusão de ponto final	seis. O Secretº	45	seis o Secretario	55

e) Sintagmas: nominal /verbal

	Edição RAPM	linhas	Edição Proposta	linhas
Apagamento de pronome	Proença Fidalgo lhe pertence	02 30/31	Proença nosso Fidalgo oqueselhaperistence	01 37
Apagamento de plural	a poder	10/11	aspoder	12
Alteração da sentença	as terá com condição	33/34	terá as ditas terras	40

f) Vogais nasais

	Edição RAPM	linhas	Edição Proposta	linhas
Conversão de vogal oral em nasal	Mendonça	02	Mendoça	01
Mudança de representação da marca de nasalidade	nenhum hum	30 30	nenhú hú	36 37

g) Outros casos

	Edição RAPM	linhas	Edição Proposta	linhas
Apagamento de palavras/sinais	que, digo minha carta merce q' faço	03 24	que tedigo carta merce que faço	04 22
Inclusão de sinais	etc – Faço saber	03	et cetera Faço saber	03
Alteração de abreviatura	q'	13	que	15

Observa-se, através desses quadros, que a transcrição de um manuscrito apenas é válida para os estudos lingüísticos quando são estabelecidos critérios de transcrição e, por extensão, quando tais critérios são observados rigorosamente. A seguir, apresentamos o texto integral da RAPM e uma proposta de transcrição, cujos critérios são baseados em Cambraia *et al.* (2001:553) – *Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil* – (v. anexo).

Transcrição da RAPM

Ao C.^{el} Mathias Barbosa da Silva

Martinho de Mendonça de Pina e de Proença Fidalgo da caza de S.mag.^{de}
 Gov.or intr.^o da Cap.^{nha} das Minas geraes etc - Faço saber aos que esta minha Provízão,
 virem que, digo minha carta de sesmaria virem que tendo respeito a me representar o
 5 Coronel Mathias Barbosa da Silva morador em Villa Rica que elle hera pessuidor de
 hum grande número de escravos e estava faltó de terras em q'. se pudesse utilisar e a
 real fazenda no aumento dos reaes dizimos e como pessuhia hua fazenda na Barra do
 Gualacho do Norte termo da Villa do Carmo queria o Suplicante q'. na forma das
 ordens de Smag.^{de} se lhe concedesse por sesmaria huma legoa de terras e Mattos na dita
 10 paragem fazendo p ào no meyo da dita fazenda do Suplicante para com justo titullo a
 poder pesuir pedindome lhe mandasse passar a dita sesmaria na forma das ordens de
 S.mag.^{de} ao que entendendo eu mandando ouvir o Provedor da fazenda real e
 procurador della e os offeciaes da Camr.^a da Leal Villa de N. Senhora do Carmo q.' não
 15 puserão duvidia a esta concepção: Hey por bem fazer merce e conceder em nome de
 S.mag.^{de} ao dito coronel Mathias Barboza da Silva da referida fazenda na paragem
 asima mencionada com as terras e mattos a ella pertencentes contanto que não passem
 de meya legoa em quadra ou não comprehendão ambas as margens de algum Rio
 navegavel na forma das mesmas ordens de S.Mag.^{de} que só desta maneira permitem as
 20 sesmarias dentro das Minas, e esta merce que faço ao suplicante he salvo o direito regio
 e prejuizo de terceiro que haja povoado cultivado ou ocupado a dita fasenda terras ou
 Mattos ou della tenha algum titullo que valiozo seja ficando aos vesinhos com quem
 partem não somente reservados aos seus sitios mas as vertentes delles que lhe forem
 competentes sem que os referidos vesinhos e moradores com o pretexto de vertentes se
 25 queirão apropiar de demaziadas terras em prejuizo desta merce q.' faço ao Suplicante
 que será obrigado dentro de hum anno que se contará da data desta a demarcar
 judicialmente as ditas terras, medindo as de que lhe faço merce, e antes de faser esta
 demarcação serão notificados os vezinhos e moradores com quem partem as ditas terras
 por offeciaes competentes para alegarem o prejuizo que tiverem e embargarem a
 30 demarcação judicialmente se lhe prejudicar, e sem fazer a dita notificação e demarcação
 será de nenhum vigor esta sesmaria, por ser justo que cada hum pessua o que lhe
 pertence, e se evitem cantendas e prejuizos e o Suplicante será obrigado a povoar
 cultivar e ocupar as ditas terras ou em parte dellas, dentro de dous annos, e não o
 fassendo se devolverão e darão a quem as possa cultivar; e outro sim as terá com
 35 condição de nellas sucederem relegoeñs, por titullo algú e acontecendo que as pessuão
 será com o encargo de dellas deverem dizimos como se fossem pessuidas por
 Seculares, e faltandose ao referido se julgarão por devolutas, e se darão a quem as
 denunciar e o suplicante não impedirá os caminhos e serventias publicas que nas taes
 terras ouver: Pello que mando ao offecial a quem tocar de posse ao suplicante das
 40 referidas terras na forma desta minha concepção, feita primeiro a demarcação com a
 notificação dos vezinhos como asima ordeno de que se fará termo no Livro das nótas
 para a todo tempo constar dos Lemites desta sesmaria que por firmesa de tudo lhe
 mandei por mim assignada e sellada como o sello de minhas armas que se cumprirá
 inteiramente como nella se contem , registandosse nos Livros da Secretaria deste
 Governo e nos mais a que tocar. Dada em Villa Rica aos sette de Septbr^o. de mil e sette
 45 centos e trinta e seis. O Secret^o. do Gov.^o Antonio de Souza Machado a escrevi -
Martinho de M^a. de Pino e de Proença.

Transcrição proposta

Para que fosse proposta essa transcrição, partiu-se da leitura do manuscrito original, gentilmente cedido pela Superintendência do Arquivo Público Mineiro.¹

Sesmaria |||[fól.45r.]² Martinho deMendoça dePina ede Pro | ença nosso Fidalgo
 doCoronel dacaza de *Sua magestade Governador interino* da | Capitania, das Minas
 Mathias Barbósa ge raes *et cetera* Faço Saber aos que esta | minha Provizão virem que tedigo
 daSilva minhacarta desesmaria | virem que tendo respeito ame reprezentár
 5 oCoronél Ma | thias Barbóza da Silva morador em Villa Rica que elle | hera
 pessuidor de hum grande numero de escravos e estava | falto de terras
 emqueSepudesseutelizar ea real fazen | da no aumento dos reáes dizimos
 economo pessuhia hua | fazenda na Barra do Gualacho doNorte termo daVilla
 | doCarmo queria oSuplicante que na forma das ordéns de | *Sua magestade*
 10 Selheconcedesse por sesmaria húa légoa de térras | e Mattos na dita
 paragem fazendo piaõ no meyo dadita | fazenda do Suplicante paracom
 justo titullo aspoder pe | suir pedindome lhemandasse passár adita
 Sesmaria na | forma das ordéns de *Sua magestade* ao que atendendo eu
 15 man | dando ouvir oProvedor da fazenda real procurador de | lla eos
 offeciáes daCamara da Leal Villa de Nossa Senhora do | Carmo que naõ
 puzeraõ duvida aesta concepçao : Hei porbem | fazer merce econceder em
 nome de *Sua magestade* ao dito Coronel | Mathias Barboza da Silva da
 referida fazenda na pa | ragem aSima mencionáda com as terras e mattos
 20 aella | pertencentes, com tanto que naõ passem de meya legoa em | quâdra
 ou naõ comprehendaõ ambas as margeñs de algum | Rio navegável na
 forma das mesmas ordens de *Sua ma | gestade* que só desta maneira
 premitem as Sesmarias den | tro das Minas, e esta merce que faço ao
 Suplicante he | Salvo odireito regio eprejuizo de terceiro que haja |
 Povoado cultivádo ou ocupado adita fazenda terras | ou Mattos oudella
 25 tenha algum titulo que valiozo |
 || [fól. 45v] Seja ficando a os vezinhos com quem partem naõ Somen | te
 rezervádos os Seus Sitiós mas as vertentes delles que lhe | forem com
 petentes Sem que os referidos vezinhos em | radores com o pretexo de
 vertentes se queiraõ apropri | ár de demaziádas terras em prejuizo desta
 30 merce que faço | ao Suplicante que Será obrigádo dentro de hum anno que |
 Se contará da da[corroído] desta a demarcár judeciál mente as ditas | térras
 medindo as de que lhefaço merce, eantes de fazer esta | demarcação Seraõ
 notificádos os vezinhos emradores | com quem partem as ditas terras por
 offeciáes com peten | tes para alegarem oprejuizo que tivérem e

¹ No canto superior à esquerda do manuscrito, há uma rubrica de outro punho.

² Nesse local há uma marca de X, em tom azul, feita, muito provavelmente, nos dias atuais para microfilmagem do documento.

35 embargarem I ademarcação judecial mente Selhe prejudicá eSem fazer I
adita noteficaçāo edemarcação Será de nenhū vigor es I ta Sesmaria, por ser
justo que cada hú pessua oqueSelheper I tence, e Se evitem contendas e
prejuizos, eo Suplicante Se I rá obrigado a povoár cultivár e ocupár as ditas
terras ouem I parte dellas dentro de dous annos, e naô ofazendo Sedivol I
veraô e daraô aquem as possa cultivár e outro Sim terá as I ditas terras
comcondiçāo de nellas naô Sucederem relegoeñs I por titullo algú
eacontecendo que aspessaõ, Será com o em I cargo de dellas deverem
epagarem dizimos como Sefossem I pessuidas por Seculares, e faltandosse
ao referido Sejulta I raô por devollutas, e Sedaraô a quem asdenunciár eo
Supli I cante naô impedirá os caminhos eServentias pu I blicas que nastáes
terras ouvér: Pello que mando ao I offecíal aquem tocár de pósse
aoSuplicante das refe I ridas térras na forma desta minha concepçāo feita pri
I meiro ademarcação com anoteficaçāo dos vezinhos como I aSima ordeno
de que Se fará termo nolivro das nótas I para atodo otempo constár dos
Lemites desta Sesmaria I que por firmeza de tudo lhe mandei passár por
mim assi I gnada eSellada com oSello de minhas armas queSe I cumprirá
inteira mente como nella Secontem re- I
I I [fól.46r.] gistantosse nos Livros da Secretaria deste Governo enos I más
a que tocár. Dada em Villa aos Sette de Septembro I de mil eSete centos
e trinta eSeis oSecretario do Governo I Antonio de Souza Machádo
aescrevi. – [Martinho de Mendoça. dePina ede Proençā] //

Referências bibliográficas

CAMBRAIA, César Nardelli *et al.* Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2001. Tomo II, Vol. II – Primeiros estudos, p. 553-555.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. *A ausência do artigo definido antes de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?* Belo Horizonte: Faculdade de Letras-Universidade Federal de Minas Gerais, 2000. 204 p. (Dissertação, Mestrado em Estudos Lingüísticos)

REVISTA DO ARCHIVO PUBLICO MINEIRO. Ouro Preto: Imprensa Official de Minas Geraes, Ano III, 1898, págs. 794-795.

Anexo: Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo os seguintes critérios:
 - a) respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiossincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “munto”, que leva a abreviatura: m.^{to} a ser transcrita “munto”;
 - b) no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências “Deos” e “Deus”, que levam a abreviatura: D.^s a ser transcrita “Deus”.
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: “epor” “ser”; “aellas”; “daPiedade”; “omninino”; “dosertaõ”; “mostrandoselhe”; “achandose”; “sesegue”.
4. A pontuação original será rigorosamente mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba, será marcado: [espaço]. Exemplo: “que podem perjudicar. [espaço] Osdias passaõ eninguem comparece.”
5. A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração. Exemplos: “aRepública”; “docommercio”; “edemarkando tambem lugar”; “Rey D. Jose”; “oRio Pirahý”; “oexercicio”; “ hé m.^{to} conveniente”.
6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.
7. Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Exemplo: “nota 1. Pirassocunda por Pirassonunga”; “nota 2. deligoncia por diligencia”; “nota 3. adverdinto por advertindo”.
8. Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou nas margens superior, laterais ou inferior entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: <fica definido que olugar convencionado é acasa dePedro nolargo damatriz>.
9. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. Exemplo: “todos ~~ninguem~~ dospresentes assignarom; sahiram ~~sahiram~~ aspressas para oadro”. No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes

- sem sublinhá-la. Exemplo: fugi[gi]ram correndo [correndo] em direção o oceano
10. Intervenções de terceiros no documento original, devem aparecer no final do documento informando-se a localização.
 11. Intervenções do editor hão de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem a dúvida. Quando ocorrerem devem vir entre colchetes. Exemplo: "naõ deixe passar neste [registo] de Areas".
 12. Letra ou palavra não legível por deterioração justificam intervenção do editor na forma do item anterior, com a indicação entre colchetes: [ilegível].
 13. Trecho de maior extensão não legível por deterioração receberá a indicação [corroídas + ou – 5 linhas]. Se for o caso de trecho riscado ou inteiramente anulado por borrão ou papel colado em cima, será registrada a informação pertinente entre colchetes e sublinhada.
 14. A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical: || entre as linhas. A mudança de fólio receberá a marcação com o respectivo número na seqüência de duas barras verticais: || 1v. || 2r. || 2v. || 3r.
 15. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.
 16. As assinaturas simples ou as rubricas do punho de quem assina serão sublinhadas. Os sinais públicos serão indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples: Bernardo Jose de Lorena; sinal público: [Bernardo Jose de Lorena]

José Bonifácio: O poeta desterrado – um problema editorial

Maiza Franco^{*}

O trabalho que será aqui exposto foi realizado como parte da dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários da Faculdade de Letras – UFMG. A pesquisa teve com objetivo coletar e editar a produção poética publicada na *Minerva Brasiliense, Jornal de Ciências Letras e Artes* (1843-1845)¹, fazer o levantamento biobibliográfico dos poetas que dela participaram e o estudo de suas poesias. A escolha dessa revista deu-se devido à sua importância para a História Literária Brasileira. Ela, juntamente com a *Niterói, Revista de Ciências Letras e Artes* (1836) e a *Guanabara, Revista Artística, Científica e Literária* (1849), foram as três fontes mais importantes da imprensa brasileira do Romantismo no Brasil.

A *Minerva Brasiliense* foi um periódico que visava à sua contemporaneidade: em suas páginas militaram escritores e poetas vivos, que formaram um sólido e coerente grupo de colaboradores em torno de seu primeiro redator-chefe, Francisco Sales Torres Homem (nov. 1843-out. 1844), e, posteriormente, do segundo, Santiago Nunes Ribeiro (nov. 1844-jun. 1845). O poeta José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) teve sua memória celebrada nas páginas da revista com a publicação dos poemas “O poeta desterrado” e “Ode aos baianos”, de sua autoria e não incluídos em suas *Poesias* (1825) publicadas em Bordéus.

Essa incorporação da obra de José Bonifácio ao periódico *Minerva Brasiliense* não causa estranheza, pois, como afirma o Prof. Sérgio Alves Peixoto,

Morto em 1838, quando no Brasil os ideais românticos se achavam em plena efervescência, José Bonifácio exemplifica a forte influência do momento histórico nos poetas e artistas do novo país que surgia e que fazia questão de mostrar, ao mundo e a si mesmo, sua independência e maturidade. Não é à toa que os principais escritores

* Mestre em Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras da UFMG.

¹ A *Minerva Brasiliense* será também designada pelas iniciais *MB*.

do momento tenham sido homens importantes na política do Império, e que a poesia se caracterizasse por uma participação atuante e por uma temática já não mais ingenuamente nativista, mas essencialmente marcada pelas denúncias das condições político-sociais da nova nação.²

Depois da inaugural *Niterói, Revista Brasiliense* (1836), publicada em Paris, a *Minerva* foi o principal periódico em que os nossos primeiros românticos exerceram suas atividades na capital do Império. Em ambas as revistas ficam evidentes as posturas desses poetas em relação à política e à criação artística no Brasil. É possível que a retomada da poesia de José Bonifácio tenha ocorrido pelo fato de ele, embora já morto, representar os ideais políticos e literários da época: na política, a luta pela emancipação; na literatura, a luta pela libertação das influências portuguesas e pela liberdade de diálogo com outras nações. Ao lado de poetas como Domingos Borges de Barros, Antônio Pereira de Sousa Caldas, José Elói Otoni, Francisco Vilela Barbosa, José da Natividade Saldanha, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, frei Francisco de São Carlos e Luís Paulino, José Bonifácio foi dos poetas mais respeitados pelos românticos.³ Há, entre os críticos do século XX, quem o considere o nosso primeiro poeta romântico. Veja-se, por exemplo, o que disse Afrânio Peixoto sobre seu livro *Poesias*:

José Bonifácio que nos dera a independência política em 22, procurava, em 25 a independência literária, pois já não imitava Portugal, como o fizéramos, nos três séculos anteriores... o romantismo português, vindo também de França, chegaria lá, atrasado com Almeida Garrett... José Bonifácio o precedeu. Foi o nosso primeiro romântico; foi o primeiro romântico, em língua portuguesa. Este é o livro dessa reivindicação.⁴

Segundo Afrânio Coutinho, da concordância desses ideais é que “fez elevar-se a figura de José Bonifácio de Andrada e Silva, como patriarca da independência e o pioneiro mais forte da revolução literária.”⁵ As duas odes de Bonifácio publicadas na *Minerva* são exemplos significativos

² PEIXOTO, Sérgio Alves, 1999, p.74-75.

³ Cf. SILVA, Joaquim Norberto de Sousa, 1977, p.49-62.

⁴ PEIXOTO, Afrânio, 1942, XVI.

⁵ COUTINHO, 1969, p.24.

da postura adotada pelos românticos, que procuravam aliar exaltação individual e exaltação à pátria, no momento em que o país dava seus primeiros passos rumo à liberdade política e à plena consciência da nacionalidade.

José Bonifácio só reuniu seus poemas em livro – *Poesias avulsas de Américo Elísio* – em 1825, na França, enquanto esteve exilado por questões políticas. Segundo Aderaldo Castello, essa foi uma divulgação tardia da soma ou provavelmente a seleção dos poemas que o autor vinha produzindo desde a mocidade em Santos, durante seus estudos e permanência em Portugal, suas viagens a outros países da Europa, seu retorno ao Brasil até seu exílio na França.⁶

Os poemas “O poeta desterrado” e “Ode aos baianos”, que saíram na *Minerva*, não saíram nesse livro. De acordo com nossas pesquisas, na mesma época em que foram publicados naquela revista, eles foram publicados também no *Mosaico poético* (1844), de Emílio Adet e Joaquim Norberto de Sousa Silva. Pelo que sabemos, essas foram as primeiras edições desses textos, devendo ter prioridade o *Mosaico poético*, pois em 1º de maio de 1844, o nº 13, vol. I, da *Minerva Brasiliense* já anunciava o seu aparecimento. O nº 16, vol. II, da *Minerva Brasiliense*, que trazia os poemas, só apareceu em 15 de junho de 1844. Apesar dessas datas, Joaquim Norberto, em 1840, no “Bosquejo da história da poesia brasileira” tece comentários que denunciam o fato de que ele já conhecia o poema “O poeta desterrado”. Há duas possibilidades: ou ele o conheceu manuscrito ou de alguma publicação que nós desconhecemos.⁷

A partir desse ano de 1844, esses poemas passaram a comparecer nas antologias de João Manuel Pereira da Silva (*Parnaso brasileiro* – vol. II, 1848) e de Francisco Adolfo de Varnhagen (*Florilégio da poesia brasileira* – vol. II, 1850). Eles não haviam aparecido no *Parnaso brasileiro* (1829-1832), de Januário da Cunha Barbosa, nem viriam a aparecer mais tarde no *Parnaso brasileiro* (1885), de Melo Moraes Filho, embora ambas essas antologias contemplassem o poeta. É interessante observar a importância que José Bonifácio tinha para a literatura brasileira, pois suas poesias foram publicadas nas principais antologias do século XIX.

⁶ Cf. CASTELLO, José Aderaldo. “Apresentação” a *José Bonifácio, o velho - poesia*. p.6

⁷ Há ainda uma publicação avulsa, cuja indicação encontra-se no caderno de comemoração do centenário de morte do Patriarca da Independência, à qual não tivemos acesso: *O poeta desterrado* – Ode. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial de E. Seignot – Placer. s.d.

A primeira edição das *Poesias* de José Bonifácio que incluiu esses poemas foi a segunda (Rio de Janeiro, Laemmert, 1861), que saiu aumentada de várias poesias e com um esboço biográfico escrito por Joaquim Norberto de Sousa Silva. A terceira edição (Rio de Janeiro, Publicações da Academia Brasileira, 1942) era cópia fac-similar da princípio, de 1825, e trazia também os poemas acrescidos à edição de 1861. Por fim, a quarta edição (Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1946) constituía o volume I das *Obras* de José Bonifácio de Andrada e Silva, vinha com prefácio de Sérgio Buarque de Holanda e incluía todos os poemas das edições completas anteriores.

Antologias importantes da obra do poeta trazem esses poemas: *Antologia Brasileira: José Bonifácio – o velho e o moço* (Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1920), organizada por Afrânio Peixoto e Constâncio Alves; *Opensamento vivo de José Bonifácio* (São Paulo, Martins, 1961), organizada por Otávio Tarquínio de Sousa; e *José Bonifácio, o velho – poesia* (Rio de Janeiro, Agir, 1970 – 2^a edição), da coleção Nossos Clássicos, com apresentação de José Aderaldo Castello.

Na preparação desta edição dos poemas foi detectada uma importante variante nas versões correntes do poema “O poeta desterrado”. Na *Minerva Brasiliense* e no *Mosaico poético* o poema contém 34 estrofes; em todas as outras edições consultadas o poema aparece com apenas 33 estrofes. A diferença entre as variantes ocorre nas estrofes 7 e 8 do poema, tal como está na *Minerva* e no *Mosaico*. Essas duas estrofes, nas demais publicações, apresentam-se fundidas numa só estrofe que contém os dois primeiros versos da estrofe nº 7 e os dois últimos, com pequena modificação para ajuste sintático, da estrofe nº 8.

Eis como aparecem esses versos na *Minerva Brasiliense* (os números indicam a estrofe nas duas versões do poema):

7 Os suspiros que a lira aos ares manda,
 Ela com suspiros acompanha;
 E se um sorriso de esperança enceta,
 Sorri com ela o vate.

8 Ó de Narcinda angélico sorriso?
 Mais balsâmico és ao triste esposo,
 Que o sorriso da lua, que embelece
 Da negra noite o manto!

E eis como aparecem em todas as publicações subsequentes:

- 7 Os suspiros que a lira aos ares manda,
 Ela com suspiros acompanha;
 São sorrisos da lua, que embelece
 Da negra noite o manto!

Todo o poema é composto de quadras, num arranjo de três versos decassílabos brancos seguidos de um hexassílabo. Como se pode notar, o verso “Ela com suspiros acompanha;” aparece com apenas nove sílabas. Entretanto, no *Mosaico poético*, publicação contemporânea da *Minerva* e que, possivelmente, se serviu da mesma fonte utilizada por aquele periódico, o verso se apresenta com a métrica correta, dez sílabas: “Ela com seus suspiros acompanha;”. Caso esteja correta essa hipótese, houve erro de cópia na *Minerva*. Esse lapso nos leva ainda a pensar que, provavelmente, a *MB* serviu de fonte para o *Parnaso brasileiro*, de Pereira da Silva, que, por sua vez, serviu de fonte, direta ou indiretamente, para a série subsequente de publicações, pois, no que diz respeito a esse verso, todas apresentam a mesma variante.

Mais importante do que as variantes do verso discutidas no parágrafo anterior é a diferença no número de estrofes existente entre a *MB* e toda a série subsequente de edições do poema. Tanto na *Minerva* como no *Mosaico* existem as estrofes 7 e 8; nas demais publicações, as duas estrofes aparecem fundidas numa só. Já ficou sugerido, com base no estudo de um verso, que a *MB* serviu de fonte para o *Parnaso brasileiro* (1848), de Pereira da Silva, que, por sua vez, serviu de fonte, direta ou indiretamente, para as publicações posteriores. Provavelmente, nenhum dos editores posteriores a Pereira da Silva consultou fontes anteriores a sua publicação, porque não seria admissível que duas pessoas cometessesem o mesmo erro (de transformar duas estrofes em uma, e ainda fazendo o mesmo ajuste sintático). O *Mosaico poético*, para fins de nosso raciocínio, deve, a partir de agora, ser deixado de lado. Trata-se, agora, da *MB* e da seqüência das publicações no tempo.

Talvez o problema métrico apresentado pelo verso cujas variantes discutimos tenha desviado a atenção de quem o transcreveu para a nova publicação – no caso, a de Pereira da Silva –, e essa teria sido a causa da fusão da estrofe que contém esse verso com a seguinte: o copista teria copiado os dois primeiros versos da estrofe 7 e, em seguida, por descuido, os dois últimos da estrofe 8. Posteriormente, tendo-se dado conta da desarticulação sintática entre os versos, fez-se a mudança necessária ao ajuste sintático. Outra hipótese importante é a de que o *Parnaso brasileiro*, de Pereira da Silva, tenha-se utilizado de uma outra

fonte, diferente da utilizada pela *MB* e pelo *Mosaico*. Esse problema só poderá vir a ser resolvido de modo satisfatório caso se encontrem manuscritos do poema.

Há, ainda, um outro verso – o segundo da estrofe nº 12 da *MB* – que tem apenas nove sílabas na *MB* [“Em ditosos dias chamejava”], mas dez sílabas no *Mosaico* [“Em mais ditosos dias chamejava”]. Em todas as outras publicações esse verso tem também nove sílabas, o que é outra forte evidência de que a *MB* serviu de fonte para Pereira da Silva e, por meio dele, para a série subsequente.

“O poeta desterrado” refere-se a um fato histórico e autobiográfico – o exílio do poeta na Europa. Ficcionalmente, o poema expressa a confluência desses dois fatores: em seu aspecto geral, canta a mágoa do exilado; no aspecto particular, canta o amor a Narcinda, que compartilha da dor e da saudade que sente o poeta. O texto é, assim, um misto de lirismo amoroso com sentimento patriótico, demonstrando o poeta insatisfação com a cena política do país e, ao mesmo tempo, saudade de sua terra.

Além dos argumentos já apresentados, que nos levaram a afirmar, com certeza, que há um equívoco nas versões apresentadas nos livros e antologias do século XX, o próprio ajuste sintático feito pelo copista compromete o entendimento do poema. Na versão encontrada na *Minerva*, na oitava estrofe, o poeta compara o “sorriso da lua” ao “sorriso de Narcinda”, afirmando que este traz mais consolo, mais alívio ao triste esposo do que o “sorriso da lua”. Nas versões em que as estrofes sétima e oitava aparecem fundidas, o poeta estaria comparando “o sorriso da lua” aos “suspiros de Narcinda”. Esse entendimento, no entanto, não é plausível, pois não há equivalência de sentido entre “sorriso” e “suspiro”. Suspiro, dentre as acepções dadas pelos dicionários, pode ser “gemido, lamento, ai”, e são essas as mais apropriadas ao verso, de acordo com o tema do poema. Nesse caso, é difícil pensar que o poeta estaria equiparando as palavras “sorriso” e “suspiro”, já que elas denotam sentidos opostos: a palavra “sorriso” relacionada à alegria e, “suspiro”, à tristeza. Fica, assim, mais uma vez, confirmada a idéia de que há um equívoco na versão que nos chegou por meio das publicações feitas no século XX.

O POETA DESTERRADO
(MB, v.II, n.16, p.493-495, 15 jun. 1844)

ODE
escrita em Bordéus em 1825, por Américo Elísio.

Ó lira brasileira, que inspiravas,
Com teus hinos, no peito amor de glórias;
Tu que o pranto da esposa suspendias,
Quando ausente o guerreiro;

Ora⁸ do triste vate no desterro
Já não acendes de Mavorte o fogo,
Nem cantas os troféus⁹ da pátria amada
Com mágica harmonia.

Fica pois, lira inútil, pendurada
De seco ramo; ou temperada agora
Em tom mais brando, vai soar tristonha
Em acanhado estilo.

Ah! não digas, ó zoilo,¹⁰ mal do vate,
Se procurando lenitivo à magoa,
Sob a copada rama solitário,¹¹
Enseja amor na lira.

Um mavioso coração aflito
Que abandonado em terra estranha geme,
A qual recorrerá propício num
Senão a Vênus meiga?

Mas a causa, que a alma ora lhe agita,
É também de Narcinda a santa causa:
Da terna lira os sons enchem-lhe o peito
De dor e de saudade.

⁸ "Ora": agora.

⁹ "troféus": referência às vitórias e triunfos nas recentes lutas pela independência do Brasil.

¹⁰ "zoilo": crítico injusto e/ou invejoso. O substantivo comum deriva do nome próprio Zoilo, crítico grego (do século IV a.C.) detrator de Homero.

¹¹ Observe-se o topo do sossego idílico: o poeta solitário aparece à sombra de uma árvore copada – *sub tegmine sagi*.

Os suspiros que a lira aos ares manda,
Ela com seus suspiros acompanha;¹²
E se um sorriso de esperança enceta,
Sorri com ela o vate.

Ó de Narcinda angélico sorriso!¹³
Mais balsâmico és ao triste esposo,
Que o sorriso da lua, que embelece
Da negra noite o manto!¹⁴

Não do regato o plácido sussurro;
Nem o travesso zéfiro, que esperta
Do letargo da sombra a flor cheirosa,
Ao pastor é mais grato!

Fresca e gentil, qual matutina rosa
Pelas gotas de maio rociada;
Assim do teu dileto olhos e peito
Arrebatas sorrindo.

Ah! não digas, ó zoilo, mal do vate,
Se ainda se acolhe de Narcinda ao seio;
Pois no meio do sonho dos amores,
Também coa pátria sonha.¹⁵

¹² Na MB: “Ella com suspiros acompanha;”. O verso (decassílabo) foi corrigido com base na versão publicada no *Mosaico poético*. Entretanto, ele aparece com apenas nove sílabas, como na MB, em todas as outras edições consultadas. Esse fato indica, provavelmente, que a MB serviu de fonte para a série subsequente de publicações. Talvez o problema métrico apresentado pelo verso tenha desviado a atenção de quem o transcreveu para a nova publicação – e essa teria sido a causa da fusão dessa estrofe com a seguinte.

¹³ Na MB: “Oh de Narcinda angelico sorriso?”

¹⁴ Nas diversas edições consultadas, as duas estrofes precedentes transformaram-se numa só: “Os suspiros que a lira aos ares manda, / Ela com suspiros acompanha: / São sorrisos da lua, que embelece / Da negra noite o manto.” Há duas possibilidades: ou a fonte utilizada pelos editores das obras poéticas de José Bonifácio foi um manuscrito que continha uma versão diferente da publicada na MB ou houve lapso do editor, que compôs uma só estrofe utilizando os dois versos iniciais de uma e os dois versos finais de outra.

¹⁵ Mistura de lirismo amoroso com poesia patriótica: consciência culpada (por não estar na luta política).

Para a moleza não nasceu o vate:
 Em mais ditosos dias chamejava¹⁶
 Sua alma ardente, de heroísmo cheia,
 Quando uma pátria tinha!

A corda que cicia docemente
 Sobre a doirada lira malfadada,
 Outrora ousou curvar arco guerreiro,
 Vibrar rápida seta.

Os lábios, que ora movem moles versos,
 Já levantar souberam da vingança
 Grito tremendo, a despertar a pátria
 Do sono amadornado.

Mas de todo acabou da pátria a glória:
 Da liberdade o brado, que troava
 Pelo inteiro Brasil, hoje emudece
 Entre grilhões e mortes.

Sobre suas ruínas gemem, choram,
 Longe da pátria, os filhos foragidos:
 Acusa-os de traição, porque a amavam,
 Servil infame bando.

Ah! não digas, ó zoilo, mal do vate
 Se aos lares seus não volta – acicalado,
 Súbito ferro afogaria o grito,
 Que pela pátria erguesse.

Ali da santa liberdade os filhos,
 Esses poucos, que restam, fugidios
 Vivem inglórios; pois as honras dão-se
 A perjuros escravos.

Almas fracas e vis! e vós não vedes
 Que o facho horrível, que alumia a senda
 Das falsas honras, acendeis no fogo
 Que abrasa o Brasil todo?

¹⁶ Na MB: "Em ditosos dias chamejava". O verso foi corrigido com base na versão publicada no *Mosaico poético*.

Quando mortes fulmina a tirania,
E calca aos pés o mérito e virtude,
Uma lágrima sequer não vos arranca
A terra, em que nascestes?¹⁷

Maldição sobre vós, almas danadas!
A taça do prazer a vós vos saiba
Como o mel venenoso das abelhas¹⁸
Da cisplatina plaga.

Suspirai pelo céu, morrei no inferno
– Contentes, paz e glória de vós fujam¹⁹
Como as águas de Tántalo fugiam
No Tártaro dos gregos.

Ah não digas, ó zoilo, mal do vate,²⁰
Se à páfia deusa algum consolo pede;²¹
Se a aguda dor, que pela pátria sente,
Sonha abrandar um pouco.²²

Que um raio de esperança o fado acenda,
Que um relâmpago só penetre as trevas
Que o seu Brasil envolvem, nesse instante
Em pé se alçará forte.

Então seu coração no altar sagrado
Da liberdade, deporá ligeiro
A branda lira, – então com nova murta²³
Coroará a espada.

¹⁷ Terá esse verso inspirado a Olavo Bilac o poema “A Pátria”?

¹⁸ *Polistes Lechuguana* de Latreille. (N. do A.)

¹⁹ “Contente”, no singular, na *Minerva Brasiliense* e no *Mosaico poético*.

²⁰ Falta a vírgula no final do verso na *Minerva Brasiliense*. Nas outras repetições dessa estrofe havia vírgula.

²¹ “Páfia deusa”: Afrodite.

²² “Sonhar” na MB. “Sonha” no *Mosaico poético*.

²³ Entenda-se: “Então seu coração deporá ligeiro a branda lira no altar sagrado da liberdade etc.”

Ah quanto é forte um vate, se nutrido
 Entre perigos foi! se denodado
 Da morte os brados retumbar ouvira²⁴
 Com não mudado rosto!²⁵

Que um Trasibulo novo se levante
 Cum punhado de heróis, a tirania
 No ensanguentado trono já nutante
 Cairá aos pés exangue.²⁶

Mas enquanto o Brasil adormecido
 Brilhantes dias renovar não sabe,
 Repita ao menos o seu nome amado
 A lira dos amores.

Da dor profunda, que a seu vate oprime
 Estranhos se condoam; e os suspiros
 Da lira, que através dos mares voam,
 Façam chorar a pátria.

Adeus, ó lira, basta: já se embruscam
 Cada vez mais os ares – sombra espessa
 Envolve em torno a plácida ramada,
 Em que meu vate geme.

Fica pois suspendida do alto choupo;
 Nem mais aflita mão as cordas fira:
 Ao murmúrio da fonte só responde;
 Os zéfiros te movam.

Aos apartados ecos da colina
 Mescla teus sons; e do pastor a gaita
 Frêmito doce em ti somente excite,
 Ou zunidora abelha.

²⁴ “vira” no lugar de “ouvira” na *MB*. O verso foi corrigido, por razões semânticas e métricas, com base no *Mosaico poético*.

²⁵ “Com não – mudado rosto!” na *MB*. No *Mosaico poético* o verso não traz o travessão, que parece revelar a intenção de ser um hífen.

²⁶ Cumpriu-se a profecia. (N. do A.)

Adeus enfim, adeus, lira piedosa
Ah quantas vezes o teu pobre vate
Ameigava contigo a dor profunda
Em desveladas noites!

Se tantos males suportou constante,
A ti o deve, ó lira – já não podes²⁷
Ora mais consolar dobradas mágoas,
Adeus, em paz descansa.

Referências bibliográficas

- ADET, Emílio; SILVA, Joaquim Norberto de Sousa (Org.). *Mosaico poético*. Rio de Janeiro: Tipografia de Berthe e Haring, 1844.
- CASTELLO, Aderaldo José. Apresentação. In: Silva, José Bonifácio de Andrada e (1970). p. 6.
- COUTINHO, Afrânio. Romantismo. In: _____. *A literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969. v.2.
- MINISTÉRIO da Educação e Saúde (Exposições I). *Exposição José Bonifácio. Centenário do patriarca da independência 1838-1938*. Rio de Janeiro, 1938. p. 105.
- PEIXOTO, Afrânio. Introdução. In: Silva (1942). p.XVI.
- PEIXOTO, Sérgio Alves. José Bonifácio: uma liberdade controlada. In: *A consciência criadora na poesia brasileira: do barroco ao simbolismo*. São Paulo: Annablume, 1999. p. 74-75.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Bosquejo da história da poesia brasileira*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- SILVA, José Bonifácio de Andrada e. *Poesias*. 2. ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1861.
- _____. *Poesias Avulsas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.
- _____. *Antologia Brasileira: José Bonifácio – o velho e o moço*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920.
- _____. *Poesias*. 3. ed. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1942.
- _____. *Poesias*. 4. ed. Rio de Janeiro: INL, 1946.
- _____. *O pensamento vivo de José Bonifácio*. São Paulo: Martins, 1961.
- _____. *José Bonifácio, o velho – poesia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1970.

²⁷ “Já”, com inicial maiúscula na MB.

Diatribe contra a timonice do Jornal de Timon maranhense: o texto e seu autor

Laura Nogueira Oliveira *

O presente trabalho pretende discutir a autoria de um texto intitulado *Diatribe contra a timonice do Jornal de Timon maranhense...*, publicado em 1859, na cidade de Lisboa. Desde alguns anos, décadas já, esse texto tem sido atribuído a José de Alencar. A hipótese que orienta o estudo é a de que esta atribuição foi incorretamente realizada. Na tentativa de corrigi-la procurarei recuperar o momento no qual a redação deste texto aconteceu, bem como os autores e as idéias envolvidos.

Em 1858, João Francisco Lisboa escreveu um texto no qual se contrapunha às idéias sobre os indígenas brasileiros apresentadas por Francisco Adolfo de Varnhagen, em sua *Historia Geral do Brasil [HGB]*. Em 1859, com a assinatura de *Erasmo*, era publicado o texto da *Diatribe*, acima mencionado, em que se defendiam as idéias de Varnhagen. É este texto que, desde a publicação da *Obra completa* de José de Alencar pela Editora Aguilar, anda atribuído ao romancista cearense. Seriam convergentes as visões de Alencar e as de Varnhagen sobre os indígenas brasileiros?

Em 1854, no primeiro volume da *HGB*, Varnhagen dedicara três capítulos aos indígenas brasileiros, por ele então englobados na categoria de *tupis*. Das páginas desses capítulos emerge uma imagem cuidadosamente construída de um indígena que tem “(...) mui apurados os sentidos e mui agudos os instintos (...)”¹. Contudo, esse desenvolvimento apurado dos sentidos seria, na visão do autor, o indício mais marcante da proximidade entre esse ser e os animais, constituindo uma prova da animalidade desses homens.

Se bem dotados fisicamente, Varnhagen não via nesses dotes sinais que os marcassem e distinguissem como pertencentes à espécie

* Professora do Curso de História do Centro Universitário UNI-BH, doutoranda em Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG.

¹ Varnhagen, 1978. vol. I. p. 50.

humana. Pelo contrário, nesses três capítulos, o autor prima pelo vigor com que nos envolve na definição de selvageria. Os indígenas eram gentes “vagabundas”, que andavam “nus”, sarjando seus corpos, desfigurando seus rostos e enfeitando-se com colares de dentes; moralmente esses homens eram “falsos e infieis, inconstantes e ingratos, traiçoeiros, insensíveis e covardes”; não tinham eles nenhum tipo de credulidade e viviam na plena libertinagem, desconhecendo todo tipo de punição e de limitação.

Para Varnhagen não haveria dúvida de que esses homens encontravam-se no mais degradante estado a que o ser humano poderia chegar. Inúmeros horrores poderiam ser ditos desses povos, mas era preferível não mais enumerá-los pois que não se propunha ele a “(...) arrepiar as carnes dos leitores, como os bárbaros as de suas vítimas”². Eram povos de “raças limítrofes”, uma “humanidade bestial” lançada no mundo e abandonada no mais degradante estado a que se poderia imaginar rebaixado o ser humano. Não por acaso o indígena apresentava um aspecto “taciturno” e uma expressão sempre “melancólica”, semelhante à das feras. Varnhagen alertava seu leitor: a descrição que fizera estava sustentada no mais cuidadoso trabalho de pesquisa e baseada nos contemporâneos do início da colonização.

Em 1857, ao publicar o tomo II da *HGB*, Varnhagen a ela antepôs um Discurso Preliminar, intitulado “Os índios perante a nacionalidade brasileira”. Este texto foi escrito com o claro propósito de reafirmar e defender a idéia de que os “tupi” eram povos selvagens e incivilizáveis, e que não poderiam ser tomados e apresentados como sendo os representantes da nacionalidade brasileira. A eles não caberia nenhuma glória na história do Brasil. Tais povos jamais poderiam, sem auxílio externo, afirmava Varnhagen, superar seu estado de barbárie e degradação. Pelo contrário, eles possuíam tantos “elementos dissolventes” em seu interior, que sua tendência era a “extinção”. Contudo, a Providência Divina decidira enviar uma “poderosa armada” (referência à esquadra de Cabral), pois apenas uma forte coação poderia controlar e civilizar selvagens. A Providência já indicava aos homens, desde o início da colonização, o correto caminho a ser seguido no tratamento dos selvagens, caso se tivesse a preocupação de resgatá-los para o seio da civilização. A guerra era o instrumento civilizador, pois que capaz de concorrer para

² Idem. p. 47.

a melhoria da condição dos bárbaros selvagens. Se no passado o emprego da força foi necessário, reafirmava a convicção de que apenas o uso da subordinação poderia derrotar a selvageria e garantir a civilização do território.

Muitos foram aqueles que, tendo uma visão mais simpática aos “tupi”, colocaram-se contra as opiniões de Varnhagen sobre os indígenas brasileiros. Interessa aqui destacar o jornalista e historiador maranhense João Francisco Lisboa. Logo em 1858, Lisboa publicaria os volumes 11 e 12 do seu *Jornal de Timon*, no qual se encontra um texto sobre a escravidão dos índios e dos africanos. A este texto Lisboa acrescentaria uma longa e famosa nota C, na qual analisou a *HGB* de Varnhagen. Seu texto, escrito numa linguagem apaixonada, é um memorial de repúdio à guerra, à escravidão e de denúncia de suas iniquidades.

Lisboa atacava o cerne das teses indianistas de Varnhagen ao fazer uso de exemplos históricos que contradiziam as afirmações feitas na *HGB*. Lisboa colocava em dúvida o fato de serem a guerra e a escravidão instrumentos civilizatórios. Segundo ele, as doutrinas “modernas” demonstravam que o recurso à escravidão apenas conduzia ao embrutecimento e à corrupção tanto dos escravos como de seus senhores. O escravo, entregue a um trabalho incessante e sem descanso, a castigos e a sevícias, poderia ser levado ao desespero e à formação de uma moral depravada e indomável ou ao embotamento de seus sentimentos. Estaria ele sempre estimulado à vingança e ao crime. O senhor, por seu lado, tornar-se-ia ocioso e indiferente ao trabalho. Para Lisboa, a escravidão “(...) sempre retardou os progressos da civilização em geral”³.

A guerra, por sua vez, apenas poderia conduzir ao abuso da força e da violência e à imposição do jugo do mais forte sobre o mais fraco. Não se encontraria na história, segundo Lisboa, exemplo de “cavaleiro” que tivesse lutado para levar ao vencido a civilização. O exemplo que se tinha, ao longo do tempo, era o do vencedor que “(...) impõe ao vencido o jugo da escravidão, o que leva em vista é dar satisfação às paixões da vingança, do orgulho, da prepotência, da cobiça, da espoliação”⁴. Segundo Lisboa, na moderna Europa, a diplomacia vinha substituindo a força na resolução das desavenças, porque os espíritos do “século das luzes” já haviam percebido que a guerra “(...) no geral dos casos, e no

³ Lisboa (s.d.:62).

⁴ Lisboa (s.d.:219).

mais do tempo, é a iniqüidade, a paralisação e a destruição”⁵. Assim, quando Varnhagen propunha o emprego da guerra para conquistar os indígenas e sua posterior escravização⁶, efetivamente encontrava-se afastado dos mais modernos avanços do pensamento “civilizado”.

Segundo Lisboa, “(...) o exame e estudo dos fatos (...)”⁷, em diferentes tipos de documentos coloniais, conduziriam a constatações “diametralmente opostas” àquelas apresentadas por Varnhagen em sua *HGB*. A leitura desses documentos, fossem eles a legislação portuguesa referente aos indígenas, ou os relatos dos cronistas coloniais, como os do padre Antônio Vieira, ou as cartas régias, permitia verificar que o uso da força e da escravidão fora permanente. Entretanto, o resultado obtido, a partir do emprego desses “instrumentos civilizatórios”, apenas servira para o extermínio das tribos indígenas. Lisboa terminava dizendo-se confortável para deixar ao leitor, então, o direito de decidir, entre ele e Varnhagen, qual fora mais feliz na sustentação de seus argumentos.

Para o historiador e cientista político José Murilo de Carvalho, foi na polêmica assim iniciada entre Lisboa e Varnhagen que, em 1859, sob o pseudônimo de Erasmo, José Martiniano de Alencar teria diretamente se imiscuído para defender as posições de Varnhagen e atacar Lisboa⁸, por meio da *Diatribe*...

Ora, a crítica literária de há muito já apontou José de Alencar como um dos fundadores do indianismo romântico brasileiro. Será que haveria um Alencar literato e outro estudioso da sociedade, com posições completamente distintas? Teria Alencar escrito um texto de análise social para defender a idéia de que os indígenas brasileiros eram selvagens, incivilizáveis e não fundadores da nacionalidade brasileira, ao contrário do que pregava “seu” indianismo literário? Vejamos.

Em 1874, José de Alencar publicava seu último romance indianista,⁹ intitulado *Ubirajara* e, na Advertência¹⁰ a este texto, traçava uma

⁵ Lisboa (s.d.:222).

⁶ Segundo Lisboa (s.d.:65), Varnhagen procurara atenuar sua proposta de escravização dos indígenas, chamando-a de *tutela*. Em sua opinião esse recurso não passaria de uma *bipôcrita atenuação*. Ao longo de todo seu texto Lisboa afirma que Varnhagen propunha a restauração da escravização dos indígenas.

⁷ Lisboa (s.d.:215).

⁸ Carvalho (1995:14-15).

⁹ Proença (1972: 125).

¹⁰ Alencar (s.d.: 97-98).

explicação e uma defesa das personagens indígenas que construíra. Segundo Alencar, suas personagens eram fruto do estudo cuidadoso das obras dos cronistas e dos viajantes do período colonial, sendo, portanto, uma tentativa de, ainda que idilicamente, reconstruir moralmente um ser que existira no passado longínquo. Assim, se os poetas e os romancistas pretendessem obter informações seguras e necessárias ao conhecimento dos povos nativos brasileiros, deveriam fazer uso dessas obras. Alencar alertava, entretanto, que tais autores teriam de ser lidos sob severa crítica. Afinal, esses homens, filhos de uma velha civilização, teriam chegado ao Novo Mundo pretendendo aqui encontrar povos vivendo em perfeita conformidade com idéias e costumes europeus. Ao se depararem com sociedades muito diversas da sua, teriam figurado os selvagens como feras humanas, esquecendo-se de que eles próprios tinham sua origem em povos muito mais bárbaros e grosseiros que os nativos americanos.

Para Alencar, se a utilização dos cronistas coloniais, como fonte de informação, era imprescindível, eles deveriam ser lidos “com alma brasileira”, o que permitiria ao poeta abstrair, a partir dos textos do passado, a magnanimitade, a dignidade e os brios¹¹ dos nativos. Havia uma índole dos selvagens a ser resgatada e era ela que deveria ser procurada nas antigas páginas e cantada pelos poetas. Essa fora a tarefa que ele, Alencar, entendia ter desempenhado.¹²

Nessa Advertência a *Ubirajara*, Alencar retomava e recolocava idéias que já apresentara na Carta ao Dr. Jaguaribe¹³, posfácio à primeira edição de *Iracema*, seu segundo romance indianista, publicado em 1865, assim como nas Notas ao mesmo romance. Confessava então que um “instinto”¹⁴ impulsionava sua imaginação em direção aos primitivos, porque lhe parecia que no estudo da vida selvagem dos autóctones brasileiros se encontravam inspiração e matéria suficientes para a edificação de uma literatura nacional. As obras dos cronistas eram a

¹¹ Alencar (s.d.: 97).

¹² Palavras de Alencar: “Faço estas advertências para que ao lerem as palavras dos cronistas nas suas críticas aos índios não se deixem impressionar por usas apreciações muitas vezes ridícula. É indispensável escoimar o fato dos comentários de que vem acompanhado, para fazer uma idéia dos costumes e índole dos selvagens”. Alencar (s.d.: 98).

¹³ Alencar (1965:139-143).

¹⁴ Alencar (1965:140).

fonte a ser pesquisada, para o resgate de tão profundas camadas onde dorme uma raça extinta¹⁵. Nas “Notas”, Alencar citava os autores que consultara: Jean de Léry, Simão de Vasconcelos, Ives d’Évreux, Gabriel Soares de Sousa e Fernão Cardim.¹⁶

O indígena das páginas alencarianas é uma projeção de ideais. Um indígena criado sob padrões e valores da sociedade branca ocidental do século XIX, ou seja, com valores que essa sociedade estabelecia para si como sendo “a” honra, “a” coragem e “a” honestidade. Partindo de padrões comportamentais e morais de seu mundo, Alencar os absolutizava e os projetava para outros tempos e sociedades. Construía um indígena que era fruto de seu desejo, mas que ao seu leitor Alencar se empenhava por apresentar como real, o que demonstra sua confiança na verossimilhança de seus romances.

Ora, se em 1859 José de Alencar, sob o pseudônimo de “Erasmo”, houvesse escrito um texto para defender as posições anti-indianistas de Varnhagen, estar-se-ia diante de um texto que negaria todos os princípios sobre os quais Alencar buscara edificar sua obra indianista.

Efetivamente, sob esse mesmo pseudônimo de “Erasmo”, José de Alencar publicaria duas séries de *Cartas ao Imperador brasileiro*. A primeira delas apareceu entre novembro de 1865 e janeiro de 1866; a segunda, entre junho de 1867 e março de 1868. Esses eram textos essencialmente políticos, nos quais o literato-deputado chamava a atenção para questões sobre as quais julgava dever o Imperador agir com energia. Ao que parece, o pseudônimo “Erasmo” foi usado por Alencar somente nesta ocasião de debate político público, realizado na imprensa contemporânea.

O texto *Diatrype contra a timonice...* foi escrito numa linguagem que não prima pelo rigor estilístico alencariano. Sobre as idéias nele defendidas, afirma “Erasmo” que Lisboa pretendera apresentar-se como grande filantropo defensor dos índios, mas não passava de um “crítico de batoque”, de um covarde tupinambá que desejava fazer a apologia do canibalismo e que não compreendia a preocupação civilizatória inerente às propostas de guerra e de escravidão dos indígenas, apresentadas por Varnhagen. Este sim, afirmava, desejava ardente mente libertar os indígenas das garras da barbárie dissolvente, porque compreendia e

¹⁵ Alencar (1965:140).

¹⁶ Alencar (1965:149, 158 e181).

defendia a idéia de que sem o uso da força seria impossível civilizar índios bravos. Não por acaso decidira “Erasmo” redigir um violento discurso, uma “diatribe”, contra a insensatez escrita pelo hipócrita e injurioso Lisboa.

A dúvida sobre a autoria do texto não poderia deixar de surgir. Tratar-se-ia realmente de um texto alencariano? Na *Obra completa de Alencar*, publicada pela editora Aguilar, a *Diatrype...* aparece como obra alencariana, na lista dos “Ensaios literários críticos e filológicos”. Um aspecto rapidamente chama a atenção. Ao contrário de toda a obra de Alencar, publicada no Rio de Janeiro sob os cuidados do livreiro Baptiste Louis Garnier, o texto em questão foi editado na cidade de Lisboa, conforme consta da informação bibliográfica. Teria Alencar enviado para Lisboa um único texto seu para ser lá publicado, não oferecendo a Garnier a possibilidade de editá-lo?

Numa pesquisa realizada na Biblioteca Nacional (BN) do Rio de Janeiro verificou-se que, na Seção de Obras Gerais a *Diatrype...* aparece atribuída a Alencar e o texto está encadernado em uma “miscelânea”, ou seja, junto com textos de autores diversos. Na segunda contra-capa deste texto encontra-se a seguinte anotação a lápis, feita logo abaixo do título: “por Erasmo, pseud. de Jose de Alencar”. Contudo, não há nenhuma referência impressa que conduza à autoria senão aquela que aparece na última página da seguinte forma: “teu pelo coração amigo, Erasmo, 6 de novembro de 1859”. No Catálogo de Registro Oficial de entrada da obra na Biblioteca Nacional foi possível verificar que este texto foi registrado na Coordenadoria de Processos Técnicos em 1957 e catalogado em 1959. Mas não foi possível descobrir quem fez a anotação a lápis a respeito da autoria.

Entretanto, na Seção de Obras Raras, outra repartição da Biblioteca Nacional, o texto em questão foi registrado em 1950 e tem entrada no fichário pelo nome de Varnhagen. Este texto no arquivo desta Seção está atribuído a Frederico Augusto Pereira de Moraes. Quem foi este homem? Seria ele o autor do texto em questão?

Foi o próprio Varnhagen quem acabou apresentando informações para esclarecer a autoria do texto. No “Ofício-Protesto” dirigido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e publicado nas páginas da Revista desta Instituição em 1874, Varnhagen afirma que a *Diatrype...* fora escrita “por um amigo íntimo¹⁷ (...) e mais que amigo”. Ele atribui,

¹⁷ Varnhagen (1874: 14 (*Ofício Protesto*)).

então, o texto a Frederico Augusto Pereira de Moraes e remete seu leitor ao “*Dicionário Bibliográfico do Sr. Innocencio*, t.IX, p. 399”. Seguindo as indicações de Varnhagen, encontra-se no *Dicionário* de Inocêncio a informação de que Frederico Augusto era cunhado de Varnhagen e que sob o pseudônimo de “Erasmo”, anagrama de seu nome “Moraes”, redigira o texto de desabrimento contra Lisboa.¹⁸

O que teria levado Afrânio Coutinho, diretor literário da série brasileira da biblioteca luso-brasileira, publicada no Rio de Janeiro pela Editora Aguilar, a inserir a *Diatrige...* na bibliografia de Alencar que acompanha sua *Obra completa*? Da bibliografia apresentada com fonte para a edição desta *Obra completa*, constam os seguintes críticos literários: Artur Mota, Jose Aderaldo Castelo, Oto Maria Carpeaux e Múcio Leão. Entre as obras citadas desses críticos encontra-se o texto “Bibliografia e plano das obras completas de José de Alencar”, de autoria de José Aderaldo Castelo, publicado no *Boletim Bibliográfico*, que atribui a autoria da *Diatrige...* a José de Alencar. Segundo Castelo, ele se servira de algumas fontes para organizar um quadro geral da obra completa de Alencar e dentre estas está o arquivo da Biblioteca Nacional. Contudo, o texto de Castelo foi publicado em 1949 e as duas cópias da *Diatrige...* existentes na mencionada Biblioteca deram entrada na casa em 1950 e 1957, conforme informamos anteriormente. Que texto consultou Aderaldo Castelo para atribuir a autoria da *Diatrige...* a José de Alencar, se sua informação é de que o texto pertence à Biblioteca Nacional e esse mesmo texto só entrou naquela casa em data posterior à publicação do trabalho de Castelo?

Talvez tenha sido a confiança de José Murilo de Carvalho no editor da *Obra completa* de Alencar que o tenha levado a afirmar que o ramancista tomara as dores de Varnhagen e atacara as idéias de João Francisco Lisboa sobre os indígenas. José Murilo afirma, inclusive, que na *Diatrige...* se encontraria revelado “o futuro defensor da escravidão das *Novas cartas de Erasmo*.“

A autoria da *Diatrige...* não pode continuar espúria.

Quando Alencar cuidadosamente redigia os prefácios e posfácios a suas obras indianistas, não estava enganando seus leitores acerca de suas convicções. Para o literato cearense, efetivamente a missão do

¹⁸ Clodo Lessa, autor de uma extensa e minuciosa biografia de Varnhagen, reforça esta afirmativa informando que Frederico Augusto era cunhado de Varnhagen, casado com uma sua irmã de nome Margarida Frederica. Cf. Lessa (1955: vol 227- p. 119).

poeta era a de edificar imagens capazes de sensibilizar e de convencer seus leitores. Para cumprir sua missão com eficácia, estava certo de que suas personagens deveriam mostrar suas ligações com a 'realidade'. Por isso, Alencar se empenhava em citar e nomear suas fontes, porque pretendia tornar seus textos verossímeis. Desconsiderar a importância que o autor atribuía a esses textos e às citações que deles fazia é perder de vista o próprio contexto de redação das obras indianistas de Alencar, momento este de longa e contundente discussão, no qual os críticos literários apresentavam o indianismo como tema capaz também de propiciar a edificação de uma literatura nacional.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. Benção Paterna. In: ALENCAR, José de. *Sonhos d'ouro*. São Paulo: Edigraf, s.d. p.7-14.
- _____. Advertência. In: ALENCAR, José de. *Ubirajara (lenda tupi)*. São Paulo: Edigraf., s.d. p. 97-98.
- _____. Prólogo. In: ALENCAR, José de. *Iracema – lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. p. 45-47.
- _____. Carta. In: ALENCAR, José de. *Iracema – lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. p. 139-144.
- _____. Notas. In: ALENCAR, José de. *Iracema – lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. p. 145-160.
- CANDIDO, Antonio. A literatura durante o Império. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *O Brasil monárquico*. 3 ed. Rio de Janeiro: Difel, 1976. Tomo II, vol. 3, p.342-355.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do MEC, 1955.
- CARVALHO, José Murilo de. Introdução: Lisboa e Timon: o drama dos liberais do império. In: CARVALHO, José Murilo de (Org.). *João Francisco Lisboa: Jornal de Timon*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 5-29.
- CASTELLO, José Aderaldo. Bibliografia e plano das Obras Completas de Jose de Alencar. In: *Boletim Bibliográfico*. São Paulo, 1949.
- _____. (org.). *A polêmica sobre "A confederação dos Tamoios"*. São Paulo: Secção de Publicações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1953.

LEAO, Múcio. *José de Alencar; ensaio bio-bibliográfico*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira de Letras, 1955.

LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen: o polemista (continuação). *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, tomo 227, p. 85-233, abr./jun. 1955.

LISBOA, João Francisco. Nota C: Sobre a escravidão e a História Geral do Brasil pelo Sr. Varnhagen. In: LISBOA, João Francisco. *Jornal de Timon – apontamentos, notícias e observações para servirem à história do Maranhão*. Brasília: Alhambra, s.d., tomo II, vol. 2º, p. 209-233.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romanismo*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MOTTA, Arthur. *José de Alencar – o escritor e o político – sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: F.Briguiet & Cia, 1921.

PROENÇA, M. Cavalcanti. *José de Alencar na literatura brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

RODRIGUES, J. Honório. A historiografia conservadora. In: *História da história do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988. Vol. II, tomo 1º, p. 1-31.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859, tomo II; 1870, tomo IX (segundo do suplemento).

VARNHAGEN, F. A . Discurso preliminar: os índios perante a nacionalidade brasileira. In: *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa de J. del Rio, 1857. v. 2, p. XIV-XXVIII.

_____. *Os índios bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3; apostila e nota G ao n. 11 e 12 do "Jornal do Timon", contendo 26 cartas inéditas do Jornalista e um extrato do folheto "Diatribe contra o Timonice" etc.* Lima: Imprensa Liberal, 1867.

_____. *Ofício-protesto dirigido ao Instituto Histórico do Brasil*. Viena: Imprensa do filho de Carlos Gerold, 1874.

_____. *História geral do Brasil*. 10ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978. 3 vols.

Uma notícia sobre a crítica de Bernardo Guimarães

Maria Cecília Boechat*

Atualmente, os estudos de Literatura Brasileira têm reservado muitos de seus esforços na recuperação e edição de textos, ficcionais e críticos. Tenta-se, dessa forma, minorar os efeitos de um vazio bibliográfico que, deixando obras por afinal perdidas ou tornando outras raras, tem dificultado os trabalhos de gerações de estudiosos, historiadores e críticos literários. Em certo sentido, parecemos repetir o esforço de nossos primeiros historiadores e estudiosos da literatura que, no século XIX, se voltaram para o passado, primeiro recolhendo textos, para depois selecioná-los, julgá-los, classificá-los, analisá-los enfim, e assim poder compor um *corpus* “formador” de nossa literatura e de nosso pensamento crítico.

No que diz respeito à nossa própria produção romântica, constata-se que, se muito da produção literária permanece ainda dispersa em jornais e revistas ou sua edição constitui raridade bibliográfica, em maior proporção parece ter ocorrido o “fenômeno” com os ensaios e estudos críticos. Romancista e poeta, Bernardo Guimarães, ainda que dos mais conhecidos de nossos escritores românticos, não terá sido também o único a não ver sua produção crítica reunida em livro. Dispersa, ainda hoje, na imprensa do século XIX, consiste em material não apenas de difícil acesso, mas pouco conhecido.

Iniciamos a pesquisa com quatro artigos de autoria reconhecida¹ de Bernardo Guimarães, todos publicados no periódico carioca *A*

* Professora de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFMG.

¹ As referências bibliográficas, com a localização dos artigos de Bernardo Guimarães, encontram-se em: DUTRA, Waltensir, CUNHA, Fausto. *Biografia crítica das letras mineiras*: esboço de uma história da literatura de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956. CRUZ, Dilermano. *Bernardo Guimarães* (Perfil bio-biblio-literário). Juiz de Fora: Casa Azul, 1911. GUIMARÃES, Bernardo. Aureliano Lessa. In: LESSA, Aureliano. *Poesias póstumas*. Rio de Janeiro: Tipografia da Luz, 1873. OLIVEIRA, Martins de. *História da literatura mineira*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1963.

Atualidade, entre 1858 e 1859. O primeiro, sobre o segundo volume das *Sátiras, epigramas e outras poesias*, do Padre José Joaquim Correia de Almeida, foi publicado em dois números, nos meses de julho e agosto de 1858 (respectivamente, no nº 37, p.2-3, 16 jul. 1859, e nº 42, p.3, 06 ago.1859). Depois, um ensaio sobre “Os Timbiras”, de Gonçalves Dias, foi também publicado em partes, em três números do jornal, durante o mês de outubro de 1859 (n.º 55, p.3, 08 out. 1859; n.º 56, p.2, 15 out. 1859; n.º 57, p.2-3, 26 out.1859). No mesmo ano, é publicado o ensaio sobre as *Inpirações do Claustro*, de Junqueira Freire, em duas partes, uma em novembro e outra em dezembro (nº 59, p.2, 17 nov.1859, nº 61, p. 1-2, 12 dez. 1859). Enfim, outro longo ensaio sobre “A Nebulosa”, de Joaquim Manoel de Macedo, é publicado em sete partes, entre os meses de fevereiro e março de 1860 (nº 67, p.2-3, 04 fev. 1860, nº 68, p.2, 11 fev. 1860, nº 69, p. 3, 18 fev. 1860, nº 70, p. 2-3, 25 fev. 1860, nº 71, p.2-3, 17 mar. 1860, nº 72, p. 2-3, 17 mar. 1860, nº 74, p.2-3, 28 mar. 1860).

Com o desenvolvimento da pesquisa, entretanto, outras fontes indiretas indicavam a existência de mais artigos.

Ubiratan Machado dá como certo que o artigo de estréia de Bernardo Guimarães seria um ensaio sobre *Os varões ilustres do Brasil*, de Pereira da Silva. Sem especificar a data, afirma, entretanto, que ele teria sido publicado cinco meses antes do primeiro artigo sobre o Padre Correia, em fevereiro de 1859, portanto. A se confirmar a informação, este artigo traria a curiosidade de ser o único a não se dedicar ao estudo da poesia.

Já Brito Broca, além de consignar os artigos citados (sobre Padre Correia, Gonçalves Dias, Junqueira Freire e Macedo, nesta mesma ordem), atribui a Bernardo Guimarães um artigo intitulado “Revista literária” e datado de 01 de outubro de 1859. Esse artigo, portanto, seria imediatamente anterior à série de críticas dedicadas a Gonçalves Dias, mas posterior aos dois artigos sobre Padre Correia. Tal posição é curiosa. Constituindo uma espécie de “manifesto literário”, em que são expostos os objetivos do jornal e a concepção do papel da crítica nas letras brasileiras, sua posição mais natural seria o de abertura da série. A favor de Brito Broca, porém, considere-se que o primeiro artigo sobre Padre Correia foi o único a ser contestado, e a rápida polêmica bem poderia ter ensejado o artigo consignado por Brito Broca, desta vez, porém, um artigo “imparcial”, propugnando o caráter científico da crítica literária.

Essas fontes impõem, portanto, o retorno da pesquisa à fase de recolha de material, o que, circunstancialmente, teve de ser adiado.

Dos textos já selecionados e anotados, entretanto, interessa, aqui, avaliar sua importância. E deles contamos já com duas imagens, herdadas de nossa tradição crítica.

A primeira foi retomada por Ubiratan Machado, no ainda recente e fundamental *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, segundo o qual Bernardo teria levado a agressividade “ao extremo, e de maneira quase inconseqüente”. Assim, Machado concorda com Basílio de Magalhães, biógrafo de Bernardo, para quem, “ao exercer a crítica o escritor mineiro se demonstrava um provinciano talentoso e audaz que, conseguindo um posto em um grande órgão da Corte, deixava-se dominar pela mania de meter o pau nos grandes escritores nacionais.” (Machado, 2001: 231)

A essa linhagem se opõe, por exemplo, Antonio Candido, ainda que timidamente. Na *Formação da Literatura Brasileira*, ressalta a importância da participação das gerações românticas para a elaboração do pensamento crítico-literário brasileiro. Limitando essa participação a poucos nomes, não deixa, porém, de incluir Bernardo Guimarães:

Se procurarmos uma crítica viva, empenhando a personalidade do autor e revelando preocupação literária mais exigente, só a encontraremos em alguns poucos ensaios, prefácios, artigos, polêmicas, na maioria incursões ocasionais de escritores orientados para outros gêneros: Dutra e Melo, Junqueira Freire, Álvares de Azevedo, José de Alencar, Franklin Távora, Francisco Otaviano, Bernardo Guimarães, Gonçalves Dias; no fim do período, alguns artigos excelentes de Machado de Assis. (Candido, 1981: 357)

Mas, se Antonio Candido chega a reconhecer em Bernardo Guimarães uma “preocupação literária mais exigente”, desenvolve, nas páginas seguintes, o comentário apenas a Álvares de Azevedo, José de Alencar e Machado de Assis. Consultando as notas bibliográficas do capítulo referente, não encontramos sequer a listagem dos textos críticos de Bernardo Guimarães.

Waltensir Dutra e Fausto Cunha, porém, atestam, abertamente, a importância e qualidade da série de artigos:

É preciso que se acentue, para os que não as conhecem, que não se trata dos costumeiros artigos laudatórios da época, de divagações mais ou menos frívolas, e sim de *crítica literária* no sentido mais

rigoroso da expressão. Não uma crítica circunstancial, mas uma crítica objetiva, de importância fundamental para o exame da obra de Bernardo Guimarães e indispensável a um estudo do Romantismo no Brasil. (Dutra & Cunha, 1956: 50-1; grifo dos autores)

O comentário é importante por pelo menos dois motivos. Por um lado, sugere a necessidade de compreender a crítica de Bernardo de Guimarães em relação à produção de toda uma época – a crítica romântica, por si geralmente desprestigiada. Os temas fazem desses textos material importante não apenas para o estudo da obra de Bernardo Guimarães, mas para o estudo das primeiras recepções críticas de obras e autores de nosso Romantismo.

Por outro lado, fica realçado o interesse da análise da relação entre o crítico e o escritor. Desta última perspectiva, é importante ressaltar que o conhecimento e estudo da atividade crítico-literária de Bernardo Guimarães poderá ajudar a reconsiderar a própria obra literária do romancista e poeta, elogiado, sintomaticamente, como “contador de casos” ou pela “musicalidade fácil” de sua poesia (Cf., por exemplo, Cândido, 1981). Talvez possamos, então, abrir, por meio do crítico, a possibilidade de redescobrir uma literatura mais consciente e consistente do que podemos, hoje, suspeitar. A idéia de um “programa literário-crítico”, sugerida por Waltensir Dutra e Fausto Cunha, dotado de tantas facetas, também justifica a reunião e edição dos textos publicados no periódico *A Atualidade*, no Rio de Janeiro, entre 1859 e 1860 (se esses textos, por si mesmos, já não o justificasse).

O que pode primeiro chamar a atenção, nos textos estudados, é o tom. Por um lado, todos eles são alegadamente despretensiosos, procurando-se adequar à publicação em um veículo de comunicação dirigido a um público amplo. Assim, no segundo artigo dedicado a Gonçalves Dias, encontramos uma declaração que pode ser estendida aos demais:

Quando nos propusemos a fazer esta análise crítica das obras de nossos autores nacionais contemporâneos, não tivemos em vista por forma alguma fazer dissertações, nem nos submetemos a um plano regular e premeditado. Vai ao correr da pena, e conforme a associação de idéias mais ou menos caprichosa, que no momento se nos oferece ao espírito. Não queremos propriamente escrever, mas conversar com nossos leitores, porque julgamos que esta forma que adotamos em nossos escritos, facilitando-nos a enunciação de nossos sentimentos e idéias, inspirará mais interesse aos leitores.

Desse modo, prossegue, ninguém deveria estranhar se

não os sobrecarregamos de todo o ouropel da erudição, se não fazemos alusões aos vultos proeminentes da moderna literatura européia, se a cada passo não falamos em Goethe, Schiller, Klopstock, Heine, Byron, etc., se não invocamos em nosso auxílio a cada momento a autoridade de Schlegel, Villemain, Planche, e outros.

No entanto, esse tom, intencionalmente próximo, não esconde a erudição do estudioso, desmentindo, em parte, suas últimas palavras (já que as referências são feitas de maneira rápida e leve). Um levantamento muito rápido poderia constatar o diálogo de Bernardo Guimarães com autores portugueses (Castilho, Garrett, Alexandre Herculano, Bocage), franceses (Chateaubriand, principalmente, mas também Byron, Young, Musset, Lamartine, Boileau), alemães (Wieland) e clássicos (Horácio, Juvenal).

Como não esconde também o esforço de análise minuciosa e a preocupação de fundamentação dos julgamentos pelo comentário direto dos textos, com exemplificação farta, próprio ao estudioso que quer evitar o mero impressionismo. Os artigos mais longos mostram bem essa preocupação, a leitura crítica seguindo canto a canto os poemas, discutindo imagens, metrificação e aspectos gramaticais.

Esforço analítico, afinal, que seria responsável pela espécie de agressividade domada que acaba por transparecer, numa busca de ponderação que mostra que não estamos diante de tentativas mais ou menos justas ou injustas de “demolição”, dirigidas a nomes já então consagrados de nossa literatura romântica. São críticas que, vindas de dentro de uma mesma tradição, por um escritor que terá toda a sua obra elaborada nesta mesma tradição, visam a considerar opções, investigar limites e propor caminhos.

Pois, como afirmaram Waltensir Dutra e Fausto Cunha, “estamos diante de um escritor que trazia na mão um catecismo estético, pelo qual estudara impiedosamente alguns de seus coevos” (Dutra & Cunha, 1956:55). As regras desse “catecismo”, que iluminam o próprio projeto estético do escritor, encontram-se aí, nas páginas de *A Atualidade*, e a colocação desse material à disposição dos estudiosos de Bernardo Guimarães poderá contribuir para a reavaliação de sua obra.

Referências bibliográficas

- BROCA, Brito. Bernardo Guimarães, um precursor. In: *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis, Brasília: INL, 1979.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- DUTRA, Waltensir; CUNHA, Fausto. *Biografia crítica das letras mineiras: esboço de uma história da literatura em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.
- MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

Machado de Assis: entre o ter e o haver

Anselmo Luiz Pereira Campos*

Introdução

Este trabalho tem por objetivo relatar parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Aprimoramento Discente (Grupo PAD) – área de Literatura Brasileira. O meu objeto de estudo nesse programa é a poesia de Machado de Assis, mais particularmente, a do primeiro livro, *Crisálidas*, publicado em 1864. O poema de abertura do livro, intitulado “Musa consolatrix”, foi conservado pelo autor em posição privilegiada na abertura das *Poesias Completas*, quando, sob esse título, em 1901, deu a lume o conjunto de sua obra poética. O estudo do poema revelou que o escritor introduziu nele, por ocasião da reedição em livro, uma discreta modificação: num verso, substituiu o verbo “ter” pelo verbo “haver”, conservando, entretanto, o sentido de “ter”. Meu objetivo é o de investigar o significado/sentido dessa mudança.

Breve comentário acerca da poesia machadiana

Apesar de mais conhecido por seus romances e contos, especialmente os da fase realista, Machado de Assis encontrou na poesia a sua primeira manifestação literária. Por volta dos dezesseis anos, publicou o poema “Ela” na *Marmota Fluminense*. Ao longo de seu percurso intelectual, o autor jamais abandonaria o gênero poético. Seu primeiro livro, *Crisálidas*, publicado em 1864, é de poesia e, do mesmo gênero, publicou mais três, *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Ocidentais*, inserido em *Poesias completas*, volume que o próprio machado organizou em 1901. Portanto, tem-se um fato concreto, a saber: Machado não só publicou quatro volumes de poesia, como o fez ao longo de um período de 37 anos, entre 1864 e 1901. Assim, não se pode negar que a poesia é parte da obra machadiana, ou, conforme o pensamento de Antônio Houaiss: “(...) poetar foi uma das atividades literárias mais presentes, ainda

* Mestrando em Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFMG.

quando não mais permanentes, em Machado de Assis.” (Houaiss, 1979: 202). Machado praticava a poesia, comprehendia-a e, acima de tudo, dominava a técnica poética. O comentário de Houaiss parece não deixar dúvidas a esse respeito:

Quanto ao conceito de que goza Machado de Assis como poeta ante os críticos, do seu tempo até hoje, vem ele sendo vário e controverso, embora haja reconhecimento explícito por mais de um – e tácito em todos os mais –, dentre os abalizados, de que se tratou, pelo menos, de um seguro senhor das técnicas poéticas – o que apenas confirma nessa faceta a seriedade com que Machado de Assis se aplicou ao domínio dos instrumentos para a sua criação de artista e escritor. (Houaiss, 1979: 204)

O poema

Musa consolatrix¹

- 1 Que a mão do tempo e o hábito dos homens
- 2 Murchem a flor das ilusões da vida,
- 3 Musa consoladora,
- 4 É no teu seio amigo e sossegado
- 5 Que o poeta respira o suave sono.

- 6 Não há, não há contigo,
- 7 Nem dor aguda, nem sombrios ermos;
- 8 Da tua voz os namorados cantos
- 9 Enchem, povoam tudo
- 10 De íntima paz de vida e de conforto.

- 11 Ante esta voz que as dores adormece,
- 12 E muda o agudo espinho em flor cheirosa,
- 13 Que vales tu, desilusão dos homens?
- 14 Tu que podes, ó tempo?
- 15 A alma triste do poeta sobrenada
- 16 À enchente das angústias,
- 17 E, afrontando o rugido da tormenta,
- 18 Passa cantando, alcione divina.

¹ Extraído de *Poesias completas*, 1976. p. 129-130.

- 19 Musa consoladora,
 20 Quando da minha fronte de mancebo
 21 A última ilusão cair, bem como
 22 Folha amarela e seca
 23 Que ao chão atira a viração do outono,
 24 Ah! no teu seio amigo
 25 Acolhe-me, – e haverá minha alma aflita,
 26 Em vez de algumas ilusões que teve,
 27 A paz, o último bem, último e puro!

Estruturalmente o poema apresenta “vinte e sete versos brancos, divididos em quatro estrofes, a primeira e a segunda de 5 versos, a terceira de 8 e a quarta de 9. Metro de 6 e 10 sílabas, em associação assistemática.” (Assis, 1976: 32)

Observe-se que, além de usar versos brancos, o autor divide as estrofes de maneira irregular. Os hexassílabos e decassílabos associam-se de maneira assistemática, o que evidencia a ausência de um padrão formal tomado como ideal de composição pelo autor.

Isoladamente, tais atributos estruturais parecem não dizer muita coisa ou, na melhor das hipóteses, são fruto da liberdade de composição que qualquer autor encontra a sua disposição. No entanto, esses recursos formais tornam-se interessantes quando projetados no nível semântico do poema. De fato, se todo poema pode dizer algo para seu leitor cabem perguntas como: O que esse poema quer dizer? O que revela? Por que o emprego de certos recursos e não de outros? Desse modo, o que revela “Musa consolatrix” do ponto de vista temático?

Do ponto de vista temático, o poema apresenta, de modo geral, uma concepção singular da poesia, considerando-a como a Musa capaz de consolar os males da existência humana.

Assim, tem-se uma forma singular para um conceito, também singular. A uma estrutura própria, corresponde, então, uma idéia própria. O autor amplia a capacidade comunicativa de seu poema, valendo-se do aspecto formal para referir-se ao tema escolhido. Se, por um lado, a estrutura da composição causa, à primeira vista, certa estranheza, por outro, aguça o leitor em sua tentativa de compreensão.

Note-se a divisão no poema entre um plano ideal e outro concreto, o primeiro refere-se à Musa e o segundo, aos homens. De fato, ao lado da Musa tudo é bom, pacífico, tranqüilo e suave, em contraposição ao aspecto humano, que se mostra ilusório, atribulado, sombrio e desconfortável.

O eu-poético pede à Musa que o acolha, pois ao lado dela sua alma poderá despir-se da aflição para ganhar a paz verdadeira. A paz dos que

buscam uma expressão por meio da poesia, já que desde a primeira estrofe fica claro que no seio da Musa é que “o poeta respira o suave sono.”

“Musa consolatrix”: três importantes publicações

Dentre as diversas publicações do poema em questão, há três que se destacam, dada a peculiaridade de terem sido concluídas sob as vistas do autor, conforme estudo crítico-filológico realizado pela Comissão Machado de Assis: a primeira em *Chrysalidas*, 1864; a segunda em *A Semana*, número 93, de 9/10/1866, e a terceira em *Poesias Completas*, 1901.²

Entre o texto de 1864 e o de 1901, ocorre uma pequena diferença, referente à troca do verbo “ter” pelo “haver” no verso 25 do poema. Descarta-se aqui a publicação de 1866, por manter, no verso em questão, o verbo “ter”. Assim, o contraste será feito entre as redações de 1864 e de 1901. Note-se, então, a diferença:

1864	24	“Ah! no teu seio amigo
	25	Acolhe-me, – e <i>terá</i> minha alma aflita,
	26	Em vez de algumas ilusões que teve,
	27	A paz, o último bem, último e puro!”
1901	24	“Ah! no teu seio amigo
	25	Acolhe-me, – e <i>haverá</i> minha alma aflita,
	26	Em vez de algumas ilusões que teve,
	27	A paz, o último bem, último e puro!”

Verso 25: entre o ter e o haver

No verso 25 da versão de 1901, o verbo “haver” conserva o sentido do verbo “ter”. Portanto, o autor faz um uso inesperado de tal verbo, por tratá-lo como pessoal. Observe-se que o sujeito gramatical de “ter” no verso machadiano – “minha alma aflita” – mantém-se para o verbo “haver”. Além disso, é corrente no Português atual, estabelecer-se a troca contrária, isto é, o verbo “ter” ganha o lugar de “haver”, nesse caso, impessoal. Logo, tal substituição causa certa estranheza. O que teria levado o poeta a proceder assim em pleno século XX (1901)?

² Dados retirados de *Poesias completas*, edição crítica da Editora Civilização Brasileira, 1976. p. 52.

Duas hipóteses podem ser levantadas. A primeira, diz respeito aos versos em que ocorre o verbo – “... *terá* minha alma aflita, / em vez de algumas ilusões que *teve* (...)" – pois a troca por “haver” evitaria a repetição do verbo “ter” (“terá/teve”) no mesmo período. A segunda hipótese diz respeito a uma característica mais geral da obra do escritor, assinalada por Antônio Cândido em *Vários escritos*, segundo a qual Machado apresenta alguns “traços arcaizantes” em sua obra.

Com relação à primeira hipótese, trata-se de uma intervenção estilística em nível superficial, já que a troca apenas eliminaria uma repetição de palavras. Nada mais que o exercício da liberdade criativa de um escritor para com sua composição.

Com relação à segunda hipótese, a do tom arcaizante, esta parece demonstrar uma intervenção estilística em nível mais aprofundado. É interessante frisar que o uso de “ter” por “haver” é bastante comum no estado atual da língua, contudo, o contrário – como fez Machado – não ocorre com freqüência, principalmente ao colocar “haver” como verbo pessoal. Considere a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra, no que respeita a sintaxe do verbo “haver”:

É raro nos escritores modernos, mas muito freqüente nos do português antigo e médio, o uso pessoal do verbo *haver*, como verbo principal, nas acepções de: a) “ter”, “possuir”: Aos que o bem fizeram, **hei** inveja. (Cunha & Cintra, 2001: 538)

Se, conforme afirmam os gramáticos, tal acepção do verbo “haver” não é característica dos escritores modernos, isto leva a crer que tal uso é anterior a Luís de Camões, visto que segundo a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, pode-se adotar a seguinte proposta de periodização do Português:

“português arcaico: séc. XIII ao final do XIV

português arcaico médio: 1ª metade do séc. XV à 1ª metade do séc. XVI

português moderno: 2ª metade do séc. XVI ao final do XVII
(podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

português contemporâneo: séc. XVIII aos nossos dias” (Bechara, 2001: 25)

Por que razão Machado de Assis retornaria tanto tempo, pelo menos três séculos, na história do idioma em busca do verbo em questão? Uma resposta direta e definitiva sobre essa questão é, no mínimo insensata; entretanto, um estudo de Rosa Virgínia Mattos e Silva, intitulado “Variação e Mudança no Português Arcaico: *Terou haverem*

estruturas de posse”, pode lançar luz sobre o aspecto histórico-gramatical da questão. Estudando um período compreendido entre os séculos XIV e XV, a autora afirma, com segurança, que “no português trecentista, o verbo *haver* é muito mais freqüente que o verbo *ter*.³

O que caracteriza uma estrutura de posse é “uma relação de dependência entre o predicado e seu sujeito”, que, do ponto de vista semântico, desdobrou-se, no período em questão, em três tipos distintos de predicado, a saber: os que apresentam “qualidades não transferíveis (...)", representados por (QI); os que apresentam “qualidades próprias ou adquiridas (...) tais como, qualidades morais, espirituais, intelectuais, afetivas, sociais”, representados por (AI); por fim, os que expressam “objetos materiais adquiríveis, externos ao possuidor (...)", (AM). O verso machadiano enquadra-se no segundo caso (AI), podendo ser assim desdoblado: [minha alma aflita haverá a paz]. Resumidamente, pode-se perceber que no desenvolvimento do português trecentista para o quattrocentista o verbo *haver* passa a ser utilizado com menor freqüência, o contrário ocorrendo com o verbo *ter*.

Surpreendente é que, na 2ª metade do século XV, Rosa Mattos encontra ocorrências do tipo (AI) com o verbo “*haver*”, seguido da palavra “paz”, exatamente como no poema de Machado: “(...) haverá minha alma aflita, (...) a paz, último bem, último e puro!” Do ponto de vista histórico, confirma-se de modo estrito a validade lingüística do uso de *haver*, conforme se vê no poema “Musa consolatrix”. Qual a influência desse aspecto lingüístico tão específico no que se refere à literatura?

Do ponto de vista literário, evidencia-se um recurso técnico e estilístico de grande importância capaz de demonstrar o cuidado com que o bruxo do Cosme Velho manipulava seu idioma. Tal recurso demonstra maturidade e apuro técnico, além de coerência, tanto com a obra, quanto com o poema em questão. Nesse sentido, torna-se esclarecedor o texto de Antonio Cândido – “Esquema de Machado de Assis” – uma vez que descreve alguns fatos biográficos e literários a partir dos quais seria possível montar, de fato, um “esquema” para explicar certos elementos característicos da obra machadiana.

Dentre os comentários do crítico, destacam-se duas expressões – “traços arcaizantes” e “tom machadiano”. Tais expressões evocam uma aura de mistério, surpresa e enigma, remetendo aos inúmeros elementos aparentemente insignificantes³, ou até mesmo banais, utilizados por

³ Sobre este aspecto ver “Notações (in)significantes em Machado de Assis”, de Ruth Silviano Brandão.

Machado, mas que, ao serem lidos de maneira atenta, revelam um algo mais, uma camada mais profunda de significação. Segundo Cândido, “nos seus contos e romances, sobretudo entre 1880 e 1900, nós encontramos, disfarçados por curiosos traços arcaizantes, alguns dos temas que seriam característicos da ficção do séc. XX” (Cândido, 1970:17). Ainda acrescenta: “Machado de Assis, enigmático e bifronte, olhando para o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias ‘que todos podiam ler’” (Cândido, 1970:17). Não escapa ao crítico o caráter intemporal da obra machadiana: “Na razão inversa da sua prosa elegante e discreta, do seu tom humorístico e ao mesmo tempo acadêmico avultam para o leitor atento as mais desmedidas surpresas. A sua atualidade vem do encanto quase intemporal do seu estilo...” (Cândido, 1970:18). Estilo que parece burlar o tempo com o desejo de estar sempre em movimento, nunca estático.

Antônio Cândido revela fatos interessantes acerca do prosador, contudo, não faz menção ao poeta, que também apresenta uma técnica apurada, ao qual se poderiam muito bem aplicar as expressões “traços arcaizantes” e “tom machadiano”. De fato, parece mais fácil compreender, agora, o porquê de uma modificação (ter/haver) em um verso, 37 anos após a primeira publicação de um poema. Ao que tudo indica, Machado aplicou em sua poesia um recurso já utilizado com requinte em sua prosa.

Em *História de palavras*, de Ângela Vaz Leão, encontra-se, dentre outros, um estudo de muita valia para o trabalho aqui exposto. Trata-se do capítulo “Ao Lusco-Fusco”, em que a autora desvenda ocorrências interessantes acerca de tal expressão. Uma delas, presente em *Dom Casmurro*, permite-nos tecer alguns comentários a respeito do método de trabalho do escritor e de como tirava proveito das leituras que fazia em sua própria criação literária.

De fato, “o capítulo LI de *Dom Casmurro* intitula-se ‘Entre luz e fusco’. Eis o seu início: ‘Entre luz e fusco, tudo há de ser breve como esse instante.’” (Leão, 1961:89).

Mais uma vez Machado está diante de uma escolha estilística, pois poderia intitular o capítulo LI de *Dom Casmurro* com a expressão “entre lusco e fusco”, uma vez que, de acordo com D. Ângela Leão:

A segunda edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*, de MORAIS, registra *entre luz e fusco*, como sinônimo de *entre lusco e fusco*, repetindo, aliás, o que se acha no *Dicionário da Língua Portuguesa*, de BLUTEAU. (Leão, 1961:89)

Parece que, novamente, Machado opta pelo uso menos comum: “As locuções *entre lusco e fusco* e *ao lusco-fusco*, correntes na língua, são muito mais usadas do que *entre luz e fusco*. ” (Leão, 1961:86)

A autora pergunta, então: “Teria o romancista, grande leitor dos clássicos, visto a expressão em algum documento da língua? Onde?” (Leão, 1961:89)

A resposta surpreendente é dada pelo próprio Machado em notas de leitura que foram publicadas por Mário de Alencar no primeiro número da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, com o seguinte esclarecimento:

MACHADO DE ASSIS foi aluno assíduo dos escritores da língua portuguêsa, mas ao tempo em que primeiro os estudou, faltando-lhe meios para comprá-los, lia-os de empréstimo, como assinante do Gabinete Português de Leitura. Anotava então em pequenas folhas avulsas o que ia achando interessante, em matéria de estilo e de língua. Ouví-lhe uma vez que eram muitas essas notas, mas que em grande parte as tinha já rasgado ou perdido e igual destino haviam de ter as restantes. Salvaram-se felizmente algumas, que hoje pertencem à Academia Brasileira, doadas com outros manuscritos do escritor pela herdeira dèle. (Leão, 1961:90)

Na página 164 da revista “entre pacientes anotações de Machado, encontramos: ‘Amador Arrais. Entre luz e fusco. Dial. III.’” (Leão, 1961: 90)

D. Ângela encontrou a expressão no *Diálogo Terceiro*, Capítulo XVI, conforme indicava a nota machadiana. A autora acrescenta ainda que “entre luz e fusco” parece ser a expressão mais antiga dado que “há escritores mais e menos arcaizantes.”

Do que foi exposto, pode-se concluir que Machado de Assis valia-se de um metódico trabalho de leitura, principalmente dos autores clássicos, a fim de transportar para suas criações literárias aquilo que julgava mais adequado à confecção de um estilo próprio. É lícito supor que o autor das *Crisálidas* aplicou-se na elaboração desse mesmo estilo, do qual um dos traços é o caráter arcaizante, também em sua poesia. Desse modo, a alteração efetuada no verso 25 de “Musa consolatrix” introduz mais um traço “arcaizante” na obra machadiana, contribuindo para ampliar um pouco mais o entendimento de seu estilo, o estilo de um autor tão importante da Literatura Brasileira.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1976.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p. 25-27.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. "Notações (in)significantes em Machado de Assis" *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v.16, n.20, p. 131-140, jan. dez. 1996.
- CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p.15-32.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 3^a ed. p. 537-540.
- HOUAISS, Antônio. Machado de Assis e seus versos. In: *Estudos vários sobre palavras, livros, autores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.201-204.
- LEÃO, Ângela Vaz. *História de palavras*. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1961.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Variação e mudança no português arcaico: ter ou haver em estruturas de posse. In: PEREIRA, Cilene da Cunha & PEREIRA, Paulo Roberto Dias. (Orgs.) *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

Um problema editorial: a poesia do padre Correia de Almeida

José Américo Miranda^{*}

Um dos muitos poetas brasileiros do século XIX que necessita urgentemente de uma edição de suas obras é o padre José Joaquim Correia de Almeida. Ele foi o mais importante autor satírico do seu tempo e é um dos mais importantes de nossa literatura. Inteiramente dedicado à sátira, é ele, pelo que sabemos, o poeta brasileiro que maior número de obras desse gênero produziu em toda a nossa história literária.

Ao longo da segunda metade do século XIX e primeiro lustro do século XX, publicou o padre Correia de Almeida 22 livros de versos satíricos, o primeiro em 1854, o último em 1905. Seus sete primeiros livros trazem todos por título as mesmas palavras, *Satyras epigrammas e outras poesias*, embora a distribuição das palavras na linha varie de um volume para outro.

O primeiro volume, *Satyras epigrammas e outras poesias pelo / P.^e José Joaquim Corrêa d'Almeida / natural da cidade de Barbacena / Província de Minas Geraes / offerecidas ao snr. / Honorio Augusto José Ferreira Armond.*, foi impresso no Rio de Janeiro pela Empreza Typ. – DOUS DE DEZEMBRO – de Paula Brito, Impressor da Casa Imperial, em 1854.

Deste volume, como de todos os outros, só existe a primeira edição. O formato é *in quarto*, contendo o livro dezesseis cadernos de quatro folhas – oito páginas, portanto; o que dá ao livro um total de 144 páginas. A última página do corpo do livro é a de número 139, ficando em branco a de número 140. As três páginas seguintes receberam a numeração de I a III, em algarismos romanos, e contêm o índice do volume, com indicação de cada poema pelo primeiro verso. A última página, correspondente ao número 144, vem em branco. O volume não traz errata; pelo menos não a traziam os dois exemplares que consultamos, nenhum dos quais tinha capa. Muitos dos outros livros do autor as trazem (as erratas). Esse fato é de se observar, pois o primeiro volume

* Professor Adjunto de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFMG.

apresenta erros bastante evidentes. É até verossímil supor que a mudança de editor, do segundo volume das *Satyras...* em diante, tenha em parte sido motivada pela insatisfação do autor com a qualidade da edição.

Apontaremos aqui algumas particularidades da edição do primeiro volume de *Satyras epigrammas e outras poesias*, aparecido em 1854. O livro é composto por dezoito cadernos, que trazem números arábicos por assinatura, sendo que o primeiro caderno inclui as páginas de rosto e ante-rosto e não traz assinatura. A primeira assinatura, a de número 2, aparece na página 9.

Consultamos dois exemplares dessa edição, e constatamos erros diversos em ambos. Examinaremos apenas, antes de passar ao ponto mais importante, um pequeno epígrama, a título de exemplificação.

Um epígrama

O “Epígrama” que vem à página 16 está praticamente todo errado:

Do *contrario contrarie*s não se olvido
O medico allopata,
Quando ao morbus da vida
Por antidoto applico a morte e mata.

O princípio “*contraria contrariis [curantur]*” – os contrários curam-se pelos contrários – é o adotado pela medicina alopática, por oposição ao da medicina homeopática, que é *similia similibus curantur* – os semelhantes curam-se pelos semelhantes. “O médico alopata” do segundo verso é o sujeito da oração cujo predicado encontra-se no primeiro; colocando-se em ordem direta: “O médico alopata não se olvida [não se esquece] do *contraria contrariis*”. Portanto, está errado o “olvido” ao final do primeiro verso; ele deve ser substituído pela forma correta “olvida”. Essa correção torna perfeita a rima consoante do primeiro com o terceiro verso: “olvida / vida”. Deve, evidentemente, ser corrigida, também, a grafia da expressão latina *contraria contrariis* no lugar de *contrario contraries*.

A circunstância em que o médico não se esquece do princípio que o guia vem expressa nos dois versos seguintes:

Quando ao morbus da vida
Por antidoto applico a morte e mata.

Na ordem direta: “quando aplica a morte, por antídoto, ao morbus [à doença] da vida, e mata.” A palavra “morbo” foi empregada na forma alatinada, “morbus”, pelo poeta. O sujeito de “aplica” é, naturalmente, o mesmo médico de que falam os dois primeiros versos; portanto, a forma “aplico” não está sintaticamente correta – deve ser, também, corrigida.

Feita a “reforma”, com eliminação das consoantes duplicadas e acentuação das palavras de acordo com a Reforma Ortográfica de 1943, fica assim o “Epígrama”:

Do *contraria contrariis* não se olvida
O médico alopata,
Quando ao morbus da vida
Por antídoto aplica a morte e mata.

De que as correções aqui propostas são necessárias é evidência a indicação do poema no índice do volume. Naquele lugar, os poemas estão indicados pelo primeiro verso, e este epígrama vem assim indicado:

6 Do *contrario contraries* não se olvida.....15

O índice (na verdade sumário), por sua vez, necessita de correção, pois o poema vem à página 16. O número 6 que nele antecede o verso indica que o epígrama é o sexto poema do livro. Quanto à correção da forma verbal no índice, embora seguramente não se deva à mão revisora do autor, ela é evidência forte a favor das correções aqui propostas.

Quanto ao tema da quadra, a medicina, não nos deixa a tentação de um comentário. Os médicos foram freqüentemente satirizados pelo poeta; ele os vê sempre como promotores da morte. A esse respeito, um outro “Epígrama”, que está no quinto volume, publicado em 1872, é muito curioso:

“– Bocage descreu dos medicos,
fez-lhes muitos epigrammas!
Tu, Vate Reverendissimo,
aquele exemplo não amas?

“– Queres que eu siga sem calculo
exemplo que me não quadre?
Faltando defuncto e exequias,
de que ha-de viver um Padre?! (p.18)

Nesse epígrama, o padre ri, ao mesmo tempo, conforme observou ser costume dele o poeta Carlos Drummond de Andrade, de si e dos outros...

O ponto mais importante

Os diversos erros que ocorrem ao longo do volume são comuns aos dois exemplares colacionados, até o caderno que traz por assinatura o número 17, ou seja, até a página 129, primeira do caderno. A partir desse ponto, há divergências entre os dois exemplares, o que nos autoriza a dizer que esta edição conheceu pelo menos dois estados, a que chamaremos de A e B. Por estado A denominaremos aquele em que os erros são ainda erros; por B, aquele em que os erros estão corrigidos.

À página 129 tem início uma “Satyra” em quatro estrofes, três das quais se encontram nessa página, e a última na seguinte. Eis o que se lê nos dois estados (Deus nos livre do demônio tipográfico do erro!):

	estado A	estado B
	SATYRA	SATYRA
[1]	Entre nós (diz um rabeca) Padres, medicos, letrados, Formam classes de illustrados Com perdão do altar e mesa.	Entre nós (diz um rabeca) Padres, medicos, letrados, Formam classes de illustrados Com perdão do altar e mesa.
[5]	Tirada honrosa excepção, O homem tem toda a razão	Tirada honrosa excepção, O homem tem toda a razão
	E diz, fundado em grammatica, Que a palavra – Bacharel – Se derivava fiel	E diz, fundado em grammatica, Que a palavra – Bacharel – Se derivava fiel
[10]	Destas duas – baixa e reles – Tirada honrosa excepção, O homem tem toda a razão.	Destas duas – baixa e reles – Tirada honrosa excepção, O homem tem toda a razão.
	Que estes sonoros vocabulos Allopatha, homœopatha,	Que estes sonoros vocabulos Allopatha, homœopatha,
[15]	Patarata, mata-mata Rimam bem, são ensoantes . Tirada honrosa excepção, O homem tem toda a razão.	Patarata, mata-mata Rimam bem, são consoantes . Tirada honrosa excepção, O homem tem toda a razão.

Como se vê, passou despercebida ao revisor a falta do ponto final no refrão, em sua primeira ocorrência. Entretanto, mais importante que isso, corrigiu ele a palavra destacada de A, no verso 16, “ensoantes”, por “consoantes”, como se pode ler em B. A última estrofe da “Satyra” vem à página 130, e traz novas contribuições do revisor.

estado A

Que havia parocho tal,
 [20] Que nos livros declarava
 Si aquelles que baptisava
 Eram ***pravos*** ou ***adulteros***. (1)
 Tirada honrosa excepção,
 O homem tem toda a razão.

estado B

Que havia parocho tal,
 Que nos livros declarava,
 Si aquelles que baptisava
 Eram ***parvos*** ou ***adulteros***. (1)
 Tirada honrosa excepção,
 O homem tem toda a razão.

O número (1), entre parênteses, ao final do verso 22, remete a nota de rodapé do autor, que esclarece: "No assento do baptisamento costuma o parocho declarar se o baptizado era parvulo ou adulto." Além do acréscimo de vírgula ao final do segundo verso, corrigiu o revisor a palavra destacada em A, "*pravos*", para "*parvos*", destacada em B. Evidentemente, a forma metatética "*pravos*" (derivada de "*parvos*") dificultaria para o leitor a decifração do efeito cômico, que deriva das confusões entre as palavras "*párvulos*" e "*parvos*" e "*adultos*" e "*adúlteros*". Não há dúvida de que a lição do estado B é a que deve ser adotada numa edição.

O "Epigramma" que vem à página 131, traduzido de Marcial, não apresenta diferenças nos dois estados da edição. O mesmo não sucede ao poemas subseqüentes. Segue-se ao mencionado epígrama um poema que traz o título de "A Actualidade". Examinemos as duas lições:

estado A

A ACTUALIDADE

Nullidade, perfidia, astucia, e crime,
 Subí ás aras, que o Brasil vos chama.
 (F. Octaviano – *Ode á Martim Francisco*.)

- [1] Eu te esconjuro, época de lôdo,
 Progenitora fertil de acanhados
 Pigmeus de braços curtos, paralyticos,
 Ineptos, incapazes de reger
- [5] Decuria de uma escola, quanto mais
 Destinos de um Imperio Americano!
 Edade asinhavrada, onde summiram-se
 Denodados heroes que tão brilhantes
 Dias de juventude ao Brasil deram?
- [10] Onde está por acaso o austero, o rígido
 Feijó, Paulista digno de renome,
 De estatuas immortaes, perennes digno?
 Os abssynios da patria o apedrejaram
 No descer **ao** ocaso á sepultura!
- [15] (Oh vergonha!) **Cuspiram-lhe** na cova!
Taes são, taes são as cousas deste mundo!

estado B

A ACTUALIDADE

Nullidade, perfidia, astucia, e crime,
 Subí ás aras, que o Brasil vos chama.
 (F. Octaviano – *Ode á Martim Francisco*.)

- Eu te esconjuro, época de lôdo,
 Progenitora fertil de acanhados
 Pigmeus de braços curtos, paralyticos,
 Ineptos, incapazes de reger
- Decuria de uma escola, quanto mais
 Destinos de um Imperio Americano!
 Edade asinhavrada, onde summiram-se
 Denodados heroes que tão brilhantes
 Dias de juventude ao Brasil deram!
- Onde está por acaso o austero, o rígido
 Feijó, Paulista digno de renome,
 De estatuas immortaes, perennes digno?
 Os abssynios da patria o apedrejaram
 No descer **do** ocaso á sepultura!
- (Oh vergonha!) **cuspiram-lhe** na cova!
Taes são, taes são as cousas deste mundo!

Como se vê, houve correções de A para B; B é, portanto, o estado corrigido, e aquele que deve ser acatado. Na epígrafe, um erro tipográfico, a triplicação da consoante “l” na palavra “Nullldade” foi corrigida para “Nullidade”. No nono verso da estrofe o ponto de interrogação foi substituído por ponto de exclamação. O décimo quarto verso, “No descer **ao** ocaso á sepultura!”, foi corrigido para “No descer **do** ocaso á sepultura!” E uma inicial maiúscula foi alterada para minúscula no verso décimo quinto: “(Oh vergonha!) **Cuspiram-lhe** na cova!” passou a “(Oh vergonha!) **cuspiram-lhe** na cova!

Na página seguinte, a de número 133, há os seguintes versos:

	estado A	estado B
	De honestos patriotas sem estigma, Sem lívido ferrete de ignominia	De honestos patriotas sem estigma, Sem lívido ferrete de ignominia
	Quantos restam nos dias que decorrem?	Quantos restam nos dias que decorrem?
[20]	Algum cansado, trôpeco , exaurido De forças no combate pela patria; Algum já reformado por invalido, Que honrosas cicatrizes inda mostra Nas rugas do semblante intercaladas;	Algum cansado, trôpego , exaurido De forças no combate pela patria; Algum já reformado por invalido, Que honrosas cicatrizes inda mostra Nas rugas do semblante intercaladas;
[25]	Que chora pelas glórias do passado E lamenta as misérias do presente, E tremem das borrascas do futuro! Tudo o mais são apóstotas infames, Ou subterraneos vermes que subiram	Que chora pelas glórias do passado E lamenta as misérias do presente, E treme das borrascas do futuro! Tudo o mais são apóstotas infames, Ou subterraneos vermes que subiram
[30]	A' flor do chão no revolver da gleba, Ou faminto <i>Esaú</i> , que baratea <i>Direitos</i> pelo <i>prato de lentilhas</i> , De <i>estomago maior</i> que o <i>Pão de Assucar</i> . <i>Taes são, taes são as cousas deste mundo!</i>	A' flor do chão no revolver da gleba, Ou faminto <i>Esaú</i> , que baratea <i>Direitos</i> pelo <i>prato de lentilhas</i> , De <i>estomago maior</i> que o <i>Pão de Assucar</i> . <i>Taes são, taes são as cousas deste mundo!</i>
[35]	Na esphera patriotica em que volvem-se Os astros que illuminam, que dissipam As trevas da ignorancia, e de egoismo, Tivemos de subir para o zenith, E agora descambamos ao Nadir,	Na esphera patriotica em que volvem-se Os astros que illuminam, que dissipam As trevas da ignorancia, e de egoismo, Tivemos de subir para o zenith, E agora descambamos ao Nadir.
[40]	<i>Taes são, taes são as cousas deste mundo!</i>	<i>Taes são, taes são as cousas deste mundo!</i>
	A malicia dos homens progredira Com tanta rapidez nas priscas eras; Foi tão degenerada a raça humana, Tanto avançou na estrada do delicto,	A malicia dos homens progredira Com tanta rapidez nas priscas eras; Foi tão degenerada a raça humana, Tanto avançou na estrada do delicto,

No verso nº 20, “tròpeco” foi substituído por “tròpego” (trôpego); no 27, a forma verbal “tremem” foi corrigida para “treme”; e no 39, a vírgula foi substituída por ponto final. Escapou ao revisor, no verso 28, a correção de “apóstotas” para “apóstatas”.

E na página 134, em que termina o poema, temos os versos seguintes:

estado A

- [45] Que a mesinha efficaz de tal molestia
Foi terrivel diluvio que inundou
As terras e os viventes, tudo e todos.
Sómente um varão justo foi isento
Dos rigores da colera divina;
- [50] Salvou comsigo a prole abençoada
Nas tabuas de uma barca sobre as aguas,
E assim regenerou-se a raça humana!
Taes são, taes são as cousas deste mundo!
- Na ordem social, moral, ou physica,
- [55] Regenera-se a essencia depravada.
Si horrivel cataclismo é inevitavel;
Si o diluvio de sangue é necessario
Para lavar as maculas da culpa,
Da culpa social que nos corróe...
- [60] A mão da Providencia nos ampare,
O lenho de Noé dê **conto** e abrigo
A prole Brasileira abençoada;
E a pomba exploradora regredindo
Com pacifico ramo de oliveira,
- [65] Ao menos a esperança nos alente.
Taes são, taes são as cousas deste mundo!

Barbacena, novembro de 1852.

estado B

- Que a mesinha efficaz de tal molestia
Foi terrivel diluvio que inundou
As terras e os viventes, tudo e todos!
Sómente um varão justo foi isento
Dos rigores da colera divina;
- Salvou comsigo a prole abençoada
Nas tabuas de uma barca sobre as aguas,
E assim regenerou-se a raça humana!
Taes são, taes são as cousas deste mundo!
- Na ordem social, moral, ou physica
- Regenera-se a essencia depravada.
Si horrivel cataclismo é inevitavel;
Si o diluvio de sangue é necessario
Para lavar as maculas da culpa,
Da culpa social que nos corróe...
- A mão da Providencia nos ampare,
O lenho de Noé dê **couto** e abrigo
A' prole Brasileira abençoada;
E a pomba exploradora regredindo
Com pacifico ramo de oliveira,
- Ao menos a esperança nos alente.
Taes são, taes são as cousas deste mundo!

Barbacena, novembro de 1852.

O verso 47 teve seu ponto final substituído por ponto de exclamação; no verso 61 a palavra “conto” foi corrigida para “couto”; e no verso 62 foi acrescentado o sinal de crase à preposição “A” que inicia o verso.

As duas últimas páginas do caderno 17, 135 e 136, trazem o poema “O Progresso das Sciencias”. Passemos ao exame das duas estrofes da página 135:

estado A

O PROGRESSO DAS SCIENCIAS

- [1] A vista perspicaz, audaciosa
Do homem intelligent
Insondaveis arcanos investiga,
E o progresso **continúa**
- [5] Das artes, das sciencias é notavel.

A férvida caldeira
Da vaporosa barca que retalha
As encrespadas ondas;
O delicado arame, o fio electrico
[10] Que transporta a palavra
Atravez de milhões de extensas legoas
N'um atomo de tempo,
—Ainda hontem ficções, já hoje factos—
São argumentos firmes
- [15] Das luzes que dimanam do progresso.

estado B

O PROGRESSO DAS SCIENCIAS

- A vista perspicaz, audaciosa
Do homem intelligent
Insondaveis arcanos investiga,
E o progresso **continuo**
- Das artes, das sciencias é notavel.

A férvida caldeira
Da vaporosa barca que retalha
As encrespadas ondas;
O delicado arame, o fio electrico
Que transporta a palavra
Atravez de milhões de extensas legoas
N'um atomo de tempo,
—Ainda hontem ficções, já hoje factos—
São argumentos firmes
- Das luzes que dimanam do progresso.

Nessa página, no quarto verso, a forma verbal “continúa” foi substituída pelo adjetivo “continuo”.

Na página 136, última do caderno 17:

estado A

- Rendem-se os elementos
A' potencia do genio que os conquista
Devassa, e descortina;
E toda a natureza transparente
[20] Tem de ser despojada,
Em breve, dos mysterios que a
lenriquecem,
Mais do que seus thesouros!

estado B

- Rendem-se os elementos
A' potencia do genio que os conquista
Devassa e descortina;
E toda a natureza transparente
Tem de ser despojada,
Em breve, dos mysterios que a
lenriquecem,
Mais do que seus thesouros!

- Suppões que assim será, mortal
[intrepido?
Quanto são enganosos
[25] Teus calculos melhores, teus projectos!...
Ali não vês Pompéa,
A secular Pompéa sepultada
Sob montão de ruinas?
Com ella se perderam muitas paginas
[30] Do livro das Sciencias!

- Suppões que assim será, mortal
[intrepido?
Quanto são enganosos
Teus calculos melhores, teus projectos!...
Ali não vês Pompéa,
A secular Pompéa sepultada
Sob montão de ruinas?
Com ella se perderam muitas paginas
Do livro das Sciencias!

A lei da Providencia é quem demarca
Até que ponto avance
O Sabio no caminho do progresso,
E quando toca a meta
[35] Que prescreve, inflexivel diz-lhe:
[-Basta-]
Não sigas, temerario;
D'aqui ávante está Babel confusa!

Barbacena, 8 de maio de 1853.

A lei da Providencia é quem demarca
Até que ponto avance
O Sabio no caminho do progresso,
E quando toca a meta
Que prescreve, inflexivel diz-lhe:
[-Basta-]
Não sigas, temerario;
D'aqui ávante está Babel confusa!

Barbacena, 8 de maio de 1853.

Nesta página, que encerra o caderno de nº 17, a única alteração foi a supressão da vírgula, existente em A, no verso 18.

Esse conjunto de diferenças existentes entre um exemplar e outro da mesma edição autoriza-nos a dizer – e a alertar possíveis futuros editores e/ou estudiosos da obra desse poeta satírico – que houve cancelamento do caderno 17 do primeiro volume de suas *Satyras epigrammas e outras poesias*, com substituição do caderno com erros por outro revisto. Essa edição apresenta, pois, dois estados, que aqui identificamos como A e B. A existência mesma desses dois estados lança dúvidas sobre a possibilidade da existência de outros. Seriam sumamente preciosos, caso existissem, os volumes que pertenceram ao próprio poeta; talvez eles contenham correções dos numerosos erros desta edição. Diz a tradição oral que uma coleção completa dos livros do padre Correia de Almeida, que pertenceu ao padre Sinfrônio Augusto de Castro, biógrafo do poeta, foi deixada em testamento à biblioteca do Caraça, em Minas Gerais. Já que o padre Sinfrônio conviveu com o poeta e sobreviveu a ele, é provável que essa coleção seja a que pertenceu ao poeta. Nenhum trabalho de edição dessa obra pode vir a ser feito sem que se consulte aquela biblioteca e se colacionem os seus exemplares, pois é bem possível que o exame desses livros traga contribuição importante ao editor.

Hipótese explicativa

O fato de todas as correções estarem na mesma folha de impressão – aquela que, dobrada, deu origem ao caderno que leva o número 17 por assinatura – sugere que esta folha tenha sido remetida ao poeta, como amostra dos trabalhos da impressão em andamento. Ele a teria corrigido e devolvido à tipografia, onde a impressão do volume já se achava adiantada, mas ainda a tempo de se fazerem as correções. Sem

desperdício do papel já impresso, a edição saiu com exemplares que continham os erros e exemplares com os erros corrigidos. Dificilmente poderíamos aceitar a idéia de que a revisão tenha sido feita na tipografia por um revisor ali existente, por um profissional do ramo. Fosse esse o caso, como explicar a correção de apenas um caderno, quando tantos erros existem em outros?

Outra possibilidade é a de que o poeta tenha recebido mais cadernos, talvez mesmo todos eles, e os tenha revisto; caso isso tenha ocorrido, as provas chegaram tarde demais à tipografia e não se pôde fazer mais nada. Ou talvez algum outro caderno tenha sido também cancelado e substituído em parte da edição; nesse caso, existe a possibilidade de que futuras colações de exemplares encontrados (esses livros são bastante raros) venham a confirmar essa hipótese – por ora trata-se apenas de uma remota hipótese. O fato é que não podemos avaliar, com os dados de que dispomos, a real extensão do problema. Além de não podermos dizer com certeza se as revisões foram feitas pelo próprio poeta, não podemos responder às seguintes perguntas: Teria sido a folha de que se fez o caderno 17 a única enviada ao poeta, ou lhe teriam sido enviadas todas as outras? Se lhe tivessem sido enviadas outras folhas, haveria exemplares com outros cadernos corrigidos? O possível esclarecimento dessas dúvidas só poderá ser feito pela colação de tantos exemplares dessa edição quantos for possível examinar.

O padre Correia de Almeida foi revisor criterioso; muitos de seus livros contêm erratas minuciosas. A edição de seu primeiro livro deve ter-lhe servido de lição e aviso de que não podia confiar seus textos aos impressores.

Transcrição semidiplomática de um texto aljamiado em judeu-espanhol

Aléxia Teles Duchowny*

Apresentação

Ao serem expulsos da Espanha em 1492 pelos reis católicos Fernando e Isabel, os judeus espanhóis distribuem-se nos países vizinhos, na Holanda, no Império Otomano, no norte da África, chegando até mesmo às Américas. Passam assim a ser denominados de sefarditas, palavra hebraica que denomina a antiga Ibéria. Esses falantes das várias modalidades do espanhol do final do século XV, e em especial do castelhano, interagem com os usuários das línguas das regiões onde se radicaram, como o grego, o turco, o árabe, o italiano, etc., dando origem ao judeu-espanhol, língua arcaizante, não-territorializada e de fusão (Cohen, 1998:30-31).

Segundo Romero (1992:20-21), durante os séculos XVI e XVII, a produção literária sefardita é composta basicamente de traduções da Bíblia e de textos religiosos. A situação muda radicalmente no século XVIII, considerado o século de ouro da literatura sefardita, quando uma explosão literária ocorre, mostrando a maturidade e a capacidade expressiva da língua. A partir do final do século XIX, as sociedades sefarditas entraram em contato com o mundo cultural ocidental não judaico, gerando uma ruptura dos esquemas tradicionais vigentes, e fazendo com que o judeu-espanhol do início do século XX sofra uma irreversível influência do francês e do italiano e suas literaturas.

O texto aqui transcrito, a tradução em judeu-espanhol da novela ‘Nantas’, de 1904, mostra claramente a europeização dessa língua, quando os falantes sefarditas passam a rejeitar características da sua língua de origem oriental: o autor utiliza vocábulos de origem francesa, espanhola ou italiana, mas insere a tradução da palavra, entre parênteses,

* Professora do Centro Universitário Newton Paiva, Doutoranda em Estudos Lingüísticos na Faculdade de Letras da UFMG.

utilizando-se de termos de origem turca, grega ou hebraica, que deveriam ser mais facilmente compreendidos pelo seu público-alvo.

‘Nantas’ foi escrito em 1878 por Émile Zola e publicado no jornal russo *Messager de l’Europe* em outubro do mesmo ano, sob o título de ‘La vie contemporaine’. Em 1879, foi publicado no jornal francês *Voltaire* sob a forma de folhetim, entre 19 e 26 de julho. Para Ripoll (1976:1531-1533), Zola teria a intenção de adaptar ‘Nantas’ para o teatro, o que não nos parece improvável, pois o texto é de uma dramaticidade ideal para tal gênero. Nesse artigo, não houve a preocupação em identificar qual teria sido a fonte utilizada pelo tradutor para produzir seu texto, se o texto do *Voltaire* ou do *Messager de l’Europe*.

A versão em judeu-espanhol de ‘Nantas’, se verdadeiras forem as informações da página três da própria obra, foi ‘trezladado del francés’ por M. Menashé, em 1904, na cidade de Esmirna, Turquia. Esmirna foi o berço da periodismo sefardita, onde mais de dez periódicos em judeu-espanhol foram publicados entre 1842 e a Primeira Guerra Mundial (Romero, 1992:181). Como a maioria das obras sefarditas, essa também é aljamiada, isto é, a língua é o judeu-espanhol transcrita em caracteres hebraicos (RAE, 1992:104). ‘Nantas’ apresenta as três primeiras página em letra quadrada, e o corpo da novela em si no alfabeto denominado *rashi*, bastante semelhante à escrita cursiva usada pelos sefarditas na Espanha Medieval.

Não foi encontrada nenhuma informação específica sobre o tradutor M. Menashé, mas sabe-se que esses “escritores”, que muitas vezes manipulavam e deturpavam impiedosamente o original, estavam vinculados à imprensa, trabalhando como jornalistas, editores ou colaboradores. Todos conheciam línguas estrangeiras e tinham bom domínio das duas grafias, tanto a ocidental quanto a hebraica (Barquín, 1997).

O testemunho da novela que serviu como base para a presente edição encontra-se na Library of Congress¹, em Washington². Procurou-se sempre se ater à fotocópia do texto para a tomada das decisões, mas o confronto com a novela em francês (Ripoll, 1976: 772-802) teve grande utilidade.

¹ Agradecimentos a Rachel Becker, que facilitou o acesso ao documento.

² Para se obter a listagem dos livros sefarditas da Library of Congress, verificar BESSO, Henry. *Ladino books in the Library of Congress; a bibliography*. Washington: Library of Congress, 1963.

Resumo do texto

Nantas é um jovem marselhês ambicioso que, após a morte dos pais, parte para Paris em busca de fortuna e reconhecimento. Após um período sem encontrar trabalho, irritado com sua miséria, decide vender seu nome a Flávia, filha desonrada de um barão, aceitando participar de um casamento de fachada. Após dez anos de trabalho árduo, Nantas acaba alcançando sucesso e respeito de todos, exceto de sua mulher, pela qual se apaixona secretamente. Não suportando o desprezo de Flávia, decide suicidar-se, mas é salvo por ela no último instante.

Edição semidiplomática da novela

1. Normas de edição

As normas utilizadas para a transcrição do texto em alfabeto rashi para o latino, foram as propostas por Hassán (1978), já que é bastante utilizada e respeitada pelo meio acadêmico internacional, quando a intenção é produzir um texto para fins lingüísticos e literários. A transcrição é feita tendo-se como modelo ortográfico o espanhol moderno normativo. Toda característica fonética típica do judeu-espanhol que fuja do padrão do espanhol moderno é representada através da adição de diacríticos a certas letras. Assim, todo diacrítico de uma letra indica uma diferença fonética do judeu-espanhol em relação ao espanhol moderno. O resultado é que o texto deve ser lido como se fosse um texto em espanhol, levando-se em conta as convenções do sistema e considerando isoladamente as palavras.

Apesar das convenções serem muito bem sistematizadas, elas encontram algumas desvantagens: i) para o editor que não seja de língua espanhola ou que tenha conhecimentos limitados dela, o trabalho é árduo, já que o modelo ortográfico é o espanhol; ii) para o leitor que desconheça o espanhol, a leitura apresenta dificuldades, pelo mesmo motivo acima citado; iii) o excesso de diacríticos torna a digitação e a leitura mais lentas e sujeitas a erros; iv) como as letras originais podem ser transcritas de várias maneiras (ver quadro abaixo), o leitor que não tiver acesso ao texto aljamiado não conseguirá identificá-las, o que pode ser um problema para certas pesquisas lingüísticas.

As convenções são as seguintes:

1) Transliteração:

Som ³	Transcrição ⁴	Letra no original ⁵	Nome da letra
[a], ø	a, h, ø		aleph
[a], ø	a, ø		aleph final
[b]	b		bet
[v, β]	v		vet
[g, γ]	g, gu		guimel
[tʃ]	ch		guimel com diacrítico
[dʒ]	g, j, ÿ, ž		
[d, ð]	d		dalet
-	-	não existente	hei
[u, o, w]	u, o		vav
[z]	é, á, ó		zain
[ʒ]	é, ý, ÿ, á, ó		zain com diacrítico
[x]	h		ret
[t]	t		tet
[i, e, y]	e, i, y		yud simples
[ee, ii, ye, ey]	ee, ei, i, ie, ii, y, ye, yi, lle		yud duplo

³ Bunis (1975:5-13) foi consultado.⁴ As letras quadradas das três primeiras páginas não serão transcritas. Os números indicam página-linha-ordem do caractere no texto original.

-	-	não existentes	kaf e raf
[l]	l	ל 17-23-30	lamed
[y]	ll, y (+ vogal)	לֵי 17-3-23	lamed + yud duplo
[m]	m	מ 17-16-8	mem
[m]	m	ם 12-6-9	mem final
[n]	n	נ 17-13-14	nun
[n]	n	נוּן 17-24-14	nun final
[ny]	ñ	נוּנָה 17-8-12	nun + yud duplo
[s]	s, c(e), c(i), z, ç, sc, x	ס 17-16-16	samech
-	-	não existente	ain
[p]	p	פ 17-14-4	pei
[f]	f	ף 17-15-4	fei
[f]	f	ףִּי 19-21-6	fei final
-	-	não existente	tsadik
[k]	qu, c	ק 17-13-20	kuf
[r]	r	ר 17-14-21	resh
[ſ]	š, ž, č, ĥ	שׁ 17-16-21	shin
-	-	não existente	sin
-	-	não existente	tav
[aw]	al	אַל 25-9-47	-
ø	h	-	-
[ŋ]	'	אֶת 19-10-7	-

- 2) Junção dos elementos de um só vocábulo por um hífen, conforme o sistema morfológico do espanhol moderno. Exemplo: *ante<->câmara* (pág.26, linha 13).
- 3) Separação de dois vocábulos, através de um hífen inferior, que na aljamia aparecem como um só, conforme o sistema morfológico do espanhol moderno. Exemplo: *a_lado* (pág.2, linha 3)
- 4) A pontuação que diferia em excesso da atual do espanhol moderno, assim como a paragrafação, foram alteradas, mas, de um modo geral, tentou-se mantê-las o mais próximo possível do original. O ponto de interrogação e de exclamação invertidos em início de frase, não presentes na aljamia, foram empregados na transcrição.
- 5) A separação em sílabas no momento de mudança de linha, indicada na aljamia por um hífen duplo, será feita por um hífen simples. Quando, devido às alterações na pontuação, a palavra separada não terminar a linha, o hífen será indicado por [-].
- 6) As linhas no original sofreram alterações, que não serão indicadas.
- 7) Emprego de letra maiúscula conforme a norma moderna atual, já que os caracteres rashi não a indicam.
- 8) Uso de colchetes (< >) para indicar qualquer restauração por acréscimo.
- 9) A numeração das páginas segue a original e é indicada no limite de cada uma das páginas estando sobreescrita após barra reta.
- 10) Não serão indicados os sinais, tanto letras quanto diacríticos, que aparecerem parcialmente. Sendo eles de fácil reconhecimento, serão transcritos como os demais.

2. Transcrição⁵

1¹ Nantás por Émil Zola
 Treßladado del francés por M. Menašé
 Folletón del Novelista de Esmirna
 5664
 Estamparía Carmona y Zara, Cairo
 Precio dos naroses
 1² Estampado a los gastes de la Librería "Sis" de Salma Israel Sirizli <a>in
 Y<e>ruš<a>l<a>im

1³ <Capítulo> 1

Nantás

La cámara que Nantás morava desde su arivo de Marf-lsella se topava en el último piso (tabaca) de una casa de la caleja de Lil, a lado del hotel del Barón Danvilier, miembro del Consello de Estado. Esta caña apartenía al barón, que la havía hecho fraguar sovre viejas fraguas. Nantás, en abocándose, pudía ver un cantón de la güerta del hotel onde árvoles lindos echavan sus alegre solombra.

Más ahí enrieva las pontas vedres, una caleja se avría sovre París; vían el río 'La Sen', los palacios, las Tuilerías, el Louvre, la fila (sirá) de los queis (cordonim), una mar de tejaduras hasta las lejuras perdidas del cementerio de Per-Lašés.

Era una estrecha cámara a varandado con una ventana tañado en arduašia (tavlas de piedra). Nantás havía simplemente mobleado esta cámara de un lecho, de una meša y de una sía. Él se havía abrigado ahí, buſcando lo barato, decidido a bivir ansí hasta topar una situación cualunque. El papel sucio de las paredes, el lecho-rašo (taván preto), la mišeria y la deſnudia de esta camareta onde no havía chimenea no le topavan el corazón del todo. Desde que él se durmía en frente del Louvre y de las Tuilerías, él se comparava a un general que se echa en una miſeravle alberga (han), el bodre de una caleja delante 1⁴ la civdad rica y imensa que él deve revoltar al día.

La historia de Nantás era corta. Hijo de un fra[‐]guador de Marsella, él havía empezado sus estudios en el liceo (escuela) de esta civdad, empušado por la ambicioša querencia de su madre, que deseava hačer de él un señor. Los parientes se sangrearon (sufrieron mucho) por llevarlo fin al bacaloreato, pues la madre haviendo morido, Nantás deviò acceptar un chico empiego al lado de un negociante onde él llevó mientes doche años una vida donde⁶ la monotonía lo deſesperava. Él se sería fuido vente večes si su dover de hijo no lo havía detenido en Marsella, al lado de su padre que havía caído de la altura de una fragua y havía devenido inválido (sacat). Agora él devía abastecer a todos los menesteres de la caña.

Ma una tadre, en entrando a caña, él topa su padre muerto, su pipa ainda caente al lado de él. Tres días más tadre, él vendía los cuatro pedazos de moble de su caña, y partía por París, con došientos francos en su aldiqüera.

Havía, en la persona de Nantás, una ambición (gra<n>de deſeo) de hačer fortuna, que le venía de su madre. Era un mancevo de decišion pronta, de veluntad hielada; de

⁵ Agradecimentos a Leon Menache pela leitura e sugestões feitas.

⁶ O yud final não está claro na fotocópia.

su chiqués él dicía ser una fuerza. Havian muchas veſes reido de él, cuando se olvidava a su confidencia: 'Yo so una fuerza', fraſa que devenía burlesca cuando lo vián con su 1º delgado redingot preto, raſgado en los ombros y donde las manchas venían taparle las manos. Poco a poco, él se havía anſí hecho una grande idea de la fuerza, no viendo que ella en el mundo, convencido que los fuertes son todavía los victorioſos. Segundo él, ya abastava de querer por poder, el resto no tenía importança. Los días de alhad, cuando se paseava en algunas partes de Marsella, él sintía en él una grande fuerza, una grande inteligença. En el fundo de su seer, havía como una fuerza que lo ronchava adelantre; y él entrava comer algúna plato de patatas con su padre malato, en diciendo que un día él savrá bien hacerse un hombre, en esta sociedad onde él no era nada aínda, malgrado sus trenta años. Esto no era del todo un deseo baſo, un apetite de los plaſeres ordinarios, era el sentimiento muy neto de una inteligença y de una veluntad, que, no estando en sus lugar, querían suvir vagaroſamente a este lugar por un menester natural de lógica (raſonamiento).

Deſde que él metió el pie en París, Nantás creyó que le abastaría de alongar las manos por topar una ſituacão diña de él. El día miſmo de su arivo, él se metió en búſqueda de un hecho. Le havían dado letras de recomendación que él llevó a sus aderesos; de más, él aharrvó la puerta de algunos compatriotas, esperando sus ayuda. Ma, al cavo de un mes, él no havía obtenido ningún resultado. El 1º momento era negro, diſcían; cuando estaba en Marsella, le hacían prometas que no se egzecutavan del todo. Entre mientres, su chica bolsa se vaciava, y no le restava que caſi veinte francos. Y fue con estos veinte francos que él deviò bivir un mes entero, no comiendo que pan, batiendo París de demañana fin la tadre, y tornando echarſe sin luž, muerto de fatiga, siempre las manos vacías. Él no se descorajava; ſolamente una ſodra birra⁷ suvía en él, el destino (m<a>z<a>l) le parecía injusto.

Una tadre, Nantás entró a caſa sin haver comido. El día de antes, él havía escapado su último pedazo de pan. No tenía más parás, ni un amigo por prestarle veinte francos. La lluvia havía caído mientres todo el día, una de estas lluvias de París que son tanto hieladas. Un coriente de lodo coría en las calles. Nantás, mojado fin a los güesos, havía ido a ciertas partes de París: a Bercy, después a Monmartre, onde le havían indicado postos. Ma a Bercy el posto estava ocupado y a Monmartre no havían topado su escritura bastante hermosa. Estas eran sus dos últimas esperanzas. Agora él quería acceptar no importa cual empiego fuese, con la certitud que él haría su fortuna en la primera situación venida. Él no demandava em...primero que pan, algo por bivir en París, un tereno cualunque por fraguar después, piedra a piedra, su edificio (morada). De Monmartre a la caleja 1⁷ de Lil, él caminó avagar, el corazón hundido de amargura. La lluvia havía quedado. Una muchedumbre de gente ocupada lo cuvdeava ſobre el camino. Él se quedó m<un>chos⁸ minutos delantre la botica de un escambiador (saraf): cinco francos le abastarían, puede ser, por ser un día el patrón de todo este mundo; con cinco francos se puede bivir ocho días, y en ocho días se haé muchas coſas. Como él pensava anſí, una caroza lo embatacó; él deviò⁹ alimpiarse la frente que una sarpicada de lodo havía enſuciado. Alora, él caminó más presto, cerando los dientes, tomado

⁷ Com dois resh no original.

⁸ No original, a palavra está grafada 'mnunchos'.

⁹ No original, há trêſ yud consecutivos na palavra.

de un deseo salvaže de echarse con golpes de puño sovre la gente que tapavan las calejas; esto lo tuviera vengado de la bestialidad del destino. Poco quedó que un ómnibus no lo eshachara.

En la caleja Rišeliu, sovre el ponte (quiuprī) de Sen Pier¹⁰, una chica hija bien atacanada lo ovligó a alejarse de su derecho camino, que él seguía con la fortaleza de un puerco salvaže jentornando¹¹ por una muchedumbre de peros! Y esto le pareció un muy grande arebašamiento. ¡Hasta las criaturas que lo impedían de pasar!

En fin, cuando él se abrigó en su cámara, según una bestia hárvara torna morir en su coliba, él se asentó pezgadamente sovre su silla, cansado, egzaminando su pantalón que se havía endurecido, y sus chapines rotos que dešavan corer una chica mar sovre el suelo.¹²

Esta vez, era bien la fin, Nantás se demandava cómo se ía matar. Su orgullo restava en pies, él južgava que su suicidio ía castigar París. ¡Seer una fuerza, sentir en sí una potencia y no topar una persona que vos endivine, que vos dé el primo soldo donde vos tenéš menester! Esto le parecía de una bestialidad monstruosa, su seer entero se solevanta de ravia. Después vía en él un imenso regrete cuando sus miradas caían sovre sus brazos inútiles. Ninguna ocupación por tanto no le hacía espanto; de la punta de su chico dedo, él tendría solevantar un mundo, y él demorava ahí echado en su cantón, no pudiendo nada hačer, devorándose como un león en su jaula (cafes). Ma bien presto él se calmó, él topava la muerte más grande. Le havían contado, cuando él era chico, la historia de un inventador que, haviendo construido una maravilloša máquina, la rompió en días a golpes de martear, delantre la indiferencia de la gente. ¡Y bien! Él era este hombre, él traía en él una fuerza nueva, un mecanismo raro de inteligença y de veluntad, y él ía destruir esta máquina, en rompiéndose el cráneo sovre las lájas de la calye.

El sol se echava detrás de grandes árvoles del Hotel Danvilie, un sol de autoño donde las rayos de oro¹³ encendían las hojas amariadas. Nantás se levantó co<m>o¹⁴ atirado por este adiό del astro. Él ía morir, él¹⁴ l⁹ tenía¹⁵ menester de luž. Un momento él se abocó. Muchas veces, entre una muchedumbre adientro de una caleja, él havía visto una jóvena hija blonda, muy grande, caminando con un orgullo de príncipe. Él no era del todo romanesco, él havía pasado la edad onde los mancevos pensan, en sus camaretas, que señoritas del mundo vienen traerles grandes pasiones y grandes fortunas. Por tanto, él arivó a esta hora suprema del suicidio, que él se recordó de vista de esta hija blonda, tanto altozoa. ¿Cómo pudía llamarse ella? Ma, en el mišmo momento, él ceró los puños, siendo él no sintía en él que enemistad por la gente de este hotel donde las ventanas entornadas le dešavan ver cantones de un lucso severo.

- ¡Oh?! ¡Yo me vendería, yo me vendería, si me davan los vente soldos de mi fortuna futura!

¹⁰ Na edição de Ripoll (1976:774), a palavra é 'père', isto é, 'pai', e não 'Pierre'.

¹¹ Pode se tratar de um erro, pois o contexto pede 'entornado'.

¹² Os dois vav de 'oro' estão abaixo do nível das demais letras.

¹³ O vav que segue o kaf, no original, encontra-se invertido.

¹⁴ O lamed aparece acima do nível das demais letras.

¹⁵ Presença de um sinal incompreensível após a palavra.

Esta idea de venderse lo ocupó un momento. Si havía en algún lugar un monte-de-piedad¹⁶ (1) onde prestal-[rían] sovre la veluntad y la energía, él se sería ido engajarse, él imaginava muchas mercancías: un hombre político venía mercarlo por haçer de él un instrumento, un banquero lo tomava por profitar siempre de su intel-[l]ligencia. Y él acceptava, teniendo el desdeño del honor, diciéndose que bastava de ser fuerte y de triunfar un l¹⁰ día. Despues, él tuvo una sonriša: ‘¿Es que topan a ven-[d]ersen? Los malinos que aspiran las ocasiones mueren de miseria, sin meter nunca la mano sovre un mercador.’ Él se espantava de ser vil (bašo). Él se dišo que estava inventando distracciones. Y él se asentó de nuevo, jurando que se ía echar de la ventana, cuando se ía haçer escuro.

Ma su fatiga era tanta que se durmió en su sía. Bruscamente, él fue despertado por un ruido de bočes. Era su portalera que hacía entrar onde él una dama.

— Señor, — empezo ella — yo me permití de haçer suvir...

Y, como ella atinó que no havía luz en la cámara, abaſó muy presto buſcar una candela. Ella parecía conocer la persona que traía.

Nantás mirava la dama con grande encanto. Ella havía levantado su velo. Era una persona de cuarenta y cinco años, chica, muy godra, de una figura hermosa y blanca de vieja devota; Él no la havía nunca visto. Cuando le presentó su única sía, en egzaminándola del ojo, ella hizo conocer su nombre:

— Madmuasél Šuin... Yo vengo, señor, por havlarvos de un hecho importante.

Él devió asentarse sovre el boder del lecho. El nombre de Madmuasél Šuin no le enbezava nada. Él tomó el partido de esperar que ella quizéra bien esplicarse, ma l¹¹ ella no se apresurava: ella havía hecho de un torno de ojo el turno de la estrecha cámara y parecía heſitar sovre la manera que ella ía enpezar el entretien. En_fin, ella havló, de una boz muy dulce, en apoyando de una sonriša las fraſes delicadas:

— Señor, yo vengo como amiga... Me dieron sovre vuestro cuenta las informaciones las más tocantes. Seguro, no creáš a algún espionaje. No hay en todo esto que el bivo deſeo de querer servos provechoſo. Yo sé cuanto la vida vos havé sido dura fin agora, con que coraje vos havés luchado por topar una situación y cual es hoy el resultado triste de tantos esforzos... Perdonadme una vez aínda, señor, de introduirme ansí en vuestra egzistencia, yo vos juro que la simpatía sola...

Nantás no la interumpía, tomado de curiosidad, penſando que su portalera havía devido fornecer todos estos detallos. Madmuasél Šuin pudía continuar, y por tanto ella buſcava de más en más cumplimientos, maneras querenciosas por diſir las coſas.

— Vos soš un hijo de un grande avenir, señor. Yo me permito de seguir vuestras tantativas y fui bivamente harv<a>da¹⁷ por vuestra alavada fermedad en la desgracia. Ma parece que vos iríaſ lejos si alguno vos expandía la mano.

Ella se acalló aínda, ella esperava un bivero. l¹² El mansevo creyó que esta dama venía ofrirle un posto. Él respondió que él acceptaría todo. Ma, agora que la calladés estaba rompida, le demandó claramente:

— ¿Sintiríaſ vos algún disgusto de caſarvos?

— ¡Caſarme! — gritó Nantás — ¡Eh! ¡Buen Dió! ¿Quén va querer de mi, madam?... Una pôvera hija que yo no podré miísmo mantener.

¹⁶ Nota de rodapé encontrada no original sob o número 1: ‘Monte de piedad es una especia de banco que presta moneda contra objetos cualunqueſ.’

¹⁷ No original, a palavr[a] está grafada ‘harvrd’

– Non, una jóvena hija muy hermosa, muy rica, teniendo magníficos parientes, que vos meterán devista en las manos los remedios de arivar a la situación la más alta.

Nantás no reía más.

– Alora, ¿de quéén se trata? Demandó él, en abañando sin querer la boz.

– Esta jóvena hija está preñada, y es menester reconocer la criatura, dišo netamente Madmuašel Šuin, que olvidava sus tornuras pastozas por ir más presto al escopo del hecho.

El primer movimiento de Nantás fue de echar la entremetedora a_la puerta.

– Es una bañeza que vos me proponés - murmuró él.

– ¡Oh! Una infamia – gritó Madmuašel Šuin, topando de nuevo su boz melosa - yo no accepto este negro biervo... La verdad, señor, es que vos salvaréš una familla del desespero. El padre no save nada, la preña no es ainda que poco avanzada; y es yo que tuvo imaginado la idea ¹³ de casar lo más presto posivle la povera hija en presentando el marido como el autor de la criatura. Yo conozco el padre, él puede morir de esto. Mi plan tapará las faltas, él creyerá a una reparación. El mal es que el verdadero engañador es casado. ¡Ah! Señor, hay hombres que mancan verdadamente de senso moral.

Ella tuvier<a>¹⁸ podido continuar muncho tiempo ansí. Nantás no la escuchava más. ¿Por qué dunque ía refušar? ¿No demandava él a venderse en aquea hora? Y bien, es venían mercarlo. Él dava su nombre, le davan una situación. Esto era un contrato como todo otro. Él miró su pantalón manchado por el lodo de París, él sintió que no havía comido desde el día de antes. Toda la ravia de sus dos meses de búsquedas y de humiliansas le vino al corazón. ¡En_fin! ¡Él ía dunque meter el pie sovre este mundo que lo repušava y lo echava al suicidio!

– Yo accepto – dišo él crudamente.

Después, él demandó de Madmuašel Šuin esplicasiſ-liones claras: ¿Qué quería ella por su entremetimiento? Ella se aravió, ella no quería nada. Por tanto, ella escapó en demandando vente mil francos sovre la dota que darían al mancevo. Y como él tratava muncho, ella se mostró espansiva.

– Sentid, es yo que tuve pensado a vos. La jóvena hija no dišo no, cuando yo diše vuestro nombre... ¡Oh! Es ¹⁴ un buen hecho, vos me vaš rengraciar más tadre. Yo pudía topar un hombre con título, yo conozco uno que me tuviera besado las manos. Ma yo prefiro escoger afuera del mundo de esta povera criatura, esto parecerá más romanesco... Después, vos me plazéš. Vos soš gentil, vos tenéš la caveza sólida. ¡Oh! Vos vaš ir lejos. No me olvidéš, yo so entera a vos.

Fin a este momento, ningún nombre no havía sido pronunciado. Sovre una demanda de Nantás, la vieja hija se levantó y dišo, en presentándose de muevo:

– Madmuašel Šuin... Yo estó onde el Barón Danvilie desde la muerte de la barona, en cualidad de governante. Yo eleví Madmuašel Flavia, la hija de Señor el Barón... Madmuašel Flavia que es la manceva donde havlamos.

Y ella se reteve despues de haver discretamente depositado sovre la mesa un envelop que contenía un billete de quinientos francos. Esto era un avanzo hecho por ella por abastecer a_los primeros gastes. Cuando quedó solo, Nantás fue meterse a_la ventana. La noche estaba muy escura; no se apartava más que la masa de los árvoles, al espesamiento de la solombra; una ventana aclarava sovre la fachata escura del hotel.

¹⁸ Encontrou-se ‘tuviere’ no original.

Ansí, era esta grande hija blonda, que caminava de un paso de reina y que no diñava nunca verlo. Ella o una otra, ¡qué importava agora! La mujer no entrava en la mercancía. Alora¹⁵ Nantás levantó los ojos más alto, sovre París maullando en las escuridades, sovre las calyes, las calejas, los calejones de la parte *ecs*<*qu*>*iedra*¹⁹, aclarándose de las flamas trublantes del gas y agora él havlava a París, él devino familiar y superior.

– ¡Agora tu me apartienes! Le dicía él.

<Capítulo> 2

El Barón Danvilie estaba en el salón que le servía de cabineto, una alta cámara expandida de cuero, adornada de mobles antigos. Deśde dos días, él restava como ferido por la historia que Madmuasel Šuin le havía contado del deshonor de Flavia. En vano ella hizo atraśar los hechos de lejos, adulzarlos; el viejo havía cayido debašo el golpe, y sólo la idea que el engañador pudía ofrir una suprema reparación lo sostenía. Hasta mañana, él aspirava la visita de este hombre que él no conocía del todo y que le tomava ansí su hija. Él sonó:

– Josef, va venir un mancevo que vos harés entrar... No deſés entrar otra persona.

Y él pensava amargamente, solo al lado del mangal, ¡el hijo de un masón (fraguador), un muerto de hambre que no tenía ninguna situación deseavle! Madmuasel Šuin lo presentava bien como un mancevo de avenir, ¡ma que vergüenza, en una familla onde no havía una mancha fin agora! Flavia se havía acuſado con una manera de ravia por¹⁶ escapar a su governante de la más chica queja. Deśde esta *ecsplicación penivle*, ella no salía de la cámara; el barón havía refusado de verla. Él quería, antes de perdonar, reglar él mismo este abominavle hecho. Todas sus diſpoſiciones estavan tomadas. Ma sus cavellos havían enblanquecido, un temblamiento de vejez agitava su caveza.

– Señor Nantás vino – anunció Josef.

El barón no se levantó. Él tornó solamente la caveza y miró ficsadamente Nantás que se avanzava. Este último tuvo la inteligença de no achetar al deſeo de vestirse de nuevo; él havía mercado una redingot y un paltó preto aínda limpios ma muy viejos; y esto le dava la apal-[re]ncia de un estudiante prove y cuidoso, no pareciendo del todo un avanturero. Él se quedó en medio de la cámara y esperó en pies sin muncho humildanza.

– Es dunque vos, señor – tartalló el viejo.

Ma él no pudo continuar, ¡la emoción lo ahogava! Él se espantava de deſarse arastar por alguna violença. Después de un silencio, él diſo simplemente:

– Señor, vos cometiteſ una negra acción.

Y, como Nantás ía escuzarse, él repetó con más muncha fuerza:

– Una negra acción... Yo no quero nada saver, yo vos rogo de no buſcar a *ecsplicar* las coſas. Mi hija se¹⁷ tendría echado a vuestra garganta y vuestro crimen quedaría el mismo... No hay que los ladrones que se introducen con violença en las famillas.

Nantás havía de nuevo baſado la caveza.

– Esto es una dota ganada facilmente, esto es una red onde vos estavaſ seguro de acoger la hija y el padre...

– Permited señor, interumpió el mancevo que se revoltava.

Ma el barón tuvo un ġesto terible:

¹⁹ A palavra no original é ‘*ecsiedra*’.

— Cualo, ¿qué querés que yo permita? No es a vos de havlar aquí. Yo vos digo lo que yo devo dízir y lo que vos devéś sentir, una vez que vos venéś onde mí como un culpavle... Vos me inspiratéś. Mirad esta caša, jnuesl-)tra familla tuvo vivido y, mientras más de tres siglos, sin una mancha! ¿No sintiſ vos aquí una honor secularia, una tradición de diñidad y de respecto? ¡Eh bien! Señor, vos trespizáteś todo esto. Poco quedó que yo muriera de esto y mis manos temblan, como que me envejese bruscamente de diez... Calladvos y sentidme.

Nantás hayía acceptado un rolo muy pesgado. Portanto, él quišo protestar por la ciegura de su pasión.

— Yo pedrí la caveza, — murmurío él, en esforzándose de inventar un romanço — yo no pude ver Madmuašel Flavia.

El nombre de su hija, el barón se_levantó y gritó ¹⁸ de una boz de trueno:

— ¡Calladvos! Yo vos diše que no quero nada saver. Si mi hija fue bušcarvos, o si es vos que viniteś a ella, esto no me importa. Yo no le demandí nada, yo no vos demando nada. Guadrad todos los dos vuestras confesiones, esto es una suciédad onde yo no entraré.

Él se asentó, temblando, abatido. Nantás se abocava trublado profundamente, malgrado el imperio que él tenía sovre él mismo. Después de una calladés, el viejo tomó la palabra de la boz seca de un hombre que trata un hecho:

— Yo vos demando parclón, señor, yo me havía prometido de guadrar mi sa<n>gre²⁰ hielada. No es vos que me apartenéś, so yo que vos apartengo, siendo yo estó a vuestra disci-lreción. Vos estás aquí por darme un troque devenido muy menesteroso. Troquemos dunque.

Y él empesó desde enstonces havlar como un avoſ-lcato que atacana al amigavle algún procheso vergüenzoso, onde él no mete las manos que con disgusto. Él dičía vagarošamente:

— Madmuašel Flavia Da<n>vilie²¹ heredó, a_la muerte de su madre, de una soma de došientos mil francos, que ella no dičía tomar que el día de su cašamiento. Esta suma ya truso interesos. Ec mis cuentos de tutor (apótropos) que yo vo comunicarvos.

Él havía aviero un mazo de papeles. Él meldó ¹⁹ ſífras. Nantás bušcó vanamente de arrestarlo. Agora, una emoción lo tomava, enfrente de este viejo, tanto derecho y tanto simple, que le parecía muy grande, desde que él estaba calmo.

— En_fin, — concluyó el viejo — yo vos reconozco en el contrato que mi notario aprontó esta mañana. Una dádiva de došientos mil francos. Yo sé que vos no tenéś nada. Vos tomaréś los 200.000 francos de onde mi banquero, un día despues del cašamiento.

— Ma, si', diše Nantás, yo no vos demando vuestras parás, yo no quero que vuestra hija...

El barón le cortó la palabra:

— Vos no tenéś el derecho de refuſar, y mi hija no puede esposar un hombre menos rico que ella... Yo vos do la dota que yo le destinava. Esto es todo. Puede ser, vos havíaš contado topar más demasías, ma me creen más rico de lo que so en verdad.

Y, como el mancevo restava callado debašo de esta última crueldad, el barón terminó la entrevista, en sonando:

— Josef, dižid a madmuašel que yo la espero de vista en mi cabineto.

²⁰ No original encontrou-se 'saggre', devendo se tratar de um erro.

²¹ 'Dagvilie' no original.

Él se havía levantado, él no pronunció más un biervo, caminando avagar. Nantás demorava en pies y immovel (quedo). Él engañava este viejo, él se sintía ^{1²⁰} chico y sin fuerza delante él. En_fin Flavia entró.

– Mi hija, – dišo el barón – ec este hombre, el casam̄-liento tend^rá ²² lugar en el tiempo legal.

Y él se fue y los dešó solos, como si, por él, el cašamiento era concluido. Cuando la puerta fue cerada, un silencio reinó. Nantás y Flavia se miravan. Ellos no se havían visto nunca áinda, ella le parecía muy herf-lmoša, con su cara pálida y altigoša, donde los grandes ojos grišos no se abašavan. Puede ser havía ella llorado, desde tres días que ella no havía quitado su cámara; ma la yelor de sus caras havía entešado sus lágrimas. Fue ella que havló la primera:

– Alora, señor, ¿este hecho es escapado?

– Sí, madam – respondió simplemente Nantás.

Ella tuvo un aire agro involuntario, en envelol-]pándolo de una longa mirada que parecía bušcar en él su bašeza.

– Bien, tanto míjor – respondió ella – yo me espantava de no topar ninguno por un seméjante trato.

Nantás sintió, a su boz, todo el menosprecio donde ella lo acablava, ma el relevó la caveza. Si él havía temblado delante el padre, en pensando que él lo engañ²³-java, él entendió ser sólido y fuerte delante la hija, que era su cómplice.

– Pardon madam – dišo él tranquilmente con una grande ^{1²¹} politeza – yo crego que vos vos yeráš sobre la situación que nos haé a nosotros dos esto que vos venéš de llamar muy justamente un trato. Yo entiendo que, desde hoy, nosotros nos metemos sobre un pie de igualdad...

– ¡Ah! Verdadamente – interumpió Flavia con una sonriša desdeñosa.

– Sí, sobre un pie de igualdad cumplida... Vos tenéš menester de un nombre por quadra un yero que yo no me permito de južgar, y yo vos do el mío. De mi parte, yo²⁴ tengo menester de una metida de fondos, de una posición²⁵ cualunque por llevar a buena fin grandes entreprišas y vos me traéš estos fondos. Nosotros somos desde hoy dos asociados (a>v<e>rim) donde los capitales se balanzan, nosotros tenemos solamente a rengaciarnos por el servicio que nosotros nos rendimos mutualmente (de parte a parte).

Ella no sonreía más. Un plego de orgullo irritado le tapava la frente por tanto, él no respondió. Al_cavo de un silencio, ella dišo de nuevo:

– ¿Conocéš vos mis condiciones?

– Non, madam. – dišo Nantás, que conservava un calmo perfecto – Quered dictármelos, y yo me someto de antes.

– Vos no seréš nunca que mi marido de nombre. Nuestras vidas van quedar cumplidamente distintas y apartadas. Vos abandonaréš todos vuestros²⁶ diritos sobre mí, y yo no vo tener ingún²⁷ dever enfrente de vos. ^{1²²}

²² No original encontrou-se 'tenddá', devendo tratar-se de um erro.

²³ O yud duplo encontra-se em linha diferente do nun, separado pelo hífen.

²⁴ O vav final se encontra acima das demais letras, quase alcançando a linha anterior.

²⁵ O nun final se encontra acima das demais letras, quase alcançando a linha anterior.

²⁶ Não há marca do diacrítico sobre o beit.

²⁷ 'dingún' no original.

A cada fraša, Nantás acceptava de un siño de cabeza: era bien esto *lo que* él deseava. Él ajuntó:

– Si yo creía dever ser galante, yo vos diría que condiciones tanto duras me desesperan. Ma nosotros estamos más ariva de cumplimientos tanto banales. Yo so muy venturoso de ver en vos el coraje de nuestras situaciones respectadas. Nośotros entramos en la vida por un camino onde no se acože rośas... Yo no vos demando que una cosa, madam, es de nunca hačer de la libertad que yo vos deší, de manera a rendir mi intervención menesterosa.

– ¡Señor! – dišo violentemente Flavia, donde el orf-lgullo se revoltó.

Ma él se inclinó respectośamente, en suplicándola de no embrirarse. Sus posición era delicada, devían todos dos tolerar algunas ilusiones, sin lo cual el buen acordo entre ellos devenía imposivle. Él evitó de insistir más muncho. Madmuasel Šuin, en una segunda entrevista, le havía contado el yero de Flavia. Su zumbaidor era un cierto Señor de Pondeto, el marido de una de sus amigas de convento. Como ella pasava un mes onde ellos, a la campaña, ella se havía topado una noche en los brazos de este hombre, sin saver a justo como esto havía podido hačerse y hasta qué grado ella havía consentido. Madmuasel Šuin havlava casi de un violamiento.

Bruscamente, Nantás tuvo un movimiento amigavle. Ansí ^l²³ que toda la gente que tienen conocencia de sus fuerza, y amava a ser bonacho.

– Tened, madam, – dišo él – nosotros no nos conocemos, ma nosotros tendremos verdadmente falta de aborecernos ansí de la primera vista. Puede ser somos hechos por accordarnos... Yo vego bien que vos me menospreciáš; es que vos iñoráš mi historia.

Y él havló con fiebre, pasionándose, diciendo su vida devorada de ambición, en Marsella, eſplicando la ravia de sus dos meſes de pasos en París. Pues él mostró su desdeño de *lo que* él llamava las convanciones sociales, onde se detienen la gente ordinaria. Qué importava lo que pudían dicir la gente cuando ponían el pie cuando se tratava de devenir grande, la fuerza escušava todo. Y, con grandes demostranas, él pintó la vida soverana que él savría hačerse. Él no se espantava más de ningún obstáculo (en[-]trompiezo), nada no prevalía contra su fuerza, él sería fuerte, él sería venturoso.

– No me creigáš claramente interesado, – ajuntó él – yo no me vendo por vuestra moneda. Yo no tomo vuestra moneda que como un mežo de suvir muy alto. ¡Oh! Si vos savéš todo *lo que* grita en mí, si vos savíaš las nochadas ardientes que yo pasí a hačer siempre el mismo sueño, sin quedar de ser arastado por la verdad del otro día, vos me en-^l²⁴ tenderíaš, vos seríaš puede_ser fiera de arimarvos a mi brazo, en diciéndovos que vos me davaš en_fin los medios de ser alguno.

Ella lo escuchava en estando derecha, sin movimiento. Un siño mišmo no se vía en su figura. Y él se demandava una demanda que lo hacía pensar desde 3 días, sin poder topar la repuesta: ¿lo havía ella remarcado en su ventana, por haver achetado tanto presto al proyecto (plan) de Madmuasel Šuin, cuando esta última lo havía nombrado? Le vino la idea extraña que ella se sería, puede_ser, metido a amarlo de un amor romantesco, si él havía refušado con indiñación el trato que la governante havía venido proponerle.

<Él>²⁵ se acalló y Flavia resió entežada. Pues, como si él no le havía hecho confesión (atorgamiento), ella repitó (dišo segunda vez) secamente:

²⁸ No original 'Ella'. De acordo com o contexto e com Ripoll (1976:785), quem se calou foi Nantás.

– Ansí vaš ser mi marido de nombre solamente, nuesl-[tras vidas enteramente apartadas. Una libertad cum<p>[-]lida de parte y de otra.

Nantás tomó de vista su aire ceremonioso, su boz corta de hombre que disputa un tratado dišo:

– Es firmado, madam.

Y él se retiró descontente de él. ¿Cómo havía podido él achetar a el deſeo de bestia de convencer esta mujer? Ella era muy hermosa, y valía mujer que no l²⁵ huviera nada <de>²⁹ común (dar y haver) entre ellos, siendo ella podrá fatigarle en la vida.

<Capítulo> 3

Diez añadas se havían pasado. Una mañana Nantás se topava en la camareta onde el Barón Danvili lo havía una vez tanto duramente acogido, alora de sus pril-[mer] recontro. Agora este cabineto (camareta) era el suyo; el barón, después de haverse apaciguado con su hija y con su yerno, les havía abandonado su caſa, en no resér-vándose (guadrándose) que un pavillón (quiošq) situado al cavo de la güerta, sobre la calye B<o>n³⁰. En diez años, Nantás venía de conquerir (ganar) una de las más altas situl-laciones financieras industrielas. Mezclado en todas las grandes entrepriſas de caminos de fiero rinchados en todas las especulaciones sovre los terenos que señalaron las primeras añadas del imperio, él havía realizado presl-[tamente] una fortuna imensa (muy grande). Ma su ambición no se limitava ahí, él deſeava jugar un rolo político y él havía riuſido a haſcerse nominar deputado, en un deparl-[tamento] (vileet) onde él posedava (tenía) muchas ariendas (chifliques). Deſde su arivada al cuerpo legislativo, él havía dicho de haſcerse un día Ministro de las Finanzas. Con sus conocencias especialas y su facilidad de palabra (havlar bueno), él ganava ahí de día en día un lu<g>ar³¹ más importante. Del resto él mostrava hábilmente un l²⁶ devuamiento (sacrificio) cumplido a el imperio, todo en teniendo en hechos de finanzas teorías (maneras de pensar) personalas, que hacían grande ruido y que savían preocupar muncho el emperador.

Esta mañana, Nantás estava acablado de hechos. En los vastos³² (muy anchos) burós que él havía instalado en el primer piso de la caſa, reinava una actividad prodigiosa. Era un mundo de empiegados; los unos immóviles (quedos) en el buró de caſa, los otros indo y viniendo sin quedar, haſiendo bater las puertas; era un ruido de oro continuado, sacos aviertos y coriendo sovre las mežas, la música siempre sonante de moneda donde la ola parecía dever hundir las calejas. Después, en la ante<->cámara, una muchedumbre se apretava, solicitadores de hombres de hecho, de hombres políticos, París entera a ginojos delanl-[tre] su potencia. Muchas veces, grandes personajes espel-[ravan] ahí, pacencioſamente mientras una hora. Y él, asentado en su buró, en corespondençā con

²⁹ Inferência feita a partir do contexto, já que a palavra, na fotocópia, encontra-se ininteligível.

³⁰ A haste vertical do vav encontra-se apagada na fotocópia da aljamia. No entanto, preferiu-se transcrever-se 'Bon' e não 'Ben' porque, em Rippol (1976:785), a rua se chama Beaune.

³¹ O guímel aparece parcialmente apagado.

³² 'Vastis' no original ou um mero apagamento da haste vertical do vav?

'la provincia y el extranjero, pudiendo, de sus brazos expandidos, abra[-]sar el mundo, realizava en_fin su viejo sueño de fuerza; se sintía el ovrador inteligente de una colosal máquina que gujava los reinados y los imperios.

Nantás llamó el portalero que guardaba su puerta. Él parecía pensativo:

– Germen, – demandó él – ¿savés vos si madam ya vino? 1²⁷

Y, como el portalero respondía que él lo iñorava, él le comandó de hacer abašar la dama de cámara de madam, ma Germen no se retirava.

– Pardon, sí', - murmuró él – está afuera, señor, el presidente del Cuerpo Legislativo que insiste por entrar.

Alora él tuvo un gesto de negra humor en diciendo:

– Y bien, hacéddlo entrar, y hacédd lo_que yo vos ordení.

El día de antes, sobre una importante cuestión del budgeto, un discurso de Nantás havía producido una impresión tanto grande que el artículo en discusión havía sido embiado de nuevo a la comisión, por ser trocado en el senso indicado por él. Después de la seduta, el ruido se havía expandido que el ministro de las finanzas se ía retirar, y ya mostravan en los grupos el jóveno deputado como su sucesor. Él alzava los hombros: nada no havía sido hecho, él no havía tuvido con el emperador que una convresación sobre cuestiones especiales. Por tanto, la visita del presidente del Cuerpo Legislativo pudía ser una de siñificación. Él parecía echar la preocupación que lo escurecía; él se levantó y fue cerrar las manos del presidente.

– ¡Ah! Señor el Duque – dišo él – yo v<o>s³³ demando pardon. Yo iñorava que vos estaváš ahí... Creed que yo vos so muy³⁴ reconociente del honor que vos me hacéš. 1²⁸ Un minunto, havlaron de diferentes sujetos, de un tono de querencia. Después, el presidente, sin nada decir, le dió a entender que él era embiado de parte del emperador por conocer sus intenciones. ¿Achataría él, el Ministerio de las Finanzas? ¿Y con qué programa? Alora, él, com su sangre hielada, posó sus condiciones, ma, debašo de la impasibilidad (quedadura) de su fisionomía, un coloridamiento de triunfo suvía. En_fin, él suvía el último escalón, él estaba en la punta. Un paso otro, él ía tener las cavezas debašo de él. Como el presil[-]idente escapava en diciendo que se rendía en aquel momento mismo onde el emperador, por comunicarle el programa discutido, una chica puerta dando sobre los apartamentos se avrió, y la mujer de cámara de madam apareció.

Nantás, de_vista devenido pálido, no escapó la fraſa que él diciía. Él corió a esta mujer, en murmurando:

– Escusadme, Señor el Duque...

Y avagaroſamente, él la interrogó: '¿Madam havía dunque salido muy temprano? ¿Havía dicho onde ía? ¿Cuándo devía revenir?' La mujer de cámara respondía con palabras escuras, como una hija inteligente que no quiere comprometerse, haviendo entendido la delicadeza d<e>³⁵ este interrogatorio. Él escapo en diciendo simplemente:

– Cuando madam será de regreso, diidle que yo deseo havlarle.

El duque, maraviado, se havía acercado de una venſ-itan y mirava en el cortijo. Nantás vino onde él en 1²⁹ escusándose de nuevo. Ma él havía pedrido su sangre fría, él murmuró, él lo maravió con sus palabras poco hábiles.

³³ Falta a haste vertical do vav.

³⁴ O mem e o vav encontram-se um pouco abaixo da linha das demais letras.

³⁵ O yud não aparece na fotocópia.

— Yo gasto (daño) mi hecho — pronunció él muy alto, cuando el presidente no estaba más ahí — ec un ministerio que me se va fuir de las manos.

Y él restó en estado de desreposto, rompido de ravia. Muchas personas fueron hechas entrar. Un ingenier venía a presentar un rapporto que enunciava beneficios enormes (muy grandes) en una escpluatación de minas. Un dipl-lomato lo entretuvo de un empréstito que un governo većino quería avrir sovre París. Muchas personas le rendieron cuentos sovre vente hechos consideravles. En fin, él recivió un grande número de sus colegas de la Cámara; todos le hacíanelogios sovre el discurso del día de antes. Él, enbevecido al fondo de su fotoyo, acceptava estas alavaciones debaso de una sonrisa. El ruido de oro continuava en los burós de a_lado; un ruidlo de fábrica hacía temblar las paredes, como si fabricavan el oro que sonava. Él no tenía que a tomar una péndula por em[-]-<v>iar³⁶ un telégrafo donde el arivo tuviera sostenido o destruido los mercados de la Evropa; él pudía impedir o apresurar la guerra, en apoyando o en combatiendo el empréstito donde le havían havlado; mišmo, él tenía el budđeto de la Francia en la mano, él ía saver bien ¹³⁰ presto si ía ser por o contra el imperio. Era el triunfo; su personalidad desvelopada muy muncho, devenía el centro al torno del cual tornava un mundo. Y él no gustava este triunfo, según él se lo havía prometido. Él resintía una cansería, su espíto en otro lugar, tresallando al más chico ruido. Cuando una flama, una fiebre de ambición contentada suvía a sus caras, él se sintía de vista palidecer como si por detrás, bruscamente, una mano hielada le tuviere tocado el pescuezo.

Dos horas havía pasado, y Flavia no havía aínda aparecido. Nantás llamó Čermen por cargarlo de ir bušcar Señor Danvlie, si el barón estava en su cabineto. Resl-Itando sólo, él caminó en su cabineto, en refusando de recibir más aquel día. Su agitación se havía engrandecido. Por seguro, su mužer estava en algún randevú. Ella devía haver atado relaciones con Señor de Fondet, su viejo amante engañador, que era bivdo desde seš meses. Certo Nantás se defendía de ser celoso; mientras diez años él havía estrictamente observado el tratado concluido; solamente, él quería, dicía él, no ser ridículo (rišil). Nunca él no permitiría a su mužer de comprometer su situación, en rindiéndolo la burla de todos y su fuerza lo abandonava. Este sentimiento de marido que quere simplemente ser respec-ltado lo enchía de un tal truble, que él no tenía sentido un otro semejante, mišmo cuando él jugava los golpes de ¹³¹ carta, los más azardos, en los empesiýos de su fortuna.

Flavia entró, aínda en tualeta; ella no havía revirado aínda que su chapeo y sus gantes. Nantás, donde la bož temblava, le dišo que él ía suvir onde ella si le havía hecho saver que estava de retorno. Ma ella, sin asentarse, del aire apresurado de una cliente, tuvo un chiste por invitarlo a havlarle:

— Madam, — empesó él — una escpliación es menes-lteroža entre nosotros... ¿Ónde fuiteš esta mañana?

La bož temblante de su marido, la brutalidad de su question la encantaron ecstremamente.

— Ma — respondió ella de bož hielada — onde mi plació de ir.

— Justamente, es esto que no podrá convenirme de agora y endelantre — respondió él, en deveniendo muy pálido. Vos devéš recordarvos de lo que yo vos tuve dicho, yo no toleraré que vos profités de la libertad que yo vos dešo de manera a deshonorar mi nombre.

³⁶ O diacrítico não aparece sobre o beit.

Flavia tuvo una sonrisa de soverano menosprecio:

– Deshonorar vuestro nombre, señor, esto no vos interesa, esto es un hecho que no se tiene menester de hacérse.

Alora, Nantás, en su ravia loca, se adelantó para ella como si él quería harvarla, tartaleando:

– Maloroša, vos salés de los brazos de Señor de Fondet... |³² vos tenéš un amante, yo lo sé.

– Vos yeráš – dišo ella sin fuirse delante su meneáe – yo no tuve nunca visto Señor de Fondet... Ma si yo tengo un amante vos no puedéš echármelo en cara, ¿qué puede interesarvos a vos? ¡Olvidateš dunque nuestras convan-]siones (tratos)?

Él la miró un minunto de sus ojos salvajes. Desl-jpues, sanglotando, metiendo en su grito una grande pasión longo tiempo contenida, él se abatió a sus pies:

– ¡Oh! ¡Flavia, yo vos amo!

Ella, derecha, se travó, siendo él havía tocado la punta de su ropa. Ma el maloroso la seguía en arastándose sovre los ginoyos, las manos expandidas.

– Yo vos amo, Flavia, yo vos amo como un loco... Esto arivó no yo sé cómo, hay muchos años de esto. Hay poco a poco esto me tomó entero. ¡Oh! Yo peleí, yo topava esta pasión indiña de mí, yo me recodrava nuestra primera conversación... Ma yo, yo sufri muncho. Es menester que yo vos havle...

Longo tiempo él continuó. Era el derocamiento de todas sus creenças. Este hombre que havía metido su fe en la fuerza, que sosténia que la veluntad es el solo manivello capache de solevantar el mundo, caía hoy como muerto, flaco como una criatura, desarmado delante una mujer. Y su deseo de fortuna realizado, su alta situación |³³ conquista, él daría todo porque esta mujer lo relevara con un beso en la frente. Ella dañava su triunfo. Él no sintía más el oro que coría en sus burós, él no pensava más en la fila (sirá) de cortesanes que venían de saludarlo, él olvidava que el emperador, en este momento, lo llamava puede ser el poder, lo hacía ministro; estas coſas no egzistán más. Él tenía todo, él no quería que Flavia; si Flavia refuſava, él no tenía nada.

– Sentid – continuó él – lo que yo hice por vos. Emprial-]mero es verdad, vos no contavaš. Yo travajaſa por el acontentamiento de mi deseo, de mi orgullo. Después vos deveniteš (vos hiciteš) el único escopo de todos mis penserios, de todos mis esforzos. Yo me dizía que yo devía suvir lo más alto posívle; yo esperava ablandarvos, el día onde yo metería a vuestros pies mi potencia. Mirad onde yo so hoy. ¿No ganí vuestro perdón? No me menospaciéš más, vos rogo.

Ella no havía aínda havlado. Ella diſo con reposo:

– Levantadvos si', puede entrar alguno.

Él refuzó, él le rogó aínda. Puede seer él es]-]peraría aínda si no se havía encelado de Si' Fondet. Esto era un tormento que lo quitava loco. Después, él se hizo muy humilde:

– ¡Yo estó mirando que vos me aborecéis siempre! ¡Eh bien! Esperad, no déš vuestro amor a ninguno, yo vos |³⁴ prometo tantas coſas grandes, que yo podré ablandarvos. Cale me pardonéš, si yo estuve brutal endagora. Yo no tengo el meollo en mi caveza. ¡Oh! ¡Deſadme esperar que vos me amaréš un día!

– ¡Nunca! Pronunció ella con energía.

Y como él restava enbaſo, abatido, ella coría salir. Ma él, la caveza perdida, tomado de un acceso de ravia, se levantó y la tomó de los brazos. ¡Una mujer lo batía ansí, cuando el mundo entero está a sus pies! Él pueſía hacér todo, bulversar los governos, encaminar la Francia a su grado, y él no poclría obtener el amor de su mujer! Él, tanto

fuerte, tanto potente, él, donde los más chicos deseos eran como órdenes, él no tenía que un solo deseo, y este deseo no será nunca conflictado, siendo una criadura, de una flaqueza de criatura ¡refusava! Él le apretaba los brazos, él repetava de una bozronca:

– Yo quiero... Yo quiero...

– Y yo no quiero. – dizía Flavia, entera blanca y dura en su voluntad.

El pleito continuava, cuando el barón Danvile avrió la puerta. A su vista, Nantás abandonó Flavia y gritó:

– Señor, na vuestra hija que viene de onde su amante... Dícidle que una mujer deve respectar el honor de su marido, mismo cuando ella no lo ama, y que la idea de su ¹³⁵ propia honor no la detiene más.

El barón, muy viejo, quedó enpies sobre el paten, delante esta escena de violencia. Esto era por él una sorpresa dolorosa. Él creía la famá unida, él aprobava los rapportos ceremoniosos de los dos esposos, pensando que no havía ahí que una tenida de conveniencia. Su yerno y él eran de dos generaciones diferentes; ma si él era blesado por la actividad poco escrupulosa del financiero, si él condonava algunas entreprisias que él calificava de locas, él havía devido reconocer la fuerza de su voluntad y su biva inteligénsa. Y, bruscamente, él caía en este dramo, que él no sospechava.

Cuando Nantás acusó Flavia de tener un amante, el Barón, que trataba ainda su hija casada con la severidad que tenía por ella a diez años, se adelantó de su paso de viejo solenelo.

– Yo vos juro que ella sale de onde su amante – repitió Nantás – y ¡miradla! Ella está viniendo contra mí.

Flavia, desdeñosa, havía tornado la caveza. Ella arangava sus maniquetas que la brutalidad de su marido havía engrefido. Ninguna coloradés no havía suvido a su cara. Todavía su padre le havlava:

– Mi hija, ¿porqué no te defiendes? ¿Tu marido dice la verdad? ¿Tendría tu reservado esta última dolor a mi vejez? El afronto seria también por mí, siendo en una ¹³⁶ familla, el yero de un solo miembro por ensuciar todos los otros.

Estonces, ella tuvo un momento de despaçencia. ¡Su padre topa bien el tiempo por encorajarlo! Un momento ainda, ella somportó su interrogatorio queriendo quadrarlo de la vergüenza de una esplicación. Ma, como él se raviava a su torno en viéndola callada y provocante, ella le dió:

– ¡Eh! Papa, desád este hombre jugar su rolo... Vos no lo conocés. No me forcés a havlar por respecto por vos.

– Él es vuestro marido, – respondió el viejo. – él es el padre de vuestra criatura.

– Non, non, él no es el padre de mi criatura... A la fin, yo vos vo dicir todo. Este hombre no es miúdo un zumbaidor, siendo esto seria una escusa, si él me havía amado. Este hombre se vendió simplemente y consintió a cuvrir el yero de un otro.

El barón se tornó verso Nantás, que palideció y se travava atrás.

– ¡Estás entendiendo, mi padre! – continuava Flavia – Él se vendió, se vendió por moneda... Yo no lo tuve nunca amado, él no me tuvo nunca tocado de la punta de sus dedos... Yo quise quadrarvos una grande dolor, yo lo merquí afin que vos havlara mentira... Miradlo y remarcad si yo ¹³⁷ digo la verdad.

Nantás se quadrava la cara entre las manos.

– Y yo, – continuó la jóvena dama – él quiere que lo ame... Él se metió a ginoyos y él lloró. Es una comedia sin duda. Perdonadme de havervos engañado, mi padre, verídicamente, ¿es que yo apartengo a este hombre? Agora que savés todo, llevadme, él me violentó endagora, yo no me quedaré más un minuto cerca él.

El barón enderezó su talla encogida, y silenciosamente él fue dar el brazo a su hija. Los dos traverl-lsaron la cámara, sin que Nantás hiciera un gesto por detenerla. Después, a la puerta, el viejo no deseo caer que esta palabra:

— Adiós, señor.

La puerta se havía cerrado. Nantás quedava solo, abatido, mirando locamente al rededor de él.

Como Germán venía de entrar y de posar una letra sobre la mesa, él la avrió maquinalmente y la parcuro de los ojos. Esta letra enteramente escrita de la mano del emperador, lo llamava al Ministerio de las Finanzas, en términos muy ovligantes. El entendió a penas. La realización de todas sus ambiciones no le interesaba más. En las casas de a lado el ruido del oro havía posado, era la hora onde la casa Nantás metía en movimiento³⁷ a todo el mundo. Y él, en medio de este l³⁸ lavoro muy grande que era su ovra, en la punta de su grandor, los ojos estupidamente ficsados sobre la eschriftura del emperador, echó esta queña de criatura, que era la negación de su vida entera:

— Yo no so venturoso... Yo no so venturoso...

Él llorava, la cabeza caída sobre su escritorio, y sus lágrimas caentes embaravan la escritura que lo nominava ministro.

<Capítulo 4>³⁸

Desde diez y ocho meses que Nantás era Ministro de las Finanzas, él parecía atordecarse con un trabajo sobre->humano. El día después de la escena de violencia que se havía pasado en su cabinete, él tuvo con el Barón Danvlie una entrevista, y sobre los consejos de su padre, Flavia havía consentido a bivir de nuevo con su marido. Ma los esposos no se aderezaban más la palabra, afuera de la comedia que ellos devían jugar delante el mundo. Nantás havía decidido que no ía quitar su hotel la noche, él traía sus secretarios y hacía en su casa sus hechos.

Esta fue la época de su egzistencia onde hizo las más grandes cosas. Una boz le soplava inspiraciones altas y fecondes. Sobre su pasaje, un murmuró de simpatía y de admiración se levantava, ma él restava insansible a estos elogios. Dirían que él trabajava sin esperanza de recompensa, con la idea de amontonar las ovras en el escopo único de hazer lo imposible. Cada ves que él l³⁹ subía más alto, él consultava la figura de Flavia. ¿Qué le interesava a ella? ¿Le perdonava su vieja infamia por no ver que el dezvelopamiento de su inteligencia? Y él no sorprendía nunca ninguna emoción sobre la cara muda de esta mujer, y él se dizía, en remetiéndose al trabajo: 'Ayde, yo no so ainda bastante alto por ella, cale suvir ainda, suvir sin quedar'. Él entendía forzar la ventura, como el havía forzado la fortuna. Toda su creencia en la fuerza le venía de nuevo, él no admitía otro poder en este mundo, siendo, es la voluntad de la vida que hizo la humanidad. Cuando se descorajava en veces, él se quadrava porque ninguno no se dudara de la flaqueza de su carne. Sus pleitos no se devinavan que en sus ojos profundos, entornados de preto, en los cuales quemava una grande flama. Agora el celo lo devorava. No riñir a hacerse amar de Flavia era un suplicio; ma una ravia lo quitava loco, cuando pensava que ella pudía darse a un otro. Por afirmar su libertad, ella era

³⁷ O mem inicial se encontra abaixo da linha das demais letras.

³⁸ Divisão ausente no texto, mas conjecturável com base no original francês e no salto temporal dos acontecimentos.

capache de acordararse con Señor de Fondet. Él mostrava no parecer ocuparse de ella, en agonizando de tristeza de sus más chicas absencias. Si él no se havía espantado por el ridículo (risalit), él la perseguiría en las calles. Es alora que él quiño tener al lado de ella una persona de la cuala ía mercar el devuamiento.

Havían conservado Madmuašel Šuin en la caša. El ¹⁴⁰ barón se havía usado a ella. De otra parte, ella savía muchas coſas porque pudieran desbarazarsen. Un momento, la vieja hija havía tenido el proyecto de retirarse con los vente mil francos que Nantás le havía contado, un día después de su caſamiento. Ma sin duda ella se diſo que la caſa se hacía muy buena por buſcar en mar truvla. Ella esperava dunque una nueva ocaſión, haćiendo el cálculo que tenía menester aínda de una soma de 20 mil francos, si ella quería mercar un muevle, en su paíſ, la caſa del notario, que havía hecho la admiración de su mancevés.

Nantás no tenía a fatigarse muncho con esta vieja hija, donde los aires de devoción no pudían más engañarlo. Por tanto, el día que la hizo venir en su cabineto y que le demandó de tenerlo al coriente de las más chicas acciones de su mujer, ella se dió aires de revoltarse, en demanda-ldándole por cuálo él la tomava.

— Ayde, madmuašel, — diſo él con despacencia — tengo muncho hecho y me están esperando. Escapemos, vos rogo.

Ma ella no quería nada sentir, si él no metía las formas. Sus principios eran que las coſas no son negras en ellas mismas, ma que lo devienen o quedan de serlo, según la manera que las presentan.

— ¡Eh bien! — ajuntó él — se trata, madmuašel, de una buena acción. Yo me espanto que mi mujer no quadre algunas penas. ¹⁴¹ Yo la viego triste desde una semana, y yo pensí a vos por obtener algunas informaciones.

— Vos pueſt̄ contar sovre mí. — diſo ella alora con una amistad de madre — Yo so devuída a madam. Yo haré todo por su honor y por el vuestro... Desde mañana noſotros velaremos sovre ella.

Él le prometió de recompensarla según sus servicios. Ella se ravió em_primeiro, después, ella tuvo la habilidad de forzarlo a ficsar una soma: él le ía dar diez mil francos si le fornecía una prova justa de la buena o de la negra conducta de madam. Poco a poco, ellos havían arivado a preciſar las coſas.

Desde enſtones, Nantás se tormentó menos. Tres meſes pasaron, él se topava engajado en un grande hecho al aparejamiento del budjeto; de acuerdo con el emperador, él havía traído al sistema financiero importantes trocam-lientos. Él savía que ía ser bivamente atacado en la Cámara, y él devía aparejar una cantidad consideravle de documentos. Muchas veces él no dormía las noches entel-lras. Esto lo atordecía y lo hacía paciencioso. Cuando via Madmuašel Šuin, él la interroğava de una boz corta: ‘¿Savía ella alguna cosa? ¿Madam havía hecho visitas? ¿Se havía quedado en algunas caſas?’ Madmuašel Šuin tenía un jurnal detallado, ma ella no havía aínda recoȝido que detallos sin importança. Nantás se asegurava, mientras ¹⁴² que la vieja meneava los ojos, en repetando que cercamente, puede ser, ella ía tener coſas nuevas.

La verdad era que Madmuašel Šuin havía fuertemente pensado. Diez mil francos no hacían su cuenta, ella tenía menester de 20 mil francos por mercar la caſa del notario. Ella tuvo em_primeiro la idea de venderse a la mujer, después de havverse vendido al marido. Ma ella conocía madam, ella se espantava de ser ronchada al primo vierbo. Desde muncho tiempo, antes miſmo que la cargaran de este hecho, ella la havía espionado por su cuenta, diciéndose que los vicios de los patrones son la fortuna de los možos; y ella se havía topado delante de una de estas honestidades que son más

sólidas porque se ariman sovre el orgullo. Flavia quadrava de su yero una enel-lmistad a todos los hombres. Ansí Madmuasel Šuin se desesperava, cuando <u>n³⁹ día ella encontró Si' de Fondet. Él la cuestionó tanto bivamente sobre su patrona que ella entendió de_vista que él deseava locamente, quemado por el suvenir del minuto que él la havía tenido entre sus brazos. Su plan fue arrestado: servir en miúdo tiempo el marido y el amante, ahí estaba la combinešo<n> de génio.

Justamente, todo venía a propósito: Si' de Fondet, ronchado, desde entonces sin esperanza, daría toda su forf-ltuna por posedar esta mujer que le havía apartenido. Fue l⁴³ él que el primero apalpó Madmuasel Šuin. Él la vido otra ves. Juguó el sentimiento, jurando que se ía matar si ella no lo ayudava. Al_cavo de ocho días, después de muchas provas de sensibilidad y de escrúulos, el hecho era escapado: él ía dar mil francos, y ella una noche, lo ía quadrar en la cámara de Flavia.

La mañana, Madmuasel Šuin fue topar Nantás.

– ¿Qué embezates? – demandó él, en palideciendo.

Ma ella no precisó nada em_primeiro. Madam tenía por seguro un atadero. Mismo ella dava rande-vus.

– Al hecho, al hecho. – repetava él, furioso de despacencia.

En fin ella pronunció Señor de Fondet:

– Esta noche va estar en la cámara de madam.

– Muy bien, merci. – murmuró Nantás.

Él la envió con un gesto. Él se espantava de caer delante de ella, esta brusca embiadura la maravío y le plació, siendo ella se esperava a un longo interrogatorio y havía mismo aparejado sus repuestas por no embrollarse. Ella hizo una reverencia y se retiró en tomando una figura doliente.

Nantás se havía levantado. Cuando fue solo, él havló alto:

– Esta noche... En su cámara...

Y llevando la mano a su meollo, como si le sintiera romperse, este rande-vu dado en el domicilio conyugal l⁴⁴ <le parecía monstruoso de tanta imprudencia. Él>⁴⁰ no pudía deſar ultraſjarse (deshonorarse) ansí, sus puños de peleador se ceravan, una ravia lo hacía pensar a_la muerte, por tanto él tenía un trabajo de escapar. Tres veces él se asentó delante su escritorio y tres veces un solevantamiento de todo su cuerpo lo metió en pies; mientras que detrás de él una cosa lo ronchava, un menester de svir imediatamente onde su mujer por tratarla de baſa. En_fin, él se venció, él se remitió al hecho, en jurándose que la noche los ía matar los dos. Esta fue la más grande victoria que ganó sobre él mismo.

Después de medio día, Nantás fue someter al em-lperador el proýeto definitivo del budjeto. Este último, haviéndole hecho unas cuantas objeções, él la discutió con una grande claridad de experto, ma le fue menester de prometer una partida de su traþo. El proýeto devía ser remetido un día después.

– Sir, yo vo pasar la noche – diþo él.

Y, en tornándose, él pensava: 'Los vo a matar a media noche, y yo tener después el tiempo fin al día por escapar este traþo.'

³⁹ A haste do vav não se encontra visível.

⁴⁰ Falta a primeira linha da página 44, devido a um erro no momento de fotocopiar. Traduzido para o judeu-espanhol conforme o original em francês (Ripoll, 1976:796).

La noche, en la mesa, el Barón Danvlie havló precísl-jámente de este proýeto que hacía grande ruido, él no aprovara todas las ideas de su yerno en matieras de finanzas, ma él las topava muy anchas y muy remarcavles. ¹⁴⁵

<Mientras Nantás respondía al barón, varias veçes>⁴¹ le parecía rencontrar los ojos de su mujer ficosos sovre⁴² los suyos siempre. Agora ella lo mirava ansí, su mirada no se aquerenciava, ella lo escuchava simplemente y parecía bušcar a meldar más allá de su figura.

Nantás pensó que ella se espantava de haver sido denunciada. También, hizo él un esforzo por parecer más repoſado. Él havló muncho, se levantó muy alto, y convenció su suegro, que calló delantre su grande intelígenza. Flavia lo mirava siempre, y un gesto apenas sancible havía un momento pasado sovre su figura.

Fin a media noche Nantás lavoró en su cabineto. Él se havía pasionado poco a poco, mas nada no egzistía que esta creación, este mecanismo financiero que él havía construído con regožo pedazo a pedazo entre tantos obstáculos sin cuenta. Cuando la hora batió media noche, él levantó instinctivamente la caveza. Un grande silencio reinava en el hotel. De vista, él se recodró, el infame estava en el fondo de esta escuridad y de este silencio, ma le fue una grande pena de quitar su fotoyo. Él dejó la péndula con regreto, hizo unos cuantos pasos como por obedecer a una vieja veluntad, que él no topava más. Después una caentor le encoloradeó la cara, una flama incendió sus ojos. Y él suvió al apartamiento de su mujer. ¹⁴⁶

Esta mišma noche, havía em<v>iado⁴³ muy presto su mujer de cámara. Ella quería estar sola. Fin a media noche, ella quedó en el salón precedando su cámara de echar. Arimada sovre una poltrona, ella havía tomado un libro, ma a cada momento el libro caía de sus manos, y ella pensava, los ojos perdidos. Su figura se havía aínda adulzado, una sonriša pálida pasava en veçes.

Ella se levantó con espanto. Havían batido la puerta:

– ¿Quén es?

– Avrid – respondió Nantás. Esto fue por ella una tanto grande sorpreša, que ella avrió la puerta sin pensar. Nunca su marido no se havía ansí presentado onde ella. Él entró, bulversado; la ravía lo havía tomado en suviendo. Madmuasel Šuin, que lo estaba esperando en la escalera, venía de dičirle al oído que havía dos horas que Señor de Fonder y, de sorte que no mostró ningún meneamiento.

– Madam – dišo él – un hombre está quadrado en vuestra cámara.

Flavia no respondió de vista, tanto su idea esf-łtava lejos. En_fin ella entendió:

– Soš loco señor – murmuró ella.

Ma sin quedarse por havlar, él caminava verso la cámara. Alora, en un salto, ella se metió delantre la ¹⁴⁷ puerta en gritando:

– No vaš entrar... ¡Yo estó aquí en mi casa, yo vos defiendo de entrar!

Temblando, agrandecida, ella quadrava la puerta. Un momento, ellos quedaron imóviles, sin una palabra, ojos contra ojos. La garganta expandida, las manos adelantre, él ía echarse sovre ella por pasar.

⁴¹ Falta a primeira linha da página 45, devido a um erro no momento de fotocopiar. Traduzido para o judeu-espanhol conforme o original em francês (Ripoll, 1976:797).

⁴² Esta linha se encontra parcialmente apagada na fotocópia.

⁴³ O diacrítico sobre o beit não está visível. O sujeito da locução verbal deve ser Flávia.

– Salid de ahí, – murmuró él de una voz ronca – yo so más fuerte que vos, yo vo entrar todavía.

– Non, no vaš entrar, yo no quero.

Locamente, él repitó:

– Hay un hombre, hay un hombre...

Ella no quiso mismo quitarlo la mentira, ella alzava los hombros después, como él hacía ainda un otro paso.

– ¡Eh bien! Digamos que hay un hombre, ¿Qué vos interesa a vos? ¿No so llera yo?

Él se alejó delante este biervo que lo abatía. En efeto, ella era libera. Un grande frío le tomó en los hombros; él sintió netamente que ella tenía el rolo superior y que él jugava ahí una cena de criatura hažina y ilógica. Él no observava el tratado, su estúpida pasión lo rendía odioso. ¿Porqué no se havía quedado él a lavorar en su cabineto? La sangre se retirava de sus caras, una solombra indescriptivle de sufriensa blanl-lquecia su figura. Cuando Flavia remarcó el bulversamiento ¹⁴⁸ que se hacía en él, se retiró de la puerta, mientras que una dulzor aquerenciava sus ojos.

– Mirad - dijo ella simplemente.

Y ella mismo entró en la cámara, una lampa en la mano, mientras que Nantás quedava en la puerta. De un gesto, él le dijó que era inútil y que él no quería nada ver, ma ella insistía agora. Como ella arivava delante el lecho, ella levantó los perdés y Si' de Fondet apareció quadrado detrás. Esto fue por ella un tanto grande encantamiento, que hizo un grito de espanto.

– Es verdad, – murmuró ella perdida – es verdad, este hombre estava ahí... Yo lo iñorava, ¡Oh!, por mi vida, ¡vo lo juro!

Después, con un esforzo de veluntad, ella se calmó; ella pareció mismo regresar este primer movimiento que venía de roncharla a defenderse.

– Tenés razón, señor, y vos demando pardón – dijó ella a Nantás – esforzándose a topaz su voz hielada.

Todavía, Señor de Fondet se sintía ridículo, él tenía un aire de bovo, él daría muy muncho porque el marido se raviara, ma Nantás se quedó callado. Él era simplemente muy pálido. Cuando él llevó sus ojos de Señor de Fondet a Flavia, él se inclinó delante esta última en pronunciando esta sola fraša:

– Madam, escuádme, soš libera. ¹⁴⁹

Y él tornó la espalda y se retiró. En él una cosa venía de romperse, sólo el mecanismo de los músculos y de los güesos funcionava ainda. Cuando se topó en su cabineto, él caminó derecho a un cajón onde él quadrava un revolver. Después de haver egzaminado esta arma, él dijó de una boz alta como por topaz un engajamiento formel enfrente de él mismo:

– Ayde, ya basta, yo me vo matar agora.

Él hizo suvir la lampa que se abažava y se metió devista delante su escritorio tranquilmente a su hecho. Sin una heſitación, en medio de un grande silencio, él continuó la fraša empezada. Una la una, metódicamente las hojas se amontonavan. Dos horas después, cuando Flavia, que havía ronchado Señor de Fondet, abašó descalza por escuchar a la puerta del cabineto, ella no sintió que el ruido de la péndula coriendo sovre el papel. Alora ella se abocó, metió un ojo en el buraco de la llavedura. Nantás escrivía siempre con el mismo calmo, su figura ecsprimía la paz y la satisfacción del travajo, mientras que un radio aclarava el canon del revolver cerca de él.

<Capítulo> 5

<La>⁴⁴ caña que se topava al lado de la güerta del hotel, <er>a⁴⁵ agora propriedad de Nantás, que la havía mercado 1⁵⁰ de su esfuegro por un capricho. Él defendía de dar a quirá al chico varandado onde, mientras dos mešes, él se havía debatido contra la miseria en el tiempo de su arivo a París. Deſde su grande fortuna, él havía sentido muchas veces el menester de encerarse ahí por unas cuantas horas. Era ahí que él havía sufrido, era ahí que él quería triunfar. Cuando el obstáculo se preſen[‐]tava, él amava penar en esta misma cámara y tomar las grandes determinaciones de su vida. Cuando se topava ahí, él devenía lo que era un tiempo. También delante la necesidad del suicidio, era en esta cámara que él havía decidido de morir.

La mañana, Nantás no escapó su trabajo que a las horas ocho (a la franca). Espantándose que la fatiga no lo adormeciera, él se lavó con agua fresca. Después el llamó sucesivamente muchos empiegados por darles ordens. Cuando su secretario arivó, él tuvo con él una conversal-[‐]ción: el secretario devía llevar imedetamente el proyécto⁴⁶ del budjeto al palacio de las Tuilerías y dar algunas esplicaciones si el emperador solevantava algunas nuevas objecciones. Desde entonces Nantás creyó hacer hecho bastante. Él dejava todo en orden, él no iva parti[r] como un falido harvado de locura. En fin, él se apartenia, él pudía disponer de él, sin que pudieran acusarlo de egoísmo⁴⁷ o de bajeſa.¹⁵¹

Nueve horas sonaron. Era tiempo, ma como él i<v>a⁴⁷ quitar su cabineto, en llevándose el revolver, él tuvo una última amargura a bivir: Madmuaſel Šuin se presentó por tomar los diez mil francos prometidos. Él le pagó y devió somportar su familiaridad. Ella se mostrava como una madre, ella lo tratava un poco como un elevo que tuvo riuſido. Si él havía mismo heſitado, esta complicitad lo decidaría al suicidio. Él suvió bivamente, y en su prestés dejó la llave sovre la puerta.

Nada no se havía trocado. El papel de las paredes tenía las mižmas roturas; el lecho, la meža y la sía se topavan siempre ahí, con sus güésmo de vieja probidad. Él respiró un momento este aire que le recodrava los pleitos de un tiempo. Después él se acercó de la ventana y vido la misma caleja de París, los árvoles del hotel, el río de la Sen, los ques, una parte de la vanda derecha del río onde las casas se expandían, se alzavan, se confundían fin las lejuras del cemeterio Per-Laſes.

El revolver estava sovre la meža rota, cerca de su mano. Agora, él no tenía prisa. Él estaba seguro que ninguno no iva venir y que él pudía matarse a su plaſcer. Él pensava y se dičia que él se topava en el mismo punto que antes, en el mismo lugar, en la misma veluntad de suicidio. Una tadre, en este mismo lugar él havía querido romperse la caveza. Era muy prove aquel tiempo por poder mercar un 1⁵² revolver; él no tenía que el pavimento de la calle, ma la muerf-lte estava todavía al ojo. Ansí, en la vida, no hay que la muerte sólo que no engañe, que se mostre siempre segura y siempre pronta. Él no conocía que ella de sólido, él havía vanamente buſcado, todo se havía continualmente derocado debaſo de él, la muerte sólo una certidud. Y él sintió el regreto de haver bivido

⁴⁴ Ininteligível na fotocópia.

⁴⁵ Ininteligível na fotocópia.

⁴⁶ Devido à cópia mal feita desta página, algumas letras no final das linhas foram cortadas.

⁴⁷ O diacrítico sobre o beit, para indicar que se trata de um veit, não aparece.

diez años más. La experiencia que él había hecho de la vida en suviendo a la fortuna y el poder, le parecía fuirle. ¿A cuál bueno este gaste de veluntad, a cuál bueno tanta fuerza producida, una vez que decidamente la veluntad y la fuerza no eran todo? Había bastado de una pasión por destruirlo. Él se había tomado bivamente para amar Flavia y el monumento que él construizera se derocava, se caía como un palacio de cartas llevado con el soplo de una criatura. Esto era miséravle. Esto asemejaba a la posición de un elevo ladrón debašo del cual la rama se rompe y que muere con lo que pecó. La vida era bestia, los hombres superiores escapavan bašamente como los imbéciles.

Nantás había tomado el revolver sobre la mesa y lo armava con reposo. Un último regreto lo hizo ablandar un segundo en este momento supremo. ¡Cuántas grandes cosas él ía realizar si Flavia lo había entendido, el día que Flavia se ía echar en su garganta diciendo 'Yo te amo!', este mismo día él ía topar¹⁵³ una fuerza por solevar el mundo. Y su último odio era un grande desdén por la fuerza: siendo la fuerza que devía todo darle, no había podido darle Flavia.

Él levantó su arma. La demañanada estaba muy hermosa. Por la ventana entera abierta, el sol entrava, metiendo un espertamiento de juventud en la cámara. Más lejos, París empezava su lavoro de ciudad gigante. Nantás apoyó el canon sobre su sien.

Ma la puerta se había fuertemente abierto, y Flavia entró. De un gesto ella detornó el golpe, la bala fue unarse en el cielo-rašo. Todos los dos se miravan. Ella estaba tanto cansada, tanto fatigada que no podía havlar. En fin, havlando de tu a tu a Nantás, por la primera vez ella tuvo el biervo que él esperava, el solo biervo que pudía decidarlo a bivir:

– ¡Yo te amo! – gritó ella en su garganta, sanglotando, aran<c>ado⁴⁸ este atorgamiento a su orgullo, a todo su seer sometido – ¡yo te amo porque sos fuerte!

Fin

3. Glossário

Apenas as palavras que poderiam causar dificuldade de leitura ao falante de língua portuguesa, e que não aparecem traduzidas pelo próprio M. Menashé no corpo do texto, foram coletadas aqui, especialmente as que têm sua origem em outras línguas que não seja o espanhol e o francês modernos. Os dicionários pesquisados foram os de Recuero (1977) e de Romano (1995) e o glossário de Varol (1998). Esse glossário é estritamente elucidativo do texto, não tendo havido a intenção de se fazer um levantamento exaustivo de todas os vocábulos do texto. As siglas entre parênteses indicam as prováveis línguas de origem das palavras e significam: ar. = árabe; esp. = espanhol; fr. = francês; it. = italiano; hebr. = hebraico; tur. = turco.

⁴⁸ A quarta letra da palavra é ilegível.

(a)harvar (hebr.) – bater, agredir.
alavaciones (?) – louvores.
alduquera (esp.) – algibeira, bolso.
alhad (ar.) – domingo.
aquerenciar-se (esp.) – comover-se, enternecer-se.
atacanar (hebr.) – arrumar, arranjar.
ayde (tur.) – Ah!
blesar (fr.) – machucar, ofender.
bulversar (fr.) – derrubar, perturbar.
chapines (esp.) – sapatos, chinelo.
cuvdear (?) – empurrar, sacudir.
de vista, devista (esp.) – imediatamente, no momento.
embatacar (hebr.) – sujar, enlamear, golpear.
enbezár/embezar (esp.) – aprender, deduzir.
esfuegro (esp.) – sogro.
eshachar (?) – atropelar, esmagar.
fotoyo (fr.) – poltrona, cadeira de braços.
fraguar (esp.) – construir, edificar.

ginoyos (fr.) – joelhos.
güesmo (esp.) – cheiro.
güesos (esp.) – ossos.
hazino (ar.) – doente.
jurnal (fr.) – diário.
meldar (esp.) – ler.
na (tur.) – eis.
parás (tur.) – dinheiro.
paten (?) – soleira, entrada.
perdés (tur.) – cortinas.
profitar (fr., it.) – aproveitar.
quirâ (tur.) – aluguel.
riušir (fr., it.) – ter sucesso, conseguir.
ronchar (esp.) – empurrar, expulsar, rejeitar.
sanglotar (fr.) – soluçar.
tartalear (esp.) – gaguejar.
topar el corazón (esp.) – ofender, entristecer, ferir.
tresallar (fr.) – estremecer, agitar-se.
ventura (esp.) – felicidade.
zumbaídor (esp.) – sedutor.

Referências bibliográficas

- BARQUÍN LÓPEZ, Amelia. *Edición y estudio de doce novelas aljamiadas sefardíes de principios del siglo XX*. Vitoria: Universidad del País Basco, 1997.
- BUNIS, David. *A guide to reading and writing Judezmo*. New York: Adelantre!, 1975.
- COHEN, Maria Antonieta; MENACHE, Leon; GUIMARÃES, Aléxia. Remanescentes do judeu-espanhol na comunidade de Belo Horizonte. *Revista de Estudos Judaicos*, Belo Horizonte, ano 1, n. 1, p. 30-36, 1998.
- HASSÁN, Iacob. Transcripción normalizada de textos judeoespañoles. *Estudios sefardíes*, Madrid, n. 1, p. 147-150, 1978.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Madrid: 1992.
- RECUERO, Pascual. *Diccionario básico ladino-español*. Barcelona: Ameller Ediciones, 1975.
- RIPOLL, Roger. *Émile Zola contes et nouvelles*. Paris: Gallimard, 1976.
- ROMANO, Samuel. *Dictionary of spoken Judeo-Spanish/French/German*. Jerusalém: Hakeshet Press, 1995.
- ROMERO, Elena. *La creación literaria en lengua sefardí*. Madrid: Mapfre, 1992.
- VAROL, Marie-Christine. *Manuel de judéo-espagnol*. Paris: L'Asiathèque, 1998.

Anexos

a) Fac-símile da mancha da página 3 (com o início do texto) do testemunho de Nantas da Library of Congress

נָאָנָט אַם
1

לה קהמלהה קו נאנטאמ מורהטה דיזי סו הרכז זי נוחר=
סיליה סי טופטהה אין חיל הולטימו פיסו (טולטהה) זי זונת קהה
ד לא קהלאה זי ליל, אלחו דיל חוטיל דיל בחרון דהנטלהה
מיימכרי דיל קנסיליו זי הייטהו. מסען כלוחה הפלרטיניהה חיל
ביהרין קי לא הצעיהה חיזו פלהגומר סוברי זייזס פדרוגוועס.
נהנטאמ, אין האקחדיס טויהה בירמן קהננין זי לא גויהרעה
דיל חוטיל הונרי הרכזlis לינוזס האנטהן סום האיגרי כוונמברה.
מלס מהי היינריכ זילס פונטאמ בורריס, הונת קהלאה סי האנטה
סוברי פלהיז; זייאן חיל ריזו, לה צילא (סירה) זי זום קים (קולדוועס)
הונת זילר די טיעמיהוועס מסטה זום ליקוואס פירודיס דיל
סימיטרי זי פיר-לעחסיס.

הילס הונת האנטה זילס קהמלהה לא זילרנדטה זון הונת
זינטאנט טהזהדו אין האלדייס (טולטהה זי פידלה). מהנטהה האנטה
סימפלמיינט מובלעה זיסטה קהמלהה זי אין לאג, זי הונת מיזה
ה זי הונת סירה. חיל סי האנטה האנטה זילרנאה זיל, זטקהנדו זו
זהרלהען, דיסירדו לא ציבער האנטה זיסטה טיפחל הונת סיטומוסין
קוהלנגן. חיל פהפייל סחוי זי לאס פלהידייס, זיל לאג-להז (טולטהן
פריטו), לא מיזריך זי לא דינוזיס זי האנטה קהמלהה זונרי
זו האנטה גימינאה זו זי זוקהטהן חיל קוילסן דיל טודו. דיזי
קי חיל סי דוממייהה אין סריגט זיל נווארה זי זי זום טואליריהס,
היל סי קומפהטהה קה אין זינרעל קי כי האנטה זי זונת
מייזלטהל זיל נווארה (חאן), חיל נווארה זי הונת קהלאה זילנטווער.

b) Fac-símile da mancha da página 4 do testemunho de Nantas da Library of Congress

— 4 —

לה סיידולד ריקה הי חימינסס קי אל דיבּוּ ריבּוֹלטָהָר אל דיבּה. לה גיסטונייש די נאַנטְפָּהָס חירֶה קְרִיטָה. היֶזְוּ דֵי חָנוּ פְּרָטָה גוֹחוֹד דֵי מַהֲרְסִילִיָּה, חַיל חַבְּיהָה חַמְפִּיסְהָהָרָה סָום גִּיסְטוּרִיָּהָם הַזְּנִין חַיל לִיפְתָּחוּ (הַיסְקוּהִילָּה) דֵי חַסְטָה סיְדָהָרָה חַמְפִּסְהָהָרָה פָּוָר נָהָם בְּכִיסְיָוָה קִרְיִינִיסִיס דֵי טָוּ מַהְדָּרִי קִי דַּיוֹתְהָה חַוִּירָה דֵי חַיל חָנוּ סִינְיוֹרָה. נָסָם פְּהָרִיְּנִים סִי סָהָנְגָרִיְּהָן (סָפְּרִילִירָן מַנְגָּן) פָּוָר יַיְהָרָלָוּ פִּין הַל בְּהַקְּפָּרִיתָהָוּ, פָּוָהָים לֵה מַהְדָּרִי חַבְּיִינְדוּ מַהְדִּירָה, נָהָנְטָהָס דִּיאָהָוּ הַקְּסִיפְתָּהָרָה הָנוּ נִיקְוּן חַמְפִּינְגָּה הַל הָנוּ דֵי חָנוּ נִיגְסִיטִיְּהָמָיִה הַנוּדִי חַיל יַיְהָזָה מַיְנְמָלִים דָּגָן חַמְיָה דַּוְנִיָּה מַנוּטְוִוִּיהָה לוּ דַּיוֹסְפִּירְהָהָה. חַיל סִי סִילְוָהָה תְּהִלָּה בְּגִנְתִּי בְּזִוִּים סִי סְוָרִירָה דֵי חַיְּזָוּ נָהָוּ אַחֲרִיהָה דַּיְהָיָה מַהְרָלִילִיָּה, הַל הַלְּהָוָה דֵי סָהָרִדִּי כְּנָהָהָה קְהָלָהָוָה דֵי קְהָלָהָוָה דֵי נִגְעָהָהָוָה דֵי נִגְעָהָהָוָה פְּרָהָנוֹהָה ליְהָהָה דִּיאָהָהָה דִּיאָהָהָה (סָהָהָהָה). חַנְרוֹהָה חַיל דִּיאָהָהָה חַבְּהָסְטִיְּסִיִּהָהָה טָוָהָס נָסָם מִינְסִטְרִילִים דֵי נָהָהָה. מַהְהָוָה מַהְדָּרִי, הַזְּנִין חַגְּנָהָרָהָה הַס קְהָזָה, חַיל טָוָהָס סְוָרִירָה מַהְדָּרִי, סְוָרִיפָה הַלְּגָנְדָהָה הַלְּגָנְדָהָה הַלְּגָנְדָהָה דֵי הַלְּגָנְדָהָה. טָרִיכָה דִּיאָם מַהְמָּסְמִיךְ, חַיל בְּגִנְדִּיהָה נָסָם קְהָלָהָהָה פִּידְהָסָם דֵי מַכְלִיָּה דֵי סְוָרִירָה, ליְהָהָה פְּהָרִטִּיהָה טָוָר פְּהָרִים, קְוָן דַּוְיִינְכָּהָם קְהָלָהָהָם הָנוּ סְוָרִירָה.

הַבְּיִיחָה, הַזְּנִין לְה פִּירְכוֹנָה דֵי נָהָנְטָהָה, חַנוּה אַמְבִּיסִיסִיּוֹן (גְּרָהָדִי דַּיוֹיָה) דֵי חַוִּירָה פּוֹרְטוֹנָה, קִי לֵי בְּגִנְיָהָה דֵי סְוָרִירָה. חַילס הָנוּ מַהְמָּסִיךְ דֵי דִּיסְיָזִין פְּרָוּנְהָה, דֵי בְּגִנְטָהָה יְלָהָהָה; דֵי סְוָרִינִיס חַיל דִּיאָהָה סִיר חַנוּה פְּהָוִילִסָּה. אַבְּיָהָן מַנוּגָּהָן בְּזִוִּים דִּיאָהָה דֵי חַיל, קְהָלָהָה סִי הַלְּבִדְיָהָהָה הָה סְוָרִינִיסִיסִיָּה: "יְיָ סִי חַנוּה סְוָרִילָהָה", בְּגִלְוָה-קִי דִּיאָהָהָה צְוָלִיסָהָה קְהָלָהָה הָנוּ בְּגִיְהָן קְוָן סְוָרִירָה,

Archivos: um novo modo de contar – inventar/inventariar

Ângela Maria Salgueiro Marques*

Uma nova postura diante de tarefas que exigem uma invenção teórica, pautada por metodologias direcionadas para nossa realidade, suscita algumas questões que perpassam por determinados significados do termo “invenção” (do latim *inventione*): invento, descoberta, inventiva; coisa imaginada ou inventada; faculdade ou poder inventivo, engenhosidade, criatividade; artifício, astúcia; fábula, ficção, engano, entre outros. Tania Franco Carvalhal explica que o “conceito de ‘invenção’ está inevitavelmente relacionado com a redefinição das novas articulações entre universalidade (globalidade) e particularidades, e isso nos conduz, também de forma inevitável, à questão da identidade/alteridade”(Carvalhal, 1998:29).

Além disso, se um dos significados de invenção é, ainda, descobrimento, achado (especialmente de relíquias), nada mais pertinente do que relacionar invenção com inventário. Inventar/inventariar um discurso teórico-crítico latino-americano que “efetue um corte na visão etnocêntrica ainda vigente e busque apreender a produção literária do continente em sua dinâmica própria” (Coutinho, 1991:630) pode ser encontrado na nova maneira de se ler os textos latino-americanos, como por exemplo, a que propõe a Coleção *Archivos*.

Em 1971, Miguel Ángel Asturias decidiu doar seus manuscritos e seu arquivo à Biblioteca Nacional de Paris, com a condição de que os mesmos fossem submetidos a um tratamento científico com vistas a uma edição crítica, pelo CNRS, Centre National de la Recherche Scientifique (França). Esse gesto individual de doar os próprios manuscritos, que se aproxima do significado de descobrimento (especialmente de relíquias), no entanto, não foi um ato isolado, pois Asturias funda, nesse mesmo ano, a Associação Arquivos da Literatura Latino-Americana e do Caribe do Século XX, dedicada a salvaguardar a obra dos principais nomes da literatura de nosso tempo, levando em conta a presença de manuscritos e a valorizá-los como testemunhos portadores da identidade latino-americana.

*Doutoranda em Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG.

Assim, treze anos mais tarde, em setembro de 1984, nasce a Coleção *Archivos* (*Archives*, inicialmente), cujo ato de nascimento oficial teve lugar em Buenos Aires, com a participação de organismos internacionais e nacionais, incluindo oito países. Esse projeto previa a publicação de cento e vinte títulos de autores pertencentes a vinte e dois países da América Latina e do Caribe, e nas quatro línguas do continente: espanhol, português, inglês e francês. Atualmente, de acordo com Amos Segala, Coordenador Geral da Coleção *Archivos*, conta com a participação de quatorze países, com a associação das últimas adesões de Cuba, Chile e Uruguai e produz em torno de oito títulos por ano (Segala, 2000: comunicação). Também recebe o apoio da UNESCO, além de vários órgãos internacionais dedicados à pesquisa.

A Coleção tem como principal objetivo “reunir os originais mais importantes das nossas letras, de modo a estabelecer textos finais, com todas as suas variantes e histórias evolutivas dos textos”, e isso representa “um mérito sem precedentes na reconstituição da identidade cultural latino-americana” (Schwartz, 1990:427). Juntamente com essa ação de resgatar obras significativas, procura-se pesquisar o “modo de olhar” e o “modo de contar” dos nossos escritores. E é isso o que permite distinguir a Coleção *Archivos* de outras anteriores. A Coleção *Ayacucho*, da Venezuela, por exemplo, cujo projeto inicial foi coordenado por Angel Rama, merece destaque por ter incluído o Brasil em seu repertório (ainda que todos os textos apareçam em língua espanhola) e foi um dos primeiros projetos bibliográficos de ordem continental. O projeto *Archivos*, contudo, além dessa abrangência de ordem continental, possui, de acordo com Jorge Schwartz:

a particularidade de ser uma edição crítica, ou seja, tem por finalidade elaborar o estabelecimento final dos textos através da recuperação dos manuscritos (autógrafos ou apógrafos), ou edições consideradas definitivas pelos próprios autores em vida. Assim, empreende um trabalho de crítica genética que permite recuperar a memória do texto, da maneira mais fidedigna possível (Schwartz, 1991:425).

Por outro lado, não convém esquecer o caráter multidisciplinar da Crítica Genética, um dos suportes teóricos mais importantes na elaboração das edições da Coleção *Archivos*. Só como exemplo, cito o que concerne à diversidade de enfoques, que se encontra nos mais variados campos disciplinares, para o registro bibliográfico da edição crítica do *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa e que já faz parte da Coleção *Archivos*.

As estratégias utilizadas por Guimarães Rosa revelam um processo criador que descreve a escolha de suas veredas criativas e documentais. E é exatamente isso que nos confirma Segala: "Les dossiers génétiques ne décrivent pas seulement l'itinéraire ou l'aboutissement du texte final, mais éclairent ou définissent mieux les richesses d'une écriture, d'une pensée et d'un destin littéraire" (Segala, 1992:162).¹ Tais riquezas, por sua vez, possuem um caráter diversificado que alude ao plurilinguismo, ao dialogismo e à plurivocidade proporcionadas pelos percursos criativos e documentais (os dossiês genéticos).

Cumpre ainda observar, de acordo com Amos Segala, que a Coleção *Archivos* se coloca como um instrumento de diálogo intercultural e interdisciplinar. E declara: "la collection 'Archivos' offre un éventail de textes, de styles et de sensibilités qui franchissent les frontières de cet archipel, et inaugure un discours culturel et identitaire à la mesure du continent et des défis du monde actuel" (Segala, 1992:163).² Sobre esse diálogo intercultural e interdisciplinar, merece ser elogiado o projeto gráfico da Coleção *Archivos*, que conta com a participação de artistas plásticos de grande renome, para a confecção das capas, com o objetivo de formar uma pinacoteca original.

O que importa destacar é o fato das descobertas genéticas não se limitarem apenas à evolução interna da obra, pois a movimentação interior não é uma descoberta exclusivamente de ordem textual, mas também de ordem relacional. E Segala acresce: "Pour 'Archivos', l'approche génétique est un instrument de repérage et de mensuration tout à fait nouveau et concret du fait littéraire latino-américain" (Segala, 1992:165).³

Durante o VII Congresso da ABRALIC, ocorrido em Salvador, em 2000, Amos Segala enfatizou o caráter comparatista que preside a Coleção *Archivos*, desde seu nascimento, já que ela incorpora literaturas nos idiomas espanhol e português, relaciona áreas lingüísticas com tradições literárias, ressaltando-as de maneira original e significativa e, uma

² Os dossiês genéticos não descrevem apenas o itinerário ou o resultado do texto final, mas esclarecem ou definem melhor as riquezas de uma escritura, de um pensamento e de um destino literário. (Tradução nossa).

³ A coleção 'Archivos' oferece um leque de textos, de estilos e de sensibilidades que transpõem as fronteiras deste arquipélago, e inaugura um discurso cultural e identitário na proporção do continente e dos desafios do mundo atual. (Tradução nossa).

⁴Para 'Archivos', a aproximação genética é um instrumento de referenciação e de mensuração completamente novo e concreto do fato literário latino-americano. (Tradução nossa).

terceira prioridade, rastreia o comércio intelectual e estilístico realizado por quase todos os escritores do século XX latino-americano com a tradição européia e norte-americana. E acrescenta que três são os interesses prioritários nos livros de *Archivos*: o textual, o contextual e o comparatista.

Por esta razão, o estudo e a exploração sistemática das características comparatistas das escrituras latino-americanas que se apresentam na Coleção *Archivos* é, ao mesmo tempo, uma ocasião oferecida aos comparatistas para aplicar suas metodologias e para encontrar territórios de análises e modalidades de escritura realizados por estes parâmetros (Segala, 2000:93).⁴

Como se vê, as perspectivas metodológicas contidas nesses centros de interesses prioritários apontam para uma área bem extensa da literatura comparada. E é aqui que reside nosso interesse maior, pois, além de ser um objeto artístico, o livro é um objeto de conhecimento e um fato cultural. Assim, valorizar esses três centros de interesses nos remete a uma reflexão que não se baseia apenas na reconstituição de um texto recorrendo tão-somente a uma análise textual, mas sobretudo, contextual e comparatista.

Convém retomar, aqui, a reflexão de Wander Melo Miranda, quando sugere: “pensar a Coleção *Archivos* da borda do tempo e da alteridade que essa borda indica é operar uma sorte de interrupção metonímica no âmbito da vasta cadeia metafórica que configura de forma homogênea o que se chama América Latina [...]” (Miranda, 2000:52). Essa interrupção metonímica é o que configura a possibilidade de uma leitura da América Latina, diferente de uma perspectiva universalizante que, no nosso entender, não quer ser a proposta pela Coleção *Archivos*: como um monumento documental, representativo, conforme observa Wander Miranda, “do melhor que o pensamento moderno produziu entre nós”. A seguir, ele relaciona os critérios metodológicos da Coleção:

estudo filológico e lingüístico dos manuscritos e das edições aprovadas pelos autores; compilação de documentação exaustiva

⁴ Do original: Por esta razón, el estudio y la exploración sistemática de las características comparatistas de las escrituras latinoamericanas que se presentan en la Colección Archivos es, al mismo tiempo, una ocasión ofrecida a los comparatistas para aplicar sus metodologías y para encontrar territorios de análisis y modalidades de escritura realizados bajo estos parámetros.

sobre o autor e a obra, análise do texto e do contexto por críticos regionais, nacionais e internacionais; aplicação sistemática de enfoques interdisciplinares a cada obra e dossiê de recepção (Miranda, 2000:53).

Esses critérios metodológicos, por sua vez, articulam-se com os objetivos principais da Coleção *Archivos*, contemplando diferentes enfoques. São eles: a) *textual*: visa ao estabelecimento de um texto completo e fidedigno, respeitando a vontade do autor e avaliando seu itinerário de produção; b) *crítico*: conta com a contribuição de especialistas contratados e da história da recepção; c) *historiográfico-cultural*: faz com que os textos publicados sejam reconhecidos como patrimônio comum de todos os países do continente, possibilitando um conhecimento mútuo e d) *editorial*: realiza a cooperação da produção técnica entre a Europa e a América Latina, garantindo a difusão simultânea e completa da coleção. (Cf. Cardoso, 1997:825).

A interrupção de ordem metonímica, de que nos fala Wander Melo Miranda, provoca uma fissura na ordem de uma leitura que se pretenda totalizante, “no âmbito da vasta cadeia metafórica”, porque um dos principais objetivos propostos pela Coleção é sobretudo tentar recolher os resíduos, o que ficou de fora, à época da edição definitiva de um texto. O processo de recolha e análise desses resíduos, também encontrado sob a forma de manuscritos, rascunhos, desenhos, bonecos, marginália, papéis do autor, tudo isso se refere ao *avant-texte*. Esse termo, proposto por Jean Bellemin-Noël, em 1972, serve para designar os papéis dos escritores, visando ao estudo da gênese de um poema. Daí a importância do *avant-texte*, uma vez que tais informações sobre os bastidores da obra, informações internas a esse tipo de criação específica, é o que possibilita uma nova dimensão para a compreensão do texto literário.

Além disso, entendendo-se a Coleção *Archivos* como sendo da ordem da não essencialização, faz-se necessário rever a afirmação de Schwartz de que o principal objetivo da Coleção *Archivos* é “reunir os originais mais importantes das nossas letras” e que isso representa “um mérito sem precedentes na *reconstituição da identidade cultural latino-americana*” (Schwartz, 1990:427). Nossos grifos acrescentados sinalizam, então, um pressuposto que merece ser discutido, pois não se deve conceber a Coleção com um papel representativo de uma totalidade latino-americana, no campo da expressão artística.

Instaurada na borda, na periferia, a Coleção se faz por uma amostragem e o fragmentário que a constitui só pode ser engendrado

no âmbito da suplementaridade, de acordo com o sentido derridiano do termo: “aquilo que se soma, que se acrescenta para substituir e suprir uma falta, que se coloca como o excesso do que é preciso” (Miranda, 1998:37). E’ como suplemento, há que se buscar elos perdidos, ruínas, resíduos e tantos outros papéis, muitas vezes esquecidos em velhos baús (onde repousam materiais tão variados como documentos pessoais e profissionais, manuscritos, inéditos, correspondência, ou seja, os papéis do autor). Dessa forma, a Coleção se apresenta como “uma coleção-suplemento que desenvolve uma estratégia específica de adição – e nisso se diferencia de outras anteriores –, uma soma que não fecha, mas intervém no cálculo que visa a totalizar, pela semelhança unificadora, os traços de identidade de uma cultura.” (Miranda, 2000:54).

Através desse trabalho diferencial, enriquecido com o novo olhar propiciado pelo retorno às fontes primárias, com o suporte teórico da Crítica Genética, considero pertinente, para ilustrar esse retorno (ou um reverso) de se pensar sobre a gênese de uma determinada obra, destacar as circunstâncias e as modalidades de sua criação, sobretudo na América Latina, que se inscreve numa perspectiva de elaboração de uma diferença cultural. Repensar essa diferença deve passar, de preferência, a fazer coro com as palavras de Homi Bhabha: “A razão pela qual um texto ou sistema de significados culturais não pode ser auto-suficiente é que o ato de enunciação cultural – o lugar do enunciado – é atravessado pela *diférence* da escrita”(Bhabha, 1998:65).

Essa nova postura reflexiva, portanto, é o que vai se consolidar como um pressuposto fundamental para se pensar a América Latina como um construto teórico com todas as suas filigranas de resíduos. Nesse retorno ao passado, em busca de relíquias, o que importa valorizar é a criatividade de nossos escritores, através de um modo peculiar de contar / inventar / inventariar um legado que está aí e que guarda uma especificidade local que, por sua vez, estabelece um diálogo com tempos universais. É com esse pensamento que sabe reagir, responder, replicar, que retomo aqui as palavras elogiosas de Amos Segala sobre a coordenação de Mario Carelli, responsável pela edição crítica da obra *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso: “[por Carelli ser] um dos espíritos que consideraram as luzes e o instrumental europeu como um serviço e não como um parâmetro modelador”(Segala, 1997:XIV). E isso pode estar sintetizado nesse fragmento do compositor norte-americano, John Cage: “O calor do dia que sentimos, disse meu pai, não é transmitido por Sol para Terra mas é o que Terra faz em resposta a Sol. As medidas, disse ele, medem os meios de medir” (Pinto, 2000:17).

Referências bibliográficas

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Rentate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Coordenador: Mario Carelli. Madrid: ALLCA XX, 1997. (Archivos, 18).
- CARVALHAL, Tania Franco. O texto e as margens: limites da invenção. In: MARQUES, Reinaldo & BITTENCOURT, Gilda Neves (Orgs.). *Limiares críticos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 27-34.
- COUTINHO, Eduardo de Faria. Sem centro nem periferia: é possível um novo olhar no discurso teórico-crítico latino-americano? In: CONGRESSO DA ABRALIC, 2, *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 1991, v. 1, p. 621-633.
- MIRANDA, Wander Melo. Memórias de Arquivo. *Ipotesi: Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 49-56, 2000.
- MIRANDA, Wander Melo. O mar e os livros. In: MARQUES, Reinaldo & BITTENCOURT, Gilda Neves (Orgs.). *Limiares críticos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 35-37.
- MIRANDA, Wander Melo (Org.). Apresentação. *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/Centro de Estudos Literários da FALE-UFMG, 1995. p. 25-27.
- PINTO, Júlio. Conhecimento poético ou: por que John Cage numa revista de comunicação? In: *GERAES*. Belo Horizonte: FAFICH-UFMG, n. 51, p. 12-21, dez. 2000.
- SCHWARTZ, Jorge. Coleção Arquivos. In: CONGRESSO DA ABRALIC, 2, *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 1991, v. 1, p. 424-430.
- SEGALA, Amos. Éditer la littérature latino-américaine et caraïbe; la collection "Archivos". *Genesis*, Paris, n. 1, p. 161-166, 1992.
- SEGALA, Amos. Resumo. *Programa. Resumos. VII Congresso ABRALIC*. Salvador: 2000, p. 93.
- SEGALA, Amos. Comunicação. Colóquio *A Invenção do Arquivo Literário*. Belo Horizonte: FALE/CEL/Curso de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários/UFMG e Association Archives de la Littérature Latino-Américaine (ALLCA) – Coleção *Archivos*, 19 a 20 de set. 2000.

ISBN 85-87470-57-4

A standard linear barcode representing the ISBN number 85-87470-57-4.

9 788587 470577 >